

*Destinos
do
amor*

Amie Knight

cherish
BOOKS



*Destinos
do
amor*

Amie Knight

cherish
BOOKS

SUMÁRIO

Capa
Dedicatória
Prólogo
Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Quatorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e Um
Vinte e Dois
Vinte e Três
Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Vinte e Sete
Vinte e Oito
Vinte e Nove
Trinta
Trinta e Um
Trinta e Dois
Trinta e Três
Trinta e Quatro
Trinta e Cinco

Trinta e Seis

Epílogo

Agradecimentos

Copyright 2017© Amie Knight
Copyright 2019© Cherish Books

Knight, Amie

Destinos do Amor (The Line)/ Cherish Books; Rio de Janeiro; 2019

Edição Digital

1.Romance Contemporâneo 2. Literatura Estrangeira 3.Ficção

Destinos do Amor © Copyright 2019 — Cherish Books

Texto revisado segundo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, através de quaisquer meios, sem a prévia autorização do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.

Preparação de Texto: Elimar Souza

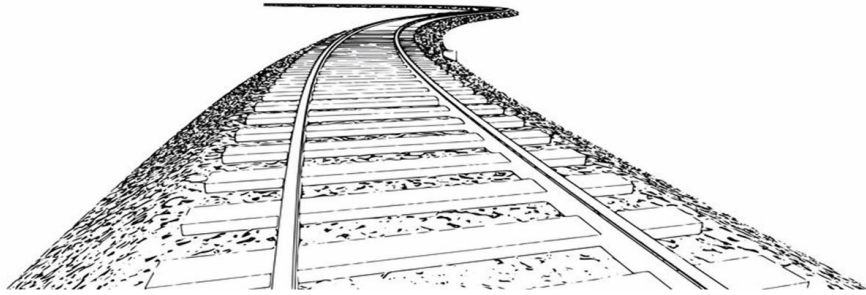
Tradução: Bianca Carvalho

Revisão: Evelyn Santana

Capa: Letícia Kartalian

Diagramação: A.J Ventura

Dedicatória

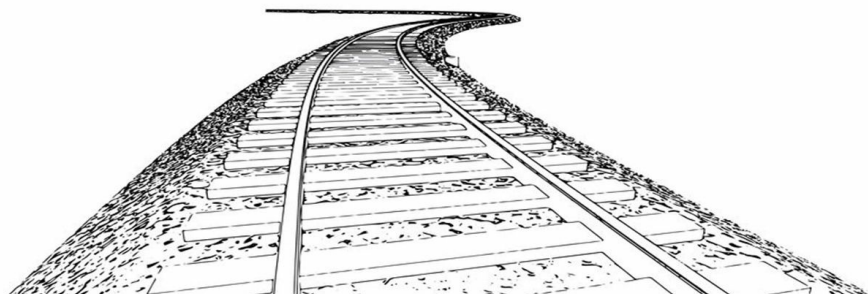


*A*lguns heróis não entram em sua vida através das páginas dos romances. Alguns deles não usam botas de caubói nem mesmo te chamam de querida. Não. Às vezes eles trazem segurança à sua vida com suas calmas reflexões e cativante singularidade. Alguns heróis são reais e, às vezes, eles até usam óculos adoráveis, têm a aparência do Harry Potter e usam camisas de botão com calças cáqui. E, às vezes, seus sorrisos tímidos te iluminam, fazem com que se sinta mais do que especial; fazem seu coração palpitar o tempo todo.

Estou digitando isso em nosso décimo primeiro aniversário, então é justo que eu dedique este livro a você, Tony. Meu cara favorito. Meu herói. E mesmo que você tenha abandonado os óculos e ficado grisalho com a idade, e que nós tenhamos um bando de crianças ao nosso redor, você ainda me tira o fôlego.

Prólogo

Everly



Eram oito horas quando embarquei no trem como fazia na maioria das noites — silenciosa e furtivamente. Eu era um fantasma. Dificilmente alguém me via. O que eu fazia era errado. Sabia disso, mas mesmo as melhores pessoas faziam coisas ruins quando se deparavam com obstáculos indescritíveis. E eu não era das melhores. Nem de longe.

Um leve brilho de suor cobria meu corpo conforme partes iguais de adrenalina e medo me preenchiam. Medo e adrenalina, aliás, sempre estavam presentes — pesados e intensos. Eu os carregava comigo por toda parte. Era um pequeno milagre que ninguém reparasse nisso. Apenas ocasionalmente estes sentimentos ameaçavam borbulhar na superfície da minha pele, mas, de alguma forma, eu sempre conseguia disfarçá-los. Até aquele momento, só eu sabia que eles ainda estavam lá — como uma entidade viva, respirando dentro de mim. Eu os odiava, mas precisava deles. O medo era o que me atormentava. A adrenalina me mantinha a salvo.

Quando eles não estavam presentes, restava a culpa. E isso era o pior de tudo, porque eu sentia que nunca me livraria dela. Podia tocá-la. Vê-la. Cheirá-la. Sentir seu gosto. Sempre. A culpa. Ela me perseguia e era interminável.

Era tão espessa e palpável em minha garganta que, às vezes, eu sentia que poderia me engasgar com ela.

Engoli-a de uma vez e caminhei até o corredor, com a cabeça inclinada para o chão. Não precisei olhar ao redor. Conhecia aquele trem como a palma da minha mão. Inclinei meus ombros para frente, encolhendo-me — o que me tornava invisível. As longas mechas do meu cabelo castanho caíram ao

redor da minha cabeça, mascarando meus olhos azuis e os ângulos magros do meu rosto pálido. Fechei meu velho casaco preto ao redor do meu corpo, afugentando o frio. Enxugando minhas mãos suadas no meu jeans, finalmente levantei minha cabeça, lançando meu olhar ao redor do ambiente familiar, procurando por algo que pudesse estar fora do lugar.

Um casal de idosos tomava seus assentos do meu lado esquerdo. Muito velhos. A mãe com seus dois filhos, dois assentos à frente e à direita? Muito complicado. Dois adolescentes conversando na parte de trás do vagão do trem. Muito jovens. Eu não era uma boa pessoa, mas tinha alguns padrões — uma consciência. Algumas regras — não muitas, mas algumas. A fome e o frio tinham eliminado a maioria delas.

Rapidamente o trem começou a encher. Eu precisava pegar o que queria e sair. Examinei a multidão um pouco mais. Observei e esperei. A paciência era minha amiga e quase sempre as coisas davam certo.

— Você precisa de um lugar para se sentar?

Vagamente ouvi o som baixo de alguém falando através das vozes barulhentas da multidão que embarcava. Não registrei que alguém poderia estar falando comigo. As pessoas não falam com um fantasma.

— Senhorita, precisa de um lugar para se sentar?

Quando senti um leve toque, encolhi-me. Eu não estava acostumada a ser tocada. Era uma daquelas coisas inatingíveis. Bem lá no topo da lista, junto ao amor, confiança e todas as outras coisas que a maioria das pessoas tem como garantidas.

Encontrei um homem de cabelos e olhos castanhos, em um chapéu Stetson preto — um lindo caubói. Depois de olhar rapidamente ao redor, percebi que todos estavam se acomodando. Eu estava ficando sem tempo. A náusea se revirou no meu estômago. Eu estava sempre tentando sair desse trem. Apertei meus olhos, desejando que a sensação de desesperança desaparecesse.

— Você parece cansada — o caubói sussurrou para mim. A pena em seus olhos quase me desfez.

Ele me via. Tudo de mim. As bochechas encovadas. A expressão fria, cansada e morta em meus olhos. Meu cabelo sujo. Minhas roupas velhas. E eu não gostava disso.

Fiz a única coisa que pude para me proteger. Já tinha feito o mesmo tantas vezes que perdi as contas, mas nunca ficava mais fácil.

— Gosta do que vê, Caubói? — Inclinei o quadril e estendi minha mão

para ele de forma cordial, lançando um sorriso provocativo em sua direção.

Ele olhou para mim solenemente. Aquele olhar. Aquele semblante. Senti-me nua, e não da maneira usual, como quando um homem me olhava. Eu era apenas uma garota de dezesseis anos, mas sabia a diferença entre um olhar cheio de luxúria e um onisciente. E aquele caubói enxergava através de mim com apenas um olhar.

— Sim — disse ele, tirando-me dos meus pensamentos e me surpreendendo.

Arqueei uma sobrancelha para ele.

— Você gosta? — eu perguntei. Já não fazia mais ideia do que estávamos falando. Seu olhar intenso tinha me tirado do jogo por completo.

— Eu gosto do que vejo — disse ele, sorrindo docemente. Não era sexual. Era apenas gentil.

Desviei o olhar com vergonha. Não importava o quão doce ele era. Como me via. Eu ainda tinha que fazer o que era preciso para sobreviver.

Olhando para trás, para o belo caubói, capturei seu sorriso gentil e seus doces olhos castanhos. Ele colocou a mão no assento ao lado dele, onde queria que eu me sentasse, e a condenação e a vergonha aumentaram em meu coração. Mas eu não podia me dar ao luxo de me sentir culpada naquele dia. Eu não podia me dar ao luxo de nada, de forma alguma. Nem mesmo aceitar o lugar para descansar que aquele homem me oferecia.

Eu estava com muito frio.

Com muita fome.

Muito cansada.

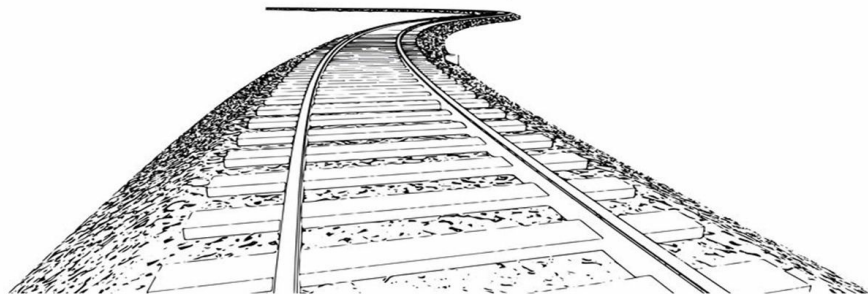
Eu não podia me dar ao luxo de sair daquele trem, não importava o quanto eu quisesse.



Capítulo Um

Everly

Quatro anos Depois



Sol e lençóis frescos. Eram, provavelmente, os meus cheiros preferidos no mundo. Respirei fundo, preparando-me para a mesma conversa que vinha acontecendo há uma semana. Eu estava pendurando roupas para secar no varal enquanto tentava convencer Momma Lou de não me mandar embora no verão. Mal notava a confusão de crianças correndo ao nosso redor — já estava acostumada com elas.

— Eu não quero ir embora, Momma Lou. Estou feliz aqui. — Franzi o cenho, enquanto pendurava uma toalha molhada e aproveitava o calor do sol no meu rosto. Eu era feliz ali. Mais que feliz. Qualquer observador imparcial poderia pensar que eu estava apenas satisfeita, mas esta vida era muito diferente da que eu vivia antes, o que para mim era um sonho. Sentia-me quase extasiada depois de tudo pelo que passei. Os últimos três anos foram os mais felizes da minha existência.

Momma Lou estava do outro lado do varal e me ajudava a prender a toalha na linha com os pregadores. Seus grandes quadris balançavam de um lado para o outro no ritmo de alguma música que ela cantarolava em voz alta. Quando terminou, abaixou a linha entre nós e se inclinou para frente para poder me olhar nos olhos.

— Menina, você acha que eu não vou sentir sua falta quando for embora? Se dependesse de mim, eu a manteria aqui comigo para sempre. Só que a decisão não cabe a mim. — Ela sorriu seu sorriso cheio de dentes que fazia com que eu me sentisse a garota mais amada do mundo.

Aquele mesmo sorriso cheio de dentes me recebeu três anos antes e mudou minha vida. E eu era eternamente grata. Momma Lou me salvou

naquela noite. Apareci no abrigo bem tarde, e ele estava cheio. Então, enrolei-me como uma bola, encolhida dentro do meu casaco, e me apoiei na parede de tijolos do abrigo, rezando para que eles, pelo menos, mandassem alguém com comida. Eu me odiei naquele momento. Deveria ter chegado antes. Ia ser uma noite fria. Mas não conseguia reunir mais energia para me importar. Vinha fazendo isso há muito tempo. Ser uma sem-teto. Estar sempre faminta. Mal conseguindo sobreviver. Aquilo já fazia parte de mim.

Via Momma Lou trabalhando na cozinha do abrigo de vez em quando, mas não sabia o nome dela. Não me importava com isso. Ela era apenas outro rosto em um mar de pessoas que tinham um lugar para morar e comida em suas barrigas.

Ela parou na calçada a caminho do prédio e olhou para a minha figura de dezessete anos de idade. Estudando-me. Franziu os lábios e compreendeu o que via. Tão faminta, eu estava praticamente esquelética. Mal tinha forças para lutar para sobreviver. Sentia que estava finalmente desistindo; batendo na porta da morte. Muitos anos na rua haviam afetado gravemente meu corpo. Sem mencionar o que haviam feito à minha alma.

E a fuga... Você só pode fugir por um certo tempo, e eu vinha fazendo isso desde o começo. Uma série de lares adotivos abusivos sempre me fez correr de volta para as ruas. Um lugar onde eu, estranhamente, me sentia mais segura. Era onde as pessoas me ignoravam, com certeza, mas elas não me batiam, não tentavam me tocar nem me deixavam morrer de fome.

— Eu sou a Louise — afirmou ela com veemência. — Mas todo mundo por aqui me chama de Momma Lou. — Seu corpo curvilíneo se balançava conforme ela se dirigia à porta do abrigo, e eu fiquei confusa sobre o porquê de ela ter se dado ao trabalho de me dizer seu nome, até que a ouvi gritar: — Bem, vamos lá, garota. Vou te alimentar, e você pode me ajudar na cozinha esta noite. — Ela sorriu.

E ela me alimentou. O tempo todo me dizendo para ir com calma antes que ficasse enjoada. Mas eu fiquei, de qualquer maneira. E eu a ajudei na cozinha naquela noite — e em todas as outras desde então.

Momma Lou me levou para casa e salvou minha vida. Poderia dizer que ela foi uma resposta às minhas orações, se não tivesse desistido de orar há muito tempo. Ela era meu milagre, e eu vivia com ela desde então. Ajudei-a na cozinha do abrigo e com os montes de crianças que ela levava para casa o tempo todo. Tínhamos de dez a quinze crianças de cada vez, correndo por toda a antiga fazenda de três quartos, mas cada uma tinha um lugar para

descansar a cabeça e a barriga cheia quando iam dormir. As salas de estar e de jantar estavam cobertas de fotos emolduradas de todos os filhos de Momma Lou. Centenas de pequenos pés haviam corrido ao redor daquela propriedade, e todos os seus rostinhos doces enfeitavam as paredes da pequena casa. Eu adorava aquele lugar. Era seguro.

Antes da Momma Lou, era como se eu estivesse me afogando constantemente, como se me encontrasse no fundo de uma piscina e, toda vez que atingia a superfície, fosse empurrada para baixo novamente, ofegando por ar. Agora eu estava livre. Finalmente podia respirar.

Momma Lou começou a dar a volta no varal, vindo ao meu encontro e me arrancando dos meus pensamentos. Pegou-me pelos ombros.

— Everly, você sabe o quanto é especial para mim. — Seus olhos gentis brilhavam à luz do sol.

Lágrimas queimavam atrás dos meus olhos. Meu nariz ardia, mas eu pisquei, sugando aquelas lágrimas de volta.

Everly Woods não chorava.

Seu rosto estava gentil, mas muito sério.

— Nós conseguimos te curar bem aqui, querida — disse ela, esfregando as mãos gordas e enrugadas para cima e para baixo nos meus braços e nos meus ombros, enquanto uma lágrima solitária deixava uma trilha por sua pele lisa e escura. — E aqui — ela sussurrou, colocando a palma da mão sobre o meu coração. — Agora, é hora de voar, Passarinho.

Coloquei minha mão sobre a dela, esfregando meus dedos sobre sua pele lisa e áspera, tentando memorizar a sensação daquela mulher, daquele momento, para que eu pudesse relembrar mais tarde, quando fosse preciso.

Meu coração martelou atrás do peso de sua mão. A mão que me amava. A mão que me alimentou. A mão que ajudou uma jovem sem-teto e faminta quando ninguém mais o fez. Essa mão significava tudo para mim.

Eu sorri ao ouvir o apelido, Passarinho.

Momma Lou tinha apelidos para todas as crianças de que cuidava, e eu era seu Passarinho. Um nome que, eu precisava admitir, encaixou muito bem. Eu era tão pequena que às vezes pensava que uma simples brisa poderia me levar embora. E minha altura também. Eu tinha apenas um metro e cinquenta e três. Minhas feições pareciam de miniatura, mas meu cabelo castanho era grande, selvagem e indomável. Momma Lou, brincando, dizia que meu cabelo era maior do que a minha bunda.

Ela poderia até me chamar de passarinho, mas de maneira alguma eu

queria voar. Tinha medo de deixar este ninho, o único lugar que eu realmente poderia chamar de lar. Isso me assustava. Sabia muito bem o que se escondia além do santuário daquela casa e do abrigo e não queria experimentar aquele medo nunca mais.

— Você não deveria passar seu tempo inteiro com uma velha, Everly. Deveria estar experimentando a vida. Conhecendo rapazes e fazendo amigos — disse ela, recuando e enxugando o rosto. — Além disso, será só durante o verão, e o dinheiro é bom. Você queria economizar para poder ir à faculdade, certo? Se não gostar de lá, pode voltar. Momma Lou sempre estará aqui para você, filha.

Eu *queria* ir para a faculdade. Não queria ser sempre dependente de outra pessoa. Não me entenda mal. Eu também trabalhava, cozinhando, limpando e cuidando de todas as crianças que precisavam de mim no abrigo, mas queria contribuir com mais. Queria ajudar os outros do jeito que Momma Lou me ajudou. Precisava de estudo para ajudar as pessoas do jeito que queria ajudar. Ela estava certa, eu não poderia ficar lá para sempre. Tinha vinte anos agora. Seria apenas por um verão, mas, por algum motivo, parecia muito mais. Em três anos, nunca me separei de Momma Lou nem por um dia.

Olhei de relance para a pequena e velha casa branca e para as propriedades ao nosso redor, pensando que, quando as pessoas passavam por ali, aposto que achavam que aquele lugar não tinha nada de especial. A casa não era a mais bem conservada no bairro. Definitivamente precisava de uma pintura, e o gramado era tão seco que grandes tufo de grama estavam faltando, com terra marrom e poeirenta no lugar. Nós só tínhamos uma lavadora. Sem secadora. Com tantas crianças, sempre havia roupas penduradas no varal. E por falar nas crianças, havia toneladas delas, e eu nunca conseguia um minuto sozinha. Alguém sempre batia na porta enquanto eu tomava banho. Tínhamos apenas dois banheiros, aliás. E eu dormia no mesmo quarto que um milhão de crianças todas as noites. Nunca me sentia solitária. Nunca. Sentia-me segura e nunca ficava sozinha. Sim, aquele lugar podia não parecer especial para os outros, mas para mim era tudo.

Diminuí a distância que nos separava e me lancei nos braços de Momma Lou. Ela soltou um grande suspiro, me abraçou, e eu senti o cheiro de óleo de coco que ela passava no cabelo todos os dias.

— Eu vou sentir a sua falta. Você é minha melhor amiga — sussurrei contra seu pescoço. — Eu te amo. — Meu pequeno corpo estremeceu com emoções desenfreadas. Não costumava expor meus sentimentos tão

claramente, mas, naquele momento, precisei fazê-lo. Não sabia o que o futuro reservava para Momma Lou e seu Passarinho. Mas sabia que ela significava tudo para mim.

— Eu também vou sentir sua falta, Passarinho, mas está na hora. Você não pode ficar aqui comigo para sempre. Tenho muita fé em você, viu? — Ela ofegou, enquanto seu corpo grande e macio tremia de emoção contra o meu.

Não parecia que estávamos nos despedindo apenas por um verão. Parecia muito mais, e eu segurei todas as emoções que queriam escapar de dentro de mim. Eu poderia estar com medo. Poderia estar apavorada, de verdade. Mas nunca dificultaria as coisas para Momma Lou. Ela não me decepcionara nem mesmo uma vez.

Passei o resto do dia realizando minhas tarefas domésticas em transe, tentando ao máximo não pensar na viagem de ônibus do dia seguinte nem no meu novo emprego de verão. Ficava a poucas horas de distância, e eu tive sorte de a amiga de Momma Lou precisar de ajuda, porque eu precisava do dinheiro. Mas quando me deitei na cama, naquela noite, não consegui evitar o pânico que se acumulava no meu peito. Seriam legais comigo? Será que me machucariam? Gostariam de mim? As perguntas eram infinitas.

Silenciosa e cuidadosamente, desci do beliche superior para não acordar as quatro crianças que dormiam no mesmo quarto. Estendi a mão para a pequena mesa de cabeceira e peguei a foto que carregava comigo por quatro anos. Estava desbotada, quase a ponto de precisar ser jogada no lixo, e os cantos continuavam amassados não importando quantas vezes eu tentasse alisá-los. O cheiro de fumaça ainda era forte, mesmo quatro anos depois. Mas eu ainda conseguia distinguir as feições doces da mulher. Seus cabelos loiros suaves e os olhos castanhos em tom de chocolate. Podia até ver as pequenas pérolas penduradas em seu pescoço e o sorriso cheio de dentes incrivelmente perfeitos. Esse sorriso me cativava o tempo todo. Era tão familiar, tão doce. Olhava para ele, e as lembranças de um dia especial com um lindo caubói passavam por mim como um incêndio, aquecendo-me por inteiro. Esse sentimento me mantinha aquecida e confortável nas noites mais frias. Esse sentimento me mantinha firme nos tempos mais difíceis.

A mulher da foto usava um lindo suéter azul que fazia seus olhos castanhos se destacarem. Acho que era alguém que eu gostaria de ter conhecido. Alguém que eu *realmente* conheci por uma noite. Alguém que eu gostaria que tivesse me protegido. Era por isso que eu guardava aquele

retrato, afinal.

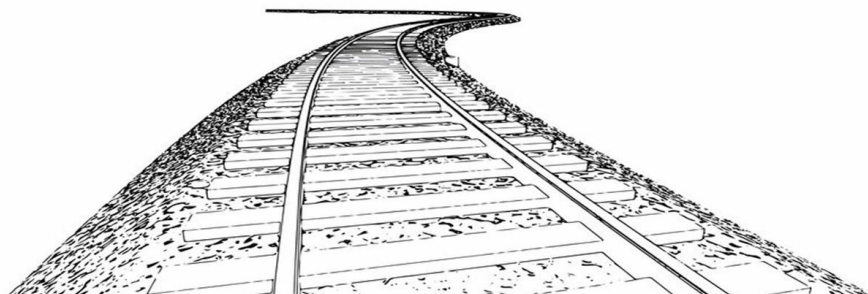
— Parece que seremos só eu e você outra vez — sussurrei para a minha linda mulher na foto.

Ela não respondeu nada. Nunca respondia. Apenas olhava para mim com seu sorriso afetuoso, oferecendo-me o mesmo conforto de quando eu estava sozinha nas ruas anos atrás.



Capítulo Dois

Everly



Algumas horas em um ônibus cheio foram suficientes para deixar meus músculos rígidos e doloridos, então, assim que meus pés tocaram o asfalto, eu me estiquei e olhei ao meu redor. O dia estava quente como o pecado, como era costume no verão no sul. A placa à minha direita dizia: *Canton, Geórgia*, por isso, peguei minha bolsa, onde guardava meus poucos pertences, e comecei a procurar pela minha carona. Estava uma pilha de nervos. Dei um tapinha no bolso de trás do meu jeans, certificando-me de que a foto da mulher ainda estava lá, como às vezes fazia quando estava muito apreensiva.

Dei um abraço de despedida em Momma Lou na estação de ônibus naquela manhã pela vigésima vez, e ela me certificou de que haveria alguém esperando por mim em Canton assim que eu chegasse. Acho que estava mais preocupada em ter alguém para me buscar do que eu. Soltei um suspiro e revirei os olhos para ela, como se estivesse irritada com aquela proteção, mas secretamente amava que se importasse comigo. Era bom ter alguém que se preocupava comigo além de, bem... mim mesma. Pensar nisso me fez sorrir enquanto olhava em volta, buscando quem deveria estar ali para me pegar.

— Uau, eu adoro quando uma garota sabe escolher suas botas — disse uma voz grossa e firme, soando logo atrás de mim, tão doce quanto melaço.

Eu me assustei, avaliando minhas botas gastas de vaqueira e o meu jeans skinny antes de me virar para olhar o homem atrás de mim. Será que estava falando comigo? Ao menos era para mim que olhava.

A primeira coisa que notei foi uma fivela de cinto muito grande em sua cintura que dizia: “Salve um cavalo. Monte um caubói.” Eu quase ri alto.

Inclinei a cabeça para o lado e tirei uma mecha de cabelo dos meus olhos.

— Uma boa bota para te dar um belo chute na bunda — eu disse, com a voz cheia de sarcasmo. Eu não gostava quando homens olhavam para mim. Sempre lhes respondia com sorrisos duros e comentários sarcásticos.

Ele não parecia tão ruim, no entanto. Eu teria ficado mais preocupada se o homem à minha frente não lembrasse um cachorro fofo. Com cabelos loiros e olhos verdes brilhantes, era adorável. Usava botas de caubói e um par de jeans que moldava suas coxas perfeitamente. Três botões de sua camisa xadrez azul e vermelha estavam abertos, revelando músculos bronzeados. Essa camisa desabotoada dizia muito sobre ele. Principalmente que era um bastardo arrogante. Parecia ter a minha idade. Não era baixo, mas também não era alto. Com as mãos nos bolsos de trás da calça, balançava seu corpo magro na minha direção.

— Raivosa! É assim que gosto das minhas mulheres. Eu sou o Cody — disse ele, estendendo a mão.

Abri um sorriso largo, na intenção de intimidá-lo.

— Estou... ocupada — eu disse, dispensando sua mão e sua apresentação.

Seu tipinho me era conhecido. Daquele que flertava inocentemente, mas eu também sabia que aparências enganavam, e eu fora enganada demais durante minha breve vida. Afastei-me dele e novamente examinei os arredores, em busca da minha carona. Olhei para o velho relógio no meu pulso e soltei um suspiro.

— Esperando alguém, querida? — Cody falou novamente.

Enxerguei o sorriso dele pelo canto do meu olho e logo soube. Minha carona era aquele conquistador sem vergonha. Claro que sim.

— Ocupada — repeti cantarolando, esperando que Momma Lou estivesse certa e alguém estivesse realmente vindo. Alguém diferente de Cody.

— Ocupada fazendo o quê? — ele perguntou, colocando-se ao meu lado, também examinando o estacionamento. Ele estava sendo simpático e sabia muito bem disso.

— Procurando por minha carona — rosnei.

Toda aquela fofura começava a me deixar frustrada com o nosso joguinho. O dia estava quente, e eu me sentia cansada por não ter dormido na noite passada. Também me sentia nervosa com o que estava por vir.

Cody se inclinou e pegou minha mala, jogando-a por cima do ombro.

— Bem, é seu dia de sorte, Everly. *Eu* sou sua carona — ele disse,

balançando as sobrancelhas e rindo.

— Já imaginava — murmurei. De ombros caídos, eu o segui até um jipe vermelho parado no estacionamento. Era enorme e não tinha portas. Meu pensamento imediato foi: *armadilha fatal*. Meu segundo pensamento foi: como diabos eu ia entrar naquela porcaria?

Cody jogou minha bolsa no porta-malas. Se é que dava para chamar o espaço atrás dos assentos assim. Ele veio até o lado do passageiro do carro e colocou as mãos debaixo dos meus braços.

— O que você já imaginava, doçura? — ele perguntou, com um sorriso genuíno e os olhos brilhando para mim.

Revirei meus olhos.

— Que com a sorte que eu tenho, meu novo local de trabalho só poderia enviar um conquistador ridículo para vir me buscar. — Era verdade. Minha sorte era terrível. Meu azar estava em pleno vigor desde o dia em que eu nasci.

— Ah, não se preocupe, menina — disse Cody, içando-me até o meu assento no jipe.

Meus olhos se arregalaram de surpresa e o ar abandonou meus pulmões quando ele me colocou no banco do passageiro com um pouco de força de mais. Depois, inclinou-se sobre mim e afivelou meu cinto de segurança antes de olhar meu corpo de cima a baixo e parar em meus seios. Aproximou-se tanto do meu rosto que seus lábios quase tocaram os meus.

— Você não faz meu tipo.

Ele deu uma piscadinha, e eu virei minha cabeça, observando-o dar a volta no jipe e pular no banco do motorista. Afivelou seu cinto de segurança e olhou para mim.

Colocou o dedo indicador debaixo do meu queixo e o ergueu.

— Feche sua boca, Everly. Vai acabar entrando uma mosca. — Ele me lançou um sorriso sedutor, ligou o jipe e nós saímos.

Fiquei em choque pelos primeiros quinze minutos da viagem. Será que ele quis dizer que era gay ou que eu simplesmente não fazia seu tipo? Eu sabia, por experiência própria, que fazia o tipo da maioria dos homens. Podia ser pequena, mas tinha curvas em todos os lugares certos.

O motor e o vento uivavam bem alto entre nós, mas eu tinha perguntas, então, ergui a voz por sobre o barulho.

— Então, *eu* não faço seu tipo ou... — Parei, sem saber como expressar essa pergunta em particular. Eu realmente não tinha amigos além de Momma

Lou. Não queria ofender Cody, e sim começar o verão com o pé direito.

Cody desviou o olhar da estrada por um segundo e ergueu as sobrancelhas para mim, ainda sorrindo.

Considerarei minhas próximas palavras com cuidado.

— Ou você simplesmente não gosta de garotas em geral? — perguntei, pressionando minhas palmas contra o peito. Encarei minhas mãos e senti um rubor começar desde as raízes do meu cabelo. Que diabos minhas mãos estavam fazendo ali? Rapidamente, coloquei-as sobre o colo e entrelacei-as. Jesus. O que diabos havia de errado comigo? Eu era terrível nessa coisa de fazer amigos. Continuei olhando para frente e para a estrada. Não suportaria olhar para o rosto de Cody naquele momento.

O estrondo de um riso me fez pular no meu assento e agitar minhas mãos, procurando por uma maçaneta para me segurar, mas não encontrei nada. Eu me vi tombando para o lado do jipe, onde a maldita porta deveria estar, e o cinto de segurança foi a única coisa que me protegeu de uma queda mortal. Uma mão forte me puxou de volta, ajeitando-me no meu lugar, e eu respirei fundo. Estava mais do que mortificada. Deus, eu me sentia um caos.

Entre gargalhadas histéricas, Cody perguntou:

— Tudo bem aí, doçura?

Balancei a cabeça e entrelacei minhas mãos no colo novamente, com medo de fazer outro gesto lascivo ou tentar alcançar uma porta que não estava ali. Eu era uma garota bonita. Mas percebia que esta nova situação iria me prejudicar. Costumava me manter composta e equilibrada na maioria dos cenários. Afinal de contas, eu morava nas ruas. Sempre fui ligada. Sempre fui esperta. Estava sempre pronta. Mas naquele dia? Naquele dia, comecei a falhar.

Encostamos em uma parada de quatro vias, e Cody olhou para mim. Eu podia vê-lo pelo canto do olho, mas me recusei a voltar-me para ele. Não iria me mover um centímetro até chegarmos ao nosso destino.

Inclinando-se por cima de ambos os nossos assentos, ele agarrou meu queixo e me forçou a olhá-lo. Seu olhar varreu meu corpo desde a minha cabeça até as pontas dos meus dedos. Fez uma pausa em meus lábios antes de dizer:

— Você é linda, Everly, mas não sou fã de bocetas. Prefiro um pau. Grande. Grosso. Longo. Pau.

Meus olhos se arregalaram em choque, e outro riso estrondoso quase me lançou porta afora novamente. Maldito Cody. Finalmente olhei para ele. Sua

cabeça estava jogada para trás, enquanto ele gargalhava, e quando se afastou da parada não pude deixar de fazer o mesmo. Ele era louco, divertido e eu precisava de alguém assim. Nunca tive um amigo de verdade além de Momma Lou, e Cody parecia louco o suficiente para sobrepor minha própria insanidade. Meu coração se aqueceu com a ideia de ter um amigo para poder sobreviver àquele verão.

— Vai ser um verão divertido, doçura — disse Cody, acariciando minha coxa com a mão grande e bronzeada.

E, naquele momento, eu acreditei nele. Momma Lou ficaria orgulhosa. Tinha feito meu primeiro amigo. Pode ser um caubói gay maluco, mas mendigos não podiam escolher, e eu era uma mendiga desde o dia em que eu nasci.

O vento batia contra o meu rosto, e Cody ligou o rádio a todo vapor. Música country começou a bombear pelos alto-falantes, e eu me vi cantando junto e rindo quando Cody ocasionalmente lançava um olhar para mim. De tempos em tempos, ele desligava o rádio e me informava sobre pequenos fatos sobre a cidade de Canton. Mostrou-me a mercearia local, algumas grandes fazendas familiares e um pequeno restaurante que supostamente tinha o melhor frango frito da Geórgia. Passamos pela pequena estação de trem da cidade, e, quando Cody fez questão de mostrá-la para mim, minha pele arrepiou-se. Eu não andava mais nas linhas dos trens. Não fazia mais isso. Afastei a estação de trem da minha mente e aproveitei o resto do passeio.

O jipe desacelerou, e Cody baixou o rádio quando nos aproximamos de um grande aglomerado do que pareciam ser árvores. Fileiras e fileiras delas alinhavam-se diante de mim. Todas eram muito verdes, e seus galhos pesavam com algum tipo de fruta. Através dos espaços entre as árvores, eu podia ver uma grande e velha casa branca com um telhado vermelho ao longe. Toda a cena com os pomares na frente da propriedade se mostrava muito bonita. Eu não conseguia desviar o olhar e provavelmente não teria feito isso se Cody não tivesse dito alguma coisa.

— Pêssegos — disse ele, olhando para mim incisivamente.

— Hum? — Eu estava muito focada na vista ao meu redor para prestar atenção.

Ao nos aproximarmos do pomar, dei uma olhada de novo na placa. Pomar de Pêssegos de Preston. Tentei encontrar a linda e velha casa além das árvores enquanto seguíamos pelo caminho do pomar.

A inquietação revirou meu estômago. Aquele não era o meu lugar. Era muito grandioso. Lindo demais.

— Pêssegos, menina — disse Cody. — Isso é o que fazemos aqui. Nós cultivamos pêssegos e os colhemos. Quer dizer, temos gado e outras coisas, mas os pêssegos são o nosso negócio principal, e o verão é o nosso período mais movimentado. — Ele parecia orgulhoso.

Ele embicou o jipe em uma grande unidade circular em frente à grande casa branca e, mais uma vez, fiquei boquiaberta. Era enorme. Ainda maior quando vista de perto do que do outro lado do pomar. Também era mais bonita do que qualquer lugar que já tinha visto pessoalmente. Fazia com que eu me lembrasse de uma daquelas graciosas casas dos antigos filmes sulistas.

Cody deu a volta no jipe e desafivelou meu cinto, enquanto eu observava a casa por mais algum tempo de olhos arregalados. Novamente ele me agarrou por sob os braços e, daquela vez, me puxou para fora do jipe. Colocou minha mochila nas costas e começou a andar em direção à casa.

Fiz uma pausa, ainda observando a enorme propriedade.

Ele olhou por cima do ombro para mim.

— Vamos lá, Everly. Você precisa conhecer o Joe. Ele ficou a manhã inteira esperando você chegar.

Eu esperava que Joe não tivesse altas expectativas. Porque... pessoas como eu? Nós não pertencíamos a grandes e belas mansões em lindas fazendas de pêssego. Sendo assim, abaixei minha cabeça, sentindo meu corpo se encolher, enquanto todas as minhas velhas inseguranças retornavam.

Ouvi um suspiro e passos pesados, e então uma mão bem grande envolveu a minha.

— Menina, você vai amar Joe, e ele vai amar você. Não precisa ter medo. Ele não morde.

Olhei para Cody e seu rosto assumiu uma expressão brincalhona.

— A única pessoa que morde por aqui sou eu. — Ele deu uma piscadinha.

Ergui os ombros e respirei fundo. Eu poderia fazer isso. Cody era doce e divertido. Seria maravilhoso ficar perto dele durante o verão. Era só um trabalho, eu não precisava ser como as garotas locais para trabalhar por ali.

— Obrigada, Cody — eu disse, apertando sua mão, muito grata por já ter feito um amigo.

Passamos pelo grande alpendre e por duas grandes portas de madeira. Congelei ao chegar ao foyer, sentindo-me em estado de choque. Um brilhante

piso de madeira e grandes móveis de couro preenchiam o espaço cavernoso à nossa esquerda. O espaço à direita continha uma mesa de jantar onde dez pessoas podiam sentar-se. À direita, havia uma longa escada que se erguia pela parede do vestíbulo e se derramava em uma sacada que levava a um corredor que se projetava de ambos os lados. A casa estava positivamente deslumbrante. E eu nunca me senti mais pobre ou mais fora de lugar em toda a minha vida.

Cody me arrastou pela escada e entrou na casa. Passamos por uma enorme cozinha e finalmente chegamos a uma sala que obviamente era de estar, mas mais casual do que a da entrada da casa. Por mais que eu quisesse observar o cômodo, nada chamou mais a minha atenção do que o homem sentado em uma cadeira de rodas, assistindo à TV. Seus olhos se desviaram para os meus, e eu imaginei que deveria ser Joe. Cody tinha me dito que ele não mordia, então, aproximei-me dele corajosamente.

Quanto mais eu me aproximava do homem, mais notava o quanto ele era bonito. Parecia ter quarenta e tantos ou cinquenta e poucos anos. Seu cabelo era grisalho, e seus doces olhos me atraíram para mais perto.

— Everly Woods — eu disse, estendendo a mão para o homem na cadeira de rodas.

Quando seu olhar se moveu para minha palma, fitei-o confusa, até que ele arqueou uma sobrancelha para a minha mão estendida. Minha mente finalmente registrou o que estava acontecendo. Minha mão disparou de volta para a lateral do meu corpo, e meus olhos se arregalaram de horror. Ah, merda! Aquele homem não podia se mover do pescoço para baixo. Percebi, quando vi a cadeira de rodas, que ele não andava, mas nunca, nem por um segundo, ocorreu-me que ele não conseguia se mexer.

— Oh, meu Deus — eu arfei. — Sinto muito. Eu não fazia ideia. Ninguém me disse. Eu imaginei que você...

— Tudo bem — ele interrompeu.

Agradei a Deus pela interrupção, porque eu não conseguia parar de tagarelar. Fazia isso quando ficava nervosa, às vezes. Quando morava nas ruas, ficava meses sem falar com ninguém, mas passei a não conseguir impedir que as palavras saíssem de mim. Talvez esse fosse o meu problema; eu as mantive engarrafadas por muito tempo.

O homenzarrão riu, e eu fiquei um pouco menos horrorizada. Não pude deixar de admirar seu rosto quando o sorriso alcançou seus olhos. Eram lindos, azuis, cercados por muitas rugas e me saudaram, fazendo-me pensar

que talvez aquele homem tivesse sido muito bonito em sua juventude. Talvez aquele homem tivesse sorrido e rido muito, a julgar por todas as linhas ao redor dos olhos. Eu poderia dizer, embora ele estivesse sentado em sua cadeira, que era alto e grande. Tentei imaginar há quanto tempo vivia assim. Será que tivera uma esposa? Filhos?

— Everly Woods. É um nome bonito. — O homem sorriu para mim. — Para uma menina bonita.

Pela primeira vez na minha vida, meu nome saído dos lábios de alguém não causou uma reação negativa e não fez minha pele se arrepiar. Não fez com que eu me sentisse diminuída. Não me fez sentir vergonha.

Por essa fração de segundo, eu não era “O Bebê Everly Woods”. Esse foi o nome que os bombeiros me deram. Afinal de contas, como alguém poderia chamar um bebê de cinco meses encontrado no lixo da estação Everly Woods?

Todos tínhamos o mesmo nome: a pequena cidade na Geórgia, a estação de trem e eu — Everly Woods.

O nome provavelmente não teria permanecido se eu tivesse sido adotada. Se não tivesse pulado de lar adotivo em lar adotivo. Se talvez não tivesse fugido e acabado voltando àquela estação de trem várias vezes ao longo da minha breve vida. Eu e a estação de trem Everly Woods éramos quase a mesma pessoa. Era o lugar que eu mais detestava. Também era o lugar para onde voltava sempre que não tinha para onde ir. Eu odiava isso, mas era o meu porto seguro.

Mas, por alguma razão, quando Joe me chamou de Everly Woods, não senti vontade de me esconder. Ele fez soar bonito, como se, talvez, pensasse que eu poderia ser uma pessoa boa, decente e especial. Aquele homem não me conhecia, mas, ao mesmo tempo, parecia conhecer. Não a velha nem a nova Everly. Era como se ele soubesse quem eu queria ser, aquela que sempre escondi do mundo.

Ele me avaliou intensamente.

— Eu sou Joe Preston.

O dedo indicador de sua mão direita moveu-se um pouco, e sua cadeira de rodas elétrica se aproximou de mim. Ele me examinou uma e outra vez antes de se concentrar nos meus olhos.

— Você é linda — ele disse com sinceridade, e meu rosto corou com seu elogio. Será que todos os caubóis daquele lugar eram assim diretos? — Mas você deve estar exausta depois de sua longa jornada. Por que Cody não te

leva até o seu quarto para que possa descansar antes do jantar?

— Oh, não, senhor. Se tiver algum trabalho que eu possa fazer, ficarei feliz em começar imediatamente — disse com firmeza.

Eu estava lá para trabalhar e, depois de conhecer Joe e Cody, sentia-me realmente animada com a perspectiva de passar o verão ali. Eles pareciam tão legais, e eu queria que Joe me visse como uma funcionária esforçada. Estava pronta para começar a colher pêssegos ou cozinhar naquela cozinha chique.

— Que tal se instalar hoje e começar a ajudar por aqui amanhã? — A ideia de Joe parecia definitiva e não admitia nenhuma contestação, mas eu era teimosa. E eu não estava nem um pouco cansada.

— Sr. Preston... — comecei, mas Joe me interrompeu.

— Joe. Por favor, me chame de Joe, Everly. Ninguém me chama de Sr. Preston. O Sr. Preston era meu pai. — Ele sorriu, e eu não pude deixar de retribuir. — E me faça um favor, querida, vá guardar seus pertences e descanse. Se não gosta de descansar, peça a Cody para te mostrar a propriedade. Mas vamos começar o trabalho amanhã. Ok? — Sorriu novamente.

Eu franzi meus lábios e assenti, cedendo.

— Ok, Joe. Mas só por hoje. Estou ansiosa para começar a trabalhar e gosto de me manter ocupada. Estou pronta. — Inclinei-me para frente, colocando minha mão em seu ombro e apertando-o antes de perceber o que estava fazendo. Cristo! Em um momento eu me via extremamente nervosa e, no seguinte, muito confortável. Afastei minha mão rapidamente e murmurei um fraco “desculpe”, quase ofegante.

Joe riu e virou a cadeira de rodas para Cody.

— Vá mostrar o quarto de Everly para ela, Casanova. E, se ela estiver disposta, mostre-lhe a propriedade.

Cody piscou e saiu do quarto.

— Claro, Joe.

Corri pelo cômodo para alcançar Cody e lancei um rápido aceno por cima do ombro para Joe, que ainda estava me observando atentamente.

Segui Cody até a frente da propriedade e percorremos o caminho até a escada que vi quando entrei pela primeira vez na casa. Lindas pinturas do pomar adornavam as paredes no alto dos degraus, e eu me mantive logo atrás de Cody enquanto caminhávamos por um corredor comprido e estreito, até que paramos na segunda porta à esquerda. Ele a abriu e se dirigiu para a direita, jogando minha bolsa no chão e sentando a bunda na cama de dossel

no meio de um quarto gigante.

— Puta merda — sussurrei. O quarto era incrível.

Cortinas de lavanda penduradas em torno de uma grande janela de sacada completa com um belo assento sob ela. Salpicos coloridos pontilhavam as paredes adornadas por lindas pinturas do que supunha ser a fazenda, e no canto do cômodo havia até uma pequena lareira. Examinei a cama de dossel king-size, onde Cody estava deitado naquele momento, e meu peito se apertou em pânico.

Aquele cômodo. Aquela casa. Foram construídos para uma princesa do sul. Não para um pedaço de lixo das ruas que nem sabia quem era ou de onde vinha. Não uma garota que vasculhava latas de lixo à procura da próxima refeição.

— Tem certeza de que este é o meu quarto? — perguntei a Cody em voz baixa. Tinha que ser o quarto errado. Tinha que ser um erro. Aquele não poderia ser o meu quarto.

— Everly — disse Cody da cama em uma voz cantarolada. — Este é seu quarto, docinho. Agora, sente essa bundinha nesta cama e me dê um abraço.

O aperto no meu peito aliviou, e eu sorri para Cody.

— Sem chance! Eu não faço seu tipo, lembra? — disse, caminhando em direção ao banheiro e gemendo ao ver a enorme banheira. Puta merda, eu teria meu próprio banheiro! E uma banheira!

— Vou imaginar que o gemido é para a banheira gigante deste banheiro e, infelizmente, não para o garanhão gostoso que está deitado em sua cama.

Voltei-me para ele a tempo de vê-lo estufar o peito e soltar um longo suspiro enquanto se jogava ainda mais para trás na cama.

Eu tinha a sensação de que meu novo amigo caubói proporcionaria mais drama para minha vida do que qualquer namorado em potencial que me surgisse. Ri e me joguei ao lado dele na grande cama. Nunca na minha vida sofri com algo como drama de menina, e de alguma forma eu me vi ansiosa por isso.

— Onde é o seu quarto? — perguntei, virando a cabeça na direção da dele, que estava sobre o travesseiro. Ele parecia muito distante, e eu me perguntava o quão enorme aquela cama realmente era. Será que todos os quartos pareciam com os do cenário de *E o Vento Levou*?

Cody se virou para mim e apoiou a cabeça na própria mão.

— A maioria de nós não mora aqui, docinho. Eu moro em uma casa alugada a alguns quilômetros da propriedade e venho para cá de carro todos

os dias. Temos um pequeno alojamento na parte da frente da fazenda, onde as pessoas ficam, e, é claro, o chefe, Missy e Joe moram aqui.

— Chefe? — perguntei. Joe não era o chefe?

Cody tocou a ponta do meu nariz com o dedo indicador.

— Sim, Cole. Ele administra as coisas aqui, já que Joe não consegue se locomover. Cole é seu braço direito e é praticamente da família. Sua pequena cabana fica logo atrás da casa, e ele mantém a fazenda e o pomar funcionando perfeitamente.

Mordi meu lábio e olhei para Cody. Eu não tinha ideia do que estava fazendo ali. Será que deveria estar auxiliando na fazenda? Ajudando a cuidar de Joe? Levei minha mão à boca e comecei a mastigar a unha do polegar. Eu odiava o desconhecido — quase sempre significava coisas ruins para mim. E o fato de meu humor flutuar entre uma excitação vertiginosa e o medo me deixava muito enjoada.

Agarrando minha mão e segurando-a na sua, Cody disse:

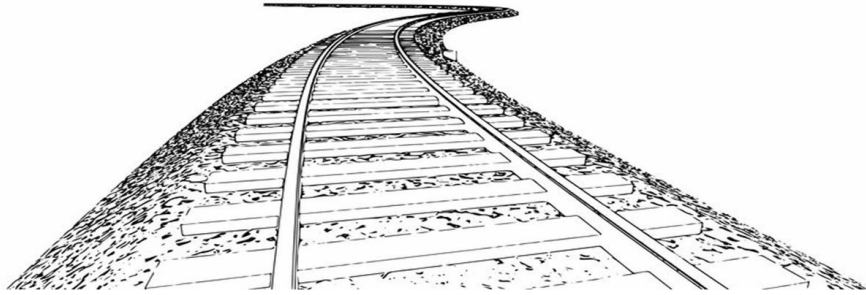
— Everly. Você vai ficar bem aqui. Vai amar o Joe. Vai amar o Cole. Em especial por ele ser o pedaço de caubói mais orgástico de todos! — Ele riu baixinho e continuou: — Mas principalmente porque todo mundo vai te amar, docinho! Você vai se encaixar muito bem, então, pare de roer esses dedos bonitos, tudo bem?

Eu com certeza esperava que Cody estivesse certo. Queria me encaixar ali, mas nunca me senti tão fora de lugar em toda a minha vida. Olhei ao redor, imaginando como aquela garota pobre, ladra, de baixo nível iria sobreviver por um verão inteiro naquele castelo construído para uma princesa do sul.



Capítulo Três

Cole



*J*esus Cristo, que merda! Eu não queria ter aquela conversa com Joe novamente. Vínhamos falando sobre isso há meses, e eu já estava de saco cheio. Mais do que de saco cheio. E nenhuma pessoa deveria ser tão rápida em uma maldita cadeira de rodas quanto ele era. Estava correndo atrás de mim naquela engenhoca há pelo menos uma hora, me perseguindo como se fosse a porra da morte.

Eu estava alimentando os cavalos, e ele estacionou bem atrás de mim. Se parasse mais perto, estaria oficialmente em cima da minha bunda.

— Cole, eu sei que você ainda está sofrendo, mas em algum momento terá que pensar sobre o garoto, sabe?

Joe não podia estar falando sério. Claro que eu estava pensando no garoto. Nos últimos três meses aquela criança era tudo no que eu pensava e sempre que fazia isso meu coração se partia em um milhão de pedaços. Mal conseguia respirar. Mesmo agora, enquanto revolvia merda e feno, uma dor insuportável queimava no meu peito.

Joguei minha pá de lado e me virei para Joe.

— Não ouse, Joe. Não faça isso. Você não tem ideia do que estou pensando ou como me sinto. Sinto como se você fosse parte da minha família, mas pare com isso. Esta conversa está terminada. — Limpei as mãos suadas no meu jeans e tirei meu chapéu preto Stetson da cabeça. Então, usei a borda da minha camiseta branca para limpar a testa e soltei um suspiro profundo.

— Eu tive uma filha, sabe? — Joe falou tão baixinho que eu pensei que estava ouvindo coisas.

Coloquei meu chapéu de volta na cabeça e olhei para ele.

— O quê?

— Ela morreu, Cole. Eu não pude mantê-la em minha vida. Você entende o que estou dizendo? Essa escolha foi tirada de mim. Você ainda tem a opção. Vá ver aquele menino se quiser, garoto. Não deixe que a raiva e o ódio te afastem do seu filho.

— Droga, Joe. Você não entende? Esse é o problema! Ele não é meu, porra! Ela mentiu. Ele mentiu. Era tudo uma mentira. Ele não é meu filho. Ele é do Austin, e não há nada que eu possa fazer a respeito, só aceitar. — Tirei o chapéu da cabeça novamente e o lancei em um ponto do celeiro.

E, Deus, como doía! A dor no meu peito queimava como fogo e fazia meu estômago se agitar. Durante seis meses, aquele menino fora meu, e dizer que os momentos que passei com ele foram os mais incríveis da minha vida teria sido um eufemismo. Eu sabia que não propus casamento a Marla por estar apaixonado por ela, mas tinha esperanças de que o bebê que pus acidentalmente em sua barriga nos aproximasse — até que passássemos a nos amar.

Todas as minhas esperanças foram frustradas no dia em que a encontrei dormindo com meu irmão ao chegar mais cedo em casa depois do trabalho. Eles pegaram meu bebê e saíram de lá como se seus traseiros estivessem em chamas. Não que eu pudesse culpá-los. Perdi a cabeça. Nem tinha me ocorrido, até aquela noite, que Greyson poderia não ser meu. Fiquei lá tentando descobrir há quanto tempo aquilo vinha acontecendo bem debaixo do meu nariz, e o pensamento me atingiu como uma marretada no coração. E se aqueles suaves olhos chocolate e aquelas covinhas não fossem minhas, afinal? E se pertencessem a Austin? E se eu achava que tinha perdido a cabeça quando encontrei Marla com meu irmão, estava completamente errado, porque nada podia ser comparado ao puro tormento e à raiva que experimentei quando o teste de paternidade confirmou que eu definitivamente não era pai do menino.

Mas, por seis doces meses, eu tive tudo. E, nos últimos três, eu vinha vivendo em um inferno.

Os olhos tristes de Joe, fixos em mim, eram demais. Finalmente fui derrotado, e ele sabia disso. A pena naquela expressão quase me desfez. Passei as mãos pelo cabelo, puxando os fios, esperando que as picadas no couro cabeludo aliviassem a dor no meu peito ou, de alguma forma, erradicassem o vazio no meu coração, que apenas seis meses atrás estava

cheio a ponto de transbordar.

— Eu sei que você está sofrendo, Cole, mas é a sua teimosia que está te impedindo de fazer parte da vida daquele menino. — Joe se aproximou de mim novamente com a cadeira e saiu do celeiro. Ele era tão rápido que um rastro de poeira flutuou no ar bem atrás dele.

Jesus! Ele tinha razão. Eu estava muito puto e tinha todo o direito. Marla me usou, enquanto trepava com meu irmão pelas minhas costas. Quando pensava nisso, fazia todo o sentido. Eu era o irmão responsável. Era nada mais do que a aposta segura, a melhor opção. Eu me interessava pela fazenda. Enquanto isso, Austin passava seus dias tentando entrar no circuito de rodeios e jogos de azar e com certeza não era confiável. Eu era firme como uma rocha, mas Austin simplesmente não era. Não era preciso ser um gênio para descobrir o porquê de ela ter colocado a gravidez na minha conta. Não que eu a culpasse. Meu irmão sempre foi um idiota, e agora eu poderia adicionar minha noiva à longa lista de merdas que ele jogou nas minhas costas ao longo dos anos.

Levei o resto do feno para fora do celeiro e pensei muito sobre as palavras de Joe. Ele vinha sendo uma figura paterna para mim durante a maior parte da minha vida. Eu o amava como se ele fosse da família. Sempre estive ao meu lado e da minha família. Depois da morte da minha mãe, ele se tornou praticamente tudo que eu tinha. Apesar disso, eu não sentia como se faltasse alguma coisa. Ter Joe comigo já era suficiente. Fiquei muito surpreso ao saber que ele teve uma filha e que ela tinha morrido. Sempre achei que Joe não guardava nenhum segredo de mim, mas, ainda assim, meu coração doía por ele. Entendi completamente, porque quando descobri que Grey não era meu, lamentei da mesma forma como lamentaria se ele tivesse falecido. Eu não podia mais segurá-lo no meio da noite. Não estaria por perto para testemunhar seus primeiros passos, seu primeiro dente. Eu não poderia ensiná-lo a jogar futebol ou andar a cavalo. Marla e Austin não tinham roubado apenas o meu filho de mim. Tinham também levado embora meus sonhos.

Eu não sabia como eu iria superar essa perda. Não parecia provável que eu fosse capaz de perdoar Marla e Austin. Não sabia se conseguiria olhar para o rosto precioso de Grey e não desejar que ele fosse meu. Apenas não parecia possível.

O suor escorria pela minha testa e pelos meus olhos enquanto eu caminhava do celeiro para a casa grande, para jantar. Meus olhos queimaram,

mas eu dei as boas-vindas à sensação. Era uma boa distração do sentimento de desolação que nunca parecia desaparecer. Odiava estar com raiva e triste o tempo todo, mas não conseguia evitar, então, afastei a tristeza, abraçando a raiva. Isso fez com que eu me sentisse mais forte e mais no controle.

Uma voz feminina vinda da cozinha chamou a minha atenção quando entrei na casa. Não soava como Missy, que ficava conosco a maior parte do tempo, cozinhando, limpando e cuidando de Joe quando necessário. Vivia em Preston há anos, e eu percebi imediatamente que não era ela.

Virei em direção à porta e encontrei uma pessoa nova sentada à pequena mesa da cozinha. Era do sexo feminino, mas eu não conseguia ver seu rosto. Sua cabeça estava abaixada, seu cabelo castanho bloqueava a minha visão de suas feições enquanto ela ajeitava os legumes ao redor de seu prato.

Joe falava enquanto eu puxava uma cadeira e me sentava de frente para a nova mulher, que parecia estar analisando a comida um pouco demais.

— Ainda bem que finalmente se juntou a nós, Cole. Pensei que eu teria que ir caçar essa sua bunda refinada para vir jantar — Joe disse, franzindo os lábios.

Missy virou a cadeira para o lado para alimentar Joe e afastou o cabelo grisalho da testa, lançando-me um olhar mordaz. Nós nunca deixávamos de jantar juntos. Era uma das regras de Joe, mas depois da nossa briga eu estava com medo dessa refeição. Fiquei, então, no celeiro até um pouco mais tarde do que o habitual. Comecei a trabalhar naquela fazenda quando tinha apenas dezessete anos de idade. Nunca conheci meu pai, e Joe ficou muito feliz em colocar o adolescente teimoso que fui debaixo de suas asas. Apesar de Joe ser apenas quinze anos mais velho do que eu, era como um pai para mim. Brigar com ele era a última coisa que eu queria fazer.

— Desculpe — eu murmurei, colocando meu guardanapo no colo e pegando meu chá.

— Vamos parar com aquela merda de mais cedo? — ele perguntou, levantando as sobrancelhas.

Missy colocou um pouco de frango e batatas na boca de Joe enquanto ele esperava minha resposta.

— Sim, senhor — eu respondi, remexendo minha própria comida. Minha mandíbula ainda demonstrava o quanto eu estava irritado e tenso, mas Joe merecia meu respeito, e eu sempre o respeitava, não importava o quão puto ele me deixasse.

— Ótimo. Estou ansioso para que você conheça a Everly. Ela vai ficar

conosco durante o verão, ajudando em qualquer tarefa onde seja necessária. Everly, este é Cole Briggs, e ele administra Preston — Joe disse, virando a cadeira de rodas para a garota de cabelos castanhos.

Ela levantou a cabeça. Seus olhos se chocaram com os meus. Eu me encolhi de surpresa, enquanto nossos olhares se encontravam como em uma colisão, e foi um desastre de proporções épicas.

Reconhecimento.

Choque.

Horror.

Resignação.

Todos esses sentimentos surgiram no rosto dela, passando tão rapidamente como o trem onde nos conhecemos há quatro anos.

Apertei meus talheres entre meus dedos, vencido pela emoção. Não podia ser. O que diabos ela estava fazendo ali? O que estava acontecendo?

Aqueles olhos azuis. Eles podiam estar mais brilhantes. Sua pele estava mais lisa e rosada. Ela parecia mais saudável, mais encorpada. Mas eu nunca a esqueci. Eu a reconheceria em qualquer lugar. Afinal, tinha passado um dia inteiro tentando salvá-la. Ela era tão magra. Tão jovem. Tão frágil. E eu queria desesperadamente ter conseguido ajudá-la.

Eu fui bombardeado por memórias; submergi tão profundamente em cada uma delas que imediatamente fui transportado para o passado.

— *Gosto do que vejo — eu disse, sorrindo para ela.*

Eu poderia jurar que ela não estava acostumada a essa reação. Tentara construir um clima de sexo entre nós como quem constrói uma parede de tijolos. Usara isso para me fazer ir embora, mas não foi o que aconteceu. A garota parecia faminta e indefesa. Eu já fui indefeso assim, e ela fez com que eu me lembrasse desse tempo. Só queria ajudá-la.

Timidamente, ela se sentou ao meu lado, mas se certificou de que seu corpo não fizesse, de modo algum, contato com o meu. Encolheu os braços ao máximo, mantendo-se o mais longe de mim possível, e levou os joelhos até o peito, passando os braços em volta deles. Seu cabelo caiu ao redor do rosto, obscurecendo suas feições de mim. Sentia que ela se escondia atrás de todos aqueles fios — atrás de suas roupas largas.

Peguei minha mochila preta do chão e tirei de lá uma barra de cereal.

— *Fome? — perguntei, inclinando-me e segurando a barra perto do rosto dela para que pudesse vê-la.*

Ela rapidamente a pegou da minha mão, abrindo o pacote com a mesma

rapidez, dando uma mordida faminta. Meu estômago se alojou firmemente em algum lugar da minha garganta enquanto eu a observava. Soube, logo assim que a vi, que era uma sem-teto. Suas roupas, seus cabelos sujos e sua compleição frágil deixavam isso muito claro. Mas ver o quanto ela estava com fome era doloroso. Era muito pequena, então, era difícil medir sua idade, mas parecia ter cerca de quatorze anos. Tão jovem e desamparada.

— Eu sou o Co... — comecei a falar, mas ela me cortou com uma sacudida de cabeça enquanto empurrava o resto da barra para dentro da boca.

Ergui uma sobrancelha para ela. Será que não ia permitir que lhe dissesse o meu nome?

— Bem, pelo menos posso perguntar o seu nome? — indaguei, perplexo.

Ela se remexeu novamente e mastigou o resto da comida. Passei para ela uma garrafa de água da minha bolsa, e ela se inclinou novamente, quase drenando todo o líquido.

— Obrigada, Caubói — ela murmurou para mim por trás dos fios de seu cabelo.

Ah, ela iria me apelidar de caubói. Isso me fez sorrir. Era clichê pra caralho, mas ela estava falando comigo, então eu aceitaria.

Ela me entregou a embalagem e a garrafa de água vazia, olhando diretamente para o banco à nossa frente, e os coloquei na minha mochila.

— E como vou chamá-la? — perguntei, inclinando a cabeça para frente para ficar em sua linha de visão.

Ela continuou a olhar diretamente para frente e disse:

— Nada.

— Humm. Nada? — Gargalhei dela.

Ela tinha acabado de pegar minha comida e bebida, estava sentada ao meu lado no assento que eu lhe ofereci, mas nem queria falar comigo. Precisava admitir, a garota tinha muita coragem.

Ela inclinou a cabeça em direção ao encosto e soltou um grande suspiro, além de um gemido baixo que ressoou em sua garganta. Havia uma sugestão de um sorriso em seus lábios, e eu me peguei sorrindo com ela. Tive a impressão de que ela não enchia a barriga há muito tempo e fiquei muito feliz em alimentá-la.

Estudando seu rosto, notei um pedaço da barra de cereal grudado em sua bochecha. Inclinando-me para ela, lentamente levantei a mão, com cuidado para não a assustar. Seus olhos se arregalaram, mas ela não se afastou,

então, eu tomei isso como um consentimento. Gentilmente limpei a migalha de seu rosto. Ela imediatamente me lançou um olhar revoltado e rosnou.

— O que foi? Estava guardando esse pedaço para mais tarde? — eu perguntei, rindo.

Um pequeno sorriso atingiu seus lábios, e a pele pálida das maçãs de seu rosto ganhou o mais bonito tom de rosa que eu já vi. Aquelas bochechas ostentando aquele doce tom rosado fizeram com que eu me lembrasse dos pêssegos que pendiam das árvores de Preston.

— Pêssego — eu joguei a palavra no ar.

O sorriso desapareceu de seu rosto e uma pequena ruga surgiu entre as sobrancelhas.

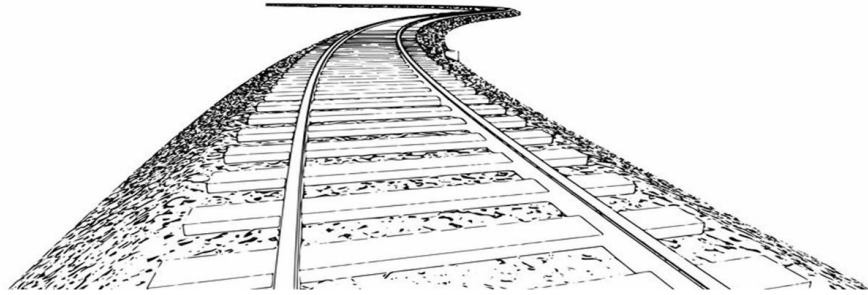
— O quê?

— Pêssego — repeti. — É assim que eu vou te chamar.



Capítulo Quatro

Everly



– *P*êssego.

O apelido sussurrado me atingiu como um relâmpago, e qualquer esperança de que ele não me reconhecesse voou pela janela — junto a todos os meus planos para o verão. Porque eu o reconheci imediatamente. Ele parecia mais velho, mais forte e mais maduro, mas eu reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar. Meu caubói.

Sim. Meu. De alguma forma, nos últimos quatro anos, ele subconscientemente se tornou a estrela de todas as minhas fantasias de adoração de heróis. Não pude evitar, nem se quisesse. Ele me enxergou quando eu era invisível para todas as outras pessoas e tentou me ajudar quando ninguém mais o fez. Era bonito, gentil e conseguiu revirar minha alma de dezesseis anos de idade — em uma única noite, ele roubou meu jovem coração.

Fazia apenas quatro anos, mas poderia ter se passado uma eternidade que mesmo assim eu nunca esqueceria o meu caubói.

Ele parecia um pouco mais sombrio. Seus olhos não continham mais a malícia gentil e a doce compreensão de quatro anos atrás. Seu cabelo estava um pouco mais longo, e ele perdera sua constituição esguia e ostentava músculos novos. Tinha algumas rugas no rosto, mas elas só o deixavam parecer maduro e mais bonito. Cole deveria ter comido muitas barras de cereal e bebido muito leite, porque meu caubói tinha se transformado em... bem, um homem incrível. E eu não estava nem um pouco irritada com isso.

Ainda assim, minha ansiedade estava nas alturas, porque, por mais que eu considerasse Cole o meu caubói, dava para ver que ele não tinha pensado

muito em mim. Nada de bom, na verdade.

Inconscientemente, coloquei a mão no bolso de trás da calça, certificando-me de que a mulher cujos olhos eram iguais aos dele ainda estivesse bem segura ali. Sentindo as pontas desgastadas da foto, contive meu pânico e olhei para ele, tentando avaliar o que ele faria em seguida.

Joe me assustou, perguntando:

— Pêssgo o quê, Cole?

Olhei para o meu caubói, sabendo que aquele era o momento da verdade. Um milhão de minúsculos cavalos galopantes fixaram residência no meu peito, e me perguntei se alguém mais podia ouvir o trovão que ressoava em meus ouvidos. Engoli o pavor que rastejava pela minha garganta. Eu era boa nisso. Tive muita prática. Era muito boa em fingir.

Naquele momento, era como se o tempo tivesse parado — Cole e eu estávamos presos em uma troca de olhares tão cheia de tensão que minha pele chegou a arrepiar. O suor escorria da minha testa, deslizando pelo meu lábio superior. Minhas mãos tremiam no meu colo. Meu passado tinha finalmente me alcançado. Eu sabia que isso acabaria acontecendo em um momento ou outro. Não fui crédula o suficiente para acreditar que as merdas que fiz um dia não iriam voltar para darem belas mordidas no meu traseiro. Este dia finalmente chegou, e a mordida foi brutal.

Eu precisava admitir, no entanto, que não conseguia fazer com que as borboletas que revoavam dentro da minha barriga se aquietassem. Ele me reconheceu. Não tinha me esquecido. Sentia-me tonta, e isso era extremamente estúpido, porque, naquele momento, ele segurava meu destino em suas mãos. Mordi o lábio e segurei o guardanapo no colo com as duas mãos, prendendo a respiração.

Com um único piscar de olhos, ele quebrou a tensão, dando de ombros e virando a cabeça na direção de Joe.

— Só estou pensando que tenho que acordar cedo. Vai ser um dia quente, e nós temos uma tonelada de pêssgos para colher — ele disse, com uma expressão passiva, como se não tivesse estado perdido, trocando olhares comigo segundos antes.

Aparentemente, Cole também era muito bom em fingir.

Indiferente, ele acenou com a cabeça em minha direção.

— Olá, menina! — ele me cumprimentou, retornando ao seu jantar, basicamente ignorando-me.

Menina? Eu estaria mentindo se dissesse que não me incomodava a

rapidez com que me dispensou, mas apenas balancei a cabeça para ele e disse:

— Prazer em conhecê-lo, Cole. — Certifiquei-me de afastar a insegurança da minha voz e esconder o tremor das minhas mãos. Além da dor lancinante no meu coração.

Soltei o ar que vinha prendendo e deixei meu guardanapo cair. Peguei meu garfo e comecei a remexer a comida no meu prato. Ele não havia contado. Por quê?

Até porque, ele poderia ter contado tudo a Joe e Missy. Poderia ter dito que eu era uma ladra mentirosa. Não sabia por que ele guardara nossa noite em segredo, mas, naquele momento, senti-me eternamente grata. Apaixonei-me por aquele homem anos atrás — e ele continuava me conquistando mais e mais.

A conversa sobre a fazenda zumbia ao meu redor. Enquanto isso, eu não conseguia manter meus olhos longe de Cole. Cole Briggs. Agora o rosto tinha um nome, e este não me decepcionou. Ajustava-se perfeitamente às minhas fantasias de caubói. Tirei o foco de seus olhos castanhos para poder apreciar os pelos ao redor de sua mandíbula e me perguntei como seria a sensação de tê-los contra meu rosto, meu pescoço, meu peito. Corei e sorri para mim mesma, empurrando a comida pelo prato. Tinha imaginado a mesma coisa ao longo dos anos incontáveis vezes. Cole era ainda mais bonito do que eu me lembrava. O tempo fora bondoso com ele. Não podia deixar de imaginar se ele achava que o tempo também tinha sido bom para mim, mas tinha a sensação de que ele não estava tão feliz em me ver, pelo olhar que me lançara antes. Quem poderia culpá-lo? Ele claramente gostava daquelas pessoas, e eu não era o tipo de garota que se apresentava à família.

— Tudo bem para você, Everly?

Joe me arrancou de meus pensamentos, e eu olhei para ele. Não fazia ideia do que havia me perguntado, mas ele era o chefe, então, apenas balancei a cabeça e sorri.

— Ótimo. Cole geralmente sai por volta das cinco da manhã para começar o dia, então você também vai começar cedo, mas ele está comigo há mais de dez anos, por isso não consigo pensar em ninguém melhor para te mostrar a fazenda. Ele ama este lugar quase tanto quanto eu — disse Joe, mencionando Cole com orgulho.

Meus olhos praticamente saltaram das órbitas. Eu tinha acabado de concordar em passar o dia com Cole? Porcaria! Precisava ficar fora do

caminho daquele homem. Dar-lhe espaço, manter a cabeça baixa e o nariz limpo. Ele tinha me chamado de criança. Precisava provar a ele que não era a mesma garota que fui quatro anos atrás.

Mas, acima de tudo, eu precisava passar menos tempo na terra quente de vaqueiros e prestar a maior atenção.

Os olhos de Cole se fixaram em mim, e meu rosto ficou vermelho.

— Ah, Joe, tenho certeza de que Cole deve estar ocupado. Não quero atrapalhá-lo em seu trabalho. Aposto que Cody ficaria feliz em me mostrar a fazenda. — Eu não estava pronta para o confronto que sabia que acabaria acontecendo com Cole. E eu sabia disso, porque, se olhares pudessem matar, eu estaria morta e enterrada. Mortinha.

Deus, onde diabos estava Cody quando uma garota precisava dele? Ele teria ajudado a aliviar o clima, mas tinha me dito mais cedo que nem sempre jantava ali, e aquela, definitivamente, era uma das noites em que não se juntaria a nós, porque tinha um encontro sexy. Maldito fosse.

Missy se inclinou ao lado de Joe e piscou para mim.

— Confie em mim, você vai querer que seja Cole a te mostrar a fazenda.

Se eu achei que meu rosto estava quente antes, agora ele estava em chamas. Meu bom Deus. Será que ela estava tentando me juntar com Cole? Aquele homem que ironicamente odiava meu rosto. Eu teria rido desta situação se fosse uma observadora imparcial. Mas não era o caso. Eu estava profundamente envolvida e tudo o que queria fazer era chorar.

Joe me apresentara Missy mais cedo, como sendo sua cuidadora e criada. Depois de conhecê-la, fiquei ainda mais confusa sobre quais seriam meus deveres. Ela se mostrara muito competente e superlegal. E, definitivamente, não era do tipo intrometida, como parecera naquele momento. Geralmente eu era boa em julgar um caráter. Talvez estivesse perdendo meu tato.

— Sim, E-ver-ly — disse Cole, enunciando cada sílaba do meu nome como se estivesse empunhando uma maldita arma. O homem que me conhecera quatro anos atrás acabara de aprender meu nome e já o estava usando para me machucar. — Vou gostar de mostrá-la a você. Talvez possamos dar uma volta a cavalo — prosseguiu, com sua voz firme.

Minha adoração ao herói Cole Briggs começou a enfraquecer com todos os comentários sarcásticos, os olhares feios e todos os sorrisos falsos que ele lançou na minha direção. Eu não era a mesma pessoa daquela época, e talvez Cole também não fosse. O que era uma pena, porque aquele Cole — o Cole daquela noite — fora tudo para mim.

Cavalos? Maldito fosse. Eu não sabia como montar a droga de um cavalo. E o filho da mãe sabia disso. Nunca tinha sequer tocado em um maldito cavalo na minha vida, mas apenas balancei a cabeça e sorri fracamente para todos. Independentemente disso, eu iria andar a cavalo no dia seguinte. Que se foda!

— Talvez possamos levar os cavalos para nadar durante o passeio — disse ele com um sorriso que não era nem um pouco genuíno.

Cavalos nadavam? Merda!

O resto do jantar foi doloroso. Os olhares mortais que Cole me lançava do outro lado da mesa, combinados com os sorrisos doces de Joe e Missy, estavam me desestabilizando emocionalmente, enquanto eu apenas orava para que todos se apressassem e comessem rapidamente para que pudéssemos acabar com aquilo.

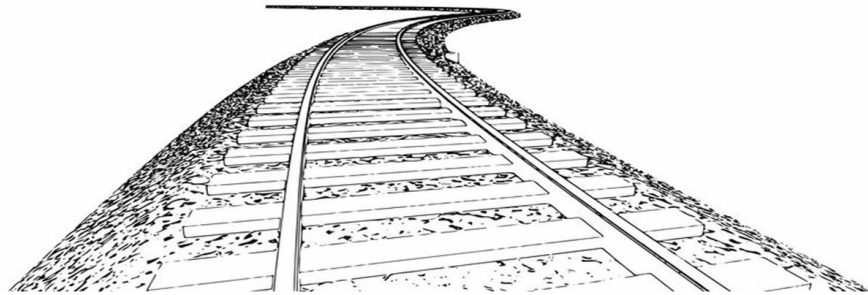
Quando Missy se levantou para retirar a louça, eu rapidamente me ofereci para ajudá-la, ansiosa para escapar de Cole e seus olhares contundentes. Nós limpamos a mesa com calma, enquanto Joe e Cole falavam de pêssegos, cavalos e o trabalho do dia seguinte. Durante toda a conversa, Cole ficou me observando como um maldito falcão. E quem poderia culpá-lo? Eu tinha agido mal com ele. Terrivelmente mal.

Decidi, então, naquele momento, que consertaria as coisas. Provaria a Cole que eu não era a mesma garota. Trabalharia duro naquele verão. Ganharia sua confiança, assim como ele conquistara a minha, quatro anos atrás.



Capítulo Cinco

Cole



Fui almoçar, preparado para enfrentar uma inquisição de Joe e Everly, mas não me importei de verdade. Se ela quisesse conhecer a fazenda comigo, deveria estar pronta e acordada às cinco da manhã. Eu tinha pêssegos para colher, animais para alimentar. Basicamente, uma lista tão longa que nunca terminava. Se Everly já não soubesse, logo perceberia que sempre havia trabalho na fazenda, e este parecia nunca ter a porra de um fim.

Quando fui até a casa grande para buscá-la naquela manhã e não a vi, dei-lhe o benefício da dúvida e fui ao andar de cima para ver se já estava se aprontando. Depois de bater à sua porta, não recebi resposta, então, virei a maçaneta e a abri. O cômodo ainda estava escuro como breu, mas eu entrei e a encontrei ainda cochilando. Fiquei lá, congelado, observando Everly adormecida. Só que ela não parecia a mesma Everly deitada ali. Parecia a Pêssego de anos atrás. Jovem, doce, inocente e solitária, por isso, por um momento, toda a raiva que senti na noite passada ao vê-la ficou em segundo plano com a necessidade de protegê-la. Ajudá-la. Salvá-la.

Fui um idiota no passado e estava agindo como um idiota novamente. Ela tinha brincado comigo e provavelmente estava brincando com todos nós. Quase contei a Joe sobre o que aconteceu, mas algo no rosto dela me impediu. Uma expressão triste e horrorizada com a perspectiva de ser revelada.

Estava farto de trair, mentir, roubar mulheres, mas, aparentemente, eu também ainda era um otário. Ficaria de olho nela. Não deixaria que ela machucasse Joe. Morreria antes de isso acontecer. Só que, por alguma razão,

não consegui denunciá-la. Talvez fosse o medo de que ela acabasse voltando às ruas, ou talvez fossem as lembranças de nosso dia juntos. De qualquer maneira, eu sabia que não era uma decisão inteligente.

Não pude deixar de pensar em como Everly iria piorar a minha situação, que já estava ruim o suficiente, enquanto caminhava para a cozinha, sabendo que iria esperar até cansar. O que eu não imaginava era ver Everly empoleirada à mesa da cozinha na frente de Joe. Ela jogava a cabeça para trás, gargalhando, e tinha lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Oh, Deus, Joe, sinto muito — disse Everly, enxugando as lágrimas de riso de seu rosto. Sua risada não era suave nem tilintava como um sino. Era grande e turbulenta, infecciosa. E eu quase me vi sorrindo com ela. Quase.

Joe estava rindo muito junto a ela, e eu notei a colher na mão de Everly e o chili na frente da camisa de Joe. Será que ela o estava alimentando?

— Onde está Missy? — exige. Por que Everly estava alimentando Joe? Qual era o motivo para ela estar aqui? O que estava fazendo dando uma de babá de Joe? Não confiava nela nem por um segundo.

— Bem, olá para você também — disse Joe por entre risadas, virando a cadeira para mim. — Missy foi à mercearia para comprar algumas coisas para a casa, e Everly se ofereceu para ajudar no almoço.

— Acontece que não sou muito útil — disse Everly, ainda rindo e olhando para a frente da camisa de Joe. Ela se levantou, colocando-se de pé em suas botas de cowgirl. Ela limpou a boca de Joe com um guardanapo e depois limpou a frente da camisa dele, os olhos ainda brilhando de tanto rir.

— Eu não sei — disse Joe, ainda rindo. — Não rio tanto durante o almoço há muito tempo, querida. Então eu diria que foi uma vitória.

A expressão de Joe era suave, e tudo que eu conseguia pensar era que não podia permitir que ela o machucasse. Ela o estava conquistando. Da mesma forma que fez comigo quatro anos atrás. Não era melhor do que Marla, com suas trapaças, manipulações e mentiras.

Everly segurou a tigela vazia de chili em uma das mãos e, com carinho, apertou o ombro de Joe com a outra antes de seguir até a pia da cozinha para começar a lavar os pratos.

— Vou ajudá-lo a trocar de camisa depois que eu terminar de lavar a louça, Joe.

Joe saiu do quarto antes que qualquer um de nós pudesse piscar.

— Deus, ele é rápido nessa coisa — disse Everly, sorrindo enquanto olhava para a pia, onde os pratos já estavam cheios de sabão. — Desculpe

não ter acordado a tempo de sair com você esta manhã, Cole. Tive dificuldade para conseguir dormir na noite passada. Novo lugar e tudo o mais — ela disse, voltando-se para mim com um sorriso no rosto.

Eu não seria enganado por sua falsa gentileza. De novo, não. O aço ao redor do meu coração estava mais reforçado.

Cruzei meus braços contra o peito e me inclinei contra os armários ao lado da pia.

— Qual é o seu jogo aqui, E-ver-ly? — A Adrenalina bombeava nas minhas veias.

Ela soltou um suspiro e jogou a esponja na pia com um pouco mais de ímpeto do que eu achava ser necessário para sua indignação fingida. Então limpou as mãos no jeans. Virou seu corpo na direção do meu e o fez com toda a força de sua raiva.

— Não há nenhum maldito jogo aqui, Caubói — disse ela por entre dentes. — E por que diabos você continua pronunciando meu nome assim? — Ela deu um passo para perto de mim.

Não havia como recuar. Dei o meu próprio passo adiante, colocando-nos frente a frente.

— Assim como? — Gelo corria pelas minhas veias.

— E-ver-ly! — Ela soava como um grande urso, com uma voz profunda e grave, parecendo querer imitar a minha.

— Este é mesmo o seu nome real? — Fui direto ao ponto. Tinha muitas outras perguntas, mas aquela era a primeira para a qual eu desejava respostas.

Ela parecia surpresa e chocada, e eu não poderia dizer se era algo genuíno ou alguma interpretação elaborada.

— O quê? — perguntou. — É claro que é meu nome real. Por que diabos você está perguntando isso? — Ela se afastou.

Dei um passo à frente para compensar o que ela recuou.

— Acha que não me lembro do nome da pequena cidade onde te conheci? Acha que não me lembro do nome da estação de trem onde estávamos quando te ofereci um assento? Vamos lá, garota. Pensei que você fosse melhor do que isso. — Balancei a cabeça e respirei fundo. Eu costumava ficar de mau humor mesmo em dias bons, e já fazia três meses que eu não tinha nenhum dia bom. Eu ia perder a cabeça. Que tipo de jogo ela achava que estava jogando?

Sua cabeça se inclinou para frente, e seus ombros se curvaram. Ela olhou para o chão, apertando as mãos, aparentemente devastada. Devastada como a

garota no trem — como a Pêssego.

Fogo corria pela minha pele, e minha respiração ficou presa conforme as lembranças iam retornando.

O maquinista ficou olhando para nós, estendendo a mão para nossos ingressos. E Pêssego — ela parecia em pânico. Encolhida em torno de si mesma, as mãos entrelaçadas no colo.

— Ela está comigo — eu disse, entregando meu ingresso e algum dinheiro para o maquinista do trem.

A cabeça da Pêssego virou-se rapidamente, e seus olhos apertados disseram tudo.

— Eu não estou com você! — sussurrou para mim antes de voltar-se para o maquinista. — Eu não estou com ele — disse ela calmamente, olhando para o engenheiro.

O maquinista olhou para cada um de nós.

— Moça, eu não me importo com quem você está, mas eu preciso do seu bilhete ou você precisa sair do trem na próxima parada. — O homem se elevou sobre ela, intimidando-a.

Tamborilando nervosamente os dedos na parte superior de suas coxas, ela olhou para mim e depois para o maquinista novamente, sabendo que não tinha escolha.

— Oh, então eu acho que estou com ele — disse ela, apontando na minha direção com o polegar, enquanto aquele tom de pêssego surgia em suas bochechas novamente.

Eu ri.

O maquinista balançou a cabeça, entregando-me meus recibos.

— Tenha uma boa viagem. — Ele olhou para Pêssego. — E boa sorte.

Ri novamente, e Pêssego revirou os olhos ao meu lado. Eu ia precisar de mais do que sorte. Aquela garota era completamente introspectiva. Eu ia precisar de um maldito milagre.

Acabou que não consegui um milagre. Eu tinha que tirar uma vantagem disso.

Dei mais um passo à frente. Encurralei-a, fazendo com que nossos corpos praticamente se tocassem. Ignorei o cheiro suave de madressilva e sol, porque tudo a respeito daquela garota era proposital para enganar, e eu estava cansado de ser enganado.

— Eu não sei que tipo de jogo você acha que está jogando com Joe, mas tenho certeza de que ele não carrega uma carteira.

Ela se encolheu como se eu tivesse lhe dado um tapa no rosto, como se suas feições se desintegrassem. Senti-me triunfante naquele momento. Como se eu pudesse proteger a mim e a Joe dela. Talvez, assim, ela pudesse ir embora daquele lugar com nossas carteiras e nossos corações ainda intactos.

Mas então ela me surpreendeu. Observei suas costas se empertigarem, seus ombros se reposicionarem para trás, e ela me olhou nos olhos, desafiando-me. Deu dois passos para frente, empurrando-me de volta até que o balcão praticamente mordeu meus quadris. Seu olhar era penetrante; seu rosto, uma máscara de determinação. E, de repente, ela não era mais a criança que encontrei no trem há quatro anos. Era linda, como uma fênix se erguendo das cinzas, transformando-se diante dos meus olhos — de menina para mulher.

— Preste atenção, Cole Briggs, porque só vou te dizer uma vez. E a única razão pela qual estou falando alguma coisa é porque você já foi gentil comigo em um momento da minha vida, quando ninguém mais foi. — Ela cerrou as mãos, e sua pulsação pareceu se intensificar. — Meu nome é Everly Woods, assim como aquela cidadezinha. Assim como a estação de trem onde meus pais me deixaram quando eu era apenas um bebê. E, coincidentemente, a mesma estação de trem onde nos conhecemos dezesseis anos depois. Talvez os bombeiros que me encontraram lá pudessem ter inventado algo um pouco mais original, mas parece que não foram capazes. Então, estou presa a ele. Lide com isso. Eu aprendi a lidar. — Ela terminou de falar e se afastou de mim, voltando a lavar os pratos na pia como se toda aquela conversa não tivesse acontecido.

Meu coração despencou. Dei um passo à frente, pressionando minha mão sobre o peito. Eu podia sentir a fortaleza de aço ao redor do meu coração começando a desmoronar, e eu não queria isso. Não podia permitir. Nada disso.

E eu desejei que nada disso tivesse acontecido. O bebê abandonado na estação de trem. As equipes de resgate que a batizaram como o lugar onde a encontraram. O dia em que nos conhecemos anos atrás. Nosso reencontro. Eu queria poder voltar atrás.

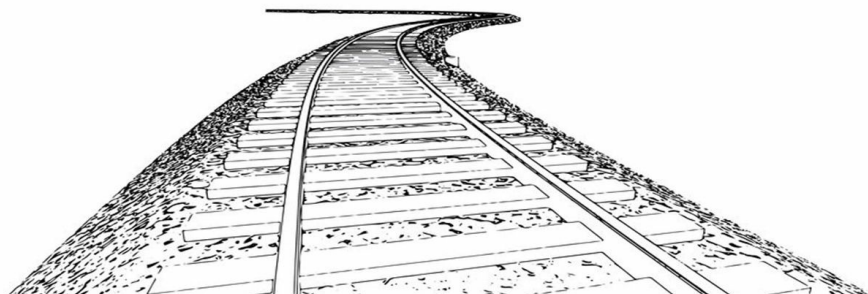
Porra!

Saí da cozinha sentindo-me devidamente castigado, mas ainda não confiava nela. Nem um pouco. Mas meu coração... a porra do meu coração, que já estava pesado, ficou ainda mais e se partiu pela garota do trem que conheci anos atrás.



Capítulo Seis

Everly



*T*inham se passado quatro sólidas horas desde o meu confronto com Cole no almoço, e eu ainda estava cuspidando fogo. Seguia em direção ao outro lado da fazenda, para o alojamento localizado na parte de trás da propriedade, a fim de entregar alguns papéis para Jane de Joe, e a cada passo que dava, eu pensava em Cole e seu rostinho bonito de babaca. Olhei em volta, imaginando se os funcionários que consertavam a cerca a dez metros de mim podiam ver a fumaça saindo de meus ouvidos, porque certamente havia uma.

Cole me tratou como se eu fosse a merda em suas botas. Ele realmente não tinha sequer me dado o benefício da dúvida e não parecia ter planos para isso. Simplesmente assumiu automaticamente que eu era uma mentirosa. Parte de mim entendia que eu tinha errado com ele anos atrás. Mas não arruinei sua vida com minhas ações. Eu era uma criança idiota e faminta, com certeza, mas nada justificava esse tipo de reação. O que acontecera com meu doce caubói do trem? O que ocorrera de tão terrível naqueles últimos quatro anos que fez com que se tornasse não apenas duro e cruel, mas tão implacável? Sentia-me irritada ao extremo, mas a menina que ainda existia em mim estava ferida. Ela adorava aquele caubói. Pensava que ele era o responsável por colocar a lua no céu. Quando, no passado, sentira tanto frio que seus dedos ficaram dormentes dentro de seus sapatos velhos e gastos, lembrara seu sorriso e isso a mantivera aquecida.

Eu estava brava, sim, mas sentia-me mais zangada e magoada ainda em nome daquela garota. Porque aquele vaqueiro tinha ido embora, e em seu lugar restara o frio-como-aço Cole Briggs, um enorme imbecil.

Quando nos separamos naquela noite, quatro anos atrás, eu sabia de algumas coisas com total certeza. Uma delas era que ele entenderia e a outra era que ele me perdoaria. Não havia dúvidas em minha mente. Só que agora eu chegava à conclusão de que talvez estivesse errada. Talvez eu não tivesse conhecido Cole na época. Ou talvez ele tivesse mudado, assim como eu. Só que sua mudança não fora para melhor — isso era certo.

Ainda bem que eu era mais durona do que Cole poderia supor. Não ia permitir que ele me fizesse desistir. Eu precisava do dinheiro que ganharia no verão e não podia desapontar Momma Lou. Então Cole poderia pegar seu enorme ego e seu temperamento e enfiá-los onde o sol não brilha. Eu lhe mostraria. Mostraria que era uma pessoa diferente. Faria com que enxergasse meu novo eu.

Já estava quase no alojamento quando notei uma pequena cabana ao lado da propriedade. Perguntei-me se era a casa onde Cody tinha me dito que Cole morava. Foi uma decisão impulsiva — e provavelmente uma muito ruim —, mas eu subi os degraus da varanda e bati na porta com um pouco mais de força do que pretendia. Mas eu ainda estava brava e precisava ter uma conversa séria com ele.

Ninguém respondeu, então virei a maçaneta, pensando que deveria estar trancada, mas, para minha surpresa, a porta se abriu. Fiquei um pouco perplexa, surpresa por Cole deixar sua porta destrancada sendo que parecia incrivelmente desconfiado.

Dei um passo hesitante, entrando, e fechei a porta atrás de mim, observando a casa rústica e muito básica. Não havia cortinas penduradas nas janelas. Não havia tapetes no chão. Não havia um maldito travesseiro ou cobertor decorativo à vista. Meu primeiro pensamento foi que, talvez, aquela não fosse a casa de Cole, porque parecia que ninguém morava aqui. Mas então eu girei em um círculo e respirei fundo, absorvendo tudo. O cheiro de fumaça, couro e homem atacou meus sentidos e me desestabilizou. Eu soube, assim, sem dúvidas, que aquela era a casa de Cole. Até o fim da minha vida, eu nunca esqueceria aquele cheiro.

Fumaça. Ele cheirava a isso. Suor, almíscar e couro limpo, com os toques de fumaça da terra. Não o cheiro imundo de cigarros, mas como uma fogueira — quente, profunda e rica. Inclinei-me um pouco mais, pensando que talvez fosse a jaqueta ou o chapéu, mas cheguei à conclusão de que era apenas a natureza dele. Era sexy e deixava meu jovem coração todo excitado. Sabia que ele era velho demais para mim e que não me via da

maneira como eu o via, mas não pude evitar. Ele me alimentara. Dera-me água. Chamara-me de Pêssego. E continuou falando, embora eu estivesse tentando ao máximo fingir que não ouvia uma palavra do que dizia. Falara-me de seu irmão louco. De sua doce mãe. De como ele amava plantar e andar a cavalo. Por fora, eu me mantinha indiferente e rígida, uma parede impenetrável, mas por dentro — Deus, eu me sentia exposta e nua. Estava absorvendo tudo.

Eu queria segurar a mão dele.

Queria deslizar a mão pela barba em seu queixo.

Queria roçar meus lábios nos dele.

A voz dele. Suas histórias... Era como ouvir a base do timbre profundo da minha música favorita. E eu não queria perder uma única batida.

Sentia que voava tão alto quanto os fogos de artifício que eu vi no céu da estação de trem no último quatro de julho. Aquele caubói nem precisaria se esforçar muito para me fazer voar, voar e explodir como eles também.

Ele ficou quieto subitamente, e precisei me controlar ao máximo para não implorar que continuasse. Ouvir sobre sua vida foi a melhor forma de fugir de mim mesma. Suas histórias me levaram longe, muito longe. Ele olhou para mim, esperando que eu falasse. Eu não tinha certeza do que poderia querer de mim, porque eu não tinha grandes histórias sobre família e amigos.

— Conte-me uma lembrança sua, Pêssego — disse ele, olhando para mim.

Eu virei minha cabeça para ele, arqueando uma sobrancelha.

— O quê?

— Conte-me uma lembrança sua — disse ele novamente. — Conte-me algo. Qualquer coisa. Uma lembrança.

Fiz uma careta. Eu não queria contar nada a ele. Tudo era muito ruim.

Vendo minha carranca, ele disse:

— Conte-me. Uma. Lembrança. Uma boa, Pêssego.

Vasculhei meu cérebro até quase estragá-lo, tentando lembrar se eu tinha boas lembranças.

Não podia contar a ele sobre as noites que pensei que congelaria até a morte, fora da estação de trem enquanto tentava dormir, embora não conseguisse realmente pegar no sono. Não poderia contar a ele sobre os dias em que conseguia roubar uma carteira ou dinheiro de alguém e não era pega. Os dias em que conseguia ter comida suficiente, apesar de não ter

dinheiro para comprá-la. Não podia dizer a ele que essas eram minhas boas lembranças. Dias em que eu simplesmente conseguia sobreviver.

— Minha mãe costumava dizer uma coisa — disse ele. — Toda vez que eu estava triste ou tendo um dia ruim, ela olhava para mim e dizia: “Conte-me uma lembrança, querido”, e eu pensava na última coisa boa que tinha acontecido comigo. Algo que me fazia sentir bem. Eu pegava a última coisa e lhe contava. Então ela sorria e meu dia não parecia mais tão ruim, sabe?

Balancei a cabeça, pensando na minha última boa lembrança. Não demorei muito a pensar em algo.

— Uma noite, no trem, um estranho me ofereceu um assento, sua comida, sua água. Minha barriga ficou cheia, e eu, aquecida. — Não acrescentei que ele fazia com que eu voasse mais alto do que o topo das árvores. Não disse a ele que não sorria daquela forma há anos. Embora isso fosse o que eu realmente queria dizer. Queria lhe dizer que ele tinha feito mais do que apenas me dar comida. Ele alimentara minha alma tão faminta.

Seu sorriso desapareceu, e uma tristeza se instalou em meu coração, mas aquela foi a minha última boa lembrança. A única que tive em muito tempo.

Suspirei, porque pensar naquela noite só me trazia emoções conflituosas. Dei outra olhada na casa de Cole e senti a versão mais jovem de mim delirando com aquelas memórias e a Everly daquele momento permitindo que toda a raiva se esvaísse. Ninguém nunca me fizera sentir como Cole. Não em meus vinte anos.

Entreguei meu corpo a homens. Entreguei muitas outras coisas para sobreviver, mas nunca meu coração. Apenas um homem o possuiu.

Mas aquela casa vazia falava demais sobre o meu caubói. A falta de fotos de família. A ausência de detalhes pessoais. Aquela casa nua dizia tudo, e eu odiava o que ela comunicava.

Doía fisicamente ver como Cole era solitário. Eu não suportaria ficar naquela casa por mais um segundo, então, girei nos calcanhares e rapidamente caminhei porta afora antes de batê-la atrás de mim. Notei que os caras que consertavam a cerca estavam por perto e esperei que não tivessem me visto na casa de Cole. Essa era a última coisa que eu precisava. O homem já estava doido para me pegar no flagra.

Minhas emoções estavam à deriva. Aos dezesseis anos de idade, eu adorava Cole. E agora — bem, eu queria odiá-lo pela maneira como me tratou. Só que depois de ver sua casa, senti pena. Porque ainda me lembrava da nossa conversa no trem. Agora, lembrava-me de seu profundo amor e

devoção à família e amigos. Meu caubói teria fotos espalhadas por toda a casa, cobertores que sua mãe o obrigara a pendurar nas costas do sofá — ele teria lembranças por toda parte. Mas Cole não tinha nada. Aonde foram parar?

Cheguei ao alojamento com tantas perguntas que senti que minha cabeça poderia explodir. Abri a porta dos fundos e entrei, deixando a porta de tela bater atrás de mim. Ouvi duas vozes discutindo, e uma delas era de Cole. Segui meu caminho pela grande cozinha branca e pelo corredor até a recepção. Quando dobrei a esquina, Cole estava debruçado sobre a mesa, sorrindo para uma senhora idosa de cabelos grisalhos.

— Vamos lá, Jane — ele disse suavemente, colocando seu charme sulista no tom antes de abaixar a voz. — Por favor, linda — ele implorou em um sussurro, com um pequeno sorriso nos lábios.

Jane revirou os olhos e balançou a cabeça.

— Eu te disse, Cole. Não vou te dar mais moedas. Também preciso de troco, sabia disso? Basta pegar um refrigerante na geladeira, como todo mundo faz. — Ela apontou para o lugar de onde eu tinha acabado de chegar.

— Achei que eu era o seu favorito. — Cole bateu os cílios grossos, escuros e franziu a testa para dar mais ênfase. Ele levantou a mão e esfregou o polegar sobre a pele fina como papel da bochecha da mulher. — Além disso, você sabe que eu só gosto da minha Coca-Cola da garrafa de vidro da velha máquina lá da frente.

Inclinei-me contra a parede, observando. Uma risadinha quase escapou da minha boca, então, cobri meu sorriso com a mão e continuei a desfrutar de sua teatralidade do meu lugar isolado no canto do local.

— A resposta ainda é não, Cole. Agora, pare de bater seus cílios bonitos para mim, seu conquistador. Meu coração de velha não aguenta. — Ela colocou a mão no peito. — Basta pegar uma bebida na cozinha. Aquela máquina lá fora é muito antiga. Nem sei por que continuam colocando refrigerantes naquela relíquia.

Cole se inclinou mais sobre a mesa, colocando-se ainda mais perto de Jane.

— Ah, Dona Jane. Você sabe muito bem que *tudo* fica melhor com a idade. — Ele rapidamente tirou o chapéu, beijou-a na bochecha e piscou antes de se inclinar para trás rapidamente e se virar para sair pela porta da frente.

Eu podia ouvir sua risada profunda, e seria uma mentira se dissesse que

isso não fazia minha pele arrepiar. Lembrei-me daquela risada — ou, melhor ainda, da versão mais nova de mim mesma. Meu rosto ficou vermelho. Acho que a jovem Everly ainda achava que Cole era o máximo. Aparentemente paixonites de infância poderiam durar muito tempo.

Por mais que ele já estivesse saindo, Jane gritou:

— Saia daqui, Cole Briggs, antes que eu conte a Joe. — Ela balançou a cabeça e riu como uma colegial, fazendo-me sorrir também. Por causa *disso*? Era incrivelmente adorável.

Cole não se virou, mas levantou uma das mãos:

— Eu estou saindo, Dona Jane — falou por entre suas risadas.

Jane começou a analisar o livro na frente dela, mas eu não deixei escapar seu pequeno sorriso nem o “Conquistador sem-vergonha” que ela sussurrou baixinho.

Bem, pelo menos eu sabia que Cole não era um babaca com todos que encontrava pela frente. Ele parecia ter reservado aquele comportamento especial só para mim. Que ótimo.

Não queria sustentar o peso de toda a raiva de Cole. Queria meu caubói de volta. Queria seus sorrisos, suas piadas, sua risada profunda. Queria suas conversas sussurradas, suas histórias que me transportaram para outro lugar. Um lugar onde as meninas sem teto não moravam nas estações de trem. Um lugar onde não havia fome nem frio. Um lugar para onde só meu vaqueiro conseguia me levar. Precisava descobrir como chegar lá e precisava de mais informações sobre Cole para conseguir isso. Mas o que eu não precisava era que Cody descobrisse que eu queria informações sobre Cole. Então, fiz a única coisa que poderia pensar em fazer.

Saí de onde estava, soltei um longo suspiro e dei uma falsa risada para completar.

— Esse Cole é uma figura. — Eu sorri, estendendo minha mão com os papéis para Jane.

— Ele é! — exclamou Jane, balançando a cabeça. — Ele está um caos, mas fico feliz ao ver que começou a voltar ao normal.

Sorri ao perceber que — *ding ding ding* — tinha uma faladora nas mãos e precisava de todas as malditas palavras que quisesse me dizer. Então, apenas balancei a cabeça e continuei sorrindo, tentando comunicar telepaticamente que precisava saber de toda a sujeira do Cole.

— Aquela noiva com certeza fez uma sacanagem com ele — disse ela, pegando os papéis da minha mão e olhando para eles.

Meu estômago se revirou e um zumbido estranho preencheu a minha cabeça. *Noiva?*

Ela olhou de volta para mim.

— Você deve ser a Everly! É muito bom conhecer você. Joe tem me dito coisas boas. — Ela deu a volta na mesa para me puxar para um abraço como se não tivesse acabado de abalar meu mundo inteiro. Como se não tivesse acabado de destruir uma parte de mim.

Apertou-me com força, mas tudo que conseguiu foi um pequeno tapinha nas costas dela em troca. Fiquei parada, chocada. Cole tinha uma noiva. Por que isso nunca me ocorreu? *Você sabe por que, Everly*, eu disse a mim mesma. *Porque ele sempre foi seu e nunca lhe ocorreu, nem em um milhão de anos, que ele poderia pertencer a outra pessoa.* Mas, ainda assim, uma noiva. Onde ela estava? Sua casa parecera tão vazia. Será que ele tinha acabado de se mudar? Será que estavam separados? Deus, parecia que as perguntas não paravam de surgir quando se tratava de Cole.

— Uma noiva — eu disse. Mais para mim do que para qualquer outra pessoa.

Mas Jane tomou isso como uma sugestão para continuar.

— Sim. Marla, aquela vadia — ela cuspiu, e seus olhos se estreitaram.

Eu não sabia se fora pelo choque de toda a situação ou pelo uso surpreendente da palavra vadia, vinda de Jane, mas eu ri um pouco incontrolavelmente. Mordi meu lábio superior para parar o riso, porque eu tinha a sensação de que estava parecendo uma maníaca. Jane não pareceu notar. Continuou conversando enquanto organizava os papéis em sua mesa.

— Aquela Marla realmente bagunçou o Cole. Já se passaram meses, e ele ainda não está bem. Ela traiu, mentiu, uma vadia cruel.

Novamente, uma risada quase escapou, mas mordi meu lábio de volta, e antes que eu pudesse evitar, eu perguntei:

— Quem trairia Cole Briggs? — escapou da minha boca. Imediatamente eu quis sugar as palavras de volta, mas Jane já estava sorrindo para mim e assentindo.

Mas, sinceramente, Cole era lindo, forte e se ainda se parecia com o meu caubói de anos atrás, sua gentileza — sua natureza generosa — não tinha limites. Que mulher poderia ter tudo isso — toda a pura perfeição que ele era — e jogá-lo fora? Quem diabos ousaria trair Cole Briggs? Não fazia absolutamente nenhum sentido, e eu tinha que concordar com a Sra. Jane — ela era uma vadia, embora isso pudesse soar como uma palavra gentil demais.

— Amém para isso, irmã — disse ela, sentando-se lentamente na cadeira, enquanto uma pequena ruga de dor se formava entre suas sobrancelhas.

Dei a volta na mesa e agarrei o braço dela, ajudando-a a sentar.

— Obrigada, querida — disse ela, acariciando minha mão que descansava em seu braço. — Esses joelhos velhos não funcionam como antes.

— Não tem problema — falei, sorrindo para ela e sendo sincera. Poderia dizer que Jane era uma boa pessoa, e eu sabia, sem sombra de dúvidas, que me daria o que eu estava prestes a pedir. Era uma intuição.

Enfiei a mão no bolso de trás e peguei um pequeno maço de dinheiro. Então, estendi uma nota de dez dólares para Jane.

— Posso, por acaso, comprar um punhado de moedas de você? — perguntei, sorrindo docemente, assim como Cole fizera momentos atrás.

Jane estudou a nota de dez dólares na minha mão e depois olhou para o meu rosto. Sorriu maliciosamente para mim e virou a cabeça para a porta da frente, por onde Cole tinha saído minutos atrás. Então ela deu um grande suspiro.

— Tudo bem, senhorita Everly — disse ela, colocando a mão em sua gaveta de baixo da mesa. Pôs um punhado de moedas sobre a mesa.

Estendi a mão com a nota de dez dólares pendurada nos meus dedos. Ela a pegou e colocou na gaveta de onde as moedas tinham vindo.

— Vá em frente — disse ela, apontando com a mão para os aposentos à sua frente. — Pegue-as, mas não se atreva a dizer àquele homem que eu as dei a você, está ouvindo? — Revirou os olhos. — Não preciso que todos por aqui pensem que amoleci.

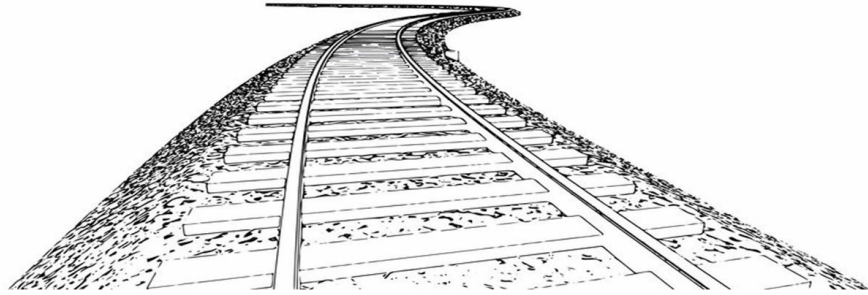
Agarrei as moedas e me inclinei, pressionando um beijo em sua bochecha.

— Nunca. — Apertei a mão dela mais uma vez antes de correr para a porta. — Obrigada, Sra. Jane — disse por cima do ombro enquanto corria pela escada da frente, começando a formular um plano sobre como ganhar Cole Briggs.



Capítulo Sete

Everly



*M*eu bom Jesus, ainda estava quente enquanto todos saíram às dez da noite. Puxei minha blusa branca e pegajosa, afastando-a do peito algumas vezes, tentando me refrescar enquanto caminhava da casa grande até a pequena cabana de Cole. Sim, eu era teimosa. Estava determinada a ir em frente com meus planos, embora ele não tivesse aparecido para jantar. Joe passara o tempo todo meditando baixinho, então, eu podia supor que ficava irritado com o fato de Cole não estar presente. Mas eu sabia por que não fora jantar. Estava me evitando.

Mas quer saber de uma coisa? É muito difícil evitar alguém que bate à sua porta, então, pisei na varanda de Cole e deixei meu pequeno punho voar contra a porta de madeira, enquanto minha outra mão segurava o punhado de moedas.

O quê? Eu não era idiota. Claro que fui lá com uma oferta de paz.

Ergui meu punho para bater novamente quando a porta se abriu. Tinha um discurso totalmente planejado. Estava tudo na ponta da minha língua. Ia dizer a ele que sentia muito. Que esperava que me perdoasse. Que eu não era mais aquela garota e que só queria uma chance para provar isso. Só que nenhuma dessas palavras saiu da minha boca, porque Cole surgiu como um retrato de todas as fantasias mais eróticas que já tive na vida. E eu já tive muitas.

Seu cabelo estava bagunçado, como se tivesse passado os dedos pelos fios repetidas vezes. Seus olhos eram penetrantes e avaliadores. Aquela sombra de barba — Deus, era linda. Pensei em estender a mão para esfregar a parte macia dos meus dedos por aqueles pelos. Mas nada — nada — me fez

afastar os olhos do torso sem camisa de Cole. Ele tinha um peitoral enorme, e um pequeno punhado de cabelos castanhos surgia no meio de seu tórax, e eu segui aquele rastro de cabelo até seu abdômen rígido e, mais ainda, até o cós da calça jeans — que estava, *puta merda*, desabotoada.

Eu queria escalá-lo como uma maldita árvore. Na verdade, nunca subi em uma árvore na minha vida, mas estava disposta a tentar por Cole. As coisas que eu faria com aquele homem. E pensar nisso só me deixou mais quente do que o deserto do Saara.

Deslizei meu olhar pelo resto de seu corpo, passando pelas pernas de seu jeans bem gasto até seus pés. Nunca na minha vida eu pensei que um par de pés descalços pudesse ser sexy, mas o de Cole era. E era para esta parte que eu estava olhando quando Cole explodiu:

— Que porra você quer aqui? — ele retrucou.

Meu olhar disparou de seus pés para seu rosto, que era uma máscara de raiva. Atordoada com sua explosão de raiva, fiquei ali parada, sem palavras. O olhar de Cole me varreu de cima a baixo antes de parar no meu top branco e, em seguida, em meu short jeans desfiado. Em seguida, voltou para o meu rosto. Seu nariz enrugou e seus lábios franziram como se ele sentisse o cheiro de algo ruim. E isso só me irritou mais ainda.

— Quer saber de uma coisa? — Eu me virei e comecei a descer os degraus da varanda. — Não quero porra nenhuma, Cole. Não quero nada de você! — gritei, determinada a ficar bem longe dele.

Ficou claro que não havia mais nada do meu caubói ali. Quem quer que aquele homem fosse, era um completo estranho para mim, e eu não queria nada com ele.

De repente, fui agarrada pelo braço, arrastada de volta pelos degraus e forçada a me virar para encarar Cole. Minha cabeça ficou nivelada ao seu peitoral, e eu me sentia perto demais dele, de uma forma desconfortável. A varanda de madeira rangeu sob seu peso quando ele se inclinou para tão perto de mim que nossos lábios quase se tocaram.

— O. Que. Você. Quer? — Cole falou por entre os dentes.

Podia sentir o cheiro dele em todos os lugares. Fumaça. Homem. Sol e uísque. Era celestial. Estava claro que ele andara bebendo, e eu deveria sentir medo. Deveria voltar correndo para a casa grande. Deveria sair daquela maldita varanda e nunca mais olhar para trás, mas já fazia quatro anos que sua presença me mantinha cativa. Estava enraizada no lugar, cambaleando nos meus próprios pés. Seu corpo tão perto do meu. Seu cheiro me rondando.

Seu peito e pés nus. Era demais, e eu estava tonta — embriagada por ele.

Fiz a única coisa que eu poderia pensar em fazer. Estendi minha palma trêmula entre nós, tentando erguer o punhado de moedas. Só que ele estava perto demais, e as costas da minha mão roçaram a pele lisa e firme de seu estômago. Minha respiração ficou presa, e meus mamilos se intumesceram com o contato. Meu pequeno estremecer se transformou em um tremor de corpo inteiro. Deus, eu queria tocar aquele homem cruel novamente. Só que Cole assobiou e recuou como se fosse doloroso sentir minha mão contra ele. E, exatamente daquela forma, o feitiço foi quebrado, e eu me lembrei de que aquele homem bruto me odiava. Que ele não confiava em mim e definitivamente não queria meus toques. Foi como se um balde de água fria tivesse sido despejado no meu corpo aquecido.

Abri a mão entre nós, mostrando-lhe as moedas.

— Eu só queria te trazer umas moedas para a máquina de refrigerante — eu disse baixinho. Desviei o olhar para a varanda. Não ousava olhar para ele. Estava envergonhada pela minha reação, porém, mais ainda, fiquei horrorizada com a dele.

Deus! Ele realmente não me suportava.

— Por quê?

Eu tinha ouvido a pergunta, mas não consegui responder por um milhão de razões. Porque uma versão mais jovem de mim lhe entregara o coração anos atrás. Porque eu queria que ele gostasse da mulher que eu era agora. Porque me arrependi. Porque ele me alimentou. Porque eu era sua Pêssego, e ele era o meu Caubói.

— Só pegue. — Eu estendi o rolo de moedas. — Só pegue — implorei. E isso me trouxe lembranças, me mandou de volta para uma época onde os papéis foram invertidos. A bondade daquelas lembranças se instalou no meu peito de forma pesada, e isso doía muito.

— *Só pegue. Faça isso por mim. Pêssego, é só comida. Pegue. Vai me fazer sentir melhor saber que você comeu uma refeição quente hoje. Ok? — implorou. Ele estava realmente me convencendo com aqueles olhos doces de cachorrinho. Maldito fosse.*

Era estranho pegar de alguém algo que estava sendo dado de bom grado. Não deixei de perceber o quanto isso era louco. Não estava acostumada a receber doações. Estava acostumada a roubar. Pelo menos, quando roubava, ganhava minha refeição por ser inteligente e por me esforçar. Daquela forma? Bem, parecia errado. Sim, eu estava fodida. Ao longo dos anos, de

alguma forma, transformei o roubo em algo justificável na minha cabeça. Algo que eu precisava fazer. Era a única maneira com a qual eu conseguia lidar com a culpa.

Olhei para o cheeseburger e para as fritas, e eles cheiravam tão bem. Não importava que ele tivesse me dado seu lanche no trem horas atrás; eu ainda estava faminta. O trem havia parado por uma hora, e meu caubói me implorara que fôssemos até a pequena lanchonete a alguns quarteirões da estação. Ele não teve que implorar muitas vezes. Era impossível dizer não para ele.

Cole começou a falar sobre cavalos. Fazia isso com frequência, e eu podia dizer pela luz que brilhava em seus olhos e pelo sorriso em seu rosto, enquanto dissertava, que ele os amava.

A garçonete colocou o cheeseburger e batatas fritas na frente dele, e ele adoçou sua bebida.

— Um milk-shake de chocolate para a Pêssego aqui também — disse ele, apontando para mim.

— Nunca montei um cavalo. Nunca nem vi um pessoalmente — eu disse, observando minha comida.

Suas sobranças se ergueram de surpresa.

— É sério? Temos que fazer algo a respeito disso. — Ele sorriu gentilmente. — Coma.

Forcei-me a comer uma batata frita de cada vez. Um pedaço daquele delicioso hambúrguer de cada vez. E foi pura tortura, porque eu estava morrendo de fome, e a comida tinha um sabor incrível. Gemi baixinho depois de uma mordida suculenta do sanduíche, e ele riu. Eu sorri para ele.

— Estamos criando outra lembrança para você contar, Pêssego — disse ele quando os milk-shakes chegaram.

Fiz uma careta, sentindo-me triste porque teríamos que voltar para o trem em menos de uma hora, e eu não poderia retornar. Precisava pegar o trem de volta para minha estação. O tempo com o meu caubói estava quase acabando, e logo tudo o que me restaria seriam essas memórias.

— Nunca tomei um milk-shake antes — eu disse, olhando para a bebida gelada no copo diante de mim.

Ele olhou para mim, surpreso.

— Sério?

— Tão sério quanto um ataque cardíaco — eu disse, olhando ao redor do restaurante. Era fofo, com um ar de anos 50, com banquetas vermelhas

girando em volta de um balcão branco e mesas vermelhas e pretas nos cantos. Ele e eu estávamos sentados de frente um para o outro em uma delas.

Animadamente, ele disse:

— Que bom, então. Beba. Mal posso esperar para saber se você vai gostar. — Ele acenou com a cabeça em direção ao milk-shake.

Mas eu apenas continuei olhando para ele até que ele parasse de comer e olhasse para mim também.

— Por que você está fazendo isso? — perguntei. Não conseguia entender por que aquele homem pagara pelo meu bilhete de trem. Por que tinha comprado comida para mim. Por que queria me ver experimentar meu primeiro milk-shake. Se não queria me foder, se não queria me machucar, então por que diabos ele estava me ajudando? Eu simplesmente não entendia.

— Fazendo o quê? — ele perguntou. Franziu a testa, formando uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Me ajudando. Por que está me ajudando? Eu não entendo. O que quer de mim? — indaguei. Estava me sentindo sobrecarregada por sua gentileza; completamente bombardeada por todas aquelas emoções.

— Não quero porra nenhuma de você. Será que tudo tem que ter uma segunda intenção? — perguntou ele. Parecia aborrecido com as minhas perguntas, mas não me contive.

— De acordo com a minha experiência, sim, Caubói. Nada nesta vida vem de graça, então, o que quer? — Inclinei-me e tomei um gole do meu shake. E, meu bom Deus, era provavelmente a melhor coisa que eu tinha provado na minha vida.

Eu não conseguia modificar o olhar de euforia em meu rosto, e meu caubói não conseguiu evitar a risada que escapou de seus lábios por conta da minha expressão.

Subitamente, parou de rir. Seu rosto ficou sério e ele se recostou na cadeira, suspirando.

— Quando eu era criança, tivemos um incêndio na casa. Quase perdemos todos os nossos pertences. Não tínhamos para onde ir. Muitas pessoas nos ajudaram, Pêssego. E sem essas pessoas, não sei o que minha família teria feito. Então, ajudar você esta noite não me custa nada, e estou me divertindo fazendo isso. Além do quê, também é uma maneira de eu pagar pela forma como minha família foi ajudada.

— Sinto muito — eu disse, olhando para o meu prato vazio. E lamentei

porque nunca, em um milhão de anos, o homem bondoso à minha frente merecia algo ruim em sua vida. Ele era uma das pessoas mais divertidas, mais doces e generosas que já tive o prazer de conhecer, e eu sabia que nunca iria esquecer a nossa noite juntos. Nunca.

E, em uma única noite, eu me abri para ele mais do que para qualquer outro em minha vida. Meu caubói tinha algo de especial.

Ele se inclinou, erguendo meu queixo com o dedo.

— Ei, Pêssego. Foi há muito tempo, e há coisas piores, certo? — ele perguntou, de forma gentil.

Ele estava certo. Definitivamente havia coisas piores. Eu sabia melhor do que ninguém que isso era verdade.

As moedas caíram da minha mão, arrancando-me de minhas memórias e me levando de volta ao presente. Inclinei-me para pegá-las. Olhei para Cole novamente. Ele parecia furioso.

— Ouvi você falando com a Sra. Jane — eu disse, desviando meu olhar para a varanda novamente. — Você as queria, e...

— E o quê, Everly? Você achou que umas merdas de moedas iriam me convencer de que você não é uma droga de ladra mentirosa? — ele trovejou.

Eu vacilei, finalmente absorvendo as palavras.

Ele se inclinou mais na minha direção, intimidando-me com sua altura e tamanho.

— Eu sei que você entrou na minha casa hoje. Leo me disse que te viu lá. Estava tentando roubar de mim? — ele zombou. — Bem, boa sorte! Porque adivinhe, Everly? — Ele gesticulou com a mão no ar para o espaço ao seu redor. — Não sobrou nada aqui! Nem uma maldita coisa! — ele cuspiu.

Deus, meu coração se partiu. Meu caubói estava tão solitário, e eu sabia que estava com raiva, porque eu tinha visto; vi sua solidão, sua tristeza — assim como Cole tinha enxergado a minha uma vez —, e ele odiava isso.

— Não tenho ninguém. Não tenho nada, Pêssego! — Ele deu um passo à frente e gritou na minha cara.

E aquele nome. Pêssego. Por tantos anos, desejei ouvir aquele apelido dele novamente. Só que, agora, desgosto e ódio escorriam dele. Isso perfurou meu coração como um punhal. Machucou-me. Muito.

Meu corpo estremeceu, o que me fez dar um passo para trás, só que minha bota de caubói encontrou o ar ao invés do chão da varanda. Meu corpo cambaleou, o que quase me fez cair de graus abaixo. Um grito assustado cresceu no meu peito, quase pronto para ser liberado. Mas, em vez disso, um

braço forte agarrou minha cintura e me puxou na direção de um peito firme e sólido.

Nossas respirações vieram rápidas e constantes, tanto pela briga quanto pela quase queda que tive. Cole envolveu o outro braço em volta da minha cintura. Fui trazida para mais perto de seu peito, e ele colou sua testa na minha, descansando-a ali.

Segundos se transformaram em minutos enquanto nos abraçávamos silenciosamente. Só que eu não aguentava mais o silêncio.

— Eu não sou mais aquela garota, Cole. Sei que você não quer acreditar. Mas eu simplesmente não sou — eu disse, sentindo-me tonta de novo com a proximidade daquele homem, seu corpo enorme ao meu redor, envolvendo o meu. Sua respiração com cheiro de uísque misturou-se à minha, e minha boca se encheu com a necessidade de provar a dele.

Ele suspirou pesadamente.

— Então quem é você, Everly Woods?

Sua respiração passou pelos meus lábios, e eu desejei poder congelar o tempo. Queria ficar ali, presa naquele momento, com os braços musculosos de Cole em volta de mim. Seu hálito em meu cabelo. Seu cheiro de fumaça e couro me cercando. Sentia-me segura, o que era ridículo, porque, momentos antes, ele estivera gritando comigo.

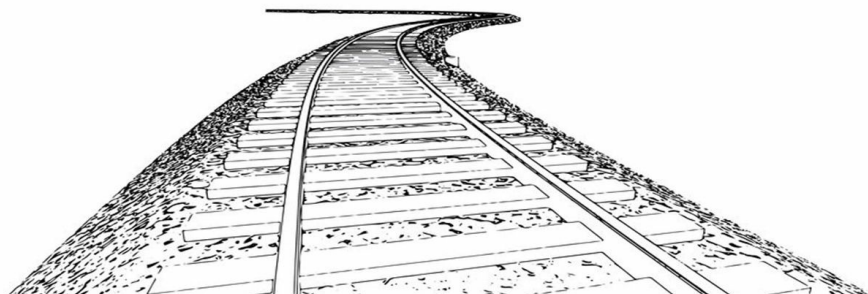
Mas eu sabia que ele nunca me machucaria. Não importava o tamanho de sua raiva. Não importava seu estado de embriaguez. Eu sabia que ele nunca colocaria uma mão em mim com raiva. Também sabia que não tinha a mínima ideia de quem era Everly Woods. Só sabia quem ela queria ser.

— Eu não sei.



Capítulo Oito

Cole



Merda! Eu era um filho da puta. Uma porra de bêbado. Quase derrubei Everly da maldita varanda em um ataque de raiva. Deus! Nem sequer me reconhecia mais. Estava me transformando em um monstro. Todos os dias, parecia perder um pouco mais de mim e não sabia como parar. Não sabia como me recuperar. Eu havia perdido a mim mesmo quando perdi meu filho.

O pequeno e humilde murmúrio de Everly, "Eu não sei", só me fez sentir cem vezes pior. Aquela pobre garota perdida. Eu apenas a torturei desde que chegara. Não tinha exatamente algo a ver com ela. O meu problema era com Marla e seus joguinhos terríveis. Eu sabia por que estava culpando Everly. Ela fora outro grande pesar na minha vida. Não fui capaz de salvá-la, assim como não consegui salvar a mim.

Puxei Everly para mais perto de mim, embalando seu corpo minúsculo em meus braços e pressionando minha testa contra a dela.

— Sinto muito — eu disse, encostado em seu cabelo que cheirava a madressilva. — Sinto muito — eu sussurrei muito próximo a seus lábios rosados.

Everly afastou a testa da minha e abriu um pequeno sorriso antes de enterrar a cabeça no meu pescoço. Passando os braços firmemente em torno da minha cintura, ela sussurrou:

— Tudo bem, Caubói.

E, em um instante, fui transportado de volta para a única outra vez em que ela me abraçou — a última vez em que me chamou de caubói.

— *Pêssego, entre* — eu disse, estendendo minha mão para ela no topo

dos degraus do trem.

Só que ela ainda estava na calçada, com as mãos presas nos bolsos do grande casaco, sustentando um pequeno sorriso nos lábios. Tínhamos corrido de volta para o trem depois do jantar no restaurante com pouco tempo de sobra. A qualquer momento, seríamos separados, e ela ficou ali, recusando-se a pegar minha mão.

— Entre na porra do trem, Pêssego — repeti em um grunhido. Estava começando a entrar em pânico. Ela não se movia, e logo o trem começaria a se afastar.

Seus olhos brilhavam em direção aos meus, e eu sabia que seria um adeus, mas rejeitei essa ideia. Não poderia ser. Eu queria cuidar dela, levá-la até Joe. Ele a ajudaria assim como me ajudara. Ele a adoraria assim como eu já adorava. Ela seria teimosa, difícil de dobrar, mas ele conseguiria, porque era o mais forte e o mais amável dos homens. Eu sabia por experiência própria.

— Esta não é minha linha, caubói. É hora de nos separarmos — ela disse, encolhendo os ombros como se não se importasse. Mas era mentira. As lágrimas brilhando em seus olhos, o pequeno tremor em sua voz... eles a denunciavam.

O trem zumbiu, despertando, e eu tinha apenas segundos para alcançá-la.

— Dê-me a sua mão — eu disse, estendendo a mão mais longe.

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro, as mãos ainda plantadas naquele casaco velho. Desisti, enquanto um rosnado baixo vinha do fundo da minha garganta.

Um engenheiro fez sinal para que eu subisse e me sentasse, e eu olhei para Pêssego, implorando com meus olhos. Meu pânico estava no limite.

Pegue minha mão. Entre no trem. Deixe-me te ajudar.

Ela pulou para o degrau, e o alívio inundou meu corpo. Ela viria comigo. Eu a levaria para casa, Missy cozinharía para ela e, antes que percebêssemos, não estaria mais tão magra. Eu a ensinaria a andar a cavalo, e Joe lhe ensinaria tudo sobre pêssegos. Cuidaríamos dela.

Ela colocou os braços apertados em volta da minha cintura e ficou na ponta dos pés.

— Muito obrigada, caubói. Por tudo — ela sussurrou em meu ouvido.

Inclinando-se para trás, olhou nos meus olhos e esfregou as pontas dos dedos no pelo do meu queixo, como se estivesse morrendo de vontade de

fazer isso o dia todo. Sorri para ela, pensando que finalmente a tinha conquistado. Havia levado o dia todo, mas ela estava finalmente cedendo. Estudou cada ângulo do meu rosto, memorizando-o, enquanto continuava a acariciar minha mandíbula. Uma carranca se formou em seus lábios rachados.

E foi então que a verdade me atingiu como um soco no estômago. Ela não viria comigo; ela estava dizendo adeus. Não!

— Não — eu disse, segurando sua cintura, puxando-a para mim. — Não, deixe-me ajudá-la — implorei.

Oh, Deus. Ela havia decidido. Vi nas feições firmes de seu rosto. Na desolação em seus olhos jovens, mas sábios. Pânico e puro medo por aquela menina minúscula apertaram meu coração. Eu não podia deixá-la ir.

Suas mãos pequenas embalaram meu rosto, e seus olhos brilhavam com lágrimas.

— Você já ajudou — disse ela. Então ela se inclinou, depositou um beijo longo e doce na minha bochecha e me abraçou mais uma vez, sussurrando em meu ouvido: — Você acabou de ajudar.

Ela se afastou do degrau do trem com uma imensa facilidade, que demonstrava que já tinha feito isso mil vezes antes. Estendi a mão para ela, mas já era tarde demais. O trem começou a se mover, e tudo o que eu pude ver foi sua minúscula silhueta tornando-se cada vez menor. A cada metro que nos separava, meu estômago se revirava.

Tomei meu assento sentindo-me em transe, atordoado. Não esperava que ela fosse embora. Aquela menina pequena não tinha feito nada além de me surpreender o dia inteiro, e naquele momento eu me vi ali sentado, perplexo e me sentindo um fracassado. Eu não a havia ajudado, não de verdade. Apenas dei a ela uma refeição quente e calor por algumas horas, mas o que isso significava no grande esquema da vida? Ela estava lá fora no frio, e no dia seguinte estaria morrendo de fome novamente.

Mas foi somente mais tarde, quando tentei pedir um café no carrinho de comida no trem, que percebi que não estava com a minha carteira. No começo, nem me ocorreu que ela pudesse tê-la roubado quando me abraçou para dizer adeus. Confiei nela implicitamente. Chequei tudo antes de lembrar de quando ela sussurrou: "Você acabou de ajudar", antes de sair do trem.

Sorri ante a lembrança, assim como fiz quando descobri que ela tinha me roubado. Minha pequena Pêssego, que tinha a coragem de um lutador

premiado. O fato de ela ter roubado a minha carteira, depois do dia em que passamos juntos, só provou uma coisa. Minha garota era uma guerreira. Este era o meu consolo. A certeza de que ela poderia cuidar de si mesma nas ruas, que viveria para ver outro dia. E lá estava ela, abraçando-me com força novamente quatro anos depois. O destino era mesmo um filho da puta.

Eu sabia que estava supervalorizando a traição de Everly, mas andava lidando com meus demônios. Demônios que não tinham nada a ver com ela e tudo a ver com Marla.

Porra, mas era bom segurar minha Pêssego nos braços. Saber que ela estava segura. Que estava saudável, viva e exatamente onde deveria estar. Mas eu não poderia mais ser o seu caubói.

Eu não era mais aquele cara. Minha cabeça latejava enquanto os efeitos do álcool passavam, mas nada era tão ruim quanto a derrota que se azedou profundamente dentro do meu estômago.

— E não é que formamos uma bela dupla? — eu disse baixinho para Everly. — Porque também não sei mais quem eu sou. — Recuei e a afastei de mim.

Eu não podia fazer isso. Não poderia salvá-la novamente. Não poderia nem mesmo me salvar. Everly teria que descobrir quem ela era sozinha.

— Volte para a casa grande, Everly — disse. Eu não era confiável. Quase a derrubei da maldita varanda. Gritei com ela. Eu era um maníaco e não podia mais ficar perto dela até voltar aos eixos.

Ela franziu o cenho e cruzou os braços contra o peito.

— Por favor, Cole. Não me mande embora. Apenas fale comigo. Deixe-me ajudar. — Seus olhos imploraram.

Grunhi uma risada sarcástica. Não havia nada que ela pudesse fazer por mim. Nem uma maldita coisa. Eu precisava voltar para a minha casa vazia e ficar sóbrio para poder continuar a viver minha vida também vazia.

— Você não pode me ajudar — murmurei, quase sem ar, antes de virar para a porta da frente e entrar. Fechei-a, deixando Everly de olhos arregalados, ainda de pé na varanda.

Isso me lembrou da noite em que a deixei na plataforma da estação de trem, só que agora era pior, porque já não era só ela que estava perdida. Eu também estava.

Deslizei minha bunda bêbada pela porta e me sentei no chão, esperando ouvir os estalos de suas botas descendo os degraus da minha varanda. Só que não os ouvi recuar. Eles se aproximaram até que eu soube que ela estava do

outro lado da porta. Bateu, hesitante no início, tão baixo que eu mal consegui escutar. Ignorei-a, porque aquilo já tinha sido suficiente por uma noite, mas, eventualmente, suas fracas batidas se tornaram mais pesadas.

— Mas que droga! Eu não terminei de falar com você, Cole — ela disse, ainda martelando na minha porta como uma maníaca.

As batidas pararam e ouvi sua voz suave através da porta.

— Eu só queria dizer que sinto muito, Cole. OK? Me desculpe por ter te roubado. Não foi certo depois de tudo o que fez por mim. — Ela ficou quieta por um minuto. — Meu Deus, só abra a porta para que eu possa dizer isso olhando nos seus olhos! — Sua voz soou um pouco mais alta, e então eu ouvi um: "Jesus Cristo", que eu não acho que foi dito para que eu ouvisse.

Sorri com suas palhaçadas tenazes. Talvez Everly não precisasse mais de mim, afinal. Ela parecia muito forte por conta própria.

— Bem, me desculpe, mas eu não devo nada a você, Cole Briggs. Porque você roubou algo de mim naquela noite também. Você não sabe, mas roubou. Então, estamos quites. Está ouvindo? Nós estamos quites! — Ela terminou o discurso com um “huff”, e eu acho que deu um chute, com sua bota de caubói, na minha porta. Seus passos trovejaram pela minha varanda e desceram os degraus.

Soltei um suspiro de alívio e despenquei, colocando minha cabeça em minhas mãos. Balancei-a para trás e para frente em minhas palmas, surpreso com as ações de Everly, mas também em reverência. A garota ainda tinha coragem. Aquela era uma noite de merda, mas agora, finalmente, ela poderia terminar.

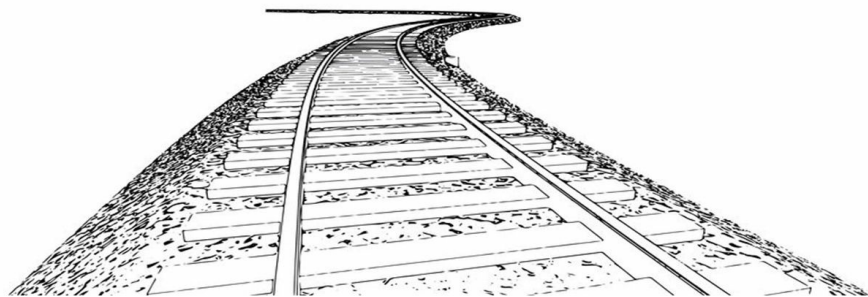
Rastejei até a cama e adormeci antes mesmo de minha cabeça despencar no travesseiro. Pela primeira vez, não sonhei com o rosto minúsculo de Grey. Em vez disso, sonhei com garotinhas parecidas com fadas que usavam botas de caubói e xingavam como marinheiros.

Acordei me sentindo no inferno, mas nunca perdi um dia de trabalho na minha vida e não pretendia começar hoje só porque estava de ressaca. Abri a porta e imediatamente notei o punhado de moedas bem em frente à minha porta. Coloquei-as no bolso da calça jeans e me lembrei de Everly gritando na noite passada. Então eu me perguntei o que diabos eu poderia ter roubado dela quatro anos atrás que nos deixara quites.



Capítulo Nove

Everly



Eram quatro e meia da manhã, e eu não acordava tão cedo há anos. Mas eu tinha planos naquele dia. O que eu disse a Cole na noite passada era a mais pura verdade. Nós estávamos quites. Só que, a caminho de casa, comecei a pensar em como meu caubói havia sido devastado — seu rosto triste quando ele me pediu para sair. Sua casa solitária, melancólica e vazia. O fato de ter se embriagado sozinho. Ele precisava de um amigo. Alguém para preencher todos os cantos e recantos vazios de sua vida.

Eu já precisei de um amigo. E, por um dia, tive um. Isso fez toda a diferença. Aquele dia de amizade me manteve firme por anos. As memórias estavam lá, para serem revividas, sempre que eu precisava delas. Eu poderia dar a Cole um verão inteiro. Seria sua amiga quando ele precisasse de mim, ele gostasse ou não. Mesmo que isso significasse estar de pé de madrugada, antes de o galo cantar.

Arrastei meus pés até a cafeteira na cozinha, aliviada ao descobrir que o café já estava saindo. Coloquei pão na torradeira e peguei uma xícara do armário, preparada para tomar meu café da manhã rapidamente, antes de Cole chegar. Ele ia me levar para conhecer a fazenda. Não iria ficar muito satisfeito com isso, mas iria acontecer. Eu o obrigaria. E faria com que gostasse de mim também. Sentia-me determinada pra caramba. E uma Everly determinada era uma coisa perigosa.

Havia um pedaço de torrada na minha boca e um café fresco na minha mão quando senti alguém se pressionar atrás de mim, encurralando-me contra o balcão.

— Bom dia, linda — Cody disse em meu ouvido, o sorriso evidente em sua voz.

Virei-me para ele, sorrindo. Então, coloquei minha xícara de café e usei as mãos para me impulsionar no balcão para me sentar. Cutuquei-o com minha bota de caubói, mas não antes de ele tirar a torrada da minha boca.

— Você tem algum problema com espaço pessoal, Cody? — Arqueei uma sobrancelha e tentei pegar minha torrada de volta, mas ele empurrou o pedaço inteiro em sua própria boca. — E você acabou de comer meu café da manhã! — sussurrei, porque era cedo demais, e eu não queria acordar a cidade inteira.

Claramente, Cody não percebeu o quão a sério eu levava a minha comida.

— Espaço pessoal é... bem ... chato — disse Cody por entre um sorriso cheio de torradas mastigadas.

Revirei meus olhos e franzi meus lábios.

— Mantenha a boca fechada quando estiver comendo. É repugnante. — Tentei não sorrir e cutuquei-o com minha bota, enquanto balançava as pernas, mas ele recuou e ergueu as mãos em um gesto de rendição.

— Eita, menina. Você está mal-humorada esta manhã — disse ele, sentando-se ao meu lado no balcão.

Respirei fundo.

— Você invadiu meu espaço pessoal e pegou minha comida. Tudo antes do amanhecer, Cody — murmurei antes de tomar um gole do meu café.

Cutucando meu ombro com o dele, ele disse:

— Nós já discutimos isso, Everly. — Ele balançou as sobrancelhas. — Seu espaço pessoal nunca esteve mais seguro contra uma invasão. — Riu.

Ri também e encostei minha cabeça contra seu ombro, pensando que era muito cedo para as palhaçadas de Cody, mas amando-as de qualquer maneira.

— O que você está fazendo acordada tão cedo, de qualquer forma? Imaginei que ainda estaria dormindo naquela cama grande ou talvez descansando em sua banheira orgástica — ele disse, dando uma piscadela.

Sentei-me e olhei-o no rosto com uma expressão séria.

— Ficou maluco? Estou aqui para trabalhar, Cody. Não para ser preguiçosa e tomar banhos de espuma. — Rangi os dentes. — Além disso, Cole deve estar aqui em breve e eu queria estar de pé a tempo de ele me mostrar a fazenda.

— Por acaso "me mostrar a fazenda" é um código para algo relacionado a sexo? — Cody brincou, com o rosto sério. — Por favor, Deus, diga que sim,

porque preciso de *todos* os detalhes.

Dessa vez, eu o cutuquei com tanta força que ele caiu do balcão e se pôs de pé.

— Não é nada disso. Ele só vai me mostrar a fazenda porque Joe pediu. — Pulei no chão, segurando meu café. — Na verdade, eu vou sair da casa para não perdê-lo de vista — terminei, indo em direção à porta da frente.

— Divirta-se. — Cody serviu-se de uma xícara de café, sorrindo para mim. — Espero que, depois que ele te mostrar a fazenda, invada seu espaço pessoal até não poder mais.

Ele riu ao me ver revirar os olhos enquanto saía da casa. Joguei-me em um dos antigos balanços da varanda, sorrindo por trás da minha xícara de café. Uma coisa boa já tinha acontecido naquele verão e eu só estava naquela casa há alguns dias: Cody.

Terminei meu café e comecei a tamborilar meus dedos nas minhas coxas por sobre o jeans. Talvez Cole não fosse mostrar a fazenda naquela manhã. Já estava pronta para voltar para dentro da casa quando vi a silhueta de alguém à distância. Ainda estava escuro, mas eu podia vagamente distinguir um homem grande usando um chapéu Stetson branco e vindo em minha direção.

Continuei sentada no mesmo lugar isolado na varanda, sem me mexer, observando enquanto Cole se aproximava. Tentei ignorar o que sentia. Realmente tentei, mas não conseguia impedir que vários cavalos galopassem dentro do meu peito. Excitação. Quando Cole surgia, aqueles cavalos surgiam também. Não ajudava em nada que ele parecesse bonito o suficiente para que eu tivesse vontade de devorá-lo. Ainda não conseguia distinguir o rosto dele, mas uma camiseta preta e apertada cobria seu peito largo e havia outra, de flanela, cinza e desabotoada, sobre ela. A calça jeans gasta estava pendurada na cintura, sustentada apenas por um cinto grosso e marrom com uma fivela grande e brilhante no meio.

Ele subiu os degraus da varanda com suas botas pretas, com passos decididos, mas cheios de exaustão, além de uma irritação evidente em seu rosto.

— Você está atrasado — eu disse baixinho, ainda sentada no meu lugar na varanda, assustando Cole.

Ele sobressaltou-se e sussurrou:

— Merda. — Respirando fundo, voltou-se em minha direção. — Everly. — Seus ombros caíram.

Meu nome foi dito cheio de resignação. Ele parecia tão cansado que eu

senti vontade de abraçá-lo. Mas não queria testar minha sorte.

— Você me assustou para caralho — ele acusou, ajustando o chapéu. Sua voz estava apreensiva. Ele não parecia querer conversar, mas eu o conquistaria.

Eu ri.

— Eu achava que os caubóis deveriam estar constantemente em alerta. Você sabe, furtivos, sorrateiros... prontos para absolutamente qualquer coisa. — Arqueei uma sobrancelha, sorrindo.

Cole sorriu. E meu coração assumiu aquele maldito ritmo vibrante que assumira quando eu era apenas uma juvenzinha. Então, coloquei minha mão sobre ele, silenciosamente desejando que parasse de bater tão forte.

— Você sabe muito sobre caubóis, hein? — Cole comentou, erguendo sua própria sobrancelha, enquanto seus olhos brilhavam.

Malditos olhos brilhantes. Amigos. Eu queria ser amiga dele.

— Não sei porcaria nenhuma. — Ri, levantando-me do balanço e andando até ele. — Mas estou esperando aprender algumas coisas hoje.

— Então você tem grandes planos para hoje, hein? — ele perguntou, ainda com aqueles olhos cintilantes.

— Grandes? — Balancei a cabeça. — Caubói, uma pessoa não se levanta às quatro da manhã a menos que tenha planos épicos — brinquei.

Ele riu baixinho. O dia estava finalmente começando a raiar, então, eu caminhei até a beira da varanda, assustada com a beleza do sol — ele estava da cor de um pêssgo maduro, erguendo-se por trás do pomar. Era de tirar o fôlego.

— Tudo bem, Srta. Everly. Estou curioso. Quais são exatamente seus planos épicos para hoje? — Ele tinha tomado um lugar ao meu lado, também apreciando a vista, e eu nem havia percebido.

— Você — eu disse, olhando em sua direção antes de voltar-me para o nascer do sol, sentindo como se estivesse em um sonho, ao lado do único homem a quem meu coração já pertencera, testemunhando uma das coisas mais bonitas que já tinha visto.

Ele ficou quieto, então, eu olhei para ele. E não foi uma tarefa fácil afastar meus olhos da beleza à minha frente. Sua testa estava enrugada, porque ele a franziu ao perguntar:

— Eu?

Ele ia me dizer não. Pude sentir.

— Sim — respondi. — Você me deve um tour por este lugar incrível,

então, espero que esteja pronto para tudo isso. — Gesticulei, apontando para mim mesma e sorrindo. Eu estava cheia de todos os tipos de falsas bravatas.

Ele me olhou, desde as pontas das minhas botas, passando pelo meu jeans, minha blusa rosa, enquanto suas sobrancelhas se erguiam em desafio.

— Você sabe... — cantarolei, ampliando meus olhos para dar ênfase. — Toda essa cowgirl superdurona aqui.

A cabeça de Cole girou de volta, e um riso estrondoso atingiu meus ouvidos. Era uma linda gargalhada, e minhas entranhas rapidamente se aqueceram, o que fez com que eu me sentisse toda derretida, lânguida e quente.

Corei e voltei meu olhar para o sol, fingindo absorver sua beleza, mas o que eu realmente tentava fazer era conter o calor que sentia embaixo da minha barriga.

Ainda rindo, Cole disse:

— Tudo bem, cowgirl durona, mas se você quiser passear com gente grande, terá que seguir algumas regras.

Eu olhei para ele, gesticulando para que continuasse, grata por ele não brigar comigo por causa disso. Cole precisava de mim, mesmo que ainda não tivesse percebido.

— Protetor solar. Muito. Nós não queremos que você se queime. Precisa também de um chapéu para proteger seu rosto do sol. Eu não preciso de nenhuma cowgirl durona desmaiando no meu turno. Você tem um chapéu, cowgirl? — ele perguntou com uma expressão brincalhona.

Ah! Ele estava sendo fofo. Tão adorável. Eu balancei a cabeça. Amigos. Apenas amigos. Se eu me permitisse, poderia imaginar algo mais com aquele homem, mas não podia me deixar levar. Eu ficaria ali apenas durante o verão, e Cole tinha um monte de problemas que eu não conseguia nem começar a enumerar.

Ele chegou mais perto de mim, e sua voz soou baixa, próximo à minha orelha.

— Está me dizendo que você, uma cowgirl, não tem um chapéu? — Seu olhar fingia horror, e ele quase me fez revirar os olhos e rir.

— Não — respondi, olhando para ele, tentando não sorrir com sua brincadeira. — Ele levantou a mão e colocou meu cabelo atrás da minha orelha. — Bem, então teremos que fazer algo a respeito disso, hein?

— Tudo bem — ele suspirou e então recuou antes de agarrar meus ombros e me virar em direção à porta da frente. — Vá. Coloque seu protetor

solar e talvez uma camiseta por cima do seu top para proteger seus ombros e braços. Volte aqui em cinco minutos. Temos um dia inteiro pela frente. — Ele bateu palmas. — Vá, vá!

Mordi meu lábio inferior, tentando esconder meu largo sorriso. Porque Cole não tinha chance contra mim. Eu iria conquistá-lo. Nós seríamos os melhores amigos antes que ele pudesse perceber.

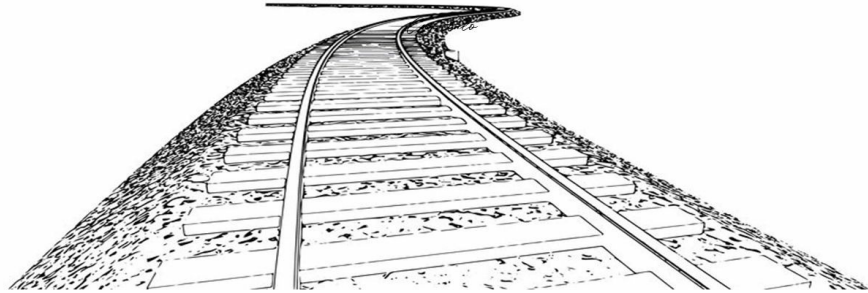
Ganhando.

Eu estava ganhando aquela batalha.



Capítulo Dez

Cole



Perdendo.

Eu estava perdendo a cabeça. Não deveria acompanhar Everly nem passar aquele tempo com ela. Minha vida não passava de um desastre. Não precisava arrastar mais ninguém para isso. E ela queria ser arrastada. Eu podia ver. Seus olhos brilhavam demais. Seu lindo sorriso continha uma intenção maior do que amizade. E eu, com certeza, não poderia lhe dar mais do que isso. Mais do que qualquer outra coisa, ela era apenas uma criança. Droga, eu era quase dez anos mais velho. Não fazia ideia de qual era a experiência dela com os homens, mas sabia que não era nem de longe tão experiente quanto eu. Não que eu tivesse contado. Eu costumava ser criterioso sobre quem levava para a cama, mas poderia dizer que tive minha cota de mulheres.

Entrei na cozinha para tomar um café da manhã rápido antes de levar Everly em um tour pela fazenda. Missy estava no fogão, cozinhando, e Joe já estava à mesa. Cody, ao lado dele, já estava atracado com seus biscoitos e ovos.

Sentei-me de frente para Joe.

Missy colocou uma xícara de café na minha frente.

— Bom dia, Cole.

— Bom dia — murmurei por cima da minha xícara de café, servindo-me de um biscoito.

Joe franziu a testa, reflexivamente.

— Você vai mostrar a fazenda a Everly hoje?

Antes que eu pudesse responder, Cody entrou na conversa, baixinho.

— Oh, sim, ele vai levá-la. — Ele deu uma piscadela maliciosa e sorriu.

Lancei um olhar severo a Cody. Geralmente, eu achava engraçado o jeito de Cody, mas não naquele dia. Ela era uma criança. Eu era um homem. Um homem fodido. Everly estava fora dos limites.

Joe virou a cadeira de rodas para encarar Cody.

— Pare com isso, Cody. Everly está aqui para trabalhar durante o verão e vamos tratá-la com o respeito que ela merece. Vocês, idiotas, me entenderam? — Ele virou a cadeira de rodas para mim, erguendo as sobrancelhas.

Eu não sabia o que Joe achava que ia acontecer enquanto eu mostrava a fazenda para ela, ou talvez Everly tivesse contado a ele o que havia acontecido na noite passada, mas o senso de proteção dele me surpreendeu. Joe me conhecia melhor do que ninguém. Deveria saber que Everly estava a salvo comigo, mas, ainda assim, decidi tranquilizá-lo.

— Claro, Joe. Vou cuidar bem da garota — eu disse, pegando outro biscoito.

A preocupação no rosto de Joe diminuiu. Deus, eu esperava estar certo, porque mal podia cuidar de mim mesmo naquele momento.

Cody riu.

— Aquela bola de fogo no andar de cima não é uma criança. Ela é toda mulher, maravilhosa e fogosa, e quanto mais cedo vocês aceitarem, melhor.

E, tão rápido quanto o rosto de Joe demonstrou alívio, este se encheu de pensamentos novamente. Sua boca se achatou em uma linha dura. Ele estava prestes a abrir a boca para responder quando Everly entrou na sala, parecendo tão animada que interrompeu toda a conversa. Puta. Que. Pariu.

— Estou pronta. — Ela parecia cantarolar dessa maneira às vezes, quando estava feliz ou excitada, como se a vida fosse boa demais para ser apenas *falada*. Como se ela precisasse cantá-la. Era muito fofo.

E isso me fez querer fazê-la cantar cada palavra que dizia.

Ela usava jeans apertados e o mesmo top rosa de antes. Só que agora vestia uma camisa de flanela azul e branca sobre ele — desabotoada, com as extremidades amarradas sob os seios, o que os acentuava. Engasguei um pouco com o meu biscoito, então tomei um grande gole de café, tentando ganhar algum tipo de compostura. Cody sentou-se à minha frente, sorrindo e me lançando um olhar que dizia “eu avisei”. Idiota. Rangi os dentes e me levantei.

— Hora de ir, Everly — eu disse, gesticulando para ela, mas não a

olhando nos olhos. Não podia fazer isso. Não com a camisa dela amarrada daquele jeito. Não com Joe e Cody me observando tão intensamente.

— Divirtam-se — disse Joe, sorrindo com os dentes cerrados. — E comportem-se. — Ele olhou para mim com repreensão.

Cristo Todo-Poderoso, faça este café da manhã terminar. Por favor.

— Tchau para todos vocês — Everly gritou atrás de mim.

Desci os degraus da varanda e segui para os fundos da casa, para o pequeno galpão azul lá fora. Abri a porta, entrei e comecei a descobrir o veículo de quatro rodas. Seria a maneira mais fácil e rápida de mostrar Everly os arredores. E eu precisava dele para ir mais rápido.

Everly surgiu alguns instantes depois e apontou para o veículo de quatro rodas.

— O que é isso? — ela perguntou, mordendo o lábio inferior.

— Nosso transporte — respondi, tentando manter meus olhos longe de seus seios, que estavam amarrados na camisa como se ela estivesse tentando acentuá-los.

— Nós vamos sair montados nessa coisa por aí? Nós dois? — Ela apontou boquiaberta para o assento do veículo de quatro rodas, com os olhos arregalados.

— Sim. Eu vou pilotar, e você pode se sentar atrás de mim e esperar — eu disse, caminhando até ela.

— Oh. — Ela pareceu engolir um nó na garganta. Perguntei-me se ela estaria nervosa por andar naquilo comigo ou apenas por fazer isso no geral.

Gesticulei com a cabeça em direção a ela.

— Certamente uma garota do campo, como você, não vai ter medo de andar de quadriciclo, não é? — Ergui minhas sobrancelhas em um desafio.

Ela engoliu em seco novamente, e eu sorri. Porra! Aquilo era realmente divertido. Provocá-la. Esquecer todas as minhas preocupações e problemas por um tempo. Eu não me divertia assim há um bom tempo. Talvez acabasse não sendo um dia tão ruim, mas, antes de continuarmos, eu precisava cuidar de uma coisa.

— Não estou com medo de nada — ela começou a falar, mas parou quando eu me inclinei para a frente e desamarrei o nó de sua camisa de flanela.

Minhas mãos roçaram a parte inferior de seu seio através de sua blusa, e eu engoli um gemido.

— O quê? — ela perguntou quando usei minhas mãos para agarrar a barra

de sua camisa e puxá-la em linha reta com um estalo.

Comecei na gola da blusa dela, fechando um botão de cada vez. Eu precisava de cada centímetro daquela pele branca e macia coberta, e não apenas por causa do sol. Precisava disso para minha própria sanidade.

— O que está acontecendo aqui? — Everly gritou, olhando para mim, claramente perplexa. Ela tentou usar as mãos para afastar as minhas, mas não conseguiu me parar.

Considerava-me um homem em uma maldita missão. E essa missão consistia principalmente em garantir que eu não ficasse olhando para os seios de Everly o dia todo.

Não parei até que cheguei ao último botão, puxando sua camisa em linha reta novamente.

— Pronto. Assim está melhor — eu disse, deixando escapar um suspiro reprimido.

— Que diabos? — Everly disse baixinho, já desabotoando os dois primeiros botões de sua camisa. — Ele está tentando me matar.

Montei no veículo de quatro rodas e virei para o lado, de frente para Everly. Dei um tapinha no espaço vazio atrás de mim no banco e disse:

— Vamos lá.

Ela engoliu em seco novamente, mas não hesitou em seguir em frente.

Inclinei-me para trás, agarrei ambos os braços dela e os envolvi em volta da minha cintura.

— Segure firme — eu disse, sorrindo antes de dar a partida e acelerar.

E nós partimos. Segui pelas mesmas trilhas através da grama que eu normalmente pegava, acelerando pela propriedade — o vento batendo em nossos cabelos enquanto absorvíamos tudo. No começo, as costas de Everly mantinham-se rígidas e retas, e seus braços seguravam minha cintura desajeitadamente em sua tentativa de manter seu corpo longe demais do meu. Mas não demorou muito para que a frente de seu corpo estivesse pressionada contra as minhas costas, seus braços apertados em volta da minha cintura, sua cabeça descansando no meu ombro.

Quis gemer com o contato físico. Fazia meses desde que uma mulher havia me tocado, e, embora em minha cabeça eu soubesse que Everly era jovem, meu corpo não estava totalmente consciente.

— Ela não é tão jovem. Ficar com ela seria legal. Deve ter pelo menos dezenove, vinte anos — meu pau sussurrou. Ignorei o bastardo que estava cheio de tesão.

Atravessamos os pomares primeiro. Passei por eles bem lentamente para que ela pudesse observar os pessegueiros logo pela manhã. Fazia paradas esporádicas, desligando o quadriciclo para poder lhe dizer algo importante sem ter que gritar por sobre o motor alto. O alojamento, o poço, um longo riacho que corria ao longo da propriedade... mostrei-lhe tudo, meus braços apontavam para cada pequena coisa que eu sabia que ela gostaria de ver. Não achava que seria divertido fazer aquele tour com ela, mas era muito legal mostrar o lugar que eu mais amava naquele mundo. Dirigimos por toda a propriedade por horas enquanto eu mostrava a ela todo o nosso gado — galinhas, cabras, algumas vacas — antes de darmos como terminada a nossa jornada pelo meu lugar favorito.

Parei no celeiro e desliguei o motor. Tinham se passado apenas algumas horas, mas já estava quente como o inferno. E isso porque ainda estava cedo. Ainda bem que terminamos no momento em que o calor mais forte do dia chegou.

Saltei, colocando-me de pé, e me alonguei antes de oferecer minha mão a Everly para ajudá-la a sair do veículo de quatro rodas.

Ela olhou para o celeiro vermelho.

— O que estamos fazendo aqui?

— Tenho alguns amigos que quero apresentar a você. — Sorri, agarrando a mão dela e arrastando-a para a frente do celeiro.

A sombra que o celeiro oferecia era um alívio bem-vindo do sol escaldante do lado de fora. Tirei meu chapéu e passei a mão pelo meu cabelo suado quando nos aproximamos das baias dos cavalos. Coloquei meu chapéu de volta na cabeça e apontei para um dos meus bebês.

— Essa aqui é a Bela — eu disse, apontando para uma das baias. O grande cavalo branco estava no canto mais distante de nós, então, estalei minha língua algumas vezes.

Os olhos de Bela encontraram os meus, e ela veio em minha direção vagarosamente, pendurando a cabeça sobre a baia para que eu pudesse acariciá-la.

— Uau — Everly suspirou. — Ela é enorme. E linda. — Seus olhos estavam arregalados de admiração. Eu poderia dizer que o cavalo a intimidava. Ela parecia nervosa.

— Sim, ela é grande, mas é tímida também — eu disse, massageando a parte de trás da orelha de Bela como eu sabia que ela gostava.

Everly estava me observando. Então, seu olhar se lançou por detrás de

mim e novamente se arregalou. Dois segundos depois, senti meu chapéu se erguer da minha cabeça e cair no chão ao meu lado. Virei-me, sorrindo.

— E este embusteiro aqui é Fera — eu disse, recuando para acariciar o cavalo preto na baia ao lado da de Bela, com a cabeça pendurada sobre a porta. — Ele é um encenqueiro. — Sorri quando Fera inclinou seu rosto com mais força na minha mão.

Everly riu.

— A Bela e a Fera? — Ela sorriu, com as sobrancelhas erguidas

Ergui minhas mãos em rendição.

— Ei, não olhe assim para mim! Foi ideia de Joe. Ele tem um coração romântico. — Peguei meu chapéu do chão.

— Não estou surpresa — disse Everly, com os olhos em Fera.

Eu ri.

— É mesmo? Por quê?

Ela balançou a cabeça.

— Joe é... Bem, ele é doce. Ele é apenas um homem muito legal. Um bom homem.

Ela não estava errada. Ele era o melhor. Ajudou-me quando minha família perdeu tudo. Naquela época, não tinha muito a oferecer além daquela fazenda, mas fora mais do que suficiente. Ainda era.

Dei um tapinha final em Fera e abri a porta da baia de Bela. Peguei uma escova e entrei. Everly ficou apreensiva do lado de fora, então, fiz sinal para que ela entrasse.

— Não se preocupe. Ela não vai morder.

Everly parecia apavorada, e eu não pude deixar de rir por vê-la com medo daquela égua tímida. Agarrei sua mão, puxando-a para dentro. Bela voltou para o seu canto, longe de nós. Coloquei Everly na minha frente, de costas para mim.

Vasculhei meu bolso e peguei uma cenoura. Sempre fazia questão de manter os presentes para os cavalos comigo quando sabia que iria passar por ali. Pressionei meu corpo nas costas de Everly e me inclinei em direção à sua orelha.

— Estique o braço. — Toquei seu ombro e deslizei por seu braço até chegar à sua mão. Fiz com que a erguesse. — Agora, abra a mão. Mantenha a palma e os dedos esticados. — Eu virei a palma de sua mão para cima. Coloquei a cenoura nela.

Everly estremeceu ligeiramente. Meu olhar subiu para seu pescoço, e eu

notei que sua pele estava agitada por arrepios. Não sabia se era medo ou se eu havia causado a reação, mas não conseguia pensar nisso naquele momento.

— Está tudo bem — sussurrei em seu ouvido, acalmando-a.

Ela soltou a respiração, e sua mão tremeu novamente, enquanto seus dedos se curvavam de leve ao redor da cenoura.

— Isso — murmurei em seu ouvido, colocando minha mão novamente sob a dela, puxando seus dedos em linha reta com os meus e esticando seu braço em direção a Bela. — Assim — eu disse. — Ela se aproximará. Você vai alimentá-la. — Usei minha outra mão para esfregar as costas de Everly. — Ela é tímida. Assustada, até, mas não é burra.

Everly virou a cabeça, encontrando meus olhos fixos

— Você vai falar com ela, persuadi-la, escová-la, conquistá-la. Vai deslumbrá-la. Eventualmente, ela vai se apaixonar por você. E um dia você vai montá-la. Mas precisa ganhá-la primeiro — eu disse baixinho. Olhei para seus lábios exuberantes e para o rosa cremoso em suas bochechas.

Seus olhos brilhavam com lágrimas, e eu sabia que ela estava se lembrando do nosso dia no trem, assim como eu. A forma como a alimentei. Como falei até a minha garganta doer. Será que eu a tinha conquistado?

Uma bola de emoção se inchou no meu peito por causa de suas lágrimas. Eu não queria sentir aquelas coisas por ela. Não queria sentir nada por ninguém, mas não conseguia evitar.

— Oh, Deus — Everly sussurrou, virando a cabeça de volta para Bela, que estava pegando a cenoura da mão estendida.

— Tudo bem — eu disse sorrindo, segurando sua mão com firmeza. — Estou aqui com você. — Cheguei ainda mais perto de Everly, cercando-a, pegando sua outra mão e colocando-a no pescoço de Bela. — Assim. — Silenciosamente comecei a persuadi-la. — Massageie-a. Ela gosta disso. Prometo que vou te proteger.

Ela estremeceu entre mim e o cavalo, mas não recuou. Era tão corajosa agora quanto naquela época. Coloquei a escova na mão dela, mostrando-lhe a maneira correta de escovar Bela, permanecendo o tempo todo perto delas para poder tranquilizar as duas garotas tímidas.

— Eu sei — ela sussurrou, usando as duas mãos para acariciar Bela. — Eu sei que você vai me proteger.

Porra. Aquele sussurro fez coisas comigo. Fez com que eu me lembrasse daquela noite do passado muito claramente.

Encostei minha testa na parte de trás da cabeça de Everly, sentindo o

cheiro doce de seu cabelo.

— Por que você não veio comigo? Por que não me deixou te ajudar? — murmurei contra seu cabelo.

Seu corpo lânguido ficou rígido com a minha pergunta, mas não desisti nem recuei. Inclinei-me para ainda mais perto dela, movendo seu cabelo para o lado para que eu pudesse ver seu rosto. Só que agora eu podia realmente sentir o cheiro dela.

E, puta que pariu, era celestial — era um cheiro de madressilva, sol, aquela fazenda e eu. Aquele cheiro parecia certo, então, passei meu nariz desde o ponto onde o pescoço dela encontrava seu ombro, até logo abaixo da orelha, onde parecia mais forte.

— Você me ajudou, Cole. Mais do que pode imaginar — ela disse, quebrando qualquer feitiço com o qual sua fragrância me envolvera.

— Eu queria fazer mais por você — eu disse, observando seu rosto. Sorri. — Queria tê-la trazido para Joe, para que ele pudesse cuidar de você. Queria te mostrar os pêssegos. Meus cavalos. — Soltei uma risada confusa. — Deus, mas você está aqui de qualquer maneira. Isso não é louco?

Perguntei-me o quanto teria sido diferente se Everly tivesse voltado comigo, em vez de aparecer naquele momento. Perguntei-me se talvez eu não estaria tão despedaçado, tão bravo. Mas não queria pensar nisso agora. Não quando Everly estava se abrindo para mim. Eu queria saber mais sobre ela.

— Como você acabou naquele lugar? Na estação de trem? — perguntei, colocando a mão no bolso e puxando outra cenoura para Everly.

Ela pegou a cenoura na palma da mão e certificou-se de deixá-la reta antes de oferecer a comida para Bela.

— Bom trabalho. Vai conseguir montá-la antes que perceba — eu disse, sorrindo. E ela realmente conseguiria. Parecia um talento natural.

Sua voz soou frágil quando ela começou a falar, além de não estar de frente para mim, mas eu ainda conseguia entender suas palavras. Everly encolheu os ombros e vi seu corpo se inclinar para frente.

— Eu fui deixada lá. Na Estação Ferroviária Everly Woods. — Ela soltou uma risada sarcástica. — Deus, eu odeio meu nome. Não passa de um lembrete constante de que ninguém me amava. Ninguém se importava. De como eu estava sozinha. — Ela ficou quieta. — De qualquer forma, fui colocada em vários lares adotivos. Fui pulando de um para o outro. Alguns foram bons, alguns foram ruins. Alguns foram ok, porque simplesmente me ignoravam e pegavam o cheque do estado todo mês, mas às vezes os ruins

eram muito ruins, Cole. Eu acabava sempre fugindo de volta para a estação de trem por algum motivo. Sempre. Ela parecia me chamar. Talvez porque fosse o único lar que conheci. Há muitos desabrigados por lá. Por isso e porque era fácil roubar ou encontrar comida.

Cerrei meus dentes com o ataque das emoções que passavam por mim. Eu não suportaria ouvir tudo pelo que ela passou. Queimava a minha alma o fato de ela não ter ninguém para amá-la. Não podia me imaginar acordando como uma criança todos os dias sem o amor de uma mãe e um pai.

Suas bochechas estavam coradas, e ela franziu a testa para a escova em sua mão. Eu poderia dizer que ela não precisava mais falar sobre isso e que eu não podia suportar vê-la triste, então, agarrei sua mão que segurava a escova e a puxei para o lado de Bela, ajudando-a a preparar o cavalo.

Meu estômago se revirou. O que diabos eu estava fazendo? Não podia fazer isso. Não podia cuidar dela. Não podia ajudá-la. Nós éramos pessoas diferentes agora; ela estava se curando e seguindo com sua vida, e eu só me sentia preso e ferido.

Afastei-me de Everly e do cavalo.

— Vou checar os outros cavalos e fazer algumas coisas. Fique aqui com a Bela. Voltarei em breve.

Fugi de lá, sem sequer lançar a Everly um olhar de despedida. Tive que controlar minhas emoções. Meus sentimentos estavam por toda parte. Quando saí do celeiro, encontrei Leo. Era jovem e tinha chegado recentemente à fazenda, mas era ótimo com os cavalos e parecia um cara bem legal. Também provou que poderia ser confiável quando me avisou que Everly entrara em minha casa.

Não parei de andar enquanto dizia:

— Ei, cara. Fique de olho na Everly. Ela está lá com a Bela, e eu preciso verificar algumas coisas.

Ele assentiu.

— Sem problemas, chefe.

O sol quase me cegou enquanto eu caminhava em direção ao quadriciclo. Montei nele antes de dar a partida e sair. Segui para o campo norte, onde uma cerca precisava ser consertada. Eu tinha algumas outras coisas para verificar, mas precisava de um tempo para mim mesmo. Consertei o portão, mas não antes de minha camisa de flanela ficar presa ao lado dele e de rasgar um buraco gigante nela. Amaldiçoei a cerca e dei um chute firme, querendo gritar. Até as menores coisas pareciam me deixar irado nos últimos tempos.

Parei na casa grande para pegar um pouco de água para que eu e Everly pudéssemos beber antes de voltar para o celeiro para buscá-la. Joe estava saindo da cozinha.

— Onde está Everly? — ele perguntou, mas soava acusatório.

— Jesus, Joe, ela está bem. Eu disse que não deixaria nada acontecer com ela sob a minha supervisão. Ela está no celeiro com a Bela. Totalmente segura. — Peguei uma jarra de água fria da geladeira.

Joe sorriu.

— Ah, é? Acha que ela vai montá-la?

Dei de ombros.

— Eu não vejo por que não. Ficou um pouco assustada no começo, mas rapidamente se acostumou. Acho que Bela também gosta dela. — Coloquei o jarro no balcão e tirei minha camisa de flanela rasgada antes de jogá-la no lixo.

— Você sabe, Cole, na minha época... — Joe começou.

Mas eu o interrompi.

— Eu sei, Joe. Na sua época, as pessoas subiam a colina debaixo de neve para irem à escola. — Eu ri. — E quando uma camisa era rasgada, só era preciso remendá-la com o tecido de um jeans velho. — Ri um pouco mais. Já tinha ouvido aquela história tantas vezes que mal conseguia contar.

— Pode rir, Cole — Joe disse, rindo também. — Mas é verdade. Quando eu era mais novo, não tínhamos muita coisa. — O rosto dele ficou sério. — Não tínhamos muito dinheiro. Nem muitas coisas materiais. Mas cuidávamos do que tínhamos. Sabíamos que nada estava realmente quebrado ou era irreparável. Não de verdade. Qualquer coisa poderia ser consertada, mesmo com algo tão pequeno quanto um abraço ou uma amizade. — Ele sorriu de novo. — Ou com um pedaço de jeans velho.

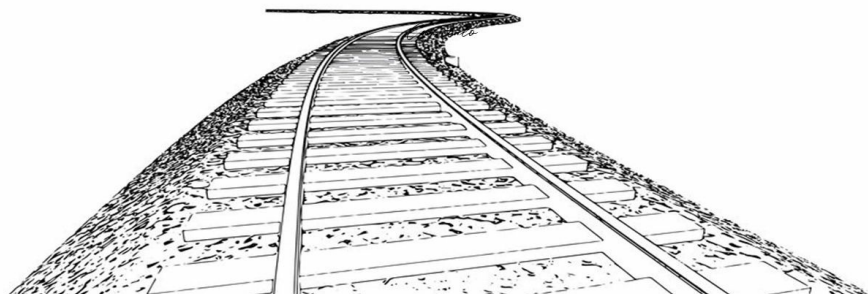
Imaginei Everly no celeiro, sua mão hesitante acariciando uma Bela nervosa, ambas com medo. Meus instintos de proteção se ataçavam com força total quando se tratava dela. Como quatro anos atrás, não podia evitar meu desejo de cuidar dela, não importava o quão dramática andasse minha própria vida. Eu estava realmente fodido.

Não sabia se Joe estava falando de mim ou daquela maldita camisa. Eu não precisava de um remendo. Mas a amizade de Everly? Isso eu iria aceitar, mas só porque sabia que não seria capaz de resistir.



Capítulo Onze

Cole



Uma semana. Há uma semana Everly me tinha sob seu feitiço. Eu bebia muito à noite, então acordava meio rabugento pela manhã e ia para a casa grande, determinado a ter um dia miserável. E, lá, eu a encontrava sentada naquele maldito balanço como se fosse dona do lugar, toda cheia de uma graça descuidada e sorrisos desenfreados. Eu não podia deixar de sorrir de volta, e quando ela se jogava em meu caminho, eu ia embora. Ela me fazia rir. Eu sabia que fazia isso intencionalmente. Sempre que eu estava de mau humor, ela surgia com um olhar determinado em seu rosto e nunca deixava meu temperamento azedo derrubá-la. Se eu ficasse ranzinza, Everly só precisava sacudir a cabeça para mim e me chamar de caubói, enquanto lançava algum comentário sensacional ao meu respeito. Com isso, sentia-me instantaneamente melhor. Trabalhava duro todos os dias, ajudando Joe e Missy na casa, mas também visitando e cuidando dos cavalos na maioria dos dias. Eu não podia deixar de respeitar sua ética de trabalho. Ela era incrível. Conseguira algo que parecia impossível desde que Marla e Grey tinham ido embora. Ela estava me fazendo feliz, quer eu gostasse ou não.

Everly era como vagalumes e liberdade. Eu não podia resistir a ela.

Eu só não sabia como ela iria conseguir me animar naquele momento. Fera tinha conseguido se soltar, então, passei a maior parte do dia tentando encontrá-lo, o que me deixou muito atrasado no resto das minhas tarefas. Para piorar a situação, Marla ligou. Não sei por que a atendi, mas o fiz. Ela imediatamente começou a chorar, alegando que Austin havia desaparecido e levado todas as suas economias com ele. Não poderia dizer que fiquei

surpreso e queria dizer-lhe que ela havia colhido o que plantou, mas eu não o fiz. Não suportaria que Grey ficasse sem dinheiro por causa do merda do meu irmão, então, transferi um pouco da minha conta para a Marla. Desnecessário dizer que eu não estava de bom humor.

Então, não fiquei nem um pouco surpreso ao encontrar Everly sentada do lado de fora da casa grande, enrolada em um cobertor grande com um prato de frango frito, salada de repolho e os pãezinhos de Missy à sua frente. Estava servindo-se de algo que eu só poderia supor que era chá doce, saído de uma garrafa térmica em um copo de plástico vermelho. Era como se ela soubesse. A mulher podia sentir meu mau humor a um quilômetro de distância.

Mas ela não ia conseguir me animar. Não naquele dia. Eu não queria o piquenique de simpatia dela. Então, apenas passei direto por sua colcha grande e bonita e pelo jantar.

— Não aja como se não tivesse me visto bem aqui, Cole — ela reclamou de seu lugar.

E, mesmo que eu já estivesse sentido o lado esquerdo do meu lábio se contorcer com a necessidade de sorrir, fiz exatamente o que pretendia fazer. Continuei seguindo em frente pela varanda.

— Não tem nada para comer lá dentro, caubói. Missy correu com Joe para a cidade, então eles vão jantar fora, mas ela deixou algumas coisas para mim e para você. — Everly pegou uma coxa de frango e deu uma grande mordida, gemendo de prazer.

Deus, eu amava o frango frito da Missy. Maldita Everly e toda a sua intromissão. Subi os degraus da frente.

— Tudo bem! — resmunguei. — Mas não quero conversar.

Ela empurrou quase um pedaço inteiro em sua boca, mastigou e engoliu.

— Por mim tudo bem. Eu não queria conversar, de qualquer maneira.

Rosnei baixinho, de dentro da minha garganta, enquanto me enfiava debaixo do cobertor. Tinha certeza que dali a dois minutos ela estaria falando no meu ouvido.

Mas eu estava errado. Dez minutos depois, a maior parte da comida tinha desaparecido. Everly continuava deitada de costas, olhando para o céu rosado, enquanto o sol ia desaparecendo. Ela tinha as mãos sobre o estômago, como se estivesse com ele cheio. E estava quieta demais. Acho que nunca a vi tão em silêncio durante o tempo que passamos juntos, e não gostava disso. Fazia com que eu me lembrasse da menina despedaçada no trem. Aquela que

não falava comigo até que eu praticamente implorasse.

Então, deitei-me ao lado dela, colocando minhas mãos atrás da minha cabeça.

— O céu fica bonito a esta hora do dia. — Olhei para ela.

Sua boca se ergueu em um sorriso torto antes de virar a cabeça para olhar para mim.

— Achei que não iríamos conversar esta noite, caubói. — Ela bateu seus lindos cílios para mim e sorriu.

Olhei para o céu e ri. Não podia evitar. Ela era uma sem-vergonha.

— Bem, acontece que eu não gosto de você quieta. E tenho a sensação de que você acabaria esperando por mim.

Ela olhou de volta para mim, chamando minha atenção. Seus olhos ficaram suaves antes de dizer:

— Por você, Cole, eu vou esperar o tempo que for. — Ela virou a cabeça de volta para o céu rosado, respirando fundo.

Ficamos lado a lado, observando o sol se pôr, com seu braço inteiro encostado no meu.

Antes que eu percebesse, o céu escureceu. Podia ouvir os grilos cantando ao fundo. Eu não queria entrar. Não queria ficar sozinho. Não queria pensar em Marla e Grey. Não queria mais ficar puto com Austin.

— Conte-me uma lembrança, Cole — sussurrou Everly sob a noite.

Achei que não tinha ouvido direito.

— O quê? — perguntei, colocando-me de lado para que eu pudesse olhar para Everly, apoiando minha cabeça na palma da minha mão.

— Você me ouviu. — Ela sorriu. — Conte-me uma lembrança — ela disse, enquanto seus olhos pareciam dançar.

Meu sorriso se ampliou tanto que minhas bochechas doeram quando olhei para Everly. Ela se lembrava. Lembrava-se da nossa conversa sobre minha mãe no trem. Eu tinha quase me esquecido, mas ela, não.

Conte-me uma lembrança. A primeira coisa na qual pensei foi o rosto minúsculo de Grey.

Porra.

Eu engoli a emoção presa na minha garganta. Fechei os olhos por causa da dor que sentia em meu estômago.

Deitei novamente de costas. Eu não podia olhar para Everly enquanto lhe contava essa memória. Seria demais.

Colocando minha mão sobre meu coração dolorido, eu disse:

— Foi a primeira vez que o ouvi chorar. Eu estava lá no dia em que ele nasceu.

Everly engasgou ao meu lado, e eu sabia que seus olhos estavam fixos no meu rosto, mas, ainda assim, não conseguia olhar para ela.

— Demorou quase o dia todo para ele nascer. Estávamos todos tão animados. Acho que nunca me senti tão feliz quanto no momento em que ele respirou pela primeira vez. — Parei de falar por conta da emoção. — Assim que ele chorou, a enfermeira entregou-o para mim.

Eu sorri e ignorei a ardência por trás dos meus olhos.

— Fui o primeiro a segurá-lo. Ele chorou só por um momento e então parou e olhou para mim. Tinha uns olhos grandes e sábios, e eu tive a certeza de que ele iria mudar a minha vida para sempre. — Soltei um suspiro estremecido, cheio de emoção.

Era devastador — uma das minhas lembranças mais felizes havia se tornado uma das mais tristes.

Eu queria me levantar de debaixo daquele cobertor e me esconder. Nunca tinha conversado com ninguém sobre Grey daquela forma. Nem mesmo Joe. Doía muito, mas ali, na escuridão, com o braço de Everly encostado ao meu, eu queria falar.

A pequena mão de Everly envolveu a minha por sob o cobertor, nossos braços ainda pressionados juntos.

— Quem é ele, Cole? — perguntou ela.

— Greyson. Era meu filho. Eu o chamo de Grey. O nome é uma homenagem ao meu bisavô — falei tão baixo que quase não ouvi a mim mesmo. Não sabia se Everly tinha me escutado ou não, mas não precisava que me ouvisse. Só precisava falar.

Ela apertou minha mão com mais força dentro da dela, tão pequena.

— O que aconteceu?

Eu soltei uma risada severa.

— Ele não era meu. Acontece que Marla gostava de sair transando por aí. Gostou especialmente de homens com o sobrenome Briggs. Grey não é meu. Ele é do meu irmão, Austin — terminei de contar. Deus, meu peito ficou pesado, como se toda a escuridão da noite estivesse descansando sobre ele.

Everly colocou-se de lado e cobriu o topo da minha mão com a dela. Embalou minha mão grande e áspera na dela, pequena e macia.

— Sinto muito, caubói — Everly disse baixinho, encostando a cabeça no meu ombro. — Se minha opinião vale de alguma coisa, acho que ela é uma

idiota.

Eu sorri. Marla era isso e muito mais.

Ficamos deitados ali, sob a noite quente e úmida, nem sei por quanto tempo, até que Everly saiu de cima do meu ombro, deitando-se de costas novamente, levando nossas mãos com ela e descansando-as sobre estômago.

Ela respirou fundo, como se estivesse se preparando para uma conversa importante.

— Mas me diz uma coisa com toda a seriedade, Cole.

— Sim? — perguntei, estudando-a enquanto ela olhava para as estrelas.

— Quer que eu dê um chute na porra da bunda dela? — Everly perguntou, sem dar um único sorriso. — Porque eu super posso fazer isso — ela brincou, finalmente me olhando nos olhos.

Jogando a cabeça para trás, ri com tanta força, como não fazia há meses, e todo o peso no meu peito desapareceu. Com Eve, era como se eu pudesse respirar pela primeira vez em muito tempo. Era celestial ter alguém para cuidar de mim.

— Você xinga como um maldito marinheiro, sabe disso, não sabe? — eu disse, ainda rindo.

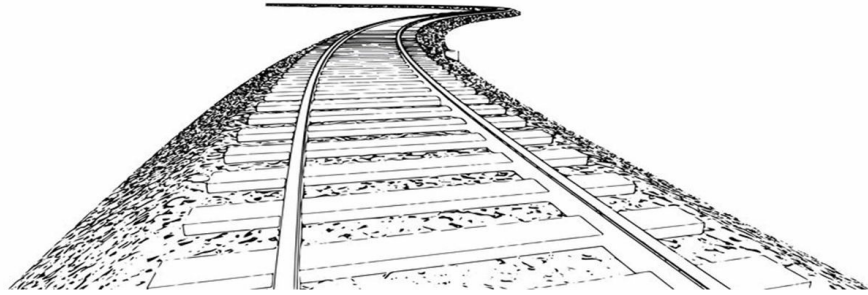
— Hum. — Ela encolheu os ombros, olhando de volta para as estrelas, e sorriu. — Você gosta disso.

Ela não estava errada.



Capítulo Doze

Everly



— *M*omma Lou — eu disse, sorrindo para o telefone.

Eu estava deitada na minha cama gigante com o telefone pré-pago que Momma Lou tinha me dado pressionado junto ao ouvido. Passei o dia todo ajudando Missy a limpar a casa grande e estava exausta. Porém, de uma forma gostosa. O tipo de cansaço que fazia com que eu me sentisse toda feliz e preguiçosa. Aquele tipo de cansaço era meu novo vício. Vivia por ele.

— Já se passaram três semanas, Passarinho — ela retrucou daquela maneira prática que tinha, mas eu poderia dizer que estava feliz em falar comigo.

Mas tinham se passado três semanas. O tempo voou, e eu pretendia ligar mais cedo, mas os dias voaram como minutos naquele lugar. Todos ficávamos ocupados desde o nascer até o pôr do sol e, quando chegava ao meu quarto, à noite, estava tão exausta que apagava quase imediatamente.

Fiz uma careta.

— Eu sei. Sinto muito. Fico tão ocupada aqui que mal tenho tempo para mim mesma. Queria ter ligado...

— Pare. Só me diga como estão as coisas. Está gostando? Eles são bons para você?

Eu sorri abertamente.

— É incrível aqui, Momma Lou. Esta fazenda... É linda. Você adoraria este lugar. Eu me levanto muito cedo quase todas as manhãs a tempo de ver o sol nascer, sentada no balanço da varanda da frente. E Joe, ele é tão incrível. Ele e Cole me mostram coisas novas todos os dias. Eu cuido dos cavalos e, eventualmente, posso montá-los. Eles fazem com que eu me sinta parte da

família. Este lugar... — Fiz uma pausa, engolindo em seco para organizar minhas emoções. — É especial. Eu não sei o que vou fazer quando o verão acabar. — Fiquei quieta. Acabara de me ocorrer que o verão iria chegar ao fim e que eu teria que ir embora.

Eu não queria pensar em deixar Joe, Cody e especialmente Cole — a quem eu poderia dizer que estava ajudando mais e mais a cada dia. Ele parecia feliz. Meu caubói estava voltando para mim. Era um processo lento, mas eu conseguia enxergar. Seus sorrisos durante o jantar. Nossos passeios ao redor da propriedade, sua cabeça jogada para trás quando gargalhava.

Às vezes, raiva, ressentimento ou tristeza nublavam seus olhos, mas eu quase sempre conseguia tirá-los de lá com uma piada ou insolência. Aquele homem me adorava, e eu adorava fazê-lo feliz.

Fiquei chocada ao saber que Marla mentiu para Cole sobre o bebê de Austin. E ouvi-lo falar sobre isso... Bem, partiu meu coração, porque Cole claramente amava aquele bebê. Eu ainda queria ajudá-lo em relação àquilo, mas logo percebi que não havia nada que eu pudesse fazer para que pudesse recuperar um filho que não lhe pertencia. Aquele não era o tipo de situação que alguém poderia compensar. Só o tempo poderia consertar as coisas. Ele teria que se curar da perda antes que pudesse superar a amargura pela traição.

Nossa noite sob as estrelas, com a mão dele na minha, ainda era a minha melhor lembrança, ainda melhor do que o nosso dia no trem ou nosso dia explorando a fazenda com meus braços ao redor de sua cintura. Eu estava criando muitas memórias com Cole.

— Estou tão feliz que você gostando daí, menina. — Ela fungou, e sua voz vacilou, embargada pelas lágrimas, enquanto continuava: — Você merece cada pedacinho de felicidade. Sabe disso, não sabe, Passarinho? Esse lugar. Essas pessoas. Elas têm sorte de ter você. Têm tanta sorte quanto você tem por estar aí.

Sorrindo, segurei o telefone com muita força na mão. Senti a falta dela. Muito. E talvez Joe e Cole fossem gratos por eu estar por perto, mas nada comparado ao quanto eu era grata por tê-los — e por ter aquele lugar. Nada nunca fora tão bom quanto minhas manhãs na varanda da casa grande, observando o nascer do sol, ou os jantares em volta da mesa com Cole, Cody, Missy e Joe. Essas pessoas rapidamente se infiltraram no meu coração.

Joe, com seu grande coração aberto, me fez sentir segura e em casa. Longas conversas com Missy, à noite, aliviaram alguns dos meus medos de estar em um lugar novo, e Cody, com suas palhaçadas hilárias, sempre me

fazia gargalhar, e sua falta de interesse era tão amável.

Até mesmo Bela conseguira, de alguma forma, roubar um pouco do meu coração. Quando a vi pela primeira vez, ela me parecera tão grande — tão intimidadora. Mas, agora, eu literalmente a fazia comer em minhas mãos, e realmente passei a amá-la nas últimas semanas. Todos os dias, eu saía para o celeiro, dava comida para ela e lhe fazia carinho. Assim como Cole me disse para fazer. Às vezes, éramos só eu, Bela e Fera, mas na maioria dos dias, Leo estava lá fora, colocando feno e limpando as baias. Ele geralmente falava comigo enquanto eu acariciava Bela. Eu gostava de Leo, e ele parecia ter mais ou menos a minha idade, mas eu começava a perceber que ele poderia estar interessado em algo mais do que amizade. E, mesmo sabendo que Cole não gostava de mim desta forma, eu não podia evitar o fato de que só tinha olhos para ele.

— Então, me diga o que está acontecendo aí. Alguma novidade? — perguntei, mudando rapidamente de assunto. Não queria mais compartilhar aquelas coisas com Momma Lou. Aquelas pessoas. Aquele lugar. Eu os queria como sendo só meus, especialmente se fosse mesmo tê-los só por um verão.

Ela continuou falando sobre o abrigo e as crianças em casa, deixando-me saber quem tinha ido embora e quem tinha chegado, enquanto eu estava fora nas últimas três semanas.

Depois de um sincero "eu te amo", desliguei e deitei na minha cama, desejando que alguém viesse me despir, porque eu mal conseguia me mexer.

Eu ainda estava deitada lá, pensando que poderia ter que dormir vestida, quando ouvi uma pequena batida na minha porta. Eu sorri, esperando que Cody estivesse trazendo sorvete para mim ou um filme.

— É melhor que haja sorvete ou um guindaste atrás da porta! — eu gritei do mesmo lugar sobre a na cama. Não queria sequer me dar ao trabalho de levantar a cabeça.

— Um guindaste? — Cole sorriu, colocando a cabeça na fresta entre a porta e o batente.

Eu corei.

— Desculpa. Pensei que fosse Cody.

— Isso ainda não responde à minha pergunta — disse ele, entrando no quarto. — Um guindaste?

Eu ri, levantando a cabeça um pouco para olhar para ele.

— Sorvete e um guindaste são as únicas duas coisas que vão me tirar

desta cama agora. Estou exausta.

— Ahh. Missy te colocou para limpar a casa o dia todo? — Ele se sentou aos pés da minha cama.

— Sim. Ela é como um maldito sargento, aquela mulher.

Nós dois rimos.

Ele se aproximou de mim na cama, surpreendendo-me. Posicionando-se atrás de mim, ele me agarrou por sob meus braços e me puxou para cima até que eu estivesse encostada em seu peito e sentada confortavelmente entre suas pernas. Suas mãos deslizaram pelos meus ombros e começaram a esfregá-los com força.

— Oh, Deus — gemi. Meu corpo se derreteu contra o dele. Desde que cheguei àquela fazenda, eu vivia dolorida em todas as partes do corpo. Mas não me importava com isso. Amava o trabalho duro e o fato de sempre haver algo para fazer.

Cole e eu tínhamos nos tornado amigos facilmente, mas, ainda assim, seus toques me deixaram balançada. Engoli um gemido quando seus dedos deslizaram pela minha espinha. Meus mamilos se agitaram debaixo do meu sutiã, e eu lutei contra o desejo de me virar para ele, para poder passar minhas mãos pelo seu peito, em direção ao abdômen que eu conhecia, escondido debaixo de sua camisa.

Cole gesticulou com a mão para o telefone que estava agora no meu colo e voltou a esfregar minhas costas e meus ombros.

— Interrompi alguma coisa? — ele perguntou.

— Você nunca, *nunca*, irá me interromper se surgir para me fazer uma massagem — eu disse em voz alta, e Cole riu. — E não, eu estava conversando com Momma Lou.

— Momma Lou? — ele perguntou, e me ocorreu que, mesmo depois de termos passado tantos dias juntos naquela fazenda, eu nunca lhe contei sobre ela.

— Sim. Foi ela que conseguiu esse trabalho para mim. Disse que Joe era um velho amigo e que precisava de ajuda — respondi.

Cole franziu o cenho, e seus lábios formaram uma linha reta.

— Algo errado? — perguntei, virando-me para dar uma boa olhada em seu rosto.

Seu rosto pareceu mais aliviado.

— Nah. — Ele me mostrou seus dentes brancos em um sorriso e voltou a massagear minhas costas. — Como você conheceu Momma Lou?

Eu fiz uma careta, pensando naquela noite. Quão desesperada eu estava. Quão perto de desistir. Perto do limite.

— Ela trabalhava em um dos abrigos, cozinhando. Encontrou-me do lado de fora uma noite no frio e me levou para dentro. Fiquei com ela os últimos três anos. Ela me salvou. Salva muitas crianças — terminei e fiquei em silêncio.

Ainda não conseguia acreditar que Momma Lou surgira na minha vida. Isso me tornava uma sortuda. Podia ter demorado um pouco para ela me encontrar, mas acontecera, e eu me sentia uma garota de sorte por isso.

— Ela parece incrível — disse Cole calmamente atrás de mim.

Eu me virei para ele novamente.

— Ela é mais do que incrível. É minha melhor amiga no mundo inteiro. Aquela mulher significa tudo para mim.

— Oh, você me feriu, menina! — Cody disse em voz alta, de pé na porta do meu quarto, com um pote de sorvete em uma das mãos e colocando a outra dramaticamente sobre o peito.

Sua fivela brilhante me chamou a atenção. Daquela vez, lia-se Galo nela e tinha uma foto de um galo brilhante bem no meio. Ele reparou que eu estava olhando para ela e deu uma piscadinha.

— Acho que eu e meu sorvete teremos que encontrar um novo melhor amigo — disse ele, fingindo uma expressão triste.

Todos os ossos do meu corpo protestaram, mas eu me afastei de Cole e apontei um dedo para Cody.

— Nem pense em sair deste quarto levando esse sorvete. Coisas ruins vão acontecer, senhor.

Cole riu atrás de mim.

— Parece que ela está falando sério, cara.

O rosto de Cody se iluminou como se ele não tivesse visto Cole atrás de mim. Revirei meus olhos.

— Oh, eu não vi você aí, Cole. Acho que vamos ficar, então — disse Cody, pulando na cama conosco.

Eu sorri.

Ele tirou duas colheres do bolso e abriu a caixa de sorvete.

— Eu só tenho duas colheres. — Ele franziu os lábios para Cole. — Parece que Cole e eu vamos ter que compartilhar. — Ele balançou as sobrancelhas para mim.

Eu ri.

Cole se levantou, colocando os pés para fora da cama.

— Eu acho que é hora de eu sair — disse ele, rindo.

Dando uma bela olhada em Cole, Cody lambeu os lábios e mordeu o inferior, antes de dizer:

— Não, pode ficar. Tem muito sorvete, e Everly e eu adoramos compartilhar coisas.

Um suspiro de pânico borbulhou dentro de mim, e eu acabei engasgando com minha própria saliva. Cole foi um cavalheiro, dando um tapinha e esfregando minhas costas até que eu parei de tossir, mas seus olhos continuaram fixos na porta do meu quarto, como se estivesse ansioso para sair dali.

— Estou bem. Você pode ir. — Eu acenei para ele. Muito embaraçoso.

Cole assentiu.

— OK. Bem, na verdade eu vim para dizer que vou te levar para colher pêssegos de manhã e que será um dia bem cheio. Então, não fiquem acordados até tarde. Ok?

— Claro — eu falei, ainda meio engasgada.

Cole saiu do quarto, rapidamente fechando a porta atrás de si, como se houvesse um monte de caubóis gays atrás dele, e ele estava quase certo...

Joguei um travesseiro em Cody.

— O que há de errado com você?!



Como poderia estar tão quente às sete da manhã? Eu não fazia ideia da resposta. Mesmo usando um top fino, um short curto e minhas botas, sentia que começava a derreter. Eu estava no topo de uma escada que Cole colocara contra uma árvore para que pudéssemos alcançar os pêssegos no topo. Usei o elástico que levava no pulso e amarrei meu cabelo em um nó no topo da minha cabeça, esperando que isso ajudasse.

Cole subiu atrás de mim na escada e ficou um par de degraus abaixo, mas, ainda assim, ele conseguia ficar mais alto do que eu.

— Tudo bem? — ele perguntou.

— Sim — eu respondi, apesar de não ser verdade. Ele estava tão perto, e aquele familiar cheiro que eu amava quase tanto quanto uma estrada rochosa invadiu meus sentidos.

— Bom. — Ele olhou para os pêsegos. — Então... está vendo aqueles mais rosados? — Apontou para um grupo de frutas na nossa frente.

Balancei a cabeça, tentando não respirar muito. Porque, Jesus, ele tinha um cheiro delicioso.

— Aqueles parecem maduros e prontos. Os mais pálidos por trás deles não estão bons ainda.

Balancei a cabeça novamente, e Cole segurou minha mão. Pressionou meus dedos, envolvendo minhas duas mãos em torno de um pêsego. Colocou as pontas dos meus dedos no topo da fruta, perto do caule.

— Sinta a textura, como é macia.

Apertei meus dedos ao redor do caule novamente sem a ajuda dele e disse:

— Sim. Parece mais macio aqui.

Ele sorriu para mim.

— Bom. Isso também é um sinal de que está pronto para ser colhido. Mas seja gentil. Eles se machucam facilmente.

O corpo de Cole foi pressionado ainda mais contra as minhas costas, e eu estremeci. O jeito como Cole me ensinava a fazer as coisas era pura tortura. Também era puro êxtase. Eu vivia por esses momentos tanto quanto eu os odiava. Porque o homem era uma maldita tentação. Eu voltava para a casa grande bagunçada, suada e ofegante mais vezes do que podia contar, e, além disso, com minha calcinha encharcada.

Ele gentilmente apertou nossas mãos ao redor do pêsego e o torceu, puxando-o. O pêsego se soltou, minha pequena mão o agarrou e a grande e áspera de Cole envolveu a minha. Ele aproximou a fruta do meu rosto e a levou até o meu nariz.

— O que acha do cheiro? — ele perguntou próximo ao meu ouvido.

O que eu queria dizer: “Eu não sei. Não consigo sentir nenhum outro cheiro além do seu, de fumaça e couro, nem quero sentir”.

Em vez disso, fechei meus olhos. Pressionei meu nariz contra o pêsego e concentrei-me no aroma.

— Doce — eu disse, com meus olhos ainda fechados.

Nossas mãos se moveram, e eu senti o pêsego em meus lábios. Meu coração martelou, e um fogo correu pela minha pele; algo que não tinha absolutamente nada a ver com o clima.

Cole se posicionou ainda mais perto, e parecia, naquele momento, que cada respiração que dava sugava cada pedaço de ar na atmosfera.

Minha própria respiração acelerou, e um grunhido retumbou no fundo do peito de Cole.

— Prove — ele sussurrou em meu ouvido, com seus lábios tão próximos aos meus que eu tinha certeza de que ele poderia provar a mim também.

Abri minha boca e envolvi meus lábios ao redor da fruta, sentindo a pele macia fazer cócegas em meus lábios. Dei uma mordida, e aquele barulho que ouvi, vindo do peito de Cole, surgiu novamente. Gemi quando cravei meus dentes na fruta e quando a succulenta doçura do pêssego deslizou por sobre a minha língua.

— Tão bom — gemi quando Cole puxou nossas mãos e o pêssego de volta. Um pouco de suco rolou pelo meu queixo e tentei levantar minha mão livre para limpá-lo.

— Eu percebi — disse Cole, passando a mão pelo meu queixo, lentamente pegando o suco com o dedo e sedutoramente levando-o à boca antes de chupá-lo como se fosse a melhor coisa que já havia colocado na boca. — Delicioso — ele complementou, com os olhos fixos nos meus enquanto tirava o dedo da boca.

E, puta que pariu! Cambaleei na escada, sentindo meus próprios olhos se fecharem enquanto eu desejava que meu caubói me beijasse a cada respiração que eu dava. Precisava começar a me acostumar a fazer isso uma única vez por dia, e só assim eu ficaria bem.

Ele levou nossas mãos, que ainda seguravam o pêssego, à boca. Envolveu-a em torno da fruta, deixando seus lábios roçarem meus dedos, e eu senti o toque bem no centro do meu corpo. Uni minhas coxas pressionadas e engoli um gemido.

— Perfeito — disse ele, olhando nos meus olhos. Cole segurou meu olhar por um momento a mais, antes de balançar a cabeça e soltar minha mão, que ainda estava ao redor do pêssego. Então, ele desceu da escada, como se não tivesse acabado de fazer amor com aquele pêssego com a boca, bem docemente, aqui na minha frente.

Observei-o caminhar para outra árvore, colocar uma escada contra ela e subir como se nada no mundo tivesse acontecido. Dei um chute no degrau da escada e me virei para a árvore. Maldito molestador de pêssegos!

Tentei focar no fato de que Cole precisava de um amigo, não de uma transa. Além disso, eu tinha certeza, se ele quisesse levar as coisas comigo adiante, já teria feito isso. Não me parecia o tipo de homem que se segurava.

Olhei para os pêssegos rosados ao meu redor e soltei um suspiro. Eu iria

colher todos os pêssegos daquele pomar, até que minhas entranhas não doessem mais — até que eu esquecesse os lábios de Cole pressionados no meu ouvido e sua boca chupando aquele dedo. Até que minha calcinha secasse. Comecei a sentir os pêssegos com os dedos antes de arrancá-los da árvore e cheirá-los. Fui cuidadosa com eles do jeito que Cole havia me ensinado e os coloquei em um grande balde na parte de trás do quadriciclo.

Peguei uma garrafa de água do chão e tomei um gole rapidamente, pensando que não havia conteúdo suficiente nela e que queria que Cole pudesse bebê-la também. Ele tinha o triplo do meu tamanho e trabalhava duas vezes mais duro. Além disso, eu já tinha passado bem mais do que um dia sem água.

Nas horas seguintes, fiquei ocupada colhendo pêssegos. Parecia que todos encontravam-se nos pomares naquele momento. Cody e Leo estavam ocupados com a colheita também, e eu tinha certeza de ter visto uma trilha de poeira por onde Joe havia acelerado mais cedo.

Leo veio depois de um tempo para conversar, mas Cole o perseguiu com um rosnado baixo e um olhar repreendedor, mandando-o de volta ao trabalho. Cody fez alguns gestos lascivos com os dedos e a língua para mim, do alto de uma árvore próxima, e eu ri. Ocasionalmente checava os arredores, procurando por Cole, e quando o encontrava por entre as árvores, ele estava quase sempre lá — observando-me. Isso me fazia sorrir, e ele sempre sorria de volta.

Ficamos lá fora pela maior parte do dia, e eu estava colocando o último balde de pêssegos na parte de trás do jipe quando me senti um pouco tonta. Pontos brancos nublaram minha visão, e eu fechei meus olhos algumas vezes na esperança de afastá-los. Segurei-me na porta do quadriciclo para me manter firme, porque senti que ia cair a qualquer momento.

— Cole — tentei falar, mas só saiu um sussurro estrangulado. Tentei novamente, mas não consegui mais me controlar. E, então, escuridão.

— Vamos lá, querida. Abra os olhos. — Ouvi de algum lugar acima de mim. — Abra os olhos, Eve. Vamos. Acorde.

Eu não sabia quem era Eve, mas queria que ela acordasse para que eu pudesse voltar a dormir.

— Abra os olhos, Eve — implorou Cole, com seus lábios pressionados no meu ouvido.

Seus pedidos angustiados me despertaram do sono. Meus olhos se abriram, mas eu os fechei de volta. O sol brilhando sobre eles deixou minha

cabeça prestes a explodir. Gemi e tentei me sentar, percebendo que estava deitada no pomar. Jesus! Eu devia ter desmaiado.

— Fique quieta, querida. Estou aqui com você.

Cole sempre esteve comigo.

Abri meus olhos novamente e encontrei o rosto de Cole bem acima do meu, bloqueando os raios dourados do sol.

— Meu caubói — sussurrei, erguendo a mão para acariciar a barba em seu queixo. E eu soube naquele momento. Deus, eu soube. Com minhas costas apoiadas no chão duro. O rosto rudemente bonito de Cole sobre o meu. O sol brilhando atrás de sua cabeça como um halo quente e delicado. Seus olhos castanhos cheios de amor e preocupação por mim.

Cole Briggs roubara um pedaço do meu coração quando eu tinha dezesseis anos de idade, e ao longo das últimas semanas, de alguma forma, ele conseguira roubar o resto. Porque, mesmo em seus piores momentos, Cole era o melhor. Eu não poderia proteger meu coração nem mesmo se quisesse.

Imaginei-o carregando meu coração em suas mãos grandes e rudes do mesmo jeito que eu carregava a foto de sua mãe no bolso de trás do meu jeans: com o máximo de cuidado. Lidaria com ele da mesma forma que colhia os pêssegos daquelas lindas árvores — com ternura.

Uma lágrima solitária deslizou pela minha bochecha. E eu me senti preenchida pelo melhor sentimento de todos.

As pessoas começaram a se aglomerar, e eu vi os rostos de Cody e Leo.

— Afastem-se — Cole ordenou. Ele me ajeitou em seus braços e me levantou do chão. Beijou o topo da minha cabeça. — Porra, você está queimando. Está muito calor aqui para você. — Beijou o topo da minha cabeça novamente. — Bebeu água suficiente? — ele perguntou, e um lampejo de preocupação brilhava naqueles grandes olhos castanhos.

Eu balancei a cabeça.

— Bebi um pouco antes, mas não trouxe nada e não quis beber toda a sua. Você precisa mais. É maior que eu. — Minha garganta parecia tão arranhada e vulnerável quanto o meu coração.

Ele parecia furioso. Colocou-me em seu colo, dentro do quadriciclo, empurrando sua garrafa na minha boca.

— Beba. Agora — ele ordenou, enquanto nos levava de volta para a casa, sem dizer uma palavra. Sua expressão parecia assassina, e se eu não pensasse que era sexy demais, se meu coração não estivesse tão preenchido, eu poderia

sentir-me apavorada.

Engoli a água fria, sentindo o gelo alcançar meu estômago, e suspirei.

Eu o ouvi. Ouvi quando me chamou de Eve. Sorri por causa do apelido, feliz por ser chamada de algo diferente de Everly. Outra lágrima deslizou pela minha bochecha.

Ele estacionou em frente à casa grande e rapidamente me carregou para dentro. Sentou-me no sofá. Deitada em seu colo, apoiei a cabeça em seu peito e fechei os olhos, sentindo o ar frio do ar-condicionado que mais parecia uma dádiva de Deus.

Ele olhou para o meu rosto sorridente e zombou.

— Cristo todo-poderoso! Por que diabos você está sorrindo agora? — perguntou ele, irado.

Abri minha boca para responder.

— Deixa pra lá. O que, em nome de Deus, você estava pensando? Precisa sempre levar água lá para fora. Estamos na porra do verão. — Cole me segurou com mais força, esfregando sua mandíbula na minha cabeça. — Foi estúpido. Sua garota idiota, estúpida e descuidada. Eu poderia ter voltado aqui para pegar mais água. — Ele beijou o topo da minha cabeça mais um milhão de vezes e me segurou com tanta força que eu mal conseguia respirar. — Você me assustou — sussurrou, mas eu mal o ouvi. — Prometa-me que nunca mais vai fazer isso — murmurou em um apelo, com sua boca contra o topo da minha cabeça. Senti sua respiração quente em meu cabelo, seu cheiro ao meu redor. — Prometa-me, Eve.

Eu queria ficar brava por ele ter me chamado de idiota, mas não consegui. Seu abraço firme, sua preocupação e a forma como sussurrou, me chamando de Eve, não permitiram.

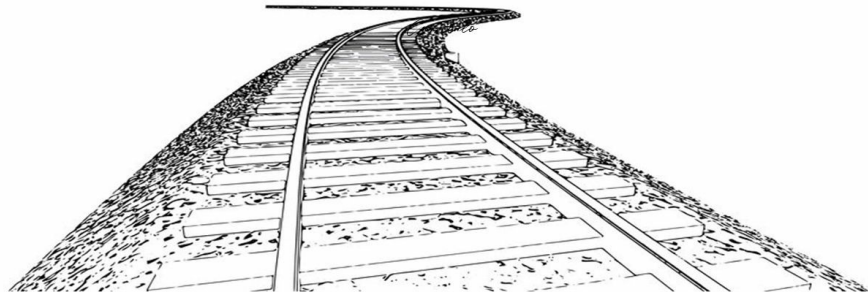
Eu sorri novamente.

— Eu prometo.



Capítulo Treze

Cole



Eu estava sentado no sofá, com uma Eve adormecida no meu colo. Passei a mão calejada pelas madeixas sedosas de seu cabelo castanho, agradecido por ela estar dormindo para que eu pudesse apreciar sua visão sem ser observado.

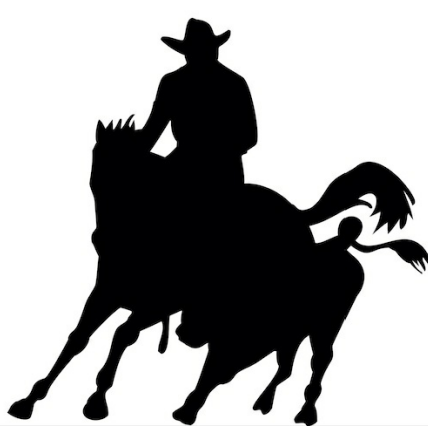
Agarrando-a a mim, não pude deixar de pressionar meus lábios no topo de sua cabeça novamente. Queria espancá-la tanto quanto queria beijá-la. Olhei para o rosto adormecido e tentei imaginar aquela mulher altruísta como sendo minha Pêssego do trem, uma ladra. Como era possível? Mas era verdade, e ela sacrificou sua própria integridade por mim. Vi o momento em que desmaiou, e não sei como consegui chegar a ela tão rápido. Em um único instante, eu estava no topo da escada e no segundo seguinte me vi embalando-a em meus braços. Orei. Rezei para que nada estivesse errado com ela, porque naquele momento eu soube.

Sim, eu queria tê-la beijado no topo da árvore, quando me coloquei pressionado às suas costas. Era bonita; não havia dúvida. E minha atração por ela era um sentimento constante, mas quando me afastei, não esperava me sentir do jeito como estava me sentindo. Como se não pudesse viver sem ela. Como se não pudesse acordar nesta fazenda, sabendo que ela não estava aqui. Como se eu não pudesse suportar se algo lhe acontecesse. Era doloroso, mas, então, ela me contou sobre a água, e eu fiquei com raiva dela.

De alguma forma, sentir raiva era bom. Porque, pela primeira vez, eu não estava com raiva por causa de Marla e Grey como de costume. Era bom me preocupar com algo diferente de mim e dos meus problemas. A percepção me atingiu como um tijolo no estômago. Eu não queria apenas fazer amor com

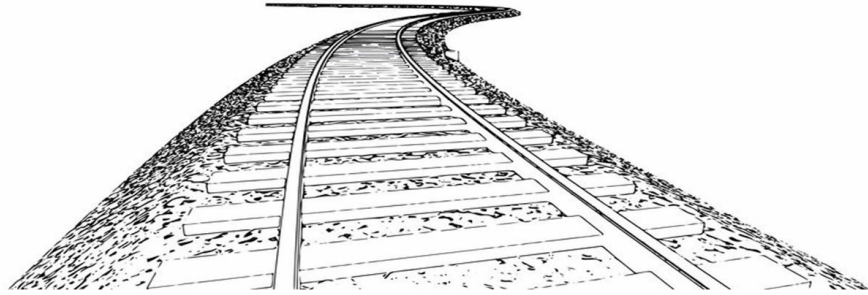
Everly. Não. Eu a queria por inteiro. Queria que fosse minha. Queria sua gentileza, sua abnegação. Queria todos os seus olhares doces e ternos. Queria sua língua afiada. E aquele sentimento me assustava para caralho. Nunca me senti daquele jeito a respeito de ninguém.

Comecei a deslizar minha mão para cima e para baixo em suas costas, pensando no quanto estava contente por tê-la em meu colo. Imaginando como seria bom se pudesse mantê-la ali para sempre comigo. Passava por minha cabeça a ideia de como seria ter uma mulher como ela para sempre. O tipo de mulher que faria qualquer coisa por você. O tipo de mulher que Eve era.



Capítulo Quatorze

Everly



Eu costumava cantar no chuveiro. Mas não era boa nisso, então, na verdade, não era bem um cantar, mas um uivar como um fantasma. Então, imagine minha surpresa — e embaraço — quando Missy bateu na porta, desesperada como se estivesse fugindo da polícia.

— Everly, minha tia levou um tombo, e eu preciso correr até a casa dela para ver como ela está. Vou precisar que você e Cole coloquem Joe na cama, mas devo voltar à noite, se tudo estiver bem. — Sua voz soou abafada pela porta, mas eu ouvi cada palavra que ela disse, o que provavelmente significava que ela tinha ouvido minha terrível interpretação de uma música de Carrie Underwood sobre traição.

— Entendi! — gritei de volta, enxaguando o sabão do meu corpo. Pulei para fora do chuveiro e coloquei uma roupa o mais rápido possível. Nem sequer passei uma escova pelo meu cabelo molhado. Estava exausta do dia de trabalho, mas se Joe precisasse de mim, eu queria ser útil. No momento em que desci para o seu quarto, Cole estava se movendo pelo quarto como obviamente já tinha feito antes.

Nunca havia entrado naquele cômodo antes. O quarto de Joe ficava no térreo da casa grande, e eu provavelmente nunca o veria no andar de cima. Não parecia haver uma maneira de ele chegar lá, se quisesse.

Observei o espaço, absorvendo os tons de azul espalhados por todo o ambiente. Era enorme e aberto, com brilhantes pisos de madeira escura. Uma cama grande ocupava o meio do quarto, e, além disso, não havia muita mobília além de uma cômoda antiga encostada na parede, do outro lado. Acho que ficava mais fácil para Joe se locomover em sua cadeira de rodas.

Ao pé da cama, havia uma porta para um enorme banheiro. Era robusto e másculo de um jeito sutil. Cheirava à colônia que Joe sempre usava e estava impecavelmente limpo. Tudo era simples. Como Joe.

Cole já estava ajudando Joe a ir para a cama quando me aproximei para ficar atrás dele. Levantou o assento da cadeira de rodas elétrica até que ficasse nivelado com a cama. Então, abaixou-se até colocar-se na altura de Joe. Inclinando-se para frente, puxou-o para si, colocando a cabeça de Joe em seu ombro. Passou os braços por baixo de seu corpo e foi puxando-o pouco a pouco até que Joe se empoleirou na borda do assento. Todo o processo foi tão dolorosamente lento, e Joe parecia tão desamparado naquele momento, tão frágil. Meu coração se partiu por ele.

Cole inclinou-se ainda mais para frente em direção a Joe e, com um grande suspiro, transferiu-o da cadeira e colocou-o na cama, com os pés no chão. Deixei escapar uma lufada de ar, feliz por finalmente ter terminado. Joe olhou para mim e sorriu, lançando-me uma piscadela. Ele estava tentando me fazer sentir melhor, mas até aquele momento eu não tinha percebido o quão desamparado aquele homem era. E a enormidade da situação me pegou desprevenida, inconsciente. Fiquei tonta com isso. Deus, todas as coisas que Missy deveria fazer por ele que nós não víamos! A personalidade de Joe era tão forte que nunca me ocorrera o pouco que ele podia fazer por si mesmo. Meu coração se encolheu.

Cole empilhou os travesseiros e ligou a TV de Joe antes de puxá-lo para cima da cama, deitando-o e colocando seus pés sobre o colchão. Ele o cobriu até a cintura e pousou suas mãos sobre o estômago. E então me ocorreu. Cole era bom naquilo. Ele obviamente fizera aquele ritual muitas vezes, e, novamente, senti meu coração se apertar. Meu doce Cole provavelmente tinha aprendido a fazer aquilo há muito tempo.

— Tudo bem, Joe. Acho que já terminamos aqui, e Missy disse que ela voltaria mais tarde para poder checar você — disse Cole.

— Obrigado, Cole. Tenha uma boa noite de sono, sim? — Joe disse.

Cole assentiu antes de sair do quarto.

Eu estava prestes a dizer a Joe boa noite e sair também quando ele me chamou:

— Everly, você poderia ficar mais um pouco até que eu durma?

— Claro. — Sorri para ele da cabeceira. Gostava de verdade de passar tempo com Joe. Ele era engraçado e inteligente, e sempre tínhamos as melhores conversas.

Ele usou os olhos para apontar para o controle remoto ao seu lado, na mesa de cabeceira.

— Ótimo. Desligue a TV e fique à vontade.

Peguei o controle remoto, desliguei a TV e contornei a cama. Sentei-me, apoiando-me nos travesseiros do outro lado da king size.

Joe virou a cabeça até que se colocar de frente para mim.

— Você está gostando daqui, Everly? — perguntou tão genuinamente que meu coração se apertou. Queria ter certeza de que eu estava bem. Ele se importava.

Estar lá era como ter o coração preenchido. Era como se todo mundo por lá estivesse sempre checando se eu estava bem.

Eu só pude responder com a verdade absoluta:

— Eu não só gosto daqui, Joe. Eu amo. Este lugar é mágico.

Ele sorriu.

— Sim, sempre pensei a mesma coisa. Mesmo quando não era tanto assim. Comprei este lugar há mais de vinte anos. Era velho e decadente. Deus. — Ele suspirou. — Precisava de muito trabalho, mas eu não me importava, porque sabia que seria bom um dia. Eu realmente não tinha dinheiro para comprar esta fazenda, mas comprei de qualquer jeito, porque a adorei desde o primeiro momento em que a vi. Amor à primeira vista. — Riu baixinho.

Ele ficou quieto, mas eu queria saber mais.

— Joe? — perguntei. — Como foi que você ficou assim? — Balancei a cabeça, apontando em direção ao seu corpo.

— Assim como? — perguntou, sabendo muito bem do que eu estava falando. — Assim forte? Bonito e encantador? — Ele riu.

Abri um sorriso, mas foi triste. Mas eu tentei. Por nós dois.

— Tudo bem, Everly. Estou assim há muito tempo. Tive muita dificuldade em aceitar isso no começo, mas fiz as pazes com a situação. Tudo acontece por um motivo, até mesmo as coisas terríveis, sabe?

Eu não sabia. Não entendi como um bebê podia ter sido deixado na rua em frente a uma estação de trem. Não conseguia entender como uma mulher que tinha um homem tão bom quanto Cole tivera coragem de traí-lo. E não havia maneira alguma de eu entender por que Joe, uma pessoa tão incrível quanto o sol, estava preso naquela cadeira de rodas. A vida era muito injusta, e não havia nenhuma rima ou razão para isso.

Joe estudou meu rosto como se soubesse o que eu estava pensando.

— Se eu não tivesse sido assim, eu nunca teria pegado Cole e sua família depois do incêndio que queimou a casa deles. Eu precisava da ajuda, e eles precisavam de um lugar para ficar. Há muitas pessoas na minha vida agora que eu não teria conhecido se não fosse por esse acidente, e eu não trocaria nenhuma delas por um par de pernas que funcionasse.

Eu balancei a cabeça, demonstrando compreensão. Não teria trocado minha Momma Lou por um par de pernas que funcionasse também. Ainda assim, isso não mudou o fato de que era uma droga.

— O que aconteceu? — perguntei, posicionando-me de lado e colocando a minha mão sobre a dele.

Ele não conseguia me sentir, mas eu o sentia.

Ele suspirou, claramente resignado a contar a história.

— Não foi muito tempo depois que comprei esta fazenda. Eu era jovem, estúpido e não estava preparado para a vida de um fazendeiro. Era recém-casado. Anna era seu nome. Ela ficava nervosa em um dia bom e absolutamente maníaca em outros. Tinha muitos problemas mentais, mas naquela época as pessoas não eram diagnosticadas com essas coisas como acontece agora. Pensando melhor, percebo que ela provavelmente era bipolar. Mas isso não importava, porque, assim como a fazenda, foi amor à primeira vista. — Ele suspirou e sorriu com ansiedade.

Eu vi o amor por ela passar por seu rosto em uma onda de emoção.

— Nós morávamos aqui há apenas alguns meses e a fazenda não estava dando dinheiro, então, estávamos lutando, como a maioria dos casais jovens faz. Eu era um merda arrogante naquela época, pensando que poderia fazer tudo sozinho. Conhecia pêssegos. Meu pai cultivou-os durante toda a minha vida, mas não sabia sobre cavalos. Para resumir: eu estava montando um e não deveria estar. Caí e quebrei o pescoço. E aqui estamos nós — ele terminou.

Apertei sua mão.

— E quanto a Anna? Onde ela está?

A saudade em seu rosto enviou uma pontada ao meu coração.

— Ela não pôde lidar com isso. — Lágrimas brilhavam em seus olhos. — Não foi culpa dela. Mal conseguia lidar com sua própria vida, e eu sabia disso. Uma fazenda falida e um marido que não podia fazer nada por si mesmo eram demais para ela. Ela se foi.

Deus, meu coração se partiu em um milhão de pedaços. Claramente, ele amara aquela mulher e ainda amava. Era a história de amor mais trágica que

eu já ouvi.

— Eu sinto muito, Joe. — Minhas palavras não pareciam ser suficientes, então, eu me inclinei, envolvi meu braço livre em torno dele e encostei minha cabeça em seu peito, abraçando-o o melhor que pude.

— Oh, Everly. Não fique triste por mim. Como eu disse, eu fiz as pazes com isso e, além do mais, tenho uma família aqui. Muitas pessoas para amar. — Ele olhou para mim, sorrindo, seus olhos lacrimosos. — E agora eu também tenho você.

Maldito fosse ele. Meu coração se partiu ainda mais. Uma lágrima deslizou pela minha bochecha. Malditos caubóis e suas bondades inatas. Aquele lugar estava me mudando, e eu não sabia o que pensar sobre isso. Nunca chorei. Nem mesmo quando morava nas ruas e sentia tanta fome que chegava a me dobrar de dor. Nem mesmo quando eu deixei minha amada Momma Lou. Eu era um pilar de força emocional.

Estar ali, com aquelas pessoas, naquele lugar lindo e surreal, obrigava-me a me abrir completamente, e doía tanto quanto fazia com que eu me sentisse bem.

Esse sentimento me fez sentir como se eu pudesse voar, mas também me fez sentir fraca. Desamparada de verdade.

Estremeci contra seu peito. Ele tinha acabado de confessar muito de sua história para mim, mas eu não tinha lhe contado toda a verdade. Eu sabia o que tinha que fazer. Então, inclinei-me e olhei para Joe.

— Ei, o que houve, querida? — ele perguntou, estudando meu rosto.

Antes mesmo de as palavras saírem completamente de sua boca, eu disse:

— Eu conhecia o Cole.

Confusão coloriu seus traços.

— O que...

— Quero dizer, eu o conheço agora, mas também o conheço. De antes. Quando eu tinha dezesseis anos, eu o conheci. Só por um dia. — Mordi meus lábios trêmulos.

Um sorriso confuso cobriu o rosto de Joe. Seu olhar me implorou para explicar.

— Eu era uma sem teto. — Engoli em seco. Não queria contar a Joe sobre essa parte da minha vida. Eu queria ser a mulher que ele considerava como sendo da sua família. A mulher que se deitou ao lado dele e segurou sua mão enquanto ele falava sobre sua Anna.

Eu não queria manchar aquela mulher com a imagem da garota do trem.

A garota que roubava.

A garota que não tinha nada nem ninguém.

Lutei contra a vontade de me levantar, sair do quarto e nunca mais mencionar aquela garota.

— Eu dormia na estação de trem às vezes, nas ruas do lado de fora, ou, em algumas noites, se tivesse sorte, em um abrigo nas proximidades. — Fiz uma pausa, estudando o rosto de Joe.

Suas narinas se alargaram. Seus lábios se achataram em uma linha firme. Ele parecia irritado e chateado, mas disse:

— Vá em frente.

Eu me perguntei se ele me pediria para sair da fazenda, com medo de que eu lhe roubasse, mas, ainda assim, continuei. Já tinha falado demais para parar ali.

— Roubei pessoas no trem. Eram presas fáceis, sendo turistas, e eu nunca teria que vê-los novamente. — Ri com sarcasmo, e a ironia da situação me impressionou. — De qualquer forma, a maioria das pessoas não me via. Eu era boa em me esconder. Mas Cole? Ele me viu naquele dia. Meu palpite é que ele estava voltando para cá. O trem seguia este caminho. Ele me ofereceu um assento. Me deu comida, e eu estava com tanta fome. Ele falou e falou, e eu o escutei.

Joe sorriu tristemente.

— Parece mesmo típico do meu Cole. — Sua voz estava tão cheia de orgulho, e pela segunda vez naquela noite eu chorei, só que veio como uma inundação daquela vez; grandes soluços que eu não conseguia impedir.

— Shhh, querida. Não chore. Venha aqui — ele insistiu.

Encostei minha cabeça de volta em seu peito e envolvi meus braços ao redor de seu torso novamente, tão grata por ele não estar pensando em me expulsar, mas eu deveria ter imaginado. Joe era bondoso até os ossos.

Chorei contra sua camisa.

— Você não entende — sufoquei entre soluços. — Depois de tudo o que ele fez por mim naquele dia, eu ainda o roubei — choraminguei.

Joe pressionou a cabeça no topo da minha, oferecendo-me conforto, e isso só estimulou outro surto de soluços.

— Eu precisava — defendi-me através das minhas lágrimas. E era verdade. Sem esse dinheiro, eu não teria conseguido comer. Sem aquela foto, eu não teria sobrevivido até que Momma Lou me encontrasse.

— Shhh — Joe me acalmou, e eu não soube por quanto tempo fiquei

chorando em seu peito, mas pareceu-me uma eternidade.

Quando eu finalmente me acalmei, fiquei terrivelmente envergonhada por ter lançado uma onda tão torrencial de emoções em um homem que eu conhecia há um mês. Deus! O que diabos estava acontecendo comigo? Everly Woods tinha acabado de chorar, e eu não gostava nem um pouco disso.

Sentei-me ao lado de Joe, esfregando meu rosto com as mãos.

— Sinto muito, Joe — eu disse, mais do que envergonhada.

— Nunca se desculpe por falar comigo, Everly. — Ele olhou para mim com gentileza. — Obrigado por me contar essas coisas. Deve ter sido difícil para você.

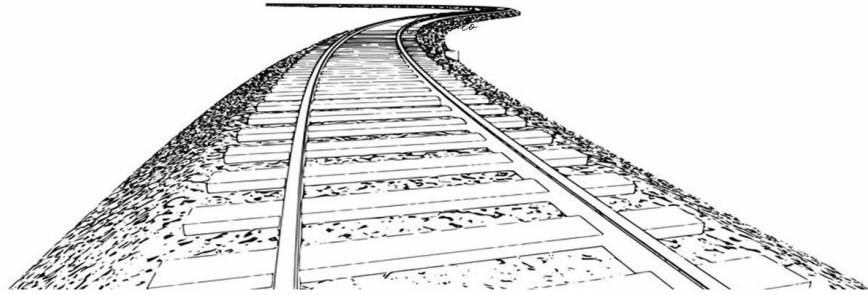
Perguntei a mim mesma se ele se referia ao fato de eu ter lhe contado a minha história ou de ter vivido nas ruas por toda a minha vida. Tive, porém, a sensação de que eram as duas coisas. Sua doce compreensão quase me fez iniciar uma nova rodada de choro. Mas ele continuou.

— Mas quero que saiba de uma coisa. Você fez o que tinha que fazer para sobreviver. Não foi uma coisa boa, mas, às vezes, na vida, pessoas boas fazem coisas ruins porque sentem a necessidade. Isso não as torna pessoas ruins. E você é boa, Everly, até o seu âmagô. Eu sei disso. — Lágrimas brilharam em seus olhos. — Vejo como cuidou do meu Cole. Vejo você. — Ele fez uma pausa. — E eu não mudaria nada.



Capítulo Quinze

Cole



*A*lgo estava diferente. Eu podia sentir. Os ventos estavam mudando. Everly chamaria isso de intuição de caubói, mas não era realmente o caso. O quão pouco ela sabia sobre a vida na fazenda me fazia sorrir, e eu admito que vinha fazendo isso muito mais nos últimos tempos. E Joe também. No desjejum daquela manhã, ele ficou lançando olhares suaves a Everly, sorrindo em sua direção. Ela apenas sorria de volta e sacudia a cabeça para ele como se estivesse envergonhada. Ela estava conosco, e Joe parecia gostar que fosse assim. Eu me perguntava se ele iria oferecer a ela um emprego em tempo integral — por mais do que apenas um verão. Os ventos estavam mudando, sim — por causa dela.

Todos a amavam. Toda vez que eu encontrava Jane, ela comentava sobre a boa garota que Everly era. Não foi surpresa que Cody e Everly se tornassem melhores amigos. Suas grandes personalidades se adequavam. Em mais de uma ocasião, eu os peguei fofocando. Mesmo tímido, Leo fazia um esforço para sempre surgir no celeiro quando Everly estava lá com os cavalos. Eu os ouvi mais de uma vez conversando. Às vezes, sentia uma leve dor no peito quando os ouvia rindo juntos. Deveria simplesmente ignorar isso, porque não podia me dar ao luxo de ter esses sentimentos. Isso arruinaria as coisas boas que eu tinha conquistado.

Porque, enquanto todo mundo tinha a Everly, eu tinha Eve. E por mais que Everly fosse muito incrível, ela não era páreo para Eve. Eve tinha muitos traços da Everly. Esta era louca, grandiosa, hilária, genuína e doce. Não era uma surpresa o fato de todos a amarem. Mas Eve era mais. E ela era toda minha. Ela era ferozmente protetora, tão carinhosa, tão gentil e tão cuidadosa

que doía. Mas era um tipo bom de dor, como quando minha mãe fazia com que eu e Austin descêssemos a grande colina perto de nossa casa bem rápido. Nós gritávamos "mais rápido, mamãe!" E ela metia o pé no acelerador da nossa pequena picape. Nós voávamos colina abaixo, nossos estômagos subiam até nossas gargantas, e nossos dentes doíam de tanto ranger. Nós ríamos e ríamos, meio exultantes, meio aterrorizados.

Eu tinha essa sensação todos os dias com Eve. Todo dia era uma nova aventura em que eu me sentia igualmente eletrificado e com medo de morrer.

Ela simplesmente se encaixava ali, como uma espécie de peça de quebra-cabeça que nem sabíamos que estivera faltando. Ela chegara nos surpreendendo, colocando sua peça no lugar, e, de repente, lá estávamos nós, tão completos que ninguém sabia o que pensar sobre isso.

Havia muita coisa que eu ainda não sabia sobre ela. Como aquela tal de Momma Lou, com quem ela passara os últimos anos. Nunca tinha ouvido falar dela. E olha que conhecia a maioria dos amigos de Joe. Era estranho não saber nada sobre ela. Realmente não entendia como Everly podia ter sido indicada por Momma Lou. Joe só tinha me dito que alguém se juntaria a nós para ajudar Missy com as coisas da casa. Ainda havia muito mais que eu precisava saber sobre Everly e sua vida.

Mas sabia de uma coisa. Eu queria que ela ficasse. Não poderia imaginar um dia sem ela aqui. Pensava em todas as coisas que ainda queria mostrar-lhe na fazenda, enquanto selava Bela e Fera, porque aquele seria um grande dia para a minha Eve, e eu mal podia esperar.

— Hoje você tem que ser boazinha para a nossa menina — eu estava falando com Bela, acariciando-a atrás da orelha quando ouvi risadas de Everly e Joe.

Saí do estábulo a tempo de ver Joe correndo em sua cadeira e entrando no celeiro com Everly empoleirada em seu colo, os braços ao redor de seu pescoço em um aperto mortal. Ela jogou a cabeça para trás em uma risada, os olhos fechados, o cabelo uma profusão de fios caramelo em torno de sua cabeça. Os dois estavam praticamente em cima de duas rodas quando chegaram ao celeiro, e eu me vi rindo junto com eles.

Joe observava Everly, e seus olhos dançavam, seu sorriso estava largo e sua risada era tão alta quanto a dela. Não me admirava que eles se dessem tão bem. Eram tão parecidos — tão ousados, despreocupados. Seus sorrisos eram idênticos.

Pararam repentinamente cerca de 60 centímetros à minha frente, e uma

nuvem de poeira nos cercou, o que fez Everly dar outra gargalhada. Ela soltou o pescoço de Joe e enxugou os cantos dos olhos com as pontas dos dedos. Então, começou a abanar o ar ao nosso redor.

— Você vai nos matar um dia nessa coisa — disse ela, sorrindo para Joe.

— Nunca — disse ele, olhando-a. — Eu nunca machucaria um único fio de cabelo na sua cabeça bonita, e você sabe disso. Além do mais, esta cadeira de rodas foi especificamente projetada para correr por toda a fazenda, e eu já faço isso há anos. Sou um profissional. — Seus olhos brilharam.

Ela desceu do colo dele.

— Um piloto de corridas profissional — ela murmurou, sorrindo. Então, olhou para mim. — O que você está fazendo aqui, Cole?

— Eu tenho uma surpresa para você. Vai ter que deixar os cavalos por hoje, no entanto. — Pisquei para Joe que estava atrás de Everly. Ele também sabia que aquele seria um grande dia.

Everly olhou para a baía de Bela e franziu os lábios.

— Não podemos fazer o que você quer fazer depois de eu visitar a Bela? Ela sentirá minha falta.

— Tudo bem — Joe interrompeu. — Eu tenho que sair e checar algumas coisas. Divirtam-se hoje, crianças. — Ele saiu em disparada, deixando um rastro de poeira em seu caminho.

Coloquei meu braço ao redor do ombro de Everly, arrastando-a para a baía de Bela.

— Vamos — pedi.

Depois que entramos, Everly parou de repente. Ela olhou para Bela de cima a baixo e depois para a sela em suas costas.

— Sério? — Seus olhos brilhavam com esperança e medo.

Eu poderia dizer que ela estava com medo. Perguntei-me se já sabia sobre a história de Joe.

— Sim. Você acha que está pronta? — Dei um puxão no cabelo dela, sorrindo. Estava tão orgulhoso. Ela merecera aquele momento.

— Sim! — ela praticamente gritou. — Você acha que eu estou pronta? — Seu rosto ficou sério.

Eu a puxei para um abraço.

— Claro que acho que você está pronta, ou eu nunca te deixaria subir naquele cavalo. Você já está aqui há algum tempo. Agora é hora de cavalgar.

Soltei Everly ir e peguei sua mão, aproximando-a de Bela.

— Pegue as rédeas e vamos levá-la até o paddock. Vamos te treinar lá

primeiro.

Ela parecia nervosa, mas minha garota também era corajosa, então, agarrou as rédeas e eu a ajudei a levar Bela lá para fora.

— Então, como vai ser? — Everly estava tão animada que praticamente pulava no mesmo lugar. — Estou um pouco nervosa e quero que seja o mais seguro possível.

Balancei a cabeça e sorri.

— Não sei. — Olhei para ela. — Acho que você precisa de mais uma coisa antes de montar.

Seu rosto pareceu desanimado.

— Está falando sério? — Ela beliscou meu braço. — Está brincando comigo, não está? — Franziu os lábios.

— Não. — Comecei a analisá-la lentamente, desde suas botas de caubói, passando pelo jeans e pela velha camisa de flanela, direto para o cabelo solto em volta dos ombros. — Acho que está faltando alguma coisa.

Ela franziu a testa.

— Bem, fale logo para que eu possa subir neste cavalo, Cole Briggs. Está me deixando louca — ela bufou.

— Espere um segundo. Acho que tenho algo no jipe que você poderia usar. — Saí do piquete e cheguei ao jipe, depois abri o porta-malas. Corri de volta para Everly o mais rápido que pude, escondendo minha surpresa nas mãos às minhas costas. Não me sentia tão animado há muito tempo. Mal podia esperar.

Everly me viu aproximar-me, com o rosto cheio de questionamentos e aborrecimento. Abafei uma risada.

Tirei um pequeno chapéu Stetson branco das minhas costas e o segurei entre os dedos.

— Se você vai montar, então precisa de um chapéu, certo? — Sorri.

Uma expressão de surpresa coloriu todos os traços de seu rosto.

— Oh, meu Deus — ela suspirou.

— A menos que você não queira. — Fiz uma careta, fingindo tristeza, e abaixei o chapéu. Ainda assim, preocupei-me, pois talvez ela não se importasse com um chapéu idiota. Meu coração trovejou dentro do peito, porque eu queria que ela amasse todas as surpresas.

— Oh, meu Deus — ela disse novamente. — É para mim?

Ergui o chapéu mais uma vez.

— Foi feito para você, Eve.

O chapéu parecia pesar na minha mão. Olhei para baixo. Era como se eu não estivesse entregando um simples chapéu. As batidas no meu coração diziam que eu estava dando algo mais a ela.

A suavidade — de um tipo que só ela possuía — ficou pesada em seus olhos.

— Cole — ela disse docemente.

E esse *Cole* estava carregado. Não dizia nada, mas dizia tudo. E, de repente, eu me vi novamente descendo aquela colina no carro da minha mãe. Meu estômago se revirou e subiu em direção ao meu peito. Ansiedade e excitação percorriam minha pele.

Eu queria devorá-la.

Torná-la minha.

Eu queria beijá-la.

Queria me deliciar com seus lábios até que meu gosto estivesse permanentemente neles.

Não queria que ela se livrasse de mim.

Meu pau enrijeceu por trás do tecido apertado do meu jeans. Não era a primeira vez que eu me excitava com Everly. Em quase todos os momentos em que estávamos juntos, eu ansiava por ela.

Meu corpo queria Everly há algum tempo. Só que agora meu coração também a queria.

O entendimento em relação a isso foi impressionante, e eu dei um passo para trás, limpando a garganta, lutando contra a emoção. Eu queria tudo isso. Queria naquele momento. Mas simplesmente não poderia ter. Precisava acertar as coisas na minha vida primeiro. Ela merecia algo mais do que eu poderia lhe dar naquele momento. E eu queria tudo com Eve. Eu queria tudo.

— Bem, então vou levá-lo de volta para o jipe — brinquei, tentando quebrar a tensão emocional.

Ela sorriu tristemente, como se soubesse o que eu estava tentando fazer.

— É melhor você me dar o meu maldito chapéu, Cole.

Eu ri.

— Você tem certeza? — Andei até ela, segurando o chapéu sobre a cabeça.

Ela pulou para cima e para baixo em emoção, batendo palmas.

— Coloque-o em mim, baby! — ela gritou.

Joguei minha cabeça para trás, rindo alto antes de colocar o Stetson em sua cabeça.

Ela olhou para mim, com os olhos brilhando.

— Como eu estou, caubói? Pareço durona? — Ela arqueou uma sobrancelha e sorriu.

Ela não parecia durona.

Eu não estava sorrindo, porque não era engraçado.

— Você está linda, Eve.

Porra. Ela era. Era a mulher mais linda que já tinha visto usando um chapéu como aquele.

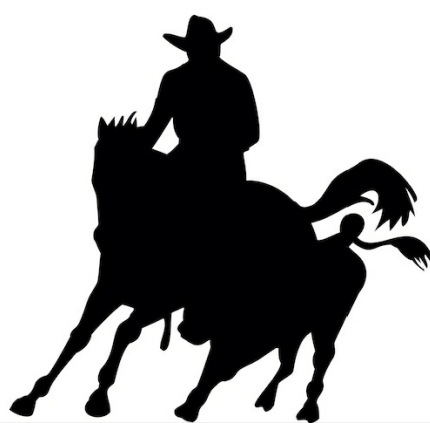
Aquela suavidade atravessou suas feições novamente, mas eu não queria me sentir tão balançado de novo, então, desviei o olhar.

Mas Eve sabia. Ela me conhecia melhor do que eu mesmo, então, ela girou em círculos, com os braços erguidos, a cabeça inclinada.

— Sou uma durona linda — ela cantarolou para as nuvens, rindo.

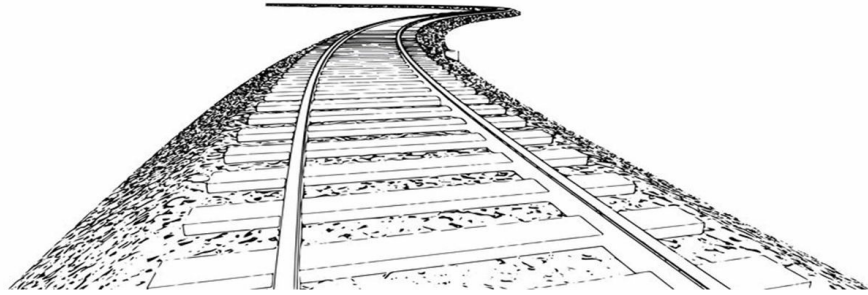
Eu não conseguia *não* olhar para ela.

— Minha Eve. Uma durona linda — eu concordei, rindo com ela.



Capítulo Dezesseis

Everly



Cole me ensinou a montar Bela com a mesma lentidão que ele sempre usava para tudo. Pressionando-se contra mim. Cheirando meu cabelo quando achava que eu não notaria. Seu corpo estava sempre muito perto do meu, mas de alguma forma ainda longe demais. Eu não sabia se ele fazia isso para se torturar ou me torturar, mas não importava.

Eu estava apaixonada, e não apenas pelo meu caubói.

Eu estava apaixonada por Joe, por aquelas pessoas, por aquela fazenda. Estava apaixonada por assistir ao nascer do sol do balanço da varanda. Estava apaixonada por longos jantares em família depois de um dia de trabalho duro. Estava apaixonada por comer sobremesa na minha cama, abraçada a Cody enquanto assistia a um filme. E agora eu estava apaixonada por equitação. Já vinha montando há algumas horas, e Cole finalmente me deixou sair do paddock. Bela seguia em um trote suave. Era aterrorizante, mas emocionante.

— Sente-se com as costas retas, Eve — Cole disse ao meu lado, sempre por perto, cuidando de mim, olhando para mim.

Endireitei minhas costas, sorrindo para ele, que estava montado em Fera. Olhar para ele, com suas coxas grandes e musculosas apertadas ao redor do torso do cavalo, era puro deleite. Sua camiseta preta apertada contra o volume de seus bíceps. Sua pele era bronzeada e dura, e as mãos que seguravam aquelas rédeas eram ásperas e grandes.

Vinha sonhando com aquelas mãos me tocando desde que cheguei e o vi pela primeira vez. Quando, por acaso, Cole pressionava inocentemente aquelas mãos calosas na minha pele, eu me sentia queimar. Uma vez, o toque daquele homem conseguiu me aquecer. Agora, tudo era fogo e calor. Um

inferno selvagem brilhava dentro de mim. Não conseguia pensar nas mãos daquele homem sem me sentir acesa. Então, desviei meus olhos e fiz o melhor que pude — mascarei meus sentimentos com alegria e atrevimento.

— Quão durona eu pareço agora, Cole? — eu disse, levantando as sobrancelhas.

Ele riu.

— Extremamente durona. A maior durona das duronas que eu conheço.

Eu ri. Sentia-me até tonta. Ergui a mão e toquei o Stetson na minha cabeça. Cole me dera um chapéu. Mordi meu lábio inferior para conter o sorriso. Ele se importava comigo. Tinha quase certeza disso. Era bom ter alguém que se importava tanto comigo além de Momma Lou. E quando Cole me entregou aquele Stetson, seu rosto me dissera tudo. Ele não me entregara apenas um chapéu. Na verdade, eu não sabia o que mais ele estava me dando, mas sabia que era algo grande.

Nós cavalgamos em silêncio, e a magia do momento se assentou sobre mim. Até que notei uma ruga na testa de Cole enquanto ele olhava para o nada. Parecia distraído. Seus lábios se fecharam em uma carranca, e pude senti-lo refletir ao meu lado. Eu sabia o que o incomodava. Esse olhar havia se tornado tão familiar para mim quanto o próprio Cole.

Prometi a mim mesma que, acima de tudo, seria uma boa amiga e ajudaria Cole, mesmo que isso o irritasse. Então, falei:

— Por que você não vai vê-lo? — perguntei.

Ele virou a cabeça na minha direção, surpreso com a minha pergunta.

— Ver quem?

Franzi meus lábios.

— Você sabe quem. Se você quiser ver Grey, vá vê-lo. Ele pode não ser seu filho, mas ainda é seu sobrinho, certo? — eu disse, diminuindo o ritmo de Bela para poder falar com Cole.

Ele balançou a cabeça.

— Você não pode simplesmente me deixar em paz, pode, Everly?

Não, eu não poderia simplesmente deixá-lo em paz. Eu o queria feliz, mas realmente o tinha irritado. Ele nunca mais havia me chamado de Everly. Eu era Eve e amava este apelido. Ouvi-lo chamar-me de Everly foi como receber um tapa na cara.

Aquele tapa doeu à beça, mas eu era forte e já tinha sobrevivido a coisas muito piores, então, continuei.

— Tenho certeza de que seu irmão quer que você o veja, que faça parte

de sua vida...

— Pare com isso. Você não sabe nada sobre Austin. Ele é um egoísta de merda e, na última vez em que o vi, tinha roubado todo o meu dinheiro e fugido com Marla. Não dou a mínima para o que ele quer.

Parei Bela ao lado de Cole e Fera. Deixei escapar uma respiração profunda.

— Mais uma razão para dar uma olhada em Grey, então, certo? — perguntei gentilmente, bem baixinho.

Eu não estava tentando deixar Cole irritado, mas ele ainda estava dividido sobre Grey. E o garoto claramente precisava dele. Uma parte egoísta de mim não queria Cole a menos de um metro e meio de Marla, mas outra parte sabia que ele tinha que fazer as pazes com essa situação; e isso não poderia acontecer sem que ele a visse e a Grey.

— Talvez — concordou Cole. Ele olhou para um ponto distante, imerso em pensamentos mais uma vez, e dei uma cutucada em Bela para fazê-la andar de novo.

O resto do nosso passeio foi silencioso. Perguntei-me se tinha cometido um erro colocando o nariz onde não era chamada, mas o que importava agora? Vinha fazendo isso desde que cheguei, e Cole parecia lidar com meu jeito muito bem. Além do mais, eu me importava e não era o tipo de garota que gostava de alguém e não fazia nada por essa pessoa.

Guiei Bela de volta para sua baia e comecei a retirar sua sela e acariciá-la quando Leo entrou para ajudar.

— Foi um bom passeio? — Ele sorriu para mim.

A excitação ainda corria pelas minhas veias.

— Deus, foi incrível, Leo. Eu estava com medo, mas Bela é ótima, e Cole foi muito paciente.

Ouvi Cole, na baia ao nosso lado, guardando Fera. Ele ainda estava um pouco aborrecido com nossa conversa, mas iria passar. Seu temperamento era difícil, às vezes, mas ele também era uma das pessoas mais inteligentes e atenciosas que eu conhecia. Sabia que acabaria fazendo a coisa certa.

Leo me arrancou dos meus pensamentos.

— Então, alguns dos caras vão ao Jack hoje à noite para tomar umas bebidas, e eu queria saber se você gostaria de ir com a gente. — Ele estava trocando o peso de seu corpo de pé para pé e ostentando um sorriso nervoso.

Uma batida na porta da baia de Fera me fez pular, e eu me perguntei se Cole ainda estava de mau humor por conta da nossa conversa.

Suspirei e continuei acariciando Bela.

— Eu não sei, Leo. Jack não é um bar? Essa não é realmente a minha praia. Eu não bebo. — Isso era mentira, mas uma bem pequena.

Eu só tinha bebido uma vez. Tinha quatorze anos; estava congelando e com fome. Um velho vagabundo que andava pela estação de trem — todo mundo o chamava de Percy — me dera um pouco de seu gim. Ele não tinha cara de Percy para mim. Parecia-se mais com Ralph ou Bart, mas eu estava morrendo de fome e frio, e quando ele me ofereceu alguns goles, eu os aceitei com gratidão. O licor queimara minha garganta, e eu quase vomitei um pulmão, mas a bebida me aqueceu o suficiente para que eu dormisse profundamente naquela noite. O jeito como me senti no dia seguinte me impediu de me entregar novamente ao álcool. Já me sentia mal o suficiente em um dia normal sem precisar adicionar uma ressaca à mistura.

— É um bar, sim, mas é bem simples, e Cody disse que iria conosco. Você poderia ir com ele. — Leo parecia esperançoso.

Eu queria que fôssemos amigos, e não era como se ele estivesse me convidando para um encontro. Estava apenas tentando ser amigável, e já que Cody iria, eu poderia ir com ele. De repente, ocorreu-me que não tinha saído da fazenda nas últimas semanas desde que havia chegado. Nem sentia vontade, mas imaginei que algum tempo fora me faria bem.

— Tudo bem. — Eu balancei a cabeça para Leo. — Certo. Parece divertido. Vou pegar carona com Cody.

Vacilei quando ouvi outra batida. Daquela vez, parecia vir bem do lado de fora da baía de Bela.

Leo olhou na direção do som, franzindo a testa em confusão, antes de olhar de volta para mim.

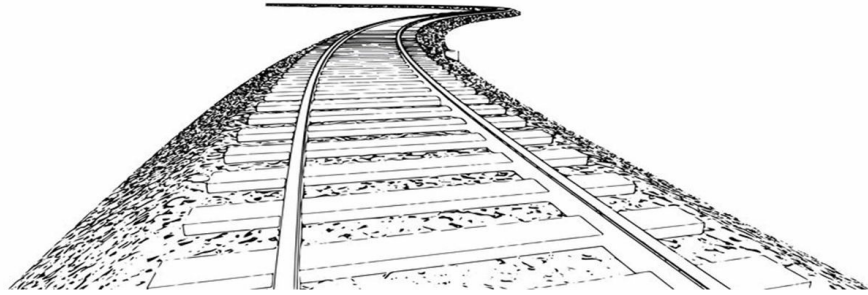
— Impressionante. Estou animado. Vejo você esta noite, Everly — ele disse, me dando aquele mesmo sorriso nervoso, deixando a mim e a Bela sozinhas.

Eu tinha que admitir que estava animada para sair naquela noite e ficar com Cody. Comecei a pensar sobre o que usar e como eu iria pentear o meu cabelo. Perguntei-me também se Cole iria. Perguntei-me, principalmente, se iria sozinho.



Capítulo Dezessete

Everly



Bem simples uma ova. Congelei de repente quando entrei no Jack's. Definitivamente era um bar e não havia nada de simples a respeito dele. E eu era menor de idade. Ainda bem que Cody conhecia o barman. A música estava alta, e o local, muito cheio. Era uma noite de sexta-feira, então, eu já esperava que estivesse lotado, mas sinceramente não tinha pensado que houvesse tantas pessoas morando na pequena cidade de Canton.

Todos usavam chapéus e botas de caubói. Vozes estavam altas, e o álcool corria solto. Painéis de madeira escura cobriam as paredes e o chão. Algumas pessoas circulavam pela velha jukebox, no canto mais distante e no bar, mas na maior parte do tempo faziam algumas filas de dança muito organizadas na pista de dança. Eu nunca tinha dançado em toda a minha vida. Também não havia planejado beber, mas o álcool me parecia a melhor opção no momento.

— Docinho, você tem que continuar andando para realmente entrar no bar — disse Cody atrás de mim.

Olhei para ele e revirei os olhos antes de me voltar para a multidão.

— Acho que vou precisar de uma bebida. — Eu não tinha idade suficiente para beber, mas Cody tinha.

Ele passou o braço em volta de mim e me puxou para ele.

— Vamos. Preciso exibir minha garota sexy. De que outra forma vou chamar a atenção dos homens gatos daqui?

Eu ri, esperando que Cody estivesse certo e eu realmente parecesse sexy. Escolhi um velho vestido branco de segunda mão que Momma Lou comprara para mim em Goodwill. Ele tinha alças finas, cintura alta e se abria em uma saia rodada. Parou bem nos meus joelhos, e eu o combinei com minhas

confiáveis botas marrons. Muito pouca maquiagem e brincos de argola prateados completaram meu visual. Deixei meu cabelo solto, porque Cole gostava desse jeito, e eu estava esperando encontrá-lo. Quando estávamos saindo, Cody pegou o chapéu que Cole tinha me dado e colocou na minha cabeça.

— Perfeito — ele disse, arrastando-me porta afora.

Cody andou lentamente até o bar, seu braço descansando languidamente em volta dos meus ombros rígidos.

— Relaxe, menina — ele murmurou para que só eu pudesse ouvir. Pediu duas doses de algum tipo de uísque e colocou uma na minha frente. — Isso deve dar para começar. — Ele levou o copo aos lábios.

Peguei o copo e o analisei. Não parecia muita coisa, então eu o joguei garganta abaixo, imitando Cody. Queimava como o inferno. Tossi um pouco, e Cody deu alguns tapinhas nas minhas costas.

— Tudo bem aí? — ele perguntou, rindo.

— Sim — eu falei, já sentindo calor por causa da bebida.

Olhei ao redor do bar, fingindo indiferença, mas não era nem um pouco fácil enganar Cody.

— Procurando por seu caubói? — ele questionou, com um sorriso de entendimento em seus lábios.

— Não — eu menti e dei de ombros. — Só checando o ambiente.

— Mentira sua, menina, mas não a culpo. Eu também estaria procurando por aquela bunda gostosa, se já não estivesse de olho em outra pessoa.

O bar consistia em um grande balcão quadrado no meio do salão, e Cody usou a cabeça para apontar para um barman que servia do outro lado. Como se soubesse que Cody estava olhando para ele, o barman virou em nossa direção e...

— Uau — disse, quase sem ar.

Olhos verde-esmeralda dançavam em um rosto bronzeado enquanto ele lançava um sorriso amplo a Cody. Lindas covinhas profundas contrastavam com seus dentes brancos perolados, e uma mecha de seu grosso cabelo castanho pendia sobre um olho. Ele estava vestindo uma camiseta branca apertada que exibia seus músculos muito impressionantes, e eu vi o que parecia ser o contorno de um piercing de mamilo sob sua camisa praticamente transparente. Deu uma piscadela para Cody e voltou para seu cliente, do outro lado do bar.

— Meu Deus. — Abanei-me, enquanto admirava a bunda do barman

contra o jeans apertado, porque, por mais que eu estivesse apaixonada e totalmente dedicada ao meu caubói, não estava morta.

Cody pigarreou com uma tosse envergonhada e olhou para sua bebida.

— Oh, meu Deus. Você está envergonhado? — Dei um leve empurrão em seu ombro com o meu.

Ele olhou para mim, com as bochechas rosadas.

— Você está! — eu disse, admirada. — Você está totalmente envergonhado. Bem, agora eu preciso saber. Quem é esse homem que consegue constranger o inconstrangível Cody?

Cody sorriu.

— Eu não estou envergonhado. — Ele ajeitou a gola da camisa desajeitadamente e olhou para o barman de soslaio. — E aquele homem lindo do outro lado do bar é o primeiro e único Beau Williams, astro do colégio, bombeiro de dia, bartender à noite e meu melhor amigo desde os seis anos de idade.

Coloquei minha mão no peito.

— Você está me traindo? — Fingi um falso horror. Fiquei chocada, mas não porque Cody tinha outro melhor amigo. O fato de ele obviamente ter uma queda pelo cara era chocante. Eu não poderia culpá-lo, no entanto; o homem era lindo. — Então ele é...

— Não. Mais hétero impossível — Cody respondeu.

Fiz uma careta e mordi meu lábio inferior.

— Bem, isso é uma droga.

— A pior de todas — disse Cody, franzindo a testa.

Cheguei mais perto de Cody e esfreguei suas costas.

— Então, nada nunca aconteceu entre vocês dois? — perguntei, genuinamente preocupada. Ele parecia ter sentimentos mais profundos do que amizade por Beau.

Cody avistou Leo do outro lado do bar e deu-lhe um aceno de cabeça.

— Algo aconteceu há algumas semanas quando estávamos bêbados e desde então o evitei. É estranho agora, e eu ainda não estou pronto para falar com ele sobre isso.

— O quê? O quê? E você não me contou? O que diabos aconteceu? — Eu precisava de toda a maldita informação naquele momento.

O tempo para a informação tinha passado, porque Leo e alguns caras que costumavam ajudar na fazenda nos rodearam, apertando as mãos, cumprimentando-se com os punhos, e todas as outras merdas machistas que

os caras fazem quando se veem.

Leo reivindicou o banquinho à minha direita, porque Cody estava à minha esquerda.

— O que está achando do Jack's?

Ergui minhas sobrancelhas e lhe lancei um olhar aguçado.

— Parece um bar e não é nem um pouco simples.

Ele parecia um pouco envergonhado, e me senti mal por complicá-lo.

— Sim — ele disse. — Posso ter mascarado um pouco a verdade, mas eu queria que você viesse com a gente.

Eu sorri e o cutuquei com o ombro.

— É legal.

— Posso servir alguma bebida para vocês? — Beau perguntou, parado ali em toda a sua aparência gloriosa de estrela de cinema. Ele ainda ostentava aquele sorriso com covinhas.

Examinei Cody, que estava olhando para sua bebida novamente.

— Ryder — disse Beau para Cody. — Não tenho te visto ultimamente — ele falou isso casualmente, mas eu ouvi os tons de acusação.

Cody finalmente olhou para Beau antes de encarar o bar novamente.

— Sim, cara. Desculpa. Estive ocupado na fazenda. — Ele remexeu o copo vazio. — Vamos tomar mais algumas doses de uísque.

Beau se virou para preparar nossas bebidas.

Debaixo do bar, belisquei a perna de Cody.

— Ryder? — murmurei, com meus olhos grandes arregalados, porque eu queria a história por trás daquele apelido.

Cody revirou os olhos para mim assim que Beau colocou nossas bebidas na nossa frente. Achei que Beau não tinha ouvido nossa conversa, mas, no fim das contas, eu estava completamente errada.

— Cody sempre gostou de caminhar. Não é mesmo? — ele perguntou, franzindo o cenho para Cody. Mais uma vez, sua declaração foi carregada de acusação.

Arregalei os olhos para Cody novamente, porque eu estava mais do que intrigada. Queria todos os detalhes.

Beau se inclinou sobre o bar, me mostrando seu sorriso de parar o trânsito, e eu não pude deixar de sorrir de volta para aquelas covinhas e olhos dançantes.

— Eu sou Beau, a propósito. Você deve ser a Everly. — Ele pegou minha mão e levou-a aos lábios antes de pressionar um beijo lento no topo dela.

Ele colocou minha mão de volta sobre o balcão e mordeu o lábio, me mostrando suas covinhas, e eu tive certeza de que ouvi todas as calcinhas naquele bar caírem no chão. Respirei fundo, peguei minha dose e a virei garganta abaixo. Santo Deus! Beau era muito sensual. Cody não tinha nenhuma chance.

— Ryder nunca teve boas maneiras, mas eu diria que piorou ultimamente, não retornando minhas ligações nem me apresentando para suas amigas bonitas e tudo o mais — Beau disse fingindo casualidade, enquanto limpava o bar, mas não havia nada de casual em seu comentário.

Os olhos de Cody se estreitaram em Beau.

Dei a Beau um sorriso amigável.

— Prazer em conhecê-lo, Beau, mas acho que vamos precisar de mais algumas doses.

— Não tem problema — disse Beau, dando mais uma olhada por cima de mim para Cody antes de pegar nossas bebidas.

Esfreguei as costas de Cody e puxei-o para um abraço lateral.

— Você está bem?

— Eu não sei — ele resmungou, tirando o chapéu e passando as mãos pelos cabelos.

Meu coração se despedaçou pelo meu menino. Nunca o tinha visto tão estressado, tão sério. Nós precisávamos MESMO de mais álcool.

Duas doses depois, eu estava surpreendentemente me sentindo apenas um pouco zozza. Beau vinha de vez em quando e fazia alguns comentários a respeito do jeito de Cody, o que só servia para fazer meu amigo querer arrancar os cabelos. Cody ficou sentado em seu banquinho, quase sem dizer uma única palavra a maior parte da noite, e eu passei as duas horas seguintes me desvencilhando dos avanços de Leo.

Eu deveria ter ficado em casa. Meus ombros caíram quando pensei que não tinha visto Cole a noite toda, e, acredite em mim, eu estava procurando por ele — sem parar. *Casa*. Eu não fazia ideia de quando tinha começado a pensar na casa grande como meu lar, mas, de alguma forma, nas últimas semanas, era exatamente assim que eu via Preston e as pessoas que a habitavam. Como meu lar.

Leo fez uma tentativa final para me levar para a pista de dança, o que respondi com um educado:

— Não, obrigada. Tenho que usar o banheiro. — E eu realmente precisava, então, não me senti tão mal por tê-lo rejeitado.

Quando levantei do meu banquinho pela primeira vez naquela noite, percebi uma coisa importante: estava completamente bêbada. Bêbada de cair. Assim que dei o primeiro passo, meu corpo registrou cada gole de álcool que eu tinha colocado nele.

Minha visão ficou turva e eu fui cambaleando em minhas botas durante todo o caminho até o banheiro, rezando para que passasse por isso sem dar um espetáculo. Fiz xixi pelo que pareceu dez minutos e depois me examinei no espelho do banheiro. Olhos vermelhos e rímel borrado me encararam, e eu passei os próximos cinco minutos tentando esfregar as manchas pretas debaixo dos meus olhos. Não parecia estar dando muito certo, porque... eu estava bêbada. Porra! Joguei água fria no rosto algumas vezes. Eu ia me sentir no inferno absoluto no dia seguinte. E realmente só tinha o meu eu socialmente desajeitado para culpar. E Cody. E Leo. Filhos da mãe!

Saí do banheiro e voltei para o barulhento Jack's. Cody tinha saído de onde estava, e Beau também. Isso deixou Leo sentado ali sozinho, tomando sua cerveja. Eu tinha atingido meu limite com ele e seu flerte pela noite inteira, então, pensei que um pouco de ar fresco poderia clarear cérebro do álcool. Por isso, fui lá para fora e me encostei no muro do estabelecimento por um minuto. Fechei os olhos e respirei profundamente, esperando não ficar enjoada.

O ar cheirava a pinheiros e algo mais familiar, então, respirei fundo novamente.

Fumaça.

Couro.

Os cavalos começaram a galopar dentro do meu peito.

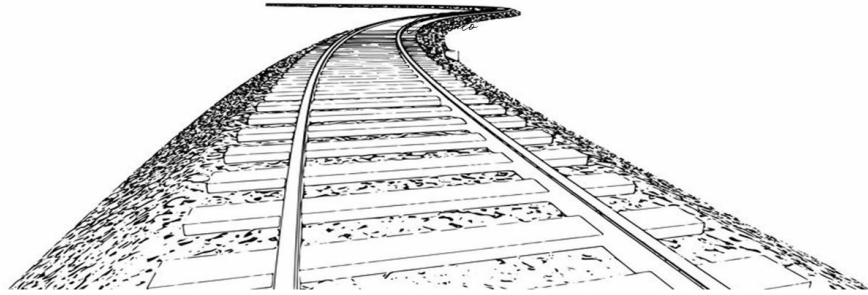
Abri um olho e sorri.

— Cole.



Capítulo Dezoito

Cole



– Você não deveria estar aqui sozinha — eu disse, sentindo-me um idiota perseguidor.

Aquela cidade era segura, mas eu não podia evitar meu senso de proteção quando se tratava de Eve. Eu a tinha observado durante a maior parte da noite, aquela sua bundinha sexy naquele vestido sentada entre Leo e Cody. Deus, aquele vestido! Nunca tinha visto Everly vestir nada além de jeans e camiseta, então, aquele vestido quase me fez marchar até o outro lado do salão e jogá-la por cima do meu ombro. Queria levá-la para casa, para que só eu pudesse ver o quanto era linda. Queria tirar sua calcinha e provar cada centímetro de sua pele de pêssego macia.

E agora ela agia com toda a fofura. Estava encostada na parede, apenas um olho aberto, um adorável e maldito sorriso em seus lábios. Lábios que eu queria beijar pra caralho.

Pisando o outro olho aberto, ela deslizou um dedo pelo meu peito.

— Estive procurando por você, caubói.

— Esteve, é? — Arqueei uma sobrancelha. Eu estava cutucando onça com vara curta.

Ela passou a noite inteira conversando com Leo. Mas não estava flertando. Fiquei prestando uma atenção especial. Permaneci sentado em um canto, certificando-me de que aquele filho da puta não iria colocar as mãos na minha garota. Eu o teria matado. Ouvi a conversa dos dois no celeiro, quando ele a convidou para sair. Controlar meu temperamento sempre foi difícil, mas ouvi-lo praticamente implorar a ela para que saíssem naquela noite e depois escutá-la dizendo sim? Bem, eu perdi a cabeça. Soquei algumas coisas ao

redor, mas consegui manter o controle suficiente para não me aproximar e exigir que ele nunca mais falasse com aquela garota. Isso era o que eu queria ter feito, mas ainda estava com raiva da minha conversa com Everly enquanto montávamos. Não havia chegado a hora de mais confrontos.

— Mmmhmmm — cantarolou Everly. Então ela deu um passo à frente e enterrou o rosto na minha camisa. — Porra. Você cheira bem — ela murmurou contra o tecido da minha camisa.

Senti sua respiração quente através da minha camiseta. Ela manteve o rosto colado ao meu peitoral, respirou fundo, e eu ri.

Não pude resistir a envolvê-la com meus braços e puxar seu corpo para mais perto do meu. Balancei a cabeça.

— Você ainda xinga como um marinheiro, hein? — perguntei, pousando meu queixo no topo de seu chapéu e respirando fundo. Eve cheirava muito bem também.

Ela riu.

— E você ainda adora — ela acusou em sua voz cantada, olhando para mim.

Eu adorava mesmo. Adorava tudo em relação a ela.

Seus olhos estavam fixos nos meus, seus lábios a poucos centímetros da minha boca. Eu empurrei a aba do chapéu para cima para poder realmente ver seus olhos azuis. Ela passou a mão macia pela lateral do meu rosto.

— Você, Cole. Você é o homem mais lindo que eu já vi. — Sua voz estava arrastada, e eu tentei não rir por ela ter dito aquilo.

O fogo queimava em suas órbitas azuis. Eu não queria diminuí-lo, mas nada poderia acontecer entre nós. Ainda não.

— Tudo bem, baby. Acho que é hora de te levar para casa. — Quando dei um passo para trás, para fora de seu alcance, ela cambaleou um pouco para frente, então, eu agarrei seus braços e endireitei-a. — É melhor eu procurar por Cody e avisá-lo que estou vou te levar de volta para a fazenda.

Ela riu e corou.

— Não. Você não pode incomodar Cody agora. Acho que ele está em algum lugar conversando com Beau — ela sussurrou.

Afastando-a um pouco de mim e colocando-a contra a parede novamente, eu disse:

— Tudo bem, baby. Ele não vai se importar. Vai ficar preocupado se eu não avisar.

— Não! — ela gritou. — Você não entende. Eles estão conversando —

começou a sussurrar novamente. — Entende? — Piscou devagar. — Conversando. — Arregalou os olhos.

Fiquei olhando para ela como se fosse louca.

— Beau e Cody estão... — fiz sinal de aspas no ar com as mãos. — ... "conversando"? — perguntei, certificando-me de que estava entendendo o que ela dizia.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos ainda arregalados e o rosto sério.

— Uau. Nunca imaginaria. — Eu estava atordoado. Aqueles dois eram melhores amigos desde que me entendia por gente. Será que estava mesmo acontecendo alguma coisa entre eles?

— Eu também — ela sussurrou, balançando a cabeça. — Mas gosto de imaginar... — Ela corou novamente, e eu balancei a cabeça, sorrindo para suas palhaçadas.

— Bem, vamos lá. — Agarrei a mão dela, puxando-a na direção da minha picape. — Não quero ser testemunha da conversa deles.

— Eu gostaria — disse Everly, dando-me uma piscadela e balançando as sobrancelhas. Aquela garota era incrivelmente adorável.

— Pode ir parando. Comporte-se — alertei, estreitando meus olhos de brincadeira.

Ela fez beicinho enquanto eu praticamente a arrastava para o caminhão.

— Estou farta de me comportar, Cole. Quero me divertir.

Abri a porta do caminhão e a ergui, ignorando seu comentário. Porque eu estava cansado de me comportar também. Na verdade, não conseguia parar de pensar em todas as coisas sujas que queria fazer com Eve. Ela se endireitou no assento, e seu vestido subiu, revelando o topo de suas coxas bronzeadas. Gemi quando fechei a porta do lado dela. Acho que meu pau nunca ficou tão duro em toda a minha vida.

Entrei no caminhão e dei a partida. Os olhos de Everly estavam fechados, a cabeça, apoiada contra o assento. Aproximei-me dela no banco e estendi a mão para pegar o cinto de segurança atrás de sua cabeça.

— Deus, tem o seu cheiro por toda parte aqui dentro — ela respirou contra meu rosto.

Engoli em seco. Eu a queria. Queria tanto que senti como se pudesse morrer se não tivesse sua boceta ao redor do meu pau naquele momento. Mas aquela não era a hora. Ela estava bêbada. E Eve estava certa — eu tinha que resolver minhas merdas com Marla e Grey. Não poderia mais adiar, e não poderia ficar com raiva de Eve por ter me feito perceber meus erros.

Afiveleri o cinto dela e voltei para o meu lado da caminhonete, forçando-me a me acalmar.

Estava tirando o caminhão do estacionamento, mas não deixei de perceber o jeito como as mãos de Everly agarraram a parte de baixo do vestido, subindo a bainha até as coxas.

— Estou tão quente — ela gemeu. — Está quente aqui, e o cheiro é tão bom.

A mulher ia me matar. Endireitei meu pau e abri a janela do lado dela.

— Isso deve te refrescar. — Abri a minha própria também, esperando que isso esfriasse a minha bunda. Depois, agarrei as mãos dela com uma das minhas e as segurei em seu colo. Se aquela saia subisse mais uma polegada, eu não poderia ser responsabilizado pelas minhas ações.

Com os olhos fixos em mim, ela sorriu.

— Ahh. Não seja tão antiquado, caubói. — Ela fingiu fazer beicinho.

Eu ri.

— Antiquado? Por que diabos está me dizendo isso? — Concentrei-me na estrada.

— Porque você é. — Ela apontou seu dedo bêbado para mim. — Você é antiquado, mas tudo bem. Você pode.

— Eu posso? Por quê? — Sorri, porque ela era fofa e louca ao mesmo tempo.

Ela inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos novamente antes de dizer:

— Homens sexies podem muitas coisas, e você, Cole Briggs, é uma tentação.

Tentei focar meus olhos na estrada e não ficar boquiaberto com sua afirmação ao dizer que eu era sexy. Mas era muito difícil. Eu queria ouvir mais.

— É mesmo? — perguntei enquanto embicava o carro na entrada da fazenda.

— Sim. — Ela tirou o chapéu, colocou-o sobre o painel e passou os dedos pelos cabelos. — Você é tão gostoso... — Parou, franzindo os lábios em reflexão, tamborilando o dedo indicador contra o lábio inferior. — Você é tão sexy que eu não te expulsaria da minha cama nem se a sujasse com migalhas de biscoito. — Ela desafivelou o cinto e inclinou-se por sobre o banco na minha direção, assim que parei em frente à casa grande. — E, caubói, eu odeio migalhas na minha cama — disse ela ao meu lado, seus lábios soltando

uma mera respiração bem no meu ouvido.

Respirei rapidamente. Rindo, desliguei o motor.

— Interessante — eu disse, tentando aliviar o clima, porque estava cheio de tensão sexual. — Você odeia migalhas na cama, mas não as minhas migalhas. Minhas migalhas são boas.

Ela subiu no meu colo, montando sobre mim, e me encarou.

— Eu não odeio nada que venha de você, Cole. — Ela se abaixou, sentando sobre mim, e eu engoli um gemido. — E o que vem de você é sempre bom.

Com as janelas abertas, o ar flutuou ao nosso redor e eu senti o cheiro da chuva no ar. E Eve. Eu podia sentir o cheiro dela. O cheiro doce e pungente de sua umidade flutuava ao meu redor, fazendo com que eu concluísse que havia mais do que uma simples tempestade vindo em minha direção.

Ainda assim, fiquei ali parado e foi como assistir a uma abordagem de tornado, só que eu não tentei fugir. Eu queria ser atingido.

Olhei para as pernas dela em ambos os lados do meu corpo, seu vestido branco em torno de seus quadris. Suas coxas macias e nuas estavam aconchegadas contra meu jeans. Inclinei minha cabeça para trás, contra o encosto de cabeça, e fechei os olhos. Eve poderia tentar a castidade de um santo. E eu não estava nem perto de ser um santo.

Porra!

Ela se remexeu contra o meu pau, e minha cabeça se inclinou para frente, fazendo com que nossos olhares se encontrassem, enevoados.

— Everly, isso não é bom...

— Hummm. Não Everly, apenas Eve — ela ronronou perto do meu ouvido enquanto balançava sua intimidade contra o meu pau novamente. — Sim — ela sussurrou quando meu pau descansou na fenda de sua vagina, através dos tecidos.

Era o tipo de êxtase que eu nunca tinha experimentado. O tipo de conexão profunda e íntima que surgia quando realmente conhecíamos alguém — melhores amigos, família. Suor deslizou pela minha pele.

Coloquei minhas mãos atrás dela, sobre o volante, para evitar tocar no que ainda não me pertencia. Eve estava bêbada, mas eu me sentia impotente para impedi-la. Ela estava muito gostosa, e a única coisa que nos separava eram sua calcinha fina e meu jeans.

Sentia-me hipnotizado. Não podia parar. Só sentir. Agarrei o volante e me pressionei contra ela, encontrando-a a cada impulso.

— Porra! — rosnei, deixando escapar.

Podia sentir sua umidade e seu calor através da minha calça jeans, e não demorou muito para que me movesse no ritmo de cada investida dela. Estava louco de luxúria e desejo. Mantive minhas mãos firmes no volante, mas nunca afastei meu olhar do dela.

— Sim. Está tão gostoso. Tão bom. Assim como eu sempre pensei que seria — ela disse, balançando ritmicamente contra mim. Sua pele estava escorregadia de suor, e suas bochechas estavam coradas com o mais brilhante tom de rosa que eu já tinha visto.

Nossos rostos estavam a apenas uma polegada de distância, sua respiração quente chegava em ondas e se misturava com a minha.

Foi impossível não encorajá-la. Também me deixei levar e me perder no momento. Sentia-me impotente contra seu calor e desejo.

— É isso aí, baby. Monte em mim. — Olhei em seus olhos e sussurrei: — Deus, você está linda e tão molhada para mim. Goze no meu pau.

Mal reconheci minha própria voz. Mas o fato de ela estar rouca e gutural só parecia deixá-la ainda mais excitada.

— Sim, sim, sim — ela cantarolou, rebolando sobre mim. Colocou as mãos nos meus ombros, ganhando mais força para se pressionar em mim. Montou-me com mais vigor, seus lindos seios se esfregando no meu peito, sua vagina ensopada em contato com minha calça jeans, nossos olhos presos em olhares intensos e carregados de energia sexual.

Eu ia gozar dentro do meu jeans a qualquer momento, como a porra de um adolescente, mas não me importava. Eve estava em meu colo em espasmos de êxtase. Havia imaginado aquele momento mais de uma vez, mas nunca fora tão bom assim. Segurei o volante ferozmente entre as duas mãos, implorando:

— Goze em mim, baby. Goze, Eve. Eu preciso de você.

Ela jogou a cabeça para trás.

— Porra! — ela gritou dentro do espaço silencioso da picape.

Seus cabelos caíram em cascata por cima das minhas mãos, e eu queria estendê-las e agarrar os fios para poder puxá-la na direção dos meus lábios e prová-la. Mas eu não a provaria enquanto estivesse bêbada assim.

Eu queria que ela se lembrasse do nosso primeiro beijo, porque não teria mais nenhum primeiro beijo com outra pessoa. Apenas comigo. Mas roubei dela o que pude e queria seus olhos em mim. Queria que ela olhasse para mim enquanto desmoronava. Eu queria que soubesse quem a tinha feito se

sentir daquela forma.

— Olhe para mim, baby. Olhe para mim enquanto estiver gozando — ordenei.

Sua cabeça caiu para frente, seus olhos enevoados mais uma vez se prenderam aos meus, seus lábios rosados separados em desejo. Sua respiração vinha em pequenas ondas.

— Essa é a minha Eve. Boa menina. Mantenha esses olhos em mim — sussurrei.

Ela gemeu.

— Vou gozar — disse ela, segurando meus ombros. — Estou gozando, Cole.

Porra, sim! Ela precisava se apressar. Eu estava tão perto.

— É isso, Eve. Goze no meu pau — pedi. Queria vê-la desmoronar por mim. Só em mim. Sempre em mim.

Sua respiração ficou ofegante.

— Porra, porra, porra! — ela disse repetidas vezes, sua voz ecoando dentro da cabine da minha picape e afetando o meu pau.

Ela estremeceu contra mim em um impulso final e gemeu. Gemi baixo e demoradamente, um som vindo da minha garganta, enquanto gozava dentro do meu jeans, pressionando-me contra Evy, desejando estar dentro dela — ser parte dela. Nossos corpos tremiam e se esfregavam um contra o outro, e eu a puxei para mim, segurando-a com força enquanto nós dois gozávamos.

— Mmmm — ela gemeu e desmoronou contra mim, seu rosto enterrado no meu peito.

— Eve? — eu chamei baixinho.

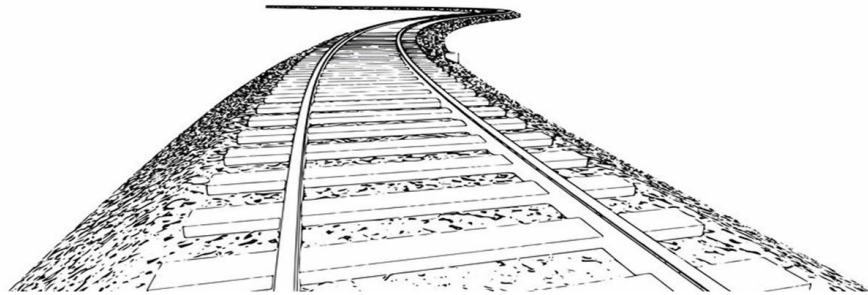
Nada.

— Baby? — perguntei de novo, recebendo apenas um ronco em resposta.



Capítulo Dezenove

Everly



Abri um dos olhos. Sol. Oh, Deus, que doloroso! Fechei novamente o olho e suspirei. Muito melhor. Eu ficaria na cama o dia todo. Hummm. Cama.

Levantei-me, colocando-me em uma posição sentada, e gemi com o latejar dentro da minha cabeça. Como acabei indo parar na cama? Porra! Esfreguei meus dedos com força em minhas órbitas fechadas, rezando por algum alívio. Abri novamente os olhos e olhei para o meu sutiã. Afastei as cobertas e olhei para a minha calcinha.

Oh. Meu. Deus

Cole devia ter me colocado na cama. E me despido. Gemi e me joguei de volta no travesseiro, puxando as cobertas sobre a minha cabeça. *Sabe de uma coisa? Você precisou me carregar para a cama depois de eu ter te molestado no banco da frente de sua caminhonete. Como uma prostituta barata.*

Oh, Senhor! Ele nem sequer me tocou. Apenas o montei até gozar, inundando tudo. Ok, talvez isso tenha sido um pouco dramático, mas ainda assim. Eu acabei gozando. Foi tão bom. Senti meu rosto aquecer.

Bati na minha própria testa. Jesus! Eu devo ter desmaiado logo em seguida. O que diabos havia de errado comigo? Era como se eu não tivesse controle quando ele estava por perto. Foi o maldito álcool. Mas, mesmo que não fosse, eu ainda iria culpar o álcool. Estupidamente acabei bebendo demais, e, claramente, uma Everly bêbada não tinha inibições. Alguém podia me matar naquele momento. Mas ele cheirava tão bem. Era sempre tão doce e cuidava de mim. E eu já o queria há tanto tempo. *Bem, você o teve, Everly. Só que ele nem te tocou. Nem sequer te beijou. Menina estúpida!*

O que eu ia fazer agora? Não poderia me esconder dele. Eu vivi ali. Morava ali. Joe saberia. Merda! Será que Joe iria descobrir? Será que Joe tinha visto Cole me colocar na cama? *Maldito álcool.*

E eu já estava atrasada. O sol estava alto, e eu não estava sequer de pé, o que, na fazenda, significava que eu estava realmente atrasada. Afastei as cobertas, determinada a me torturar com a luz do sol. Era o que eu merecia. *Abra seus olhos, Everly, e seja agredida pela luz do sol, porque você é uma idiota e merece se foder.* Sentei-me, sentindo-me ainda não muito firme, e notei um copo de água e duas pílulas pequenas na mesa de cabeceira.

Joguei as pílulas na boca e bebi todo o copo de água, amaldiçoando Cole por ser tão gentil, carinhoso e generoso. Ah, e ele era mesmo muito generoso. Porque aquele orgasmo — mesmo eu estando bêbada para valer — seria difícil de esquecer. Ele tinha que colocar aquelas pílulas ali. Maldito Cole e todas as suas boas ações. Tipo, levar uma garota bêbada para casa. Colocar a garota bêbada na cama. Certificar-se de que a garota bêbada e idiota tivesse água e remédio para amenizar sua ressaca. Dar à garota bêbada um orgasmo do qual ela nunca esqueceria.

Depois de um banho rápido, no qual eu não cantei uma única música por causa da minha cabeça latejando, vesti-me rápido e desci em um flash. Estava esperando que todos já tivessem saído, mas, para a minha sorte, era sábado. Eu tinha esquecido. Naquele momento, passei a odiar sábados quase tanto quanto odiava uísque. Os sábados eram mais lentos na fazenda. Quase todo mundo dormia um pouco mais, então, quando entrei e vi todos à mesa, eu murmurei "bom dia" e fui para o fogão para me servir de alguns ovos e grãos. Ignorei Cole sentado em seu lugar de costume. Ignorei o olhar inquisitivo no rosto dele. E, com certeza, ignorei o jeito como minhas partes femininas se apertaram ao vê-lo. Merda. Se antes eu pensava que era difícil ficar perto de Cole, agora seria horrível.

Agora que eu sabia como era a sensação de montar nele. Agora que eu conhecia as palavras sujas que saíam de sua boca quando ele estava debaixo de mim. E, Deus, era bom! Aquela boca deixara minha libido, que já estava nas alturas, à beira de um orgasmo épico.

Sim, este era Cole Briggs. O doador de orgasmos épicos.

Embora eu não soubesse se ele realmente tinha doado alguma coisa por si só. Quero dizer, eu meio que roubei. Revirei os olhos, indignada comigo mesma, enquanto caminhava até a mesa.

Sentei-me ao lado de Joe e mantive meus olhos na comida, não no caubói

sexy à minha frente.

— Dormiu bem? — Cole perguntou, e eu olhei para ele.

Fazer isso foi um erro, porque, por causa do fogo e do calor em seus olhos, de repente me vi de volta no banco da frente da picape de Cole, enquanto me pressionava contra ele. E eu estava sóbria para reviver aquelas lembranças. Aff!

Pousei meu garfo no meu prato.

— Tenho que ir. — Fugi da minha cadeira e saí pela porta da frente. Deixei meu prato lá e tudo. Aparentemente, o álcool não me deixava apenas excitada pra caralho. Evidentemente, eu poderia adicionar rude a essa lista também.

— Everly! — Joe chamou, mas eu continuei me afastando.

Pensei em ir aos estábulos, mas este seria o primeiro lugar onde Joe e Cole tentariam me encontrar, e eu não me sentia pronta para falar sobre a noite passada. Estava envergonhada, e alguns diriam que era um karma por ter zombado de Cody, por ele estar envergonhado na noite passada e eu ter dito que era uma besteira.

Corri até o alojamento para ajudar a Sra. Jane. Ela estava sempre precisando de alguém para cozinhar, limpar ou auxiliar com a papelada. Passei a hora seguinte organizando os documentos e limpando a cozinha.

Também usei este tempo para pensar muito sobre a noite passada. Sobre mim e Cole em geral. Eu precisava entender meus sentimentos. Claramente, ele não se sentia da mesma maneira. Não havia me tocado nem me beijado. Eu o havia usado, e isso não estava certo. Precisava me controlar e, quando o encontrasse, apenas pediria desculpas. Era um bom homem e, acima de tudo, compreensivo. Eu sabia disso. Teria que explicar a ele que estava bêbada e fora de mim.

Estava de quatro, esfregando o chão da cozinha, quando um par de botas de caubói surradas apareceu na minha frente e efetivamente me bloqueou. Ele tinha me encontrado.

— Ei, Cole — eu disse, rastejando ao redor dele, continuando a limpar o chão e tentando fingir que eu não tinha fugido do café da manhã como uma louca.

— Levante-se, Everly — Cole ordenou. Parecia irritado.

Sabendo que ele estava falando sério, levantei-me, parei para suspirar e fui até a pia para lavar as mãos.

Imaginei que era hora de engolir o orgulho e acabar com aquela conversa

desconfortável.

— Eu... — comecei.

— Sente-se. Agora

Olhei para ele, surpresa com o quão zangado ele estava.

Nossa, ele realmente estava chateado. Sentei-me à pequena mesa da cozinha e bufei.

Entregando-me uma toalha de papel com algo enrolado dentro, ele ordenou:

— Coma.

Abri a toalha de papel e encontrei dois biscoitos, já recheados com manteiga e geleia de uva — exatamente como eu gostava deles.

— Nós já conversamos sobre você ter que comer e beber bem enquanto estiver na fazenda, Everly. Você prometeu — ele me repreendeu.

Meu coração começou a bater em dobro. Eu não merecia a amizade daquele homem, mas não podia deixar de aceitá-la. Mesmo que não tivesse planejado nada, ainda era uma maldita ladra.

— Obrigado. — Sorri para ele e dei uma mordida no biscoito, evitando seus olhos. Nossa! Era estranho, para dizer o mínimo.

Ele se agachou na minha frente e limpou um pouco de geleia de uva da lateral da minha boca.

— Nunca te deixarei passar fome. — Ele olhou para mim intensamente. — Você sabe disso. Não sabe? — Sorri um sorriso triste.

— Eu sei — sussurrei. Estava tão emocionada que mal conseguia falar.

Aquele homem mexia comigo da cabeça aos pés, e eu nem sabia como. Levar-me o café da manhã era sua maneira de fazer com que eu entendesse que tudo estava bem entre nós, mas eu ainda lhe devia um pedido de desculpas.

Observei meu próprio colo, evitando os olhos dele.

— Sinto muito pela noite passada, Cole. Eu tinha bebido demais. Não costumo beber, você sabe... — Pigarreei e coloquei o biscoito sobre a mesa. — De qualquer forma, foi um erro, e eu não tinha nada que subir no seu colo e te montar como um touro premiado. — Retorci a toalha de papel entre meus dedos e, em seguida, levei minha mão ao meu bolso traseiro, certificando-me de que a foto ainda estava lá. Minha ansiedade diminuiu quando senti as bordas desgastadas em meus dedos.

Cole riu.

— E eu aqui pensando que você fosse se desculpar pelo momento em que

desmaiou.

Revirei meus olhos. Claro que ele mencionaria aquilo. Como se eu já não estivesse mortificada o suficiente.

— Bem, sinto muito por essa parte também. E, claro, por ter usado você para me aliviar. — Corei e ri sem jeito. Jesus! *Alguém encontre um pedaço de pano e me amordace, por favor.* Eu não conseguia parar de falar.

Desviei os olhos para o lado.

— Não se preocupe, Eve, porque eu me aliviei também. — As bochechas de Cole estavam vermelhas. Nunca o tinha visto corar.

— De verdade? — suspirei. *Maldito seja, uísque! Maldito seja!* Eu não tinha ficado consciente e perdi as melhores partes.

Balancei a cabeça.

— Sim, como um maldito garoto de treze anos. — Balancei a cabeça, sorrindo, com aquele rubor ainda manchando minhas bochechas.

Nós dois rimos desconfortavelmente.

Ainda assim, eu não podia acreditar que ele também tinha gozado. Será que me queria do jeito como eu o queria? Ou teria sido apenas o resultado de ter uma garota rebolando sobre seu pênis?

Engoli em seco. Estendi a mão entre nós.

— Então... amigos? — perguntei, certificando-me de que estávamos bem.

Seus olhos ficaram suaves quando ele disse:

— Os melhores. — Colocou sua mão sobre a minha e a apertou. — Sempre.

Apertei a dele de volta, balançando-a, com meu coração pulando dentro do meu peito como as panquecas que Missy lançava no ar nas manhãs de quinta-feira.

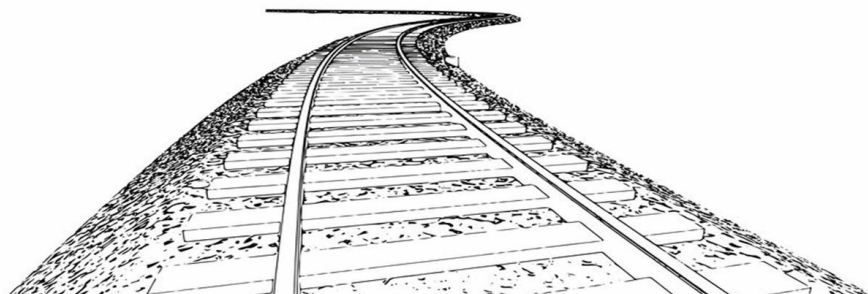
Ele olhou para mim seriamente, e eu franzi os lábios.

— Então, um touro premiado, hein? — Sua boca se abriu em um sorriso, e seus olhos adquiriram um brilho especial ao pedir: — Me conte mais.



Capítulo Vinte

Cole



— Marla ligou — disse Joe, aproximando-se de mim.

Cristo! Ela vinha tentando me ligar, e eu estava evitando seus telefonemas como se eles fossem a porra de uma peste. Não queria ouvir sobre ela precisar de dinheiro ou qualquer merda que meu irmão tivesse feito. Suas vidas eram como uma merda de novela, e eu não queria fazer parte disso.

Não podia acreditar na audácia daquela mulher. Não conseguia nem imaginar o que diabos ela estava pensando ao ligar para Joe.

Fui em direção ao estábulo, determinado a levar Fera para um passeio. Precisava de um pouco de ar fresco, e andava tão ocupado com os pêssegos que vinha sendo negligente com meu cavalo. Na verdade, andava tão ocupado que não encontrava Eve desde a nossa conversa no alojamento há pouco mais de uma semana, exceto na casa grande, e eu sentia muita falta dela. O verão já estava na metade, e eu começava a entrar em pânico com a possibilidade de ela ir embora.

— O que ela queria? — perguntei, entrando no celeiro e indo direto para Fera. Eu realmente não dava a mínima para o que Marla queria, mas senti que tinha que perguntar por respeito a Joe. Ele queria conversar, então, eu ouviria.

Acaricieei Fera e comecei a selá-lo, enquanto Joe estacionava sua cadeira de rodas na porta da baia.

— Ela só quer falar com você sobre ver Grey, Cole. Parecia muito chateada. — Pigarreei. — Ela sente muito. Talvez você devesse ligar para ela.

Eu queria pedir a Joe que cuidasse da sua própria vida, que me deixasse em paz e que parasse de falar com Marla, mas eu podia ver a relutância em ter essa conversa estampada em seu rosto. Era culpa de Marla por colocá-lo no meio da situação. Mas era minha culpa por cair na conversa dela. Joe não era responsável pela tempestade na qual minha vida tinha se transformado. Não. Marla e eu éramos bem grandinhos para assumirmos a culpa.

Um som alto, vindo da banca de Bela, me fez parar. Olhei para Joe, que também estava olhando na direção do som. Porra! Eu podia apostar meu testículo esquerdo que Eve estava na baia de Bela, ouvindo toda essa conversa.

Balançando a cabeça, eu disse:

— Eu falo com ela — falei com veemência, dando a entender a Joe que nossa conversa tinha terminado. Não queria mais falar sobre aquele assunto na frente de Eve. Ela tentaria me aconselhar, porque era isso que o seu bom coração fazia.

— Faça isso — disse Joe, assentindo. Ele se virou e partiu para fora do celeiro em velocidade dobrada. Provavelmente estava tão agradecido quanto eu pela conversa ter terminado.

Terminei de selar Fera como se eu não tivesse ouvido Eve na baia ao meu lado. Eu estava morrendo de vontade de dar uma volta com ela, mas, naquele momento, eu só queria ficar sozinho. Não estava com disposição para uma de suas conversas estimulantes. Não queria que ela me garantisse que tudo ficaria bem. Não hoje. Hoje, eu queria cavalgar e pensar sobre o que precisava fazer para tirar Marla das minhas costas. Queria decidir o que deveria fazer sobre Grey.

Depois de uma hora de cavalgada pesada, Fera estava ficando sem energia. Paramos em uma enorme colina na frente da propriedade de Preston. O pomar de pessegueiros estava logo abaixo de nós, a grande propriedade elevando-se atrás dele. O sol rosado mergulhou atrás da casa enquanto se punha. Eu amava aquela fazenda como se fosse minha. Voltar para lá não foi uma dificuldade depois que Marla e eu nos separamos. Nunca me senti em casa com ela. Aquele lugar era meu lar. Joe era meu lar.

Ouvi o som familiar de cascos batendo no chão atrás de mim, mas não me virei. Eu sabia que ela acabaria por me encontrar. Sempre encontrava.

Eve e eu continuamos nossa amizade, porque era fácil; e fácil é exatamente como eu nos definiria. Nós apenas clicamos. Ainda a desejava tanto quanto desejava respirar; já tinha passado mais de uma noite

acariciando meu pau por conta das memórias do que tinha acontecido na minha caminhonete. E eu valorizava nossa amizade acima de tudo. Ao longo do verão, ela se tornara minha melhor amiga, minha confidente e a pessoa com quem eu contava mais do que qualquer outra pessoa. Ela passou a significar algo muito especial para mim.

Continuei a olhar para a casa, enquanto Eve puxava Bela até pararem ao meu lado e ao lado de Fera. Eu a observei admirar a propriedade, seus olhos arregalados de espanto.

— Parece uma pintura ou um filme — ela disse baixinho, admirando a vista. — Às vezes, sinto que este lugar é um sonho. Como se eu fosse acordar a qualquer momento e estar de volta na casa de Momma Lou, na minha cama minúscula.

— Você sente falta dela? — perguntei.

— Todos os dias — ela respondeu.

Balancei a cabeça lentamente. Eu entendia uma coisa ou outra sobre saudade.

— Mas eu posso ir visitá-la, certo? Ela está a apenas algumas horas de distância. — Ela pigarreou e olhou para mim. — A que distância está Grey, Cole? — perguntou solenemente.

Não. Eu não ia fazer isso.

— Não, Everly. Eu não quero conversar sobre isso, e você deveria parar de espiar os outros. — Tirei meu chapéu e passei a mão pelo meu cabelo. — Ouvi você na baia de Bela.

Ela bufou.

— Eu não fiquei espiando. Já estava no celeiro quando você e Joe entraram.

— Você precisa cuidar da sua própria vida às vezes. Está sempre se intrometendo e colocando seu nariz onde não é chamada. — As coisas estavam acumuladas, então, eu simplesmente continuei a falar, tirando tudo do meu peito. — Sei o que vem tentando fazer desde que chegou aqui, Everly — acusei. — E eu sei o que você está fazendo agora. Então, só pare. Não estou de bom humor. — Coloquei meu chapéu de volta com um pouco mais de força do que o necessário.

Ela franziu os lábios.

— Oh? Bem, então, por favor, elucide. *O que* eu estou fazendo, caubói? — Everly colocou a mão no quadril, inclinando a cabeça para o lado de um jeito que indicava que queria que eu prosseguisse.

Então eu continuei.

— Você tem tentado me fazer feliz, sempre me animando e me arrancando sorrisos — soou como uma acusação porque era realmente uma. E eu soei como uma criança, porque eu não queria ser feliz pra caralho. Eu queria estar puto pra caralho, e eu queria me refastelar na minha raiva. — Pelo amor de Deus, mulher, deixe um homem extravasar às vezes! — gritei.

Esperava que ela ficasse ofendida — que talvez me atacasse. E eu estava doido por uma briga. Everly parecia o alvo perfeito.

Só que não entendi isso em um primeiro momento. Ela continuava ali sentada sobre Bela, parecendo uma deusa do sul. Colocou a mão no quadril e sorriu — uma daquelas porras de sorrisos de arco-íris e unicórnios —, com o chapéu que eu lhe dera empoleirado em sua cabeça como se ela tivesse nascido com ele ali.

Ela parecia pertencer àquele lugar como se fosse uma segunda pele. E a fazenda combinava com ela. Eve a usava como uma rainha da beleza usava uma tiara — como se fosse a porra da dona dela.

Eve se inclinou para mais perto de mim, como se fosse me contar um segredo.

— Sabe de uma coisa? É aí que você está errado, Cole. Parei de tentar te fazer feliz há um tempo. — Ela sorriu para mim. — Agora eu estou sendo eu mesma. *Estou* te fazendo feliz. *Estou* fazendo você sorrir. E é a coisa mais linda e maravilhosa que já fiz na minha vida. Então, não, eu nunca vou parar — disse ela com convicção. Afastou-se de mim e se inclinou perto do ouvido de Bela. Então ela deu um aperto no torso do cavalo com as pernas e alguns cliques da língua antes de pedir: — Vamos lá, Bela! — E elas foram embora, deixando a mim e a Fera comendo poeira.

Fiquei chocado. Everly nunca deixou de me surpreender, mesmo depois de passarmos praticamente todos os dias juntos por mais de um mês. Mas ela não estava errada. Sorri ao observá-la junto a Bela, enquanto ambas galopavam pelo campo. A cabeça de Everly estava baixa, suas tranças marrons soprando ao vento. O sol beijava sua pele bronzeada. Ela fazia com que eu sentisse uma leveza no peito, e eu me perguntei como Joe e eu sobreviveríamos sem aquela garota. Parecia que o sol nascia e se punha somente para ela.

Maldita fosse. Ela estava certa. Estava me fazendo feliz.

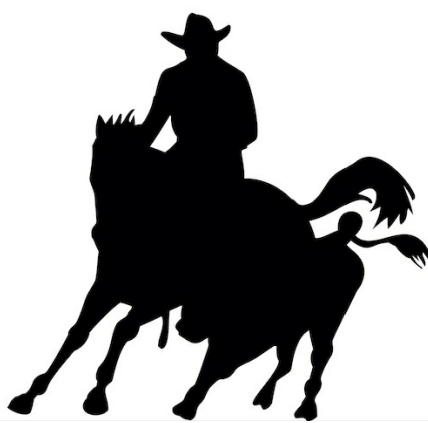
Eu era como a noite mais escura e mais fria, e Everly era o sol.

Sua luz brilhava em mim.

Seu calor queimava dentro de mim.
Forçando-me a acordar.
Para viver de novo.
E, Deus, eu queria aquele sol. Era muito bom estar sob ele.
Eu não podia resistir a ela. Nunca tive nem chance. E eu não queria mais resistir.

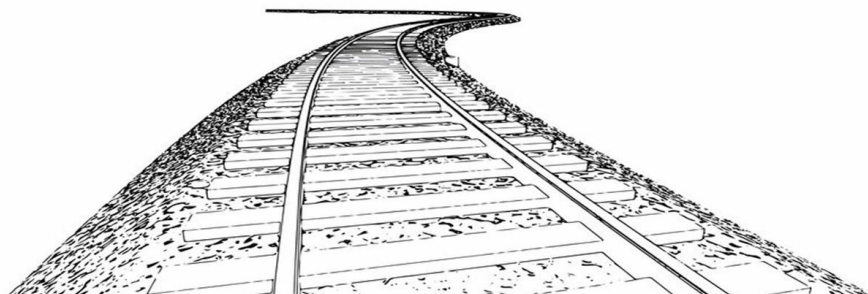
— Vamos! — ordenei, dando uma cutucada em Fera com meus calcanhares, e ele se lançou para frente, seguindo Bela e Everly.

Eu estava perseguindo o sol. E ainda que isso pudesse me matar, eu o perseguiria do mesmo jeito.



Capítulo Vinte e Um

Everly



Voei pelas escadas e corri para a cozinha, esperando pegar uma bebida e almoçar rapidamente antes de ir para os estábulos.

— Ai! — eu grunhi quando bati em uma parede de músculos sólidos.

— Aonde você vai com tanta pressa, docinho? — Cody perguntou, suas mãos nos meus ombros.

Eu sorri.

— Cole e eu vamos levar os cavalos para nadar esta tarde. — Dei alguns pulinhos de tão animada.

— Então é melhor você comer e beber o suficiente antes de sair. Hoje vai ser um dia quente — ele disse ao tirar o chapéu. Seu cabelo estava encharcado.

— O que fez hoje? — perguntei, olhando para seu cinto.

— Trabalhei. — Ele levantou as sobrancelhas.

Era sempre assim comigo e com Cody. Eu e aqueles cintos que usava. Ele adorava ver minha reação a eles. Todas as outras pessoas já estavam acostumadas com a loucura dele.

Li a fivela em voz alta, apertando os olhos.

— Encoste a testa aqui. — Havia uma foto de duas mãos apontando para o centro da fivela do cinto. Eu terminei de ler: — E sopra. Bafômetro. — Eu ri. — Muito elegante, Cody. — Franzi meus lábios.

— Achei que você iria gostar. — Ele riu.

Seguimos para a cozinha e começamos a fazer sanduíches.

Ele colocou uma fatia de pão na torradeira.

— Porra, vou ficar feliz quando essa temporada acabar. Estou exausto.

— Como estão as coisas entre você e Beau? — perguntei antes de colocar um biscoito na minha boca e me sentar à mesa.

— Na mesma, eu acho. — Ele sentou em frente a mim e franziu a testa enquanto comia.

Não tive a chance de perguntar a Cody sobre o que aconteceu no bar quando saímos, mas a minha impressão era de que, o que quer que fosse, não era bom.

— Notei que vocês desapareceram no bar. — Dei uma mordida no meu sanduíche.

Cody finalmente olhou para mim.

— Vocês conversaram? — perguntei.

— Nós não conversamos exatamente. — Ele parecia pensativo.

Eu sorri abertamente.

— Bem, o que aconteceu? — Ele estava me fazendo insistir.

Sorriu de volta para mim.

— Você não gostaria de saber?

— Sim, merda! Eu quero, e foi exatamente por isso que perguntei — perguntei.

Cody levantou as sobrancelhas.

— Falando sobre desaparecer do bar...

Eu balancei a cabeça.

— Nada disso. De jeito nenhum. Nós não estamos falando de mim. Estamos falando de você e Beau. Pare de tentar desviar o assunto.

— Desviar de quê? — Alguém disse bem atrás de mim.

Eu me virei e encontrei Cole em pé na cozinha olhando para nós.

— Nada — eu disse, fingindo indiferença. Nunca mais queria falar sobre aquela noite. Foi embaraçoso o suficiente na primeira vez.

— Everly estava apenas explicando para onde ela foi na noite em que estávamos no Jack's. — Cody piscou para mim e sorriu.

Rato desgraçado!

— Oh — disse Cole, abrindo a geladeira e pegando uma garrafa de água.

— Ouvi dizer que tinha algo a ver com um touro premiado. — Ele sorriu por cima da borda da garrafa.

Senti meu rosto adquirindo vinte tons diferentes de vermelho.

— Ok! — eu disse um pouco alto, pulando da mesa e, em seguida, jogando meu prato na pia. Entrelacei meu braço no de Cole e comecei a

arrastá-lo para a porta da frente. — Acho que é hora de irmos. Tchau, Cody.
— Acenei, despedindo-me para sair do cômodo.

— Vamos conversar sobre isso mais tarde, Everly! — Cody exclamou.

Belisquei o braço de Cole quando chegamos à varanda da frente.

— Aquilo foi podre, Cole. Como você pôde dizer aquilo? Pensei que tínhamos concordado em nunca trazer esse assunto à tona! — Cobri meu rosto quente e vermelho com a mão.

Esfregando o braço onde eu o havia beliscado, ele sorriu para mim.

— Nós nunca concordamos com isso.

Fiquei boquiaberta ao olhar para ele.

— Eu concordei.

Ele riu.

— Está animada para nadar com os cavalos hoje?

Eu estava mais do que animada. Depois da nossa conversa do dia anterior sobre eu me intrometer, a última coisa que eu esperava era que Cole me seguisse e me pedisse para dar uma volta com ele hoje. O jeito como perguntou foi surpreendentemente doce, quase como se ele estivesse me convidando para um encontro. Fosse o que fosse, uma garota poderia sonhar.

— Muito animada. Mas nós não íamos nos encontrar nos estábulos? — perguntei.

Cole agarrou minha mão e me puxou até o pequeno galpão que guardava o quadriciclo.

— Não pude esperar. Eu também estava empolgado.

Ele pulou no veículo, e eu montei atrás dele. Havia uma grande diferença entre a primeira vez em que subi no quadriciclo com o Cole e agora. Eu realmente não conhecia meu caubói naquela época. No início, ele apenas uma fantasia e uma memória. Agora, sentia como se o conhecesse como a palma da minha mão. Era dolorosamente familiar. Pressionando meu corpo ao dele o máximo que pude, encostei minha cabeça em suas costas e passei meus braços em torno de sua cintura. Seu corpo rígido relaxou, e ele deu um tapinha na minha mão antes de dar a partida.

Nós quase não falamos enquanto selávamos os cavalos e seguíamos até o riacho raso que corria ao redor da parte traseira da propriedade. Era sempre assim comigo e com Cole. Nós brincávamos, brigávamos, conversávamos e às vezes ficávamos em silêncio, mas era sempre simples conosco, um conforto que vinha naturalmente.

Cole estava à minha frente quando nos aproximamos do riacho, e a

excitação pulsava em minhas veias.

— Espere — chamei. Parei Bela, dando-lhe um tapinha. — Boa menina — arrulhei.

Cole parou bem na beira do riacho e virou Fera para mim, com o rosto confuso.

Tirei minhas botas, ainda montada em Bela, e joguei-as na grama, uma de cada lado. Desabotoei minha blusa de flanela e joguei-a ao lado das minhas botas. Então, verifiquei os laços na parte de trás do meu biquíni para ter certeza de que eles estavam firmemente no lugar. Já tinha me envergonhado o suficiente na frente de Cole por uma maldita vida inteira; não precisava adicionar mais isso à longa lista.

A ruga entre as sobrancelhas de Cole se aprofundou.

— O que em nome de Deus você está fazendo, mulher? — ele exigiu.

Dei de ombros.

— Preparando-me para nadar com os cavalos? — Olhei para o meu short jeans desfiado e para meu top de biquíni rosa. Qual era o problema dele?

Grandes gargalhadas de seu riso ecoaram ao ar livre, e eu me sobressaltei, surpresa. Do que diabos ele estava rindo? Cole segurou seu estômago e ofegou, em busca de ar, antes que sua ridícula risada começasse novamente.

— O que diabos é tão engraçado, caubói? — eu gritei, olhando para ele.

— Oh, Eve. — Ele riu, limpando as lágrimas de riso dos cantos dos olhos. Ele e Fera trotaram na minha direção e na de Bela. — Às vezes eu não sei o que faria sem você. — Ele sorriu genuinamente.

Mesmo que eu estivesse cuspiendo ódio, borboletas invadiram minha barriga.

— Você, Everly Woods, que tem o mesmo nome da cidade e da estação de trem onde a conheci há quatro anos. Você. Você é a única razão pela qual eu saio da cama todos os dias. — Seus olhos quentes estavam nos meus. — Você me faz feliz, e espero que nunca desista disso.

Minha garganta ficou apertada. Meus olhos ardiam com lágrimas não derramadas. E aquelas borboletas na minha barriga saíram do meu estômago e entraram no meu coração. Segurei as rédeas desse sentimento antes que voasse para fora do meu peito. Fiz o meu melhor para conter o movimento no meu queixo, o tremor nos meus lábios.

Cole dissera muitas coisas maravilhosas para mim quatro anos atrás e também naquele verão, mas nunca ninguém, nem mesmo ele, disse algo tão bonito para mim em toda a minha vida. E, pela primeira vez, fiquei

completamente sem palavras.

Ele limpou a garganta daquele jeito que fazia quando estava desconfortável e falava demais. Então, sorriu.

— Baby, nós não vamos nadar. — Ele riu novamente. — Vamos levar os cavalos para nadar, que é apenas uma maneira chique de dizer que vamos deixá-los andar um pouco naquele riacho de água que é tão raso que não chega nem em nossos pés, então, eles poderão se refrescar. — Cole passou o olhar do meu pescoço para os meus seios, onde o manteve por apenas um segundo a mais.

Ele olhou de volta para os meus olhos e piscou.

— Mas eu não estou nem um pouco insatisfeito com o biquíni, então, não se vista novamente por minha causa. — Seus olhos deixaram uma trilha quente até os meus seios novamente, queimando-me.

Meus mamilos endureceram sob o tecido fino. Eu queria cobri-los de vergonha, mas, em vez disso, endireitei minhas costas, empertigando ainda mais o meu peito, e levei Bela em direção ao riacho para que esta pudesse se refrescar. Não lhe daria a satisfação de colocar minha camiseta de volta depois do jeito como ele zombou de mim. Além disso, eu queria torturá-lo desesperadamente. Ele me desejava, eu sentia isso, e ficava zozza só de pensar. Esta certeza se estabeleceu em mim, quente e pesada, e eu me sentia intoxicada.

Cole e Fera se juntaram a nós no riacho, mas nenhuma palavra foi dita enquanto os cavalos andavam pela água. O ar ao nosso redor estava cheio de tensão sexual — ou, melhor ainda, frustração. Porque, sim, eu estava frustrada pra caramba. O único consolo era que Cole estava muito mais frustrado do que eu. Ele não conseguia tirar os olhos do meu corpo. Cada movimento que eu fazia era observado por ele, e seus olhos eram como fogo em mim. Eles traçavam o contorno da parte superior do meu biquíni só para mergulhar mais baixo, na extensão lisa da pele acima do meu short jeans.

Não ajudava em nada o fato de Cole estar lindo sob o sol, montado naquele cavalo grande e preto, como se tivesse nascido sendo um maldito caubói. Andava com Fera pela água, com uma facilidade que dizia que ele já tinha feito aquilo mil vezes. O chapéu preto em sua cabeça sombreava seu rosto, fazendo-o parecer misterioso e obscuro de uma maneira perigosa, tornando-o ainda mais desejável. Com cada puxão nas rédeas, seu bíceps flexionava e se avolumava, apertando sua camiseta preta entre os braços e o enorme peitoral. Eu não fazia ideia de como tinha entrado naquela calça jeans

naquela manhã, porque, bom Deus, estava justa, mas eu agradei aos céus por ele a estar vestindo. E aquelas botas de caubói pretas assinavam a sentença — Cole parecia um caubói durão naquele dia, e eu não pude deixar de pensar em todas as coisas sujas que queria que ele fizesse comigo.

Cole e Fera saíram do riacho primeiro e depois partiram em direção à minha pilha de roupas no gramado. Bela e eu seguimos bem atrás deles. Ele desmontou do cavalo preto, pegando minhas botas e minha camisa.

Entregou-as para mim e disse:

— Quer colocar suas roupas de volta?

Eu sorri. Ele queria que eu acabasse com a tortura. Só que eu nunca tive essa intenção.

Tirei as roupas dele.

— Não, estou bem. Quero pegar um pouco de sol nos meus ombros — eu disse.

Suas narinas se alargaram. Seu queixo caiu. Sim, meu caubói me desejava.

Calcei minhas botas, mas coloquei a camisa sobre o colo.

Nós lentamente retornamos aos estábulos. Meus seios estavam pesados e doloridos, e a cada passo que o cavalo dava, eles balançavam e se esfregavam no tecido do biquíni, criando o mais delicioso e punitivo atrito. Mas nada comparado à dor doce entre as minhas pernas.

Eu estava praticamente ofegante quando voltamos. Nós dois silenciosamente escovamos, alimentamos e molhamos os cavalos, o ar ainda elétrico entre nós. Cole trocou o feno enquanto eu ia até quadriciclo para pegar o cantil.

Empoleirei-me contra a parede, observando-o trabalhar e tomando um gole de água. Ele terminou e se juntou a mim, inclinando-se ao meu lado.

— Me dá um pouco? — ele perguntou.

Eu não sabia se ele queria a água ou a mim, mas passei o cantil para ele.

— Obrigado — disse ele, tentando manter os olhos longe do meu corpo.

Ele tomou um pouco de água e entregou o cantil de volta para mim. Cole olhou quando levei a garrafa à minha boca mais uma vez e dei longos goles. Algumas gotas escorreram pelo meu queixo e meu pescoço, caindo sobre a pele entre meus seios. Cole observou aquela gota como se fosse o último pedaço de água em todo o planeta.

— Porra — disse ele, fechando os olhos e inclinando a cabeça para trás, contra a parede atrás de nós.

Seu peito subiu e desceu rapidamente. O ar escapou de seus lábios quando ele pareceu chegar a algum tipo de decisão. Abriu os olhos e se colocou de pé antes de tirar o chapéu da cabeça e jogá-lo no chão. Então, colocou bem na minha frente.

— Você está gostando deste jogo, Eve? — perguntou, seus olhos quentes nos meus e seu rosto feroz. Ele estava no limite, e, conseqüentemente, meu caubói perigoso estava sexy pra caralho.

Eu arqueei uma sobrancelha.

— Que jogo? — Mas eu era uma mentirosa. Porra, sim, eu estava gostando daquele jogo. *Toque-me, beije-me, possua-me*, eu queria implorar. Em vez disso, eu apenas o desafiava com olhares. *Faça isso*, eles diziam. *Pegue o que quiser*.

Cole colocou as mãos na parede de cada lado da minha cabeça, prendendo-me ali, mas ele não tinha com o que se preocupar. Eu não ia a lugar algum.

Ele aproximou seu rosto do meu como se fosse me beijar, mas só passou o nariz pela minha bochecha antes de sussurrar contra meus lábios:

— Tire isso.

Fixei meu olhar no dele, enquanto a luxúria esvaziava minha mente. Dei uma olhada ao redor do celeiro.

— Mas alguém pode...

— Tire. Agora, Eve — ele exigiu, seus lábios praticamente tocando os meus.

Afrouxei as cordas que seguravam meu top. As taças do meu biquíni caíram para frente, e eu reprimi um gemido quando o ar beijou meus mamilos. Arqueei-os para frente, oferecendo-os a Cole.

Ele sibilou antes de passar o dedo indicador pelo vão dos meus seios, com cuidado para não tocar meus mamilos, não querendo me dar o que eu precisava receber. Arqueei mais em direção a ele, enquanto seu dedo deslizava pelo meu estômago e pela bainha do meu short jeans antes de agarrar a minha mão. Ele a embalou na sua, assim como no dia em que me mostrou como colher pêssegos, e a levou ao meu peito, pressionando minha palma na carne macia.

— Sim, baby. Me mostre esses lindos seios. Deixe-me ver você brincar com eles — sua voz grave ordenou, enquanto ele levava minha outra mão ao meu outro peito também. Seu olhar nunca vacilou, enquanto eu me acariciava e me massageava. E quando belisquei meus mamilos entre meus indicadores

e meus polegares, ele soltou um grunhido: — Porra!

Ele colocou as mãos sobre as minhas, impedindo-me de continuar, e eu soltei um gemido de frustração.

Ele me encarou.

— Me peça.

Minha testa se enrugou. Pedir o quê?

Cole sorriu para mim.

— Seja uma boa menina e me peça. Eu lhe darei o que você quer.

O que ele estava fazendo? Chocada, eu perguntei:

— O quê?

— Pensei que você gostasse de joguinhos, Eve — disse ele, com uma expressão presunçosa.

Eu queria estrangulá-lo, mas ele passou o nariz contra o meu novamente, deixando seus lábios a um centímetro de distância da minha boca.

— Vamos, baby. Só peça — ele sussurrou.

— Por favor — choraminguei. — Por favor, só me beije. — Eu tinha passado e muito dos limites. Não havia nenhuma maneira de eu não pedir, mesmo se não gostasse de seu maldito jogo. Sonhava em beijar aquele homem desde meus dezesseis anos de idade. Coloquei meus braços ao redor de seu pescoço e o puxei para mim.

Ele sorriu, gentilmente encostando a boca na minha, e eu me perdi. Então, assim foi. Seus lábios deslizaram contra os meus com tanta gentileza e suavidade, até ele passar a ponta da língua ao longo do meu lábio inferior. E tudo explodiu. Seu batimento cardíaco trovejou de encontro ao meu. Suas mãos me seguraram como se ele pensasse que eu poderia desaparecer. Sua respiração me alimentou, fazendo-me sentir como se eu pudesse morrer se não tivesse aquela sensação todos os dias pelo resto da minha vida.

Meus lábios estavam quentes e molhados contra os dele.

Sua língua deslizava tentativamente, ainda exigindo que eu provasse a dele.

Foi mais.

Tudo.

Mais do que os fogos de artifício que senti aos dezesseis anos.

Foi explosivo.

Intoxicante.

Debilitante

Foi fogo e gelo.

Sol e chuva.

Foi melhor do que qualquer nascer do sol que testemunhei do meu balanço na varanda da frente. Era mais abrangente do que qualquer pungência de fome que eu já tinha experimentado.

Era o céu e o inferno, tudo em um só, e eu não queria que acabasse.

Mas, acima de tudo, não era uma paixão adolescente.

Era real.

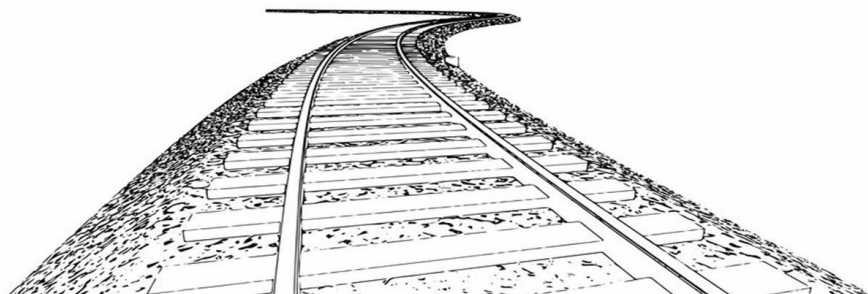
Era mágico.

Era Cole e Eve.



Capítulo Vinte e Dois

Cole



Porra!

Ela tinha a droga de um gosto doce, e eu queria devorá-la, devorá-la e devorá-la. Mordi o lábio inferior carnudo e rosnei antes de introduzir minha língua em sua boca. Deus, acho que eu nunca me fartaria daquela boca. Esperei tanto tempo para provar Eve, e foi melhor do que eu jamais imaginei — e olha que eu já tinha imaginado muito. Mas nada me preparou para os gemidos suaves que ela proferiu quando nossas línguas se encontraram; para o jeito como se agarrou a mim, como se eu fosse sua tábua de salvação; o jeito como retribuiu o beijo com tal abandono.

Nós estávamos desesperados um pelo outro. Com um simples toque dos meus lábios contra os dela, um fósforo foi riscado. Fogo — nós estávamos prestes a queimar o mundo inteiro.

Deslizei minhas mãos para cima e segurei o cabelo dela, como eu tinha desejado fazer tantas vezes antes.

— Você é linda — sussurrei contra sua boca antes de dar uma longa e lenta lambida em seu lábio inferior novamente. Jesus. Eu realmente queria devorá-la.

Puxei o cabelo dela, inclinando sua cabeça para trás para que eu pudesse beijar as linhas delicadas de sua mandíbula, o local perfumado onde seu pescoço encontrava seu ombro. Pressionei beijos mais profundos em cada centímetro de pele que pude. Estava louco de desejo.

Eve e seus jogos tinham me levado àquele estágio. Ela passara o dia inteiro me provocando, sendo mais do que apenas uma distração. Aquele maldito biquíni quase me matou — toda a sua pele lisa e bronzeada exibida

para mim. Fiquei duro como uma rocha, e quando entreguei a ela a camisa e as botas, parte de mim rezara para que ela as colocasse, então, eu teria algum alívio. A outra parte de mim esperava que nunca se vestisse novamente, porque era gostosa demais.

Desde a nossa noite na picape, minha obsessão por ela havia atingido novos níveis. Pensava nela enquanto colhia pêssegos, consertava cercas, jantava. Merda! Eu até sonhava com minha pequena fada. Eve estava quase sempre em primeiro plano na minha mente.

Eu a desejava e estava cansado de esperar. Em algum momento, nas últimas semanas, parei de pensar em Everly como Pêssego, a jovem despedaçada do trem. Ela era Eve agora. Uma mulher.

Ela era forte, feroz — uma maldita força a ser levada em conta. Era minha.

Cheirei-a, sugando seu perfume para mim. Madressilva. Era assim que ela cheirava. Coloquei meus braços sob suas coxas, içando-a do chão. Suas pernas se envolveram em volta de mim e me apertaram, o que fez com que sua boceta entrasse em contato com meu pau.

— Sim — Eve gemeu quando eu a levei até a pilha de feno no canto e a deitei ali.

Segurei seus amplos seios em minhas mãos e esfreguei meus polegares sobre seus rígidos mamilos rosados. Comecei a salivar só de pensar em saboreá-los.

Arqueando as costas, ela se ofereceu para mim, e eu sabia que desejava minha boca. Eu queria devorá-la, mas queria que me pedisse. Tudo começou como uma maneira de provocá-la, mas quando ela me implorou para que eu a beijasse, eu rapidamente percebi que gostava quando ela pedia e implorava. Na verdade, eu adorava.

Inclinei-me perto de seu peito, soprando suavemente os picos sensíveis e lindos.

— Peça — pedi baixinho, passando o nariz no vão de seus seios e absorvendo seu doce perfume de madressilva, do qual eu nunca me cansaria.

— Por favor — ela ofegou. — Porra, por favor. Beije-os — gemeu. — Chupe-os. Faça alguma coisa, Cole — gritou.

Ali estava a minha mulher mandona. Eu ri e abaixei minha boca, dando uma longa sugada em um mamilo.

— Simmmmm — ela sussurrou quando eu soprei seu mamilo agora molhado.

Colocando minhas mãos debaixo dela, embalei seu corpo. Olhei para o cabelo castanho brilhante espalhado no feno, o biquíni rosa em volta da cintura, o short curto e as botas marrons. Ela era o sonho de qualquer caubói, e era minha. Eu era um filho da puta sortudo.

Com minhas mãos nas costas dela, pressionei seus seios e peguei um dos deliciosos mamilos em minha boca. Puxei-o com força antes de passar a ponta dos meus dentes por ele.

Everly arfou com o contato, e eu olhei para seu rosto, examinando suas bochechas rosadas e a boca inchada pelo beijo.

O suspiro que ela emitiu reverberou direto no meu pau, e eu voltei a me banquetear com seus seios, tomando os bicos na boca e saboreando os mamilos doces uma e outra vez. Ela gemeu e seu corpo estremeceu sob o meu, mas, ainda assim, ainda não parecia suficiente. Puxei o outro bico rosado com um pouco mais de força, enquanto apertava o outro entre os meus dedos só para iniciar tudo outra vez. Eu poderia fazer aquilo o dia todo.

— Cole!

Congelei. Então, olhei boquiaberto para Everly, enxergando pânico em seu rosto. Puxei minha mão de debaixo dela e coloquei meu dedo em meus lábios.

— Shh!

— Everly!

Porra, era Joe e estava vindo em nossa direção, aproximando-se a cada segundo. Cobri o corpo de Eve com o meu para o caso de ele nos encontrar.

— Cai fora! — gritei de onde estava, por cima de Eve.

— O quê? — Joe gritou de volta em uma voz confusa.

Os olhos de Eve estavam arregalados e assustados.

Depositei um beijo suave em seus lábios para acalmá-la antes de gritar:

— Pelo amor de Deus, Joe, cai fora!

Fiquei quieto por um momento antes de ouvirmos um resmungo:

— E eu que pensava que era o dono deste lugar. — Depois de outro silêncio, Joe disse em voz alta: — Tudo bem, estou indo embora, mas é melhor que eu encontre vocês dois para jantar em quinze minutos. Não se atrasem. — Então a cadeira de rodas de Joe começou a triturar a terra e o cascalho conforme ele saía.

— Porra, foi por pouco — ela sussurrou.

Sorri para ela. Era a mulher mais linda que eu já tinha visto. Olhei para seus olhos bondosos e generosos e pensei que, talvez, Eve tivesse sido

enviada para mim quando mais precisei dela. Ela estava lá para me salvar de mim mesmo. E tinha salvado.

— Saia comigo — pedi.

Ela parecia confusa.

— O que quer dizer com isso?

— Saia comigo — eu disse, mais devagar desta vez. — Esta sexta-feira à noite.

Seus olhos se arregalaram.

— Como um encontro?

— Sim, Eve. Por favor, você sairia em um encontro comigo nesta sexta à noite? — falei devagar novamente, porque ela claramente não estava entendendo.

— Nunca tive um encontro — ela deixou escapar, obviamente nervosa com a perspectiva.

Rindo suavemente, afastei uma mecha de cabelo de sua testa, colocando-a atrás de sua orelha.

— Não entre em pânico e diga sim, Eve. — Encostei minha testa na dela. — Pare de me torturar.

Eve se inclinou para trás, olhando-me nos olhos. Eles ficaram suaves, como sempre ficavam só para mim. Ela não compartilhava aquele olhar tão aberto com qualquer pessoa, e isso fazia com que me sentisse especial de uma maneira que eu nunca seria capaz de explicar. Aquele olhar dizia muito mais do que ela queria dizer. Dizia: *Eu vejo você. Vejo seu lado bom. Vejo seu lado mau. E quero tudo.* E que o diabo me perdoasse se isso não parecia amor.

— Vou sair com você, caubói.

— Sim? — Eu sorri e plantei beijos suaves e lentos em todo o seu rosto.

Ela riu:

— Eu sempre fui patética por não dizer não para você.

— Ei — eu disse, rindo. — Essa sempre foi uma das minhas coisas favoritas em relação a você.

Seu rosto ficou sério.

— Você tem coisas favoritas em relação a mim? — ela perguntou, com olhos esperançosos.

Segurei seu rosto e deslizei meu polegar em seu lábio inferior, pensando que ele entrava na lista dos favoritos também.

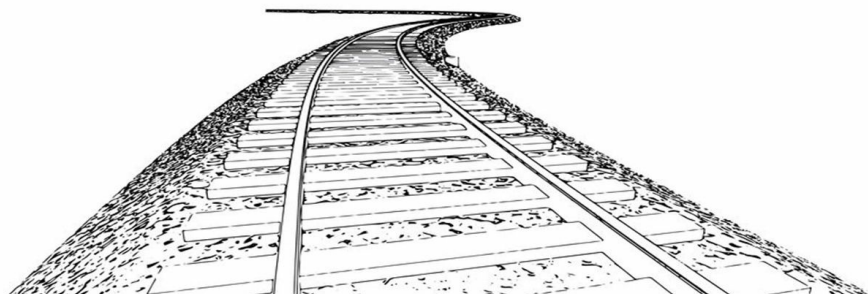
— São coisas demais para contar, baby — eu disse antes de encostar

meus lábios nos dela mais uma vez.



Capítulo Vinte e Três

Everly



Oh, inferno! Olhando ao redor do meu quarto, comecei a tamborilar meus dedos em minhas coxas e tentei me acalmar. Porque eu tinha um problema. Estava em uma situação difícil. Tinha um dilema enlouquecedor. Estava na merda, se quer saber. Porque eu não tinha absolutamente nada para vestir naquela noite e era sexta-feira. Sexta-feira. Meu primeiro encontro, com o homem dos meus *sonhos*. E não era um eufemismo. Eu vinha literalmente sonhando com Cole há anos. Era uma porra de um caso sério. Olhei ao redor do meu quarto novamente, para a minha pequena coleção de roupas espalhadas por todo lado, e minha ansiedade elevou-se tanto que chegou a atravessar o telhado.

Onde diabos estava Cody? Liguei para ele aproximadamente cinco mil vezes. Ele não estava atendendo. Eu ia matá-lo. MATÁ-LO.

Peguei o vestido branco que tinha usado no Jack's e o joguei de lado. Não poderia usá-lo novamente, e nem sequer possuía outro vestido. Um pânico total tomou conta de mim quando olhei ao redor do quarto.

Pensei em ligar para Cole e cancelar nosso encontro, mas meu caubói nunca mantinha o celular por perto, então, seria inútil. Ele geralmente o deixava em casa enquanto trabalhava e quase nunca o checava.

— Não, não, não — murmurei de novo e de novo, pegando todos os meus jeans e camisetas.

OK. Isso era mais do que uma situação ruim. Era um desastre enorme. Eu poderia ter facilmente pegado o dinheiro que havia ganhado até agora durante verão e ido às compras, mas precisava de coisas importantes para sair de Preston, como por exemplo: autorização e um carro. E eu tinha que estar

pronta em uma hora.

Peguei uma saia jeans velha e uma blusa branca, pensando que poderia vesti-los, combinados com um belo colar.

— OK. Você consegue. Não é grande coisa. São só roupas — sussurrei, tentando usar comigo mesma a conversa de incentivo do século.

Uma batida firme soou na minha porta antes de Cody aparecer como se tudo estivesse bem, como se eu não estivesse no meio de uma emergência e em pânico. Sua fivela de prata brilhante dizia: *Saia por aí com o pênis para fora*. Eu teria rido se não estivesse tão brava.

— Oh, meu Deus! — eu disse quando Cody se jogou na minha cama. — Onde diabos você esteve? Estou te ligando há horas.

Cody afofou o travesseiro atrás da cabeça.

— Eu sei. — Sua boca se inclinou em um meio sorriso. — Ninguém me liga assim, até fazer meu telefone explodir, desde o ensino médio, quando todas as meninas ainda achavam que eu era hétero. — Ele cruzou as botas sujas nos tornozelos.

Joguei um travesseiro nele.

— Agora não é hora de ser engraçadinho, Cody. Não percebe que estou em uma emergência? E tire suas botas sujas da minha cama! — Dei outra olhada ao redor da bagunça na qual meu quarto se transformou.

Segurando as mãos num gesto de rendição e sentando-se para tirar as botas, Cody disse:

— Desculpe. Você sabe que estamos na época da colheita, o que significa que tenho ficado nos pomares o dia todo. — Ele assentiu para mim. — Tudo bem, docinho. Diga-me qual é a emergência e verei o que posso fazer. — Parecia sincero.

Suspirei e me joguei no colchão.

— Vou sair em um encontro com Cole e não tenho nada para vestir. — Achei que soaria menos drástico depois que eu falasse, mas estava errada, porque admitir em voz alta só fez com que minha pulsação acelerasse ainda mais.

Cody ergueu as sobrancelhas.

— Você me ligou um milhão de vezes porque não sabe o que vestir?

Eu me sentei e arregalei os olhos para ele.

— Sim!

Eu sei, eu sei. Estava sendo superficial e me odiava por isso, mas nunca tive um encontro. Um homem nunca me convidou para um. E era Cole. Deus,

eu queria que fosse especial.

Revirando os olhos, ele disse:

— Baby, eu posso ser gay, mas ainda sou homem. Um homem que não sabe nada sobre roupas femininas. Você tem que encontrar alguém para ajudá-la com o seu problema. — Ele fechou os olhos e cruzou os tornozelos novamente, ficando confortável.

Dei um tapinha na minha testa.

— Oh, meu Deus, mas você é tudo que eu tenho, Cody. Só você. Levante essa sua bunda sexy e finja que é o tipo de homem gay que sabe algo sobre roupas femininas. — Olhei para ele. — Porra, faça isso!

Ele me lançou um olhar preguiçoso.

— Nós podemos fingir até que as vacas comecem a tossir, docinho, e mesmo assim eu não vou conseguir te ajudar. Por que você não pergunta a Missy? — ele perguntou, casualmente fechando os olhos outra vez.

Meus olhos saltaram das órbitas. Merda! Eu não ia perguntar a Missy. Ela era mais velha. Não tínhamos gosto semelhante. Ela me faria colocar um jeans bem largo e um avental para o meu encontro.

Balancei a cabeça.

— Não, eu não vou perguntar a Missy — gemi e cobri meus olhos com as palmas das mãos. Eu estava ferrada.

— Venha aqui, Everly — disse Cody, dando tapinhas do lado dele na cama, mantendo os braços abertos.

Revirei os olhos e bufei. Não! Eu não ia me deixar levar por seus gestos de carinho. Eles faziam com que eu me sentisse acolhida, confusa e amada, e eu acabaria me esquecendo de que estava com um problema. Um problema no qual eu precisava focar.

— Vamos lá, docinho. Não faça isso — Cody disse, olhando para mim com olhos de cachorrinho e fazendo um beicinho com seu lábio inferior.

Arqueando uma sobrancelha, perguntei:

— Isso funciona com Beau?

Ele sorriu tanto que mal consegui enxergar seus olhos. Então, disse:

— Sempre. — Ele piscou e deu um tapinha no assento ao lado dele novamente antes de abrir os braços.

Aparentemente, aquele olhar funcionava em mim também, porque me arrastei até a cama e encostei minha cabeça em seu peito, suspirando. Já me sentia melhor só em fazer isso. Maldito fosse ele.

Cody passou os braços em volta de mim e depois deslizou a mão pelo

meu cabelo.

— Doce Everly, eu tenho certeza de que você poderia atender à porta usando um saco de papel e aquele homem ainda iria desmaiar só de olhar para você.

Eu ri contra seu peito.

— Você está tão errado. Cole Briggs nunca desmaiou na vida. — O pensamento absurdo me fez rir novamente.

Segurando meu queixo com os dedos, Cody inclinou meu rosto em direção ao dele, que estava muito sério.

— Cole pode não desmaiar, mas eu vejo o jeito como ele olha para você. Todos nós percebemos.

Minha risada morreu em um suspiro.

— Como Cole olha para mim? — sussurrei, sentindo meu estômago dar cambalhotas.

Ele sorriu gentilmente para mim.

— Como se você tivesse pendurado a lua no céu, menina. — Ele deslizou um dedo pela inclinação do meu nariz antes de tocar a ponta dele com suavidade. Cody me puxou mais perto, encostando o queixo no topo da minha cabeça. — E eu não estou convencido de que você não tenha mesmo feito isso — disse tão baixinho que mal o ouvi.

Meu nariz ardia de vontade de chorar quando passei meus braços ao redor de seu torso e lhe dei um aperto forte. Fechei meus olhos com força para prender as lágrimas atrás de minhas pálpebras, porque Cody, Joe e Cole conseguiam arrancar cada parede emocional que eu já havia construído em volta do meu coração, e tudo o que restava era... Bem, eu. E isso não era tão ruim.

Pressionei meu rosto com mais força contra o peito de Cody, pensando que ele não fazia ideia do quanto significava para mim. Quão especial era. Se eu tivesse pendurado a lua, ele teria sido o único a me segurar para que eu pudesse fazer isso. Aquelas pessoas eram assim. Elas me seguravam. Acoravam-me. Tinham criado uma versão melhor de mim mesma. E, pela primeira vez em toda a minha vida, eu comecei a me amar, e este sentimento era inestimável. Como eu poderia retribuir?

Levantando a cabeça, olhei para Cody, com lágrimas brilhando nos cantos dos meus olhos e meu coração saindo pela boca.

— Cody — sussurrei, querendo contar tudo a ele. Queria contar a ele sobre a garota que roubava pessoas na linha do trem. Queria contar a ele

sobre a jovem que Momma Lou tinha aceitado. E sobre quem eu era agora. Queria contar a ele sobre Eve. Quão livre ela estava. Como estava em paz pela primeira vez em sua vida.

— Não — Cody resmungou, desconfortável. — Não me olhe assim.

— Como o quê? — eu perguntei, sorrindo, porque sabia como estava olhando para ele: como se ele fosse tudo.

— Como se eu fosse algum tipo de cavaleiro de armadura brilhante ou alguma merda assim. Pare com isso. — Ele ajeitou algumas mechas do meu cabelo. — Você é a única heroína nessa história — finalizou.

Eu fiz uma careta.

— Se você soubesse. — Soltei um suspiro. — Cody, eu nem sempre fui uma boa pessoa. Já fiz...

— Everly, eu sei quem você é agora. Sei que você é a pessoa mais doce, carinhosa e amorosa que já conheci, e isso é tudo que preciso saber. Agora, levante essa sua bunda linda e se vista. Seu caubói estará aqui em breve. — Os olhos de Cody diziam que nossa conversa precisava terminar. Ele me incentivou dando um tapa forte na minha bunda.

Andei até o banheiro, em uma espécie de torpor, sentindo minhas emoções pulsando por todo lado. Nunca ninguém me aceitara daquela maneira. É isso que acontece quando as pessoas te amam? Elas apenas te aceitam do jeito que você é? Com defeitos e tudo?

Eu sorri, sentindo meu coração leve e arejado dentro do peito, enquanto vestia minha saia jeans e minha blusa branca no banheiro, deixando Cody ainda deitado na minha cama. Coloquei um longo colar, calcei minhas botas e pus meu chapéu antes de aplicar maquiagem mínima. Admirando-me no espelho, lembrei-me do que Cody havia dito sobre Cole. Sobre como ele olharia para mim, como se eu tivesse pendurado a lua no céu, mesmo que eu vestisse um saco de papel. E isso me ofereceu um pouco de conforto.

— Deixe-me olhar para você — disse Cody, girando o dedo no ar para que eu desse uma voltinha.

Então eu o fiz.

Ele soltou um longo assobio antes de dizer:

— Linda... por dentro e por fora.

Corei com o elogio dele.

— Beau sabe o quão sortudo ele é por ter o seu amor? — perguntei.

Ele soltou uma risada sombria.

— Vou responder com um grande e gordo: não. — Puxou o celular do

bolso. — Parece que o Cole está atrasado — ele disse, mudando de assunto.

Com os olhos arregalados, eu perguntei:

— Sério? — E, só por causa disso, minha ansiedade voltou a todo vapor.

— E se ele não vier? — Comecei a andar pelo quarto, afastando meu chapéu da minha testa suada. — E se ele mudou de ideia? — Mordi meu lábio.

Cody bufou.

— Pare de falar bobagem. Cole nunca te daria um bolo. Nunca.

Literalmente dois segundos depois, ouvi uma leve batida na porta do meu quarto.

Meus olhos dispararam para a porta e de volta para Cody, e então repeti o movimento todo de novo. E então mais uma vez, porque eu era uma lunática. Meus olhos saltaram das órbitas, novamente para Cody, e ele me empurrou na direção da porta com um movimento de sua mão.

— Vá — ele murmurou para mim, lançando-me um olhar de repreensão.

Houve outra batida, um pouco mais pesada desta vez. Comecei a me mexer desesperadamente, verificando cada detalhe da minha roupa e, em seguida, coloquei o chapéu de volta sobre a minha testa antes de finalmente abrir a porta.

Cole estava lindo. Devastadoramente bonito. E minha pele se arrepiou com a consciência de que aquele homem sexy e forte estava lá para mim. Apesar de tentar reprimi-lo, um gemido baixo escapou de mim ao vê-lo de banho tomado e recém-barbeado. Seu cabelo estava perfeitamente penteado e um pouco úmido. Ele vestia uma camisa preta de mangas compridas e jeans escuros. Deu um passo para trás, em suas botas pretas, quando me viu.

Chequei a barra da minha saia, puxando-a um pouco para baixo, sentindo como se talvez não estivesse vestida adequadamente ou como se minha saia fosse curta demais.

— Você está linda — disse Cole.

Finalmente olhei para ele. Sorriu para mim com olhos doces, e meu pânico imediatamente se dissipou.

— Você está atrasado — provoquei.

Ele levantou o braço, mostrando-me uma cesta de piquenique branca.

— Tive que pegar comida e tomar um banho.

— Nós não vamos sair, então? — perguntei, pegando minha bolsa. Estava curiosa para saber quais eram seus planos.

Entrando no quarto, Cole cumprimentou Cody com um aceno de cabeça. Manias de garotos.

— Não — ele disse. — Pensei que seria legal ficar por aqui e fazer um piquenique.

Eu não estava mal vestida, graças a Deus, e um piquenique era bem a minha vibe. Eu não era o tipo de garota que precisava de frescura e fantasia.

— Parece ótimo. — Então eu acenei para Cody. — Tchau, Cody.

Sim, ele ainda estava na minha cama. Você não tira um homem gato como aquele da sua cama. Nunca. Mesmo que seja seu melhor amigo gay.

— Até mais tarde, cara — disse Cole, segurando minha mão na dele enquanto nos virávamos para sair do quarto.

— Vocês, crianças, se comportem. Não façam nada que eu não faria — disse Cody, sorrindo.

— Isso é possível? — perguntei por cima do meu ombro enquanto ria.

— Ei, Cole — Cody chamou quando saímos do quarto.

Cole voltou-se para Cody, erguendo as sobrancelhas.

— Coma esse pickles aí e faça-lhe cócegas — disse Cody, com a uma expressão séria.

Levei cinco segundos inteiros antes de entender. Oh, Senhor! Meu rosto ficou vermelho de vergonha e uma risadinha nervosa escapou de dentro de mim.

— Não aja como um idiota. E proteja sua ferramenta. — Cody riu.

Minha boca se abriu.

— Oh, meu Deus. Parem com isso! — gritei, enquanto Cole me arrastava do quarto, balançando a cabeça e sorrindo.

Nós estávamos quase descendo as escadas quando Cody gritou:

— Enrole-o em papel alumínio antes de verificar o óleo dela!

Parei no último degrau e fiquei olhando para Cole.

— Por quê? Por que isso está acontecendo? — Massageei minhas têmporas.

Cole só continuou a rir das brincadeiras de Cody e do meu constrangimento enquanto me puxava para a porta da frente. Procurei Joe para poder dizer adeus, mas não o vi quando saí.

Subimos no quadriciclo, que estava estacionado na frente da casa grande, e nos afastamos, amarrando a cesta de piquenique de Cole na traseira do veículo. Passamos pelo pomar até chegarmos ao centro dele. Escorreguei do assento e olhei para cima, enquanto Cole pegava a cesta e um cobertor. Então ele o colocou no chão de terra embaixo das árvores.

— Nosso encontro será no pomar? — perguntei sorrindo, porque a ideia

era incrivelmente maravilhosa.

Cole sentou-se sobre o cobertor e deu alguns tapinhas ao lado dele para que eu me sentasse.

— Sempre achei que esse era um dos lugares mais bonitos na fazenda à noite. Mas ultimamente ele passou a significar algo mais para mim.

Recostando-me nos cotovelos, ao lado de Cole, olhei para as árvores acima de nós, para seus galhos pesados com frutas e para as estrelas cintilando entre eles. Era verdade; aquilo era lindo.

— Por que agora significa algo mais para você? — perguntei.

— Porque aqui — disse ele, olhando ao redor —, quase neste ponto exato, foi quando eu soube.

Eu olhei para Cole, confusa.

— Soube o quê?

Ele apontou para uma árvore a cerca de um metro à nossa esquerda.

— Está vendo aquela árvore? Você desmaiou ali mesmo. Fiquei mortalmente apavorado de várias maneiras. Fiquei com medo de você estar doente, mas quando abriu os olhos e olhou para mim com tanta ternura, fiquei ainda mais mortificado. Porque eu sabia. Eu sabia que, naquele momento, era mais do que desejo por seu corpo. Eu queria você. — Ele soltou uma risada sarcástica. — Ainda assim, tentei lutar contra isso. Eu era um idiota. — Balançou a cabeça.

Minha mente voltou para o dia no pomar. Ele de pé atrás de mim. Eu adorava o fato de ele também se lembrar daquele momento, que era tão especial.

— Não, você não era. — Coloquei minha mão sobre a dele por cima do cobertor, e seus olhos encontraram os meus, sorrindo. — Ok, talvez você fosse um pouco. — Ri, e ele também.

Ele pegou a cesta de piquenique e a colocou na nossa frente.

— Espero que tenha algo gostoso aqui. Estou morrendo de fome — eu disse, sentando-se.

Cole parecia nervoso ao abrir a cesta e tirar de lá dois cheeseburgers gordurosos, ainda envoltos em suas embalagens de fast food, que ele comprou.

— Estou rezando para que você ainda goste disso aqui tanto quanto me lembro. — Então ele pegou dois milk-shakes.

Nossa refeição no restaurante retornou à minha mente. Ele se lembrava. Um calor começou a se manifestar no meu peito lentamente e se moveu por

meus membros, fazendo-me sentir quente e preguiçosa por inteiro. Aquele homem. Meu coração quase não podia suportá-lo. Era demais.

— Você se lembra. — Eu sorri, tomei um gole do meu milk-shake e soltei um suspiro baixo.

Cole olhou para mim como se aquele barulho tivesse feito com que ele quisesse me beijar sem sentido, então, eu o repeti.

— Você está brincando com fogo, Eve. — Ele sorriu.

— Eu gosto de coisas quentes — falei, com meus olhos desafiando-o.

Ele riu.

Perguntei por entre goles do meu shake:

— Então, o que você quer de mim, caubói? — repeti nossa conversa da lanchonete de anos atrás e estava me divertindo muito fazendo isso.

Cole mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça de um lado para o outro, refletindo. Mas tudo em que eu poderia focar era aquela boca, porque... meu Deus! Limpei o suor da testa e tomei um longo gole do meu milk-shake gelado.

— Beijos — disse ele do nada.

— Beijos? — perguntei confusa.

Ele sorriu.

— Todos. Os. Beijos. É o que eu quero. — Ele deu uma mordida em seu hambúrguer.

Meus olhos se arregalaram.

— Tipo... para sempre?

Seu olhar me analisou.

— Sempre — ele respondeu.

Esta foi a conversa e foi neste momento que todos os meus sonhos se tornaram realidade. Não havia uma única garota sulista no mundo que não sonhasse com um belo caubói alimentando-a em um piquenique no campo e pedindo-lhe beijos.

— Por mim tudo bem — murmurei antes de dar uma mordida no hambúrguer.

Nós comemos tranquilamente debaixo das árvores frutíferas do belo pomar, com as estrelas brilhando sobre nós, o vento quente farfalhando nossos cabelos, pequenas estrelas dançando no céu sobre nossas cabeças. Quando terminamos nossas refeições, Cole colocou tudo de volta na cesta e se ajeitou no cobertor, puxando-me para deitar com ele. Acomodei-me em seu peito, ouvindo seus batimentos cardíacos e o farfalhar das árvores, que se

tornaram a canção mais doce que já ouvi. Ele me contou sobre o que tinha feito na fazenda naquele dia. Contei-lhe sobre Cody não atender minhas ligações e como ele era o melhor amigo gay mais inútil que já tive. Conversamos, conversamos e conversamos até meus olhos começarem a fechar. Era tão bom estar tão perto dele. Lembrei-me do nosso dia no celeiro e me remexi contra seu corpo. Lembrei-me de seu jeito exagerado, dominador, exigente. Deixou-me incrivelmente excitada, por isso, naquele momento, eu teria feito qualquer coisa que tivesse pedido. E, na verdade, eu praticamente tinha feito.

E, embora eu quisesse mais desses momentos, entendia o que Cole estava fazendo. Não tinha nada a ver com sexo. Era mais. Não me entenda mal. Eu queria o sexo — queria muito mesmo — mas queria o mais também. Queria tudo. Então, não pressionei por beijos, toques ou mais do que o que nós já estávamos fazendo. E ainda era perfeito.

Cole me acompanhou até a porta da frente, e eu queria convidá-lo para entrar. Inferno, eu queria que ele me convidasse para ir para sua casa, onde teríamos privacidade real, mas ele apenas me encurralou na porta e me beijou tão devagar, tão doce, tão quente, até fazer a base da minha coluna formigar e meus dedos do pé se contraírem dolorosamente dentro minhas botas.

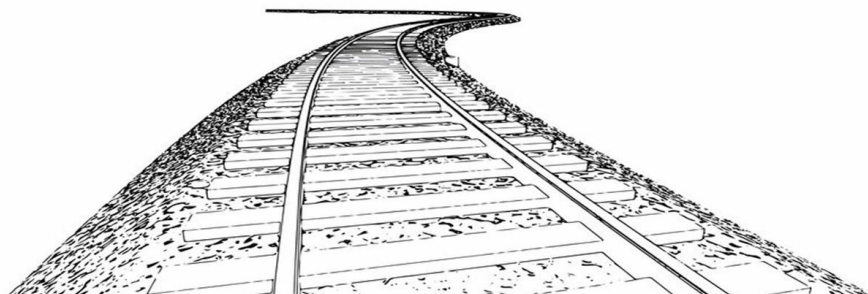
— Boa noite, Eve — ele sussurrou contra meus lábios.

E foi o melhor encontro possível.



Capítulo Vinte e Quatro

Cole



— Ele está cortejando a moça. É a coisa mais doce que eu já vi — Jane disse, e sua voz gotejava entonações românticas no ar.

Revirei meus olhos.

Cody resmungou antes de comentar:

— Mas tudo que é doce enjoa. Ele precisa dizer a ela como se sente ou, pelo menos, convidá-la para sua casa à noite. Everly está ficando impaciente, e Leo vai tentar alguma coisa com ela a qualquer momento.

— Não. Meu menino sabe o que está fazendo. Ir devagar com Everly é inteligente e responsável. Ela merece encontros e ser cortejada. Jane está certa — Joe entrou na conversa.

Cerrei meus dentes saindo de debaixo da van de Joe.

— Vocês, seus doidos, percebem que estou no recinto, certo?

Fui até ali pensando em trocar o óleo dos veículos e ter um pouco de paz e quietude, como eu costumava acontecer a cada dois meses, quando eu trabalhava nos carros e no quadriciclo, mas não. Esse grupo intrometido decidiu me interrogar o tempo todo, enquanto eu trabalhava nos carros.

— *Quais são seus planos para você e Everly?*

— *O negócio é sério?*

— *Você acha que ela vai ficar por mais tempo do que o verão?*

— *Quando você vai tornar oficial?*

Estas foram apenas algumas das milhares de perguntas que eles lançaram em minha direção. O verão estava terminando. E eu precisava tornar as coisas mais permanentes com Eve, mas Joe e Jane estavam certos. Tinha passado as últimas semanas cortejando minha garota. Eu a havia levado em longos

encontros em todos os meus lugares favoritos. Na semana passada, até a levei de volta ao Jack's. Não a deixei beber álcool, mas lhe ensinei um ou dois passos de dança. Levei flores para ela, e nós paramos em um lugar perto do lago, conversamos e ouvimos músicas lentas no rádio. Agi como a porra do caubói mais romântico das redondezas. Everly queria mais do que encontros e beijos. E confie em mim: eu também, mas estava em uma missão.

Everly tinha passado o começo do verão ganhando a minha confiança, dando-me sua amizade e me deixando cuidar dela. Na maior parte do tempo, ou eu agi como um idiota ou me apoiei nela. Então, agora, eu estava exigindo que ela fizesse tudo isso de novo com dez vezes mais intensidade. Só que eu não queria que apenas se importasse comigo. Não queria apenas a sua amizade. Eu queria tudo. Queria que ela me amasse. Podia ter demorado um pouco para me acostumar com a ideia de nos ver como um casal, mas agora eu estava totalmente envolvido.

— Oh, estamos completamente cientes de que você está aqui, Cole. Por que outro motivo estaríamos todos na maldita garagem neste calor? — Missy rosnou, claramente irritada por ter que estar na garagem quente, mas intrometida demais para não aguentar ficar longe.

Atarraxeï a tampa de óleo de volta no lugar na van e saí de debaixo dela. Sentei-me e limpei minhas mãos em um pano próximo. Todos se aglomeraram em volta de mim. Lancei-lhes um olhar irritado.

— Se todos vocês estão aqui, quem diabos está cuidando da fazenda? — perguntei rabugento.

Todos eles apenas se entreolharam.

Levantei-me e fui até a pia para lavar as mãos.

— O que acontece entre mim e Everly é problema nosso, e vocês precisam ficar de fora — eu disse, examinando minhas mãos manchadas de óleo, mas sabendo que todos eles estavam ouvindo, porque era possível ouvir um maldito alfinete cair naquela garagem.

Uma mão firme pousou no meu ombro, e eu virei minha cabeça para encontrar Cody de pé atrás de mim, com um rosto sério.

— Nós nos preocupamos com ela.

— Nós a amamos — Jane completou.

Olhei por cima do ombro de Cody para minha família. Eles estavam claramente mais preocupados com Everly do comigo. E isso não me incomodava nem um pouco. Fiquei orgulhoso por eles a amarem tanto quanto eu amava.

Enxuguei minhas mãos na calça e disse:

— Tudo bem, eu entendi. Vocês estão preocupados que eu possa foder tudo.

— Cuidado com a boca, Cole. — Missy apontou para mim, Jane assentindo em concordância.

Eu sorri.

— Não vou estragar nada. Eu quero que Eve fique, e eu fiz planos com Marla para que ela venha no começo da semana que vem para que possamos resolver todas as nossas mer...

Missy e Jane me encararam, desafiando-me a xingar novamente.

— Coisas. Todas as nossas coisas. Depois disso, vou falar com Eve, tornar tudo mais oficial. Ela não irá a lugar algum, ok? Então, todos vocês se acalmem e voltem ao trabalho. — Olhei para Cody e bufei. — E eu desafio Leo a tentar qualquer coisa com a minha garota.

As mulheres olharam para mim, com seus rostos derretidos e cheios de sentimentos, e eu corri para a minha picape, mergulhando debaixo dele para trocar o óleo antes que me atacassem e acabássemos nos abraçando e cantando alguma música gospel ou qualquer coisa assim.

— Cole está certo. Hora de todos voltarem ao trabalho — disse Joe, levando todo mundo para fora, tomando a dianteira com sua cadeira de rodas.

O grupo saiu em silêncio, murmurando e rindo.

Quando achei que estava finalmente sozinho, ouvi a cadeira de rodas de Joe parar ao lado da picape. Olhei para a direita e pude ver suas rodas paradas ali. Estava na ponta da minha língua perguntar o que ele precisava quando ele mesmo falou:

— Estou realmente orgulhoso de você, Cole. — E ele foi embora num piscar de olhos.

Sorri sob o caminhão, na garagem quente. Joe estava orgulhoso de mim e era sábado à noite. Iríamos acender uma grande fogueira na propriedade e todos estariam presentes. Eu mal podia esperar para me sentar ao redor do fogo com a minha garota.

Por causa da multidão de intrometidos na minha garagem, terminei os carros um pouco mais tarde do que o esperado. Enquanto eu tomava banho e me vestia, o fogo foi aceso, e a cerveja e o churrasco começaram a ser servidos. Peguei uma cerveja e dei uma volta, tentando encontrar Eve.

Logo a encontrei sentada em um tronco perto do fogo, com Joe ao seu lado. Começou a ficar óbvio para mim que quando eu não estava com ela,

havia muitas chances de que ele estivesse. Era seu instinto protetor, e eu o amava por isso. Nunca precisava me preocupar com Eve, porque Joe ou Cody quase sempre estavam de olho nela. O que era bom, porque Eve era nosso trunfo.

— Como ela era? — Eve perguntava quando eu cheguei.

Sentei-me ao lado dela no tronco, aproximando-me até que minha perna ficasse colada à dela. Ela me lançou um olhar suave e depois se virou para Joe, dando-lhe toda a atenção.

Joe riu, e seus olhos se mostraram sonhadores.

— Minha mãe era linda. Tinha olhos azuis como o céu. — Ele olhou para Eve. — Muito parecidos com os seus. E ela tinha cabelos longos e escuros. Lembro que meu pai não conseguia ficar perto dela sem tocá-la de alguma forma.

Os olhos de Eve também se mostraram sonhadores, e eu sorri para os dois, que pareciam desesperadoramente românticos.

Joe continuou.

— Quando eu era mais novo, sempre percebia a forma como eles se beijavam e como sempre ficavam de mãos dadas. Ou até mesmo como ele se sentava ao lado dela, sempre com a mão em sua perna ou em suas costas. Mas quando fiquei mais velho, percebi que o que eles tinham era algo especial. E quando penso neles, vejo os dois juntos, nunca separados. O amor que sentiam era de um tipo muito raro.

Eve aproximou sua perna da minha um pouco mais, enquanto dava atenção a Joe.

— Eu gostaria de tê-los conhecido, Joe.

— Eu também. — Sua voz soou um pouco embargada. — Eles teriam amado você.

Os pais de Joe haviam morrido em um acidente de carro quando o filho tinha apenas dezenove anos. Ele falava sobre eles com frequência e sempre com um carinho que demonstrava o quanto os amava.

Ele soltou um suspiro.

— Bem, eu vou deixar vocês dois sozinhos. Não precisam que eu segure vela.

— Obrigada por me fazer companhia, Joe — Everly disse com um pouco de timidez.

No momento, milhares de emoções cruzaram o rosto de Joe, e cada uma delas disse que Everly passara a lhe significar muito. Parecia prestes a dizer

algo importante, então, inclinei-me para frente, esperando, mas seu rosto estava impassível e ele mordeu o lábio inferior, parecendo mudar de ideia.

— Sempre que quiser, querida — ele finalizou antes de sair.

Eve mexia no bolso de trás como fazia às vezes quando estava nervosa e dizia:

— E sua mãe, caubói? Onde ela está agora? Acho que a última vez em que ouvi você falar sobre ela foi há quatro anos, no trem. — Sua voz estava um pouco tensa de emoção.

Eu olhei para longe de Eve e concentrei-me no fogo.

— Ela faleceu há dois anos. Foi um ataque cardíaco repentino enquanto assava um bolo na cozinha.

O coração de Eve pareceu se partir.

— Eu sinto muito, Cole. — Ela se inclinou para mais perto de mim, colocando a cabeça no meu ombro.

Sorri suavemente para ela.

— Sinto falta dela todos os dias, mas não me arrependo de nada. Minha mãe e eu éramos próximos, e não tenho arrependimentos quando se trata dela. Ela sabia o quanto eu a amava, e eu sabia o que ela sentia por mim. — Passei meu braço ao redor de Eve, embalando-a. — Eu me consolo com isso e com o fato de que ela morreu rapidamente, que não foi uma coisa longa e dolorosa.

— Oh, Cole... — Everly suspirou e saiu de meus braços, com o rosto aflito. — Eu roubei algo de você.

Arqueei uma sobrancelha para ela, não tendo certeza do que estava acontecendo.

— No trem, há quatro anos — ela sussurrou.

Eu ri.

— Sei disso. Eu estava lá, lembra? — Inclinei-me para frente, esfregando meu nariz contra o dela.

Ela se afastou novamente, sacudindo a cabeça.

— Eve, já passamos por isso — falei, tentando consolá-la.

Ela parecia determinada ao pegar algo no bolso de trás e tirando de lá o que parecia ser um pedaço de papel velho.

Eve ficou olhando para o papel por um minuto, cheia de ansiedade, como se estivesse se despedindo de um velho amigo antes de me mostrar. Tentei agarrá-lo, mas ela puxou o papel de volta para ela e carinhosamente passou o dedo sobre ele uma última vez. Então, finalmente entregou-o com mais

anseio em seus olhos do que um pedaço de papel velho provavelmente merecia.

Com um olhar preocupado no rosto, peguei o papel e rapidamente o analisei. E parei de respirar. Na verdade, parecia que o tempo tinha parado.

Minha mãe olhava para mim, com seu rosto suave e sincero, seus olhos brilhantes e doces, exatamente como eu me lembrava que eram. Corri meus dedos pelas bordas amareladas, levemente queimadas e desgastadas, enquanto estudava a foto em estado de choque.

— Ela estava em sua carteira, escondida atrás de sua carteira de motorista. — Eve respirou fundo, olhando para o chão, perdida em algum lugar no passado. — Peguei o dinheiro e ia jogar o resto na lixeira atrás da estação de trem onde você me deixou. Só eu não consegui jogar o retrato fora.

Uma lágrima deslizou por sua bochecha, e seu lábio inferior tremeu. Eu queria abraçá-la, dizer-lhe que estava tudo bem e confortá-la, mas também queria ouvir o que tinha a dizer. Pensei em todas as vezes em que a vi mexer no bolso de trás quando estava estressada, e não pude deixar de me perguntar se estava tocando na foto da minha mãe. E, se fosse o caso, há quanto tempo vinha fazendo isso? Então, em vez de confortá-la, esperei e implorei com meus olhos que continuasse.

Finalmente fazendo contato visual comigo, ela engoliu em seco.

— Não pude colocá-la no lixo. Ela parecia muito com o meu caubói do trem. Muito parecida com a única pessoa que perdeu algum tempo tentando me conhecer, tentando cuidar de mim. — Eve sorriu tristemente para mim. — Ela tinha seu sorriso. Seus olhos. Então eu a guardei no bolso de trás, e quando ficava com muito medo, triste demais, com muita fome, eu a pegava. — Assentiu solenemente para a foto. — Era a única coisa que me mantinha sã naqueles dias.

Olhei para a foto, deixando suas palavras se assentarem. Deixando toda a situação se estabelecer dentro de mim. Ela guardou uma foto da minha mãe no bolso de trás de sua calça por quatro malditos anos porque isso lhe trazia conforto. Porque *eu* trazia conforto a ela. Metade do meu coração doía por ela. A outra metade estava tão cheia de amor, de uma emoção pura, crua, inalterada e nua, que achei que ia sair do meu peito. Porque aquela garotinha no trem, quatro anos atrás? Eu senti pena dela e queria ajudá-la, mas a mulher na minha frente — Deus, eu a amava.

— Qual era o nome dela? — a voz de Eve me tirou dos meus

pensamentos.

Perguntei-me se ela conseguia ver nos meus olhos quão desesperadamente eu a amava. Sentia como se estivesse usando um sinal de néon na minha testa que dizia tudo.

Agarrei a foto com muita força nas minhas mãos grandes.

— Margaret. — Sufoquei um soluço, tão dominado pela emoção que ela parecia coçar e queimar atrás dos meus olhos.

— Margaret — Eve repetiu, sorrindo e assentindo como se fizesse perfeito sentido. Como se ela estivesse emocionada com a perspectiva de conhecer o nome da mulher da foto.

E então, a verdade me atingiu. Era isso mesmo. Eve realmente ficou emocionada ao saber o nome da minha mãe. Ela amava aquela mulher quase tanto quanto eu. Obviamente adorava aquela foto. E, apesar de não ter muitas fotos da minha mãe, porque o fogo levou a maior parte delas, não consegui me imaginar pegando aquela de volta. Além disso, eu não precisava dela tanto quanto a minha garota precisava. Eu tinha minhas memórias, que eu poderia acessar sempre que quisesse.

Virei a mão de Eve e coloquei a foto sobre a palma, sentindo o calor de nosso toque ao redor da imagem.

— Você deveria ficar com ela.

— Não. Eu não poderia. — Ela balançou a cabeça, os olhos arregalados.

— Eu não posso, Cole. Não deveria tê-la pegado, em primeiro lugar.

Pressionei a foto na mão dela com mais força.

— Ela gostaria que ficasse com você. *Eu* gostaria disso também.

Alívio se instalou em seu rosto antes que ela relutantemente pegasse a foto, mas eu poderia dizer que estava feliz por tê-la de volta. E eu seria capaz de qualquer coisa para fazer aquela mulher feliz.

Eve deu uma última olhada na foto antes de colocá-la de volta em seu bolso, onde realmente pertencia.

— Obrigada. — Ela olhou para mim com intensidade. — Por tudo.

Eu sorri abertamente.

— Tem sido um prazer, Eve. Tudo o que fiz para você foi por prazer.

Seus olhos aveludados me estudaram, e eu me senti nu, totalmente exposto a ela enquanto me observava. Perguntei-me se talvez finalmente tivesse descoberto o quanto eu a amava. Como eu adorava tudo nela.

Puxei seu corpo contra o meu, e, daquela vez, ela me deixou abraçá-la. Eve ficou olhando para o fogo enquanto eu observava as pessoas que

circulavam. Tinha as esquecido completamente; tão envolvido que estava em nosso momento. Sua presença sempre parecia apagar o resto do mundo, e eu não me importava com isso.

— Amo o cheiro do fogo — ela murmurou contra meu peito.

— É mesmo? — eu perguntei, sorrindo, porque estava delirante e imensamente feliz. Porque Eve me deixava assim.

— Hum-hum — ela cantarolou. — Você cheira assim.

— Eu? — perguntei, usando minha mão para inclinar o rosto dela em direção ao meu.

Ela pigarreou nervosamente e começou a tamborilar os dedos no colo.

— Eu notei no dia do trem que você cheirava a fumaça. Como uma fogueira, doce e terrosa. Você ainda cheira assim. — Ela correu o nariz ao longo da lateral do meu pescoço, cheirando-me.

Fechei meus olhos, apreciando a sensação que sua pele proporcionava contra a minha. Ela parou de explorar meu pescoço ao chegar à minha clavícula e depositou um pequeno beijo ali. Meu pau ficou duro só com isso.

Era demais. Tão esmagador. A combinação de tanto amor e luxúria se revirava dentro de mim, deixando-me tonto a ponto de eu pensar que meu pau iria explodir.

— Porra — eu gemi baixinho e demoradamente, deslizando a mão até o interior de sua coxa, logo abaixo de seu short desfiado.

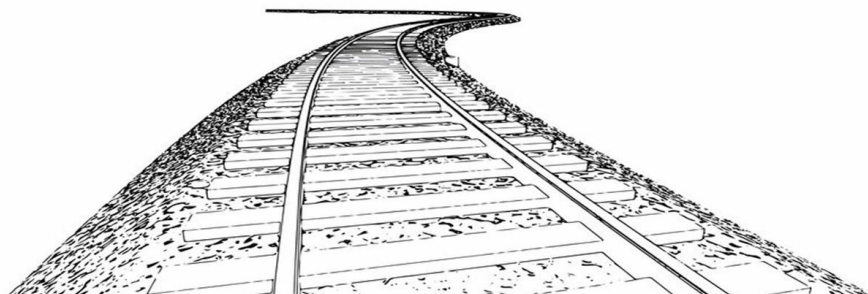
E quando ela gemeu e passou a mão sobre meu pau duro, através do meu jeans, fiquei pronto para entrar em erupção com esse sentimento de amor e luxúria que eu vinha tentando conter. Eu precisava dela. Naquele momento.

— Vamos — exigi, arrancando sua mão para longe do meu pau e segurando-a no minha.



Capítulo Vinte e Cinco

Everly



Eu estava pulsando, queimando, e minhas pernas mais pareciam geleia, então, deixei Cole me arrastar os poucos metros que nos levavam até a sua casa. Eu sabia que estávamos indo para lá. Seus olhos determinados e cheios de luxúria diziam tudo.

Subimos os degraus da varanda até a cabana, eu seguindo atrás dele, nossas mãos entrelaçadas, meu coração se sentindo pronto para entrar em erupção. Diminuí meu ritmo quando nos aproximamos da porta da frente, mas ele me surpreendeu, puxando-me e me encurralando no pequeno espaço entre a porta e seu corpo. Cole se inclinou para frente, diminuindo a distância. Esperava que ele me beijasse loucamente contra a porta, como vinha fazendo quase todas as noites das últimas semanas na casa grande, mas apenas colou a testa na minha delicadamente.

Fechou os olhos, deixando seu hálito doce ser soprado contra meu rosto, e então eu senti sua mão deslizar pela minha coxa, sob o meu short.

Ele não conseguia nem esperar que estivéssemos dentro da casa, e minha cabeça começou a girar só de pensar no quanto ele me desejava.

Abri minhas pernas, oferecendo-me a ele da única maneira que conhecia, e minhas coxas tremiam com a perspectiva do que estava por vir. E eu queria tudo. Seus dedos brincaram pela borda da minha calcinha por um segundo, provocando-me, antes de afastá-la e deslizar um dedo ao longo da minha fenda.

Como se estivesse com dor, ele gemeu baixinho.

— Você está molhada — ele suavemente soprou em meus lábios, seu rosto corado e suado de desejo. — E quente. Tão quente — ele rosnou,

deslizando aquele dedo grosso e áspero para frente e para trás, me deixando louca.

— Por favor — implorei, precisando de mais. Precisando dele.

Ele pressionou a ponta do dedo no meu clitóris, e nós dois arfamos com o contato. Inclinei minha cabeça contra a porta e fechei meus olhos. Mas ele não ia permitir nada disso.

— Olhe para mim — ele exigiu com a voz baixa, deslizando círculos lentos pelo botão inchado.

E eu olhei. Seus olhos selvagens me encaravam, tão cheios de poder, força e amor que quase me destruíram. A intimidade daquele momento era quase insuportável, mas boa demais para ser evitada.

— Você é tão linda — ele rugiu. — Pressionada contra a minha porta, com o rosto corado pelo sexo, meus dedos explorando seu clitóris.

Eu gemi baixo e demoradamente. Ele sabia o que suas palavras faziam comigo. O que faziam com nós dois. Sentia-me tão hipnotizada que mal notei a porta ser aberta atrás de mim, enquanto Cole me guiava, seus lábios roçando a inclinação do meu pescoço, seu dedo ainda firmemente pressionado em meu clitóris.

Um ar frio beijou minha pele quando ele deu um passo para trás antes de me erguer em seus braços. Coloquei minhas mãos em volta do seu pescoço, segurando firme enquanto ele me carregava pela casa como uma espécie de Príncipe Encantado do oeste. Soltei uma risadinha quando Cole me deitou e ficou ao lado da cama, olhando para mim, enquanto uma fome queimava em seus olhos.

Sentando-me na cama, agarrei a fivela de seu cinto, determinada a fazer aquele show acontecer. Pronta para que ele finalmente fosse meu.

— Não — ele rosnou, colocando a mão sobre a minha. — Deixe-me fazer primeiro. — Agarrou a parte inferior da minha camiseta.

Levantei meus braços enquanto ele lentamente puxava o tecido sobre a minha cabeça. Estremeci apesar de o quarto não estar nem um pouco frio. Ele tirou meu short, correndo as pontas de seus dedos pelas minhas pernas enquanto fazia isso. Tirou meu sutiã e minha calcinha, como se estivesse desembrulhando um presente especial: lenta e cuidadosamente, pontilhando meu corpo com beijos quentes, molhados e intensos, fazendo-me sentir cada um no centro do meu corpo. E, quando fiquei completamente nua, ele me deitou na cama e pairou sobre mim, seus olhos me devorando como se eu fosse sua refeição favorita, como se estivesse admirado com o que via. Como

se fosse um sortudo.

Meu corpo arqueou sob sua avaliação, desejando mais do que apenas o toque de seu olhar ao longo da minha pele.

Correndo um dedo desde o meu pescoço, deslizando-o até chegar ao meu umbigo, Cole elogiou:

— Você é linda pra caralho.

— Por favor — sussurrei no quarto silencioso, arqueando ainda mais sob seu toque, precisando dele como precisava da minha próxima respiração.

— Porra, eu amo quando você implora. — Ele agarrou seu pênis grosso e longo através do jeans e apertou-o com força, grunhindo.

Minha boceta começou a pulsar com a visão, e eu queria mais do que tudo olhar para o meu caubói.

Corri minha mão sobre a dele, ajudando-o a apertar e acariciar-se.

— Tire.

As pupilas de seus olhos castanhos se dilataram até se tornarem completamente negras.

Cole gemeu baixo, como se doesse parar de me tocar, enquanto colocava-se ao lado da cama. Observando-me como se não conseguisse parar de olhar para a minha pele, ele começou a abrir a grande fivela de cinto e a tirar suas botas.

Mal ouvi o som de seu cinto quando este bateu no chão, porque meu sangue pulsava em meus ouvidos. A cada peça de roupa que caía, meu pulso disparava, minha vagina ficava mais úmida e meu sangue aquecia em minhas veias. Aquele homem lindo, musculoso e gentil era meu, e eu nunca desisti dele. Saber que ele me pertencia me proporcionou um sentimento poderoso. Eu nunca possuí nada tão precioso em minha vida e me senti inebriada por entender que finalmente possuía.

Aqueles ombros largos. Aqueles braços enormes. Os músculos rígidos de seu abdômen. As linhas duras de seus quadris. Aquele pequeno punhado de cabelos que traçava uma linha até seu pênis glorioso. Tudo isso pertencia a mim.

E seu coração bondoso — esse também era meu.

Deitado em cima de mim, ele pressionou seu corpo ao longo do comprimento do meu, e de alguma forma senti como se tivesse esperado a minha vida inteira por aquele momento. Sua pele contra a minha. Seus músculos duros entrelaçados com os meus, macios, e foi como voltar para casa, um lugar para onde eu nunca tinha ido. Um lugar que eu só possuía com

Cole.

O desejo de tocá-lo era impossível de resistir, então, corri minhas mãos pelos cabelos macios e grossos, pelas costas largas e pelas costelas, antes de apertar sua bunda musculosa e puxá-lo para mais perto de mim, até que seu pênis estivesse firme contra minha parte mais quente e úmida.

— Sim — ele sussurrou antes de deslizar a língua para dentro da minha boca.

Eu esperava que fosse rude e exigente, só que ele me surpreendeu com a gentileza, com uma doçura, como se tivesse planejado aquele beijo durante toda a sua vida. Fartou-se de mim devagar, suavemente, como se eu fosse delicada e quebradiça sob ele. E talvez fosse mesmo. Mas só para ele, porque só aquele homem tinha a capacidade de me desfazer completamente.

— Eu preciso de você — sussurrei, enquanto Cole deslizava seu pênis ao longo da minha fenda, a cabeça acariciando meu clitóris.

Suas mãos agarraram meu seio. Seus dedos apertaram as pontas rosadas dos meus mamilos. Sua boca tocou cada superfície disponível de pele que poderia alcançar.

E eu me deixei levar. Para um ponto tão distante que me tornei nada além de um pedaço de gente ofegante, suada e cheia de desejo sob ele. Palavras como *agora*, *por favor* e *mais* se derramaram pela minha boca em frases distorcidas que ele, de alguma forma, parecia sempre entender. E quando estendeu a mão para a mesinha de cabeceira, pegando o pacote de camisinha, abrindo-o com os dentes e colocando-a, eu quase chorei de alívio.

Seu pênis se posicionou na entrada do meu sexo, e Cole parou, olhando para mim.

— Tudo bem? — Sua testa estava franzida de preocupação, e seu era olhar sincero.

Sorri, sentindo uma lágrima escorrer pelo meu rosto e cair na curva do meu sorriso. Eu estava mais do que bem. Estava incrível, mas sabia por que estava perguntando, então, balancei a cabeça uma vez, dando-lhe permissão para pegar o que eu estava tentando dar a ele há um bom tempo.

Em um golpe suave, ele me penetrou, e eu o senti em todos os lugares, grande, duro e suave. Cole estava dentro mim, em mim, ao meu redor. Senti-o das pontas dos meus dedos até o fundo dos meus pés.

— Tão apertada. Tão perfeita — ele grunhiu, antes de saquear minha boca, roubando meu ar, quebrando uma parte da minha alma e mantendo-a para si mesmo.

Envolvi minhas pernas ao redor dele com firmeza, puxando-o para mais perto de mim com os calcanhares. Seus impulsos se misturaram aos meus. Sua pélvis atingia meu clitóris da maneira mais devastadora e deliciosa.

— Peça — ele exigiu contra minha boca, sua respiração entrecortada, sua voz rouca e grave.

Mesmo com o meu cérebro inebriado pelo sexo, eu sabia o que meu caubói queria. E eu dei tudo de bom grado.

— Faça-me gozar, Cole.

Colocando a mão por entre nossos corpos, ele beliscou meu clitóris e investiu em mim, empurrando-me mais para cima do colchão até minhas mãos soltarem a maciez de seu cabelo e agarrarem a cabeceira de madeira.

— Sim, sim, sim! — gritei de novo e de novo, meu orgasmo começando no centro do meu corpo e rodopiando através de mim como uma enorme onda, levando-me contra a maré, atingindo-me e roubando meu ar.

Quente, formigando e incapaz de formular as palavras, suspirei:

— Goze. Goze para mim, caubói.

Seus olhos castanhos brilharam em minha direção quando ele plantou suas grandes mãos em cada lado do meu corpo e investiu dentro de mim repetidas vezes, esmurrando meu corpo, usando-o para o seu prazer.

— Sou sua.

— Sou seu.

— Me foda.

— Mais forte.

— Goze em mim.

Sussurrei palavras sujas, com meus lábios pressionados contra o lóbulo de sua orelha. Cada sussurro, cada encorajamento, apenas o estimulava ainda mais, fazendo-o investir mais ainda até que ele congelou sobre mim. Jogou a cabeça para trás e rugiu dentro do quarto, estremecendo, seu rosto vermelho e molhado de suor enquanto se esvaziava em mim com longos grunhidos que provocaram outro orgasmo, que irradiou de dentro do meu núcleo.

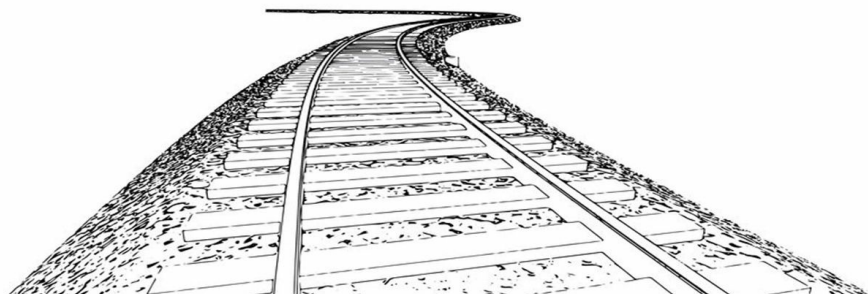
Nós nos deitamos juntos, pele suada contra pele suada, coração batendo contra coração, alma exposta contra alma exposta, o peso esmagador de Cole me pressionando contra colchão macio sob nós. E eu não queria me mexer.

Eu estava finalmente em casa.



Capítulo Vinte e Seis

Cole



Estiquei-me e girei para ficar de barriga para cima, alcançando a pele acetinada e o cheiro de madressilva pelo qual estive cercado a noite toda, mas minha mão apenas tocou lençóis cálidos. Um momento ridículo de pânico tomou conta de mim até sentir um cheiro. Bacon.

Minha menina estava fazendo o café da manhã para mim, e eu quase me senti mal pelo péssimo estado da minha geladeira e dos meus armários, mas ela parecia estar se virando muito bem. Saí da cama e olhei no relógio. Eram oito da manhã. Cristo, ela tinha acordado cedo, e nossa noite foi muito longa.

Eu a possuí de todas as maneiras possíveis que vinha imaginando nos últimos dois meses. E olha que eu imaginei um monte de maneiras, mas, mesmo assim, ainda não estava satisfeito, por isso, fiquei exasperado por ela ter acordado antes de mim e por eu não ter a chance de me enterrar nela novamente.

Queria ter esperado até que tudo fosse resolvido com Marla e até que eu pudesse pedir que Eve ficasse comigo em Preston para fazer amor com ela, mas não consegui esperar mais. Nossos encontros, nossos momentos íntimos, nosso amor inegável um pelo outro — tudo isso tinha finalmente superado minha necessidade de esperar. Mas não estava arrependido. Eu a desejava mais do que qualquer outra coisa em toda a minha vida, e finalmente a tinha. E, definitivamente, valera a espera.

Peguei meu jeans desbotado do chão e o vesti. Ajeitei meu pau dentro dele e fechei o zíper, sem me incomodar em fechar o botão. Comecei a andar em direção à pequena cozinha da minha pequena casa.

Eve estava no fogão, com um garfo na mão e um pano de prato no ombro

de frente para uma frigideira de bacon. Seu cabelo estava úmido, e ela vestia minha camiseta preta da noite passada, além de um par de meias minhas, puxadas até os joelhos. Seus quadris balançavam para um lado e para o outro, enquanto ela cantava uma velha música country a respeito de uma mãe que transforma sua filha em uma prostituta e a leva para a cidade. Tive que conter uma risada quando ela virou o bacon e não pude evitar desejar e rezar para que aquela fosse a minha primeira visão de todas as manhãs pelo resto da minha vida.

Inclinei-me contra a entrada da cozinha, observando os arredores, lembrando cada fantasia que já tive. Eu era um filho da puta sortudo.

— Bom dia — falei de onde estava.

Um som como "Aiii!" veio dela.

— Há quanto tempo você está aí? — Ela apontou o garfo para mim. Seus olhos eram acusatórios.

Eu ri.

— Por tempo suficiente, coisa linda. — Pisquei para ela.

Ela jogou o pano de prato em mim, corando.

— Não é legal ficar espionando as pessoas, Cole.

Caminhei em sua direção, quando ela começou a me observar, sentindo seu olhar arder no meu peito nu e, em seguida, parando na cintura do meu jeans desabotoado. Então seus olhos se arregalaram.

— Eu não estava espionando. Estava apreciando a vista. — Sorri.

Ela ergueu uma sobrancelha, com olhos brincalhões e luxuriosos.

— Gosta do que vê?

— Muito — respondi rapidamente, chegando por trás dela, colocando minhas mãos em seus quadris e pressionando meu pau duro como pedra na fenda de sua bunda.

Porra, ela era a mulher mais sexy que eu já vi na minha vida. Passei o nariz pelo cabelo úmido e senti o cheiro do meu xampu e do meu sabonete.

— Humm, você tomou banho — cantarolei. Ela estava com o meu cheiro, e apesar de tê-la possuído várias vezes na noite anterior, eu a queria de novo. Eu a queria naquele momento.

— Sim — ela falou. — Também fiz café da manhã — disse, orgulhosa, apontando para o bacon quase pronto na frigideira e para a torrada na qual tinha passado manteiga. — Não tinha muita coisa na sua geladeira, mas eu fiz o que pude.

— Parece delicioso — murmurei distraidamente, deslizando minha boca

pelo seu pescoço, mas eu não estava falando sobre a comida.

Ela inclinou a cabeça para trás para me olhar nos olhos.

— Você está com fome?

Usando minhas mãos em seus quadris, eu a girei para mim. Meu olhar viajou desde os dedos dos seus pés, dentro daquelas meias ridículas, mas muito sexies, passando pelo seu corpo, seguindo até o cabelo úmido que caía sobre sua testa.

— Morrendo de fome.

Um tremor percorreu-a quando estiquei a mão e desliguei o fogão. Então, eu a ergui do chão e a coloquei sentada no balcão ao lado do fogão. Um arfar escapou de sua boca, enquanto eu abria suas pernas e deslizava minhas mãos até o lado exterior de suas coxas.

Sorri quando meus dedos atingiram seus quadris nus.

— Você está sem calcinha, Eve.

— Estou — ela confirmou em um suspiro, com uma leve nota de desafio em sua voz.

Eu ri.

— Você é uma menina má, muito má, baby — acusei em um tom brincalhão, colocando a palma da mão no centro de seu peito e empurrando-a, fazendo-a inclinar-se como o meu próprio buffet particular. Coloquei seus pés sobre a bancada, deixando os calcanhares na borda do balcão e afastados, de modo que ela ficou aberta para mim.

Parei por um segundo, olhando para ela, pensando no quanto eu era abençoado.

— Agora, seja uma boa menina e deixe-me tomar meu café da manhã. — Inclinei e passei levemente meu nariz por sua vagina, inspirando-a. — Você tem um cheiro delicioso.

E ela deixou. O cheiro do meu sabonete misturado a um aroma que pertencia unicamente a ela preencheu o ar.

Ela choramingou e juntou os joelhos um pouco.

Bati em sua perna com o meu dedo e murmurei contra sua vagina, fazendo-a se abrir novamente:

— Nada disso, baby. Eu te disse que estava morrendo de fome. Agora deixe seu homem comer. — Então eu dei uma longa lambida desde o fim de sua vagina até seu clitóris antes de correr minha língua em torno dele algumas vezes.

Arqueando o corpo, ela gritou um “Porra!”, que me fez abrir o zíper do

meu jeans para que eu pudesse alcançar e segurar meu próprio pau.

Esfreguei meus dedos, passando-os pela umidade que saía de sua ponta. Deus, eu mal podia acreditar o quão pronto me sentia para ela o tempo todo.

Coloquei as pernas dela sobre meus ombros e puxei sua boceta para ainda mais perto de mim, até que meu rosto ficasse enterrado nela. Provei-a como fazia com todas as minhas coisas favoritas.

Comecei a masturbar-me com força com uma das mãos, enquanto erguia a camisa que ela usava com a outra, passando por sua barriga trêmula até seus seios redondos e cheios. Girando seus mamilos, eu continuei a devorá-la, lambendo e sugando-a como se fosse minha maldita refeição preferida. Cada gemido, cada choramingo, cada som que vinha dos lábios de Eve me atingia como um raio, deixando-me louco.

Depois de libertar meu pau, deslizei um dedo bem fundo dentro dela com força, e isso foi mais do que suficiente. Suas mãos empurraram minha cabeça para mais perto de seu calor, agarrando as mechas do meu cabelo, criando a mais magnífica pressão em meu couro cabeludo. Suas coxas se fecharam em volta da minha cabeça, apertando-a. Seu corpo arqueou para fora do balcão e tremeu quando ela gozou na minha língua, na minha boca, deslizando pelo meu queixo.

Lentamente continuei devorando-a até que ela desceu o corpo e relaxou. Erguendo-me, lambi o resto de seu corpo sobre o balcão da minha cozinha. Sua boceta nua e aberta, seus mamilos rosados espreitando por baixo do tecido da minha camisa preta, toda aquela pele bronzeada e macia em exibição para mim. Era demais. Levei minha mão ao meu pau, dando-lhe um longo golpe e gemendo. Eu poderia gozar assim, só de observá-la, cheirá-la, sentindo seu gosto ainda na minha boca.

Contudo, Eve tinha outros planos. Ela também começou a observar minha mão subir e descer pelo meu pênis, e isso pareceu fasciná-la. Erguendo-se, ela deslizou para fora do balcão e colocou-se de joelhos na minha frente.

Eu avisei:

— Não vou durar muito. — Eu estava mais do que excitado. Tinha a sensação de que, com um toque daqueles lábios inchados por nossos beijos, eu explodiria.

Eve enfiou os dedos nas laterais da minha calça jeans e empurrou-a até os joelhos antes de correr um dedo desde a base do meu pau até a cabeça. Este adorou a atenção que recebeu. Ela sorriu, do ponto onde estava no chão, e, Deus, eu queria dizer que a amava. Que a queria para sempre. Que, se me

abandonasse, eu me desfaria em cacos por toda aquela fazenda até não sobrar nada de mim. Mas ela se inclinou para frente, tomando meu pau inteiro em sua boca, e todas as minhas palavras românticas evaporaram no ar ao nosso redor.

— Sim. — Joguei minha cabeça para trás e engoli em seco para evitar gozar instantaneamente em sua garganta. Porra. Eu estava dominado.

Eu conseguia sentir o cheiro dela, saboreá-la, senti-la ao meu redor. Apoiei minhas mãos no balcão, de cada lado da cabeça dela, para não sujar seu lindo rosto. Porque, Deus, eu queria. Queria agarrá-la e gozar naquela linda boca uma e outra vez. Queria sentir a cabeça do meu pau na parte de trás de sua garganta. Respirei fundo, tentando me acalmar, agarrando o maldito balcão como se fosse minha sobrevivência.

— É isso aí. Assim mesmo — disse, por entre os dentes cerrados.

Porra, ela estava linda de joelhos, com meu pau dentro aqueles lábios que eu adorava. Seu olhar fixo no meu rosto, desafiava-me a gozar.

Foram seus olhos que me levaram à insanidade. Perdi todo o controle, agarrei a parte de trás de sua cabeça e investi duramente em sua boca. Ela gemeu ao redor do meu pau, levando-o até o fundo de sua boca. Cristo!

— Eu vou gozar, baby. — Dei um passo para trás e soltei sua cabeça, mas Eve não estava satisfeita.

Ela agarrou minha bunda com as duas mãos e me puxou para frente, levando-me até o fundo de sua garganta novamente.

— Porra! — grunhi. — Vou gozar. Sim, assim! Tome tudo, baby — sussurrei, observando-a me engolir. Meus joelhos falharam. Minhas mãos também tremiam, segurando a cabeça dela enquanto eu me esvaziava em sua garganta com um longo gemido.

Ela sugou cada pedacinho de mim.

— Jesus Cristo — arfei quando ela me lambeu. Porra, aquela mulher. Tudo com ela era tão inesperado, ela fazia tudo que eu nem sabia que queria.

Não sei onde encontrei energia para isso, mas eu agarrei minha linda menina e a joguei por cima do meu ombro antes de dar um tapa firme em sua bunda. Corri pelo corredor, com meu jeans ainda ao redor dos meus joelhos.

— Espere! — ela gritou. — Nós não tomamos café da manhã. — Ela bateu na minha bunda também, rindo.

— Não estou com fome de comida — eu disse, jogando-a no meio da cama e rastejando sobre seu corpo, pensando que nunca me cansaria dela.

— Oh! — ela disse suavemente, sorrindo e corando.

— Sim. Oh! — Sorri, mordendo seu lábio inferior em minha boca e passando minha língua por ele. — A menos que você esteja com fome... — Ergui minhas sobrancelhas para ela.

Ela riu.

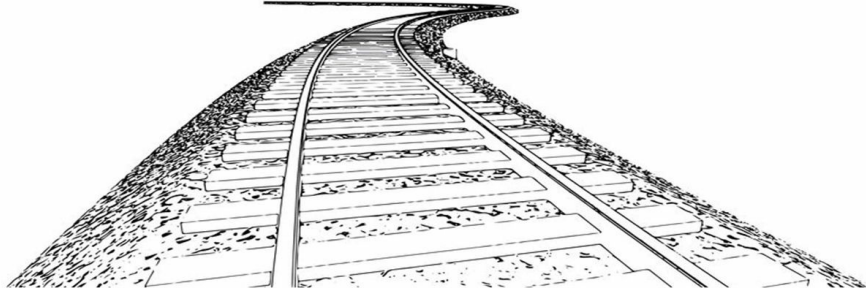
— Não, eu acho que estou bem. — Ela colocou os braços em volta do meu pescoço.

Eu não fui trabalhar. Não saí de casa. Não comi. Fiquei fazendo amor com Eve sobre os lençóis macios da minha cama, sentindo o cheiro dela nos cercando. Peguei-a debruçada sobre o balcão do banheiro, observando seu reflexo no espelho quando ela gozou sobre a pia. Tomei-a contra os azulejos, no chuveiro do meu banheiro, e o vapor era tão espesso ao nosso redor que eu mal conseguia respirar. Então, deitei-a sobre a mesa da cozinha e a comi no jantar também.



Capítulo Vinte e Sete

Everly



No pomar, debaixo das árvores. No palheiro nos estábulos. À margem do riacho. No topo do quadriciclo nos fundos do galpão. E na pequena cabana que Cole chamava de casa. Ele me pegou em todos os lugares e de todas as formas imagináveis. Meu caubói era insaciável. E eu não poderia dizer que era muito diferente, porque quando não estava com Cole, estava pensando nele.

Desci as escadas e fui para a cozinha, pegando uma maçã sobre o balcão. Tinha ajudado a colher pêssegos nos campos, e Cole estava ocupado fazendo outras coisas, então, eu mal o via, exceto no jantar. Depois disso, eu tomava banho e me vestia em alta velocidade, ansiosa para passar a noite na casa dele, como passei a fazer quase todas as noites.

Fazia apenas alguns dias desde a nossa primeira noite juntos e não tínhamos passado uma noite separados desde então. Cole e eu nos estabelecemos em nosso novo relacionamento como tínhamos feito com nossa amizade: com muita facilidade.

Eu me virei, indo em direção à porta dos fundos, mas Joe apareceu na minha frente, impedindo-me de sair.

— Você está indo à casa de Cole? — ele perguntou, com a testa franzida.

— Sim, por quê? — Sentei-me sobre mesa da cozinha. Não gostava daquele olhar no rosto de Joe. Ele parecia feliz em ver que eu e Cole estávamos levando as coisas para um próximo nível, e preocupei-me que ele não estivesse mais tão satisfeito com isso.

— Nada, de verdade — disse ele, aproximando-se da mesa. — Eu só queria ter uma conversa com você, mas não tenho te visto por aqui

ultimamente.

— Nós podemos conversar agora — eu disse, e realmente queria fazer isso. Sempre teria tempo para Joe. Tínhamos forjado um laço incrível naquele verão, um que eu achava impossível estabelecer com qualquer outro homem.

— Não, vá se encontrar com Cole. Podemos conversar outro dia. Missy e eu vamos à cidade hoje à noite, então, vou ficar fora de casa por alguns dias. — Ele engoliu em seco.

— Algum problema? — perguntei, curiosa pelo motivo de ele estar deixando a cidade por alguns dias.

Seu sorriso suave me trouxe algum alívio.

— Não, querida. Apenas compromissos médicos de rotina. Os compromissos são muito cedo, tanto amanhã quanto quinta-feira, então vamos ficar por lá. — O rosto dele tornou-se um pouco desanimado. — Ser assim requer uma quantidade ridícula de consultas.

Assentindo, levantei-me da mesa.

— Tem certeza de que não quer conversar agora, Joe? Não tem problema. Não tenho planos com o Cole. Eu estava indo até lá para ficarmos juntos.

Ele franziu os lábios por um momento antes de responder.

— Não, podemos conversar quando eu voltar. Vá se divertir com o nosso menino.

— OK. Tem certeza? — Segui em direção à porta da frente, olhando por cima do ombro para ele para confirmar, com um sorriso no rosto.

Ele sorriu de volta para mim. Esperava que Joe quisesse falar comigo sobre permanecer por mais tempo ou permanentemente na fazenda. O verão estava quase no fim. Meu tempo estava acabando.

— Vá em segurança — disse por cima do meu ombro enquanto saía pela porta.

— Mantenha nosso garoto na linha enquanto eu estiver fora — Joe gritou enquanto eu corria pelos degraus da casa grande.

Eu ri, porque não havia como manter Cole na linha. Aquele homem tinha uma mente teimosa, e, em mais vezes do que seria prudente, eu seguia sua liderança. Na verdade, eu o seguia praticamente em qualquer circunstância.

Estava tão ansiosa para ver Cole que praticamente saí saltitando pelo campo. Eu o tinha visto no jantar, mas queria ficar sozinha com ele. Queria vê-lo sem os olhares curiosos dos outros por perto.

Quando me aproximei da pequena cabana, notei um carro azul desconhecido na frente dela. Meu estômago se revirou ao vê-lo. Eu não era o

tipo de garota que acreditava em premonições, mas tinha minhas intuições, e bem ali, em pé na frente da casa de Cole, olhando para aquele carro velho, sujo e azul, eu soube. Algo não estava certo, e quando me aproximei da casa, passei pelo carro e vi a cadeirinha, meu coração despencou em queda livre dentro do meu peito.

Parte de mim queria se virar e voltar para a casa grande, mas meu orgulho não permitiu. Cole era meu.

Eu normalmente não batia na porta, mas o carro na garagem me obrigou a fazer isso antes de virar a maçaneta e gritar:

— Olá!

Depois de abrir o resto da porta entreaberta, entrei na casa, sentindo como se meu coração estivesse preso na minha garganta. Eu não me sentia assim na casa de Cole desde a primeira vez em que estive lá, bisbilhotando, sem permissão. Antes que eu pudesse pensar muito mais sobre isso, uma mulher apareceu, com um grande sorriso no rosto.

— Olá — ela disse, aparentemente sentindo-se em casa.

Cerrei meus dentes e sorri de volta.

Ela estendeu a mão para me cumprimentar, e eu me obriguei a aceitar porque, embora não tivesse mãe, ainda conhecia boas maneiras.

— Você deve ser a Everly — ela disse. — Ouvi falar muito sobre você.

Eu sabia quem ela era. Não era preciso ser uma cientista da NASA para descobrir que a dona daquele velho carro azul com o assento de bebê não era outra, senão Marla. E a primeira coisa que notei nela foi o colar de pérolas brancas pendurado em seu pescoço adorável. Porque aquelas pérolas delicadas eram iguais às que a mãe de Cole usava na foto que eu carregava no bolso de trás. Mas não foram apenas as pérolas que deixaram uma sensação azeda no meu estômago. Não. Foram seus lindos olhos azuis. Suas madeixas loiras e perfeitamente arrumadas. Sua maquiagem impecável. Seu lindo vestido de verão amarelo, que combinava perfeitamente com seu cabelo. Ela era impressionante, totalmente diferente de como eu a imaginava.

Na minha cabeça, Marla era a vilã da nossa história, e bandidos não podiam parecer rainhas de um concurso de beleza do sul. Mas ela parecia. E, para piorar as coisas, parecia ser genuinamente legal. Não o tipo de gentileza forçada. Não, aquela garota estava feliz em me conhecer. E eu? Sentia como se tivesse sido jogada em um looping infinito.

Ela afastou a mão, e eu percebi que a minha ainda estava pendurada ali, então, afastei-a também.

— Eu sou a Marla. — Ela sorriu de novo, e eu quis vomitar. Como ela podia ser tão perfeita?

Eu assenti. Forcei um sorriso em retribuição, que eu sabia que parecia extremamente falso.

— Prazer em conhecê-la — murmurei, mas era mentira. Era aterrorizante. Ela não deveria ser tão bonita. Tão perfeita. Maravilhosa pra caralho.

— Eve — disse Cole atrás de Marla.

Olhei por cima do ombro dela e encontrei meu caubói parado ali, seus olhos inacreditavelmente suaves nos meus. Um bebê estava apoiado em seu quadril, o braço de Cole envolto protetoramente em torno do corpinho minúsculo.

Senhor, tenha misericórdia, mas a visão do meu caubói segurando um bebezinho fez meus ovários doerem. Isso me fez pensar em bebês nossos; meus e de Cole. Isso me fez pensar em construir uma família com ele. Só que aquele não era um bebê meu.

Olhei para Grey, pensando no quanto ele se parecia com Cole. E pensei que Austin deveria se assemelhar muito ao irmão, já que seu filho se parecia tanto com ele.

— Este é Greyson — explicou Cole, caminhando na minha direção.

Nenhuma explicação foi necessária. Eu tinha ciência do que estava acontecendo ali, mas o que eu não entendia era o porquê. Por que Marla e Grey estavam lá?

Uma pequena e gorducha mão pressionou a bochecha de Cole, e ele sorriu para o bebê antes de virar o rosto para a palma de Grey e beijá-la. O menino soltou uma risadinha, e o tio riu junto com ele.

Meu coração se revirou no peito, atijando todas as minhas inseguranças.

— Ei, Grey — eu disse, pegando sua mãozinha na minha e apertando-a. Senti-me estranha, porque, talvez, Marla não quisesse que eu tocasse seu bebê, mas ela apenas sorriu para mim, o que só me fez querer franzir o cenho para ela.

Ela tinha a elegância da porra da rainha da Inglaterra, e eu queria me lançar do outro lado da sala e arrancar o cabelo dela por ciúmes. Respirei bem fundo para me acalmar, tentando controlar minha loucura.

Hoje não, Satanás, repreendi.

Grey segurou meu dedo em sua mão, balbuciou algumas palavras e sorriu para mim, e eu não pude deixar de sorrir de volta para ele. Era lindo, doce e tão inocente.

— Marla trouxe Grey para uma visita — explicou Cole, implorando com os olhos para que eu entendesse.

E eu entendia, mas isso não significava que gostava da situação. Porque eu não gostava. Porra, nem um pouco.

Queria que Cole visse Greyson; só não queria que ele visse Marla, a rainha da beleza. Sentia uma dor estranha atrás das costelas que nunca havia experimentado antes na minha vida. Podia sentir aquela dor rastejando dentro de mim como algum tipo de cobra cruel pronta para atacar. Inveja. Ciúme. Eu me odiava por me sentir assim, mas não podia evitar. Não conseguia parar.

— Eu não sabia que eles estavam vindo — falei, com um sorriso forçado ainda no meu rosto.

Fui surpreendida. Talvez, se ele tivesse me avisado, eu não sentiria aquela confusão de emoções ardentes que começaram a pulsar dentro de mim, tentando escapar.

Os olhos de Cole se fixaram nos meus, cheios de compreensão.

— Eu sei. Eu ia contar para você hoje mais cedo, mas estava tão ocupada que não tive chance.

Assenti, tentando não parecer tão louca de ciúme quanto realmente estava.

— Você se importa se eu passar na casa grande para te pegar depois que eles saírem? — ele questionou, e eu senti meu estômago se revirar.

Deus, eu me sentia uma intrusa. Lá estavam eles, fazendo coisas de família, e eu era uma estranha.

Engoli em seco.

— Sim, é claro — mal consegui pronunciar essas palavras.

Corri em direção à porta bem apressada, ansiosa para dar o fora dali.

— Prazer em conhecê-la — Marla falou.

Desacelerei diante da porta, sem me virar, e engasguei um "sim".

Mas eu não parei. Não podia parar, porque, se o fizesse, aquela mulher perfeita, com seu lindo e doce bebê, iria me ver partir e, pela primeira vez durante todo o verão, eu não quis ser Eve. Quis ser Everly Woods. Dura como pedra. Aquela que não chorava. A Everly que não tinha mimimi. Porque Eve se importava demais.

— Eve — gritou Cole.

Parei no meio do quintal de Cole, de costas para ele, sentindo a boca seca. Amargura. Este era o gosto. Eu não podia olhar para ele também, então, não me virei.

— Estarei lá daqui a pouco, ok? — ele soou resignado.

Minha garganta doía. Balancei a cabeça, mas, ainda assim, não ousei me virar.

E então eu corri. Corri o mais rápido que pude pelo espaço que separava as propriedades, direto para a casa grande, e subi as escadas em direção ao meu quarto, agradecida por Joe e Missy estarem fora, aliviada por não ter que responder às suas perguntas.

Comecei a andar pela sala. Por que Cole usou aquele tom de voz comigo? Sobre o que eles estavam falando? Por que me pediu para sair?

Queria pegar o telefone e ligar para Momma Lou. Queria perguntar a ela o que eu deveria fazer. Se deveria fazer alguma coisa. Queria chorar e dizer a ela o quanto amava Cole. Dizer o quão devastada ficaria se ele voltasse para Marla. Só que não consegui pegar o telefone. Sabia que isso me deixaria ainda mais vulnerável emocionalmente. Já tinha me colocado nesta situação durante todo o verão com Cole e veja só o que aconteceu. Estava prestes a ter meu coração partido em pedacinhos. Então, fiz o que já tinha feito outras vezes na minha vida. Vasculhei o fundo da minha mochila, que estava dentro meu armário, até encontrar a camisa que sempre me confortava quando mais nada conseguia me confortar, nem mesmo a foto da mãe de Cole.

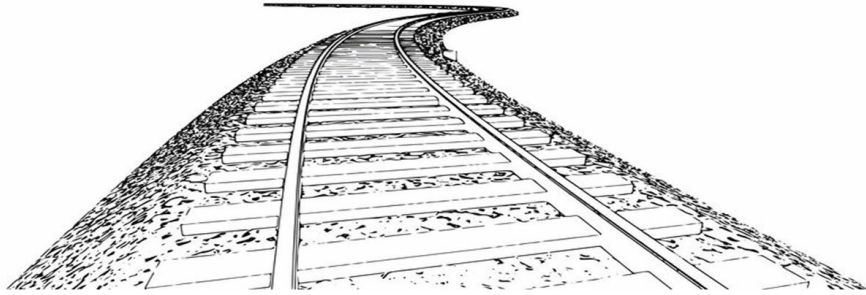
Coloquei-a por sobre a minha blusa, abotoando-a e enrolando as mangas quase até os cotovelos. Olhei para baixo, estudando cada amassado e passando minhas mãos pelas costuras, rezando para que aquele pedaço de pano gasto, que era mais velho do que eu, pudesse me confortar da mesma maneira como confortara durante minha vida inteira.

Arrastei-me para baixo dos lençóis e me cobri até a cabeça, deitada no escuro, cheia de perguntas na cabeça. Além de muitas feridas no meu coração.



Capítulo Vinte e Oito

Cole



Fazia apenas uma hora desde que pedi a Eve para ir para casa, mas pareceu uma eternidade. Vi o rosto dela. Sabia que estava preocupada conosco, embora não houvesse absolutamente nada com que se preocupar, mas eu precisava acertar as coisas. Então, corri até a casa de Joe, entrei e subi para o quarto dela. Bati suavemente na porta, mas não obtive uma resposta, então, abri-a com cuidado para não assustá-la.

O quarto estava escuro como breu, mas consegui distinguir uma silhueta embolada no meio da cama. Fui até o lado dela e sentei-me, mas não consegui ver seu rosto. Eve estava coberta até a cabeça.

Acendi sua pequena luminária de cabeceira e murmurei suavemente:

— Baby.

Afastei as cobertas, expondo seu cabelo bagunçado e suas bochechas rosadas. Eu queria beijar a vermelhidão em suas faces. Queria passar minhas mãos por aqueles fios bagunçados. E queria fazer essas coisas pelo resto da minha maldita vida. Ninguém mexia comigo como Eve. Nenhuma mulher jamais me teve daquela forma, de dentro para fora, de cima a baixo.

— Acorde, baby — tentei novamente. Passei o dedo por sua sobrancelha e pela lateral do seu rosto antes de beijar sua testa.

Ela lentamente abriu os olhos, olhando para a luz da lâmpada.

— Cole? — resmungou sonolenta.

Olhando para ela, perguntei:

— Por que você dormiu? Eu te disse que não ia demorar.

Ela mordeu o lábio e desviou o olhar.

— Eu não tinha certeza se você iria realmente vir.

— Baby — comecei.

Mas ela se sentou na cama e foi para perto da cabeceira, afastando-se de mim. O cobertor foi afastado de seu corpo, mas todas as defesas surgiram ao redor dela. Eu não gostei disso, então, inclinei-me para frente, preparado para puxá-la de volta para mim.

— Espere — ela exigiu, estendendo as mãos.

Fiquei ali sentado, preparado para que ela descontasse em mim o fato de tê-la mandado embora. Eu deixaria que falasse e então explicaria que Marla e eu tínhamos resolvido tudo. Ela amava Austin, e eu amava Eve. Eu seria apenas o tio de Grey. Só esperava conseguir persuadir Austin a cuidar de suas responsabilidades.

Eu não queria ter mandado Eve embora, mas não seria justo ter a conversa com Marla na frente de Eve.

Peguei uma das mãos de Eve e a levei aos meus lábios. Queria tranquilizá-la. Mas antes que eu pudesse fazer isso, notei a camisa que ela usava. Era velha. Tão desgastada que estava desbotada e esbranquiçada em vários lugares, mas onde não estava desbotado, era de um tecido azul e branco. Mas não foram a cor ou a idade da camisa que chamaram a minha atenção. Não, foram os remendos nos cotovelos. Porra, eram pedaços de jeans.

O sangue ecoou em meus ouvidos como uma sirene gemendo. Eu tinha certeza de que Everly estava falando alguma coisa, porque podia ver sua boca se movendo, mas não conseguia ouvir nada. Só conseguia focar naqueles remendos.

E então as memórias me assaltaram como uma metralhadora, despejando-se em mim rápida e furiosamente como pequenas balas. Cada um me feria conforme eu compreendia tudo.

Nós cuidávamos do que tínhamos. Sabíamos que nada estava realmente quebrado ou era irreparável. Não de verdade. Qualquer coisa poderia ser consertada, mesmo com algo tão pequeno quanto um abraço ou uma amizade. Ou com um pedaço de jeans velho.

Porra! Quantas vezes Joe me contou aquela história sobre os remendos? Não. Não. Não. Isso não estava acontecendo. Isso simplesmente não poderia estar acontecendo. Tinha que ser alguma merda de coincidência.

Minha conversa no celeiro com Joe, quando eu estava muito magoado por causa de Grey, bombardeou minha mente.

Eu tive uma filha, sabe? Ela morreu, Cole. Eu não pude mantê-la em

minha vida.

Será que ele estava falando sobre Eve? Por que ele teria me dito que ela morreu? Será que Joe não tinha percebido que Eve era dele?

Pensei em Joe e Eve juntos, jogando suas cabeças de cabelos castanhos para trás, enquanto riam suas risadas tão semelhantes. Seus malditos olhos azuis tão parecidos.

Pensei na rapidez com que amaram um ao outro. Como ele a bajulava. Como era protetor. Como lhe contava histórias sobre sua mãe e seu pai. Como ele a tratava como uma maldita filha.

Ah, não. Ele tinha que saber. Ele mentira para todos nós, e isso estragaria tudo.

Respirei bem fundo, tentando me acalmar. Talvez eu estivesse tirando conclusões precipitadas. Talvez Joe tivesse lhe dado uma de suas camisas, mas meu instinto dizia o contrário.

Agarrei Eve pelos braços, puxando-a para perto de mim. Ela se assustou, encolhendo-se e tentando se afastar, então, eu a segurei com mais força.

— Onde você conseguiu esta camisa? — exigi.

— Cole, o que houve? — Ela parecia aterrorizada, mas eu também estava. Estava abalado dos pés à cabeça.

Sacudi-a um pouco, enquanto meu temperamento explodia, mas com tanto medo de perdê-la que me sentia doente por isso.

— Onde você conseguiu a porra da camisa, Eve? — gritei.

Eve se encolheu.

— Por favor, você está me machucando. — Ela olhou para as minhas mãos, que estavam em volta de seus braços, e eu imediatamente as afrouxei.

Seu rosto assustado me rasgou ao meio, então eu a soltei, afastando-me sobre a cama e segurando minhas mãos no meu colo para não colocá-las nela novamente. Mesmo que o sangue ainda estivesse pulsando nos meus ouvidos como uma batida de bateria e que eu quisesse gritar por isso, suavizei meu tom de voz.

— Por favor, Eve — sussurrei. — Diga de onde veio essa camisa.

Devo ter soado como uma pessoa perturbada.

Ela se encolheu contra a cabeceira da cama, ficando o mais longe possível da minha loucura. Quem poderia culpá-la? Eu estava agindo como um lunático.

Apertou a frente da camisa como se temesse que eu pudesse arrancá-la dela em um rompante de raiva.

— Não sei de onde veio. Sempre a tive. Acho que pertencia a quem me deixou na estação de trem quando eu era bebê. Disseram-me que eu estava envolvida nela quando as autoridades me encontraram — ela falou tão baixinho que mal a ouvi.

Mas eu a ouvi. E, Deus, desejei que não tivesse ouvido. Ela não sabia. Mas tudo fazia sentido agora. Mesmo sem saber quem era Momma Lou. Agora eu sabia o motivo de Joe ter contratado Everly para o verão. Meu corpo todo doía. Porque quando minha doce, carinhosa e atenciosa garota descobrisse que ele tinha mentido durante todo o verão, ela se sentiria traída. Mais ferida do que poderia imaginar. E, porra, eu sabia de uma coisa com certeza: ela iria embora.

Não era fácil para Eve entregar sua confiança. Descobri isso no trem há quatro anos. E agora Joe ia explodir a porra toda. Ele vinha mentindo para ela durante todo o verão. O medo me atropelou como um caminhão.

— Cole, o que está acontecendo? — Everly questionou, do outro lado da cama. Ela estava encolhida contra a cabeceira e parecia mais assustada do que a garota que eu deixei na plataforma da estação de trem há muito tempo.

Meu coração se partiu por ela. Ela mal podia esperar. Tudo iria mudar. A pequena bolha de perfeição que criamos ao nosso redor nas últimas duas semanas estava prestes a explodir.

— Eu sinto muito — murmurei, cobrindo meu rosto com as mãos. E eu não estava apenas triste pelo que já havia acontecido. Sentia-me mal pelo que estava por vir também, porque seria muito pior.

Eve nunca mais confiaria em nós. Ela iria embora e nunca mais voltaria. Bile subiu pela minha garganta com aquele pensamento.

Era culpa de Joe. Ele deveria ter contado a ela. Como pôde ter deixado passar o verão inteiro sem que ela soubesse? Levantei-me e me dirigi à porta, pronto para enfrentá-lo.

— Espere, Cole. — Ainda deitada na cama, ela implorou, mas eu mal conseguia ouvi-la com todas as merdas que giravam na minha cabeça. — Aconteceu alguma coisa com a Marla? Está tudo bem? — Eve parecia tão confusa.

Eu não consegui falar com ela direito. Não suportaria ver o desgosto em seu rosto se contasse sobre a traição de Joe.

— Me desculpe, querida. Tenho que ir. Mas vou voltar, ok? — falei da forma mais terna que consegui, mas minha voz soou rouca e distante. Eu precisava me encontrar com Joe.

Desci as escadas de dois em dois, ansioso para chegar ao quarto dele. Já virei no corredor chamando por ele.

— Joe.

Nada. Entrei em seu quarto e imediatamente notei a cama arrumada e o cômodo vazio. Porra. Ele estava fora da cidade. Tinha me esquecido disso. Ergui a cabeça e fechei meus olhos. Eu não era um homem religioso de jeito nenhum, mas comecei a pedir a Deus por um pouco de orientação. Não tinha a mínima ideia do que fazer.

Infelizmente, Deus não atendia na hora em que você chamava por ele, então, corri pelo quintal de volta para minha casa, sentindo meu peito e meus olhos arderem de emoção. Eve era filha de Joe. Por que ele não contou a ela? Por que ele não me contou? O que ela faria quando descobrisse?

Servi-me um copo de uísque e fiquei andando pela minha casa por horas. Pensei em ligar para Joe, mas esse não era o tipo de coisa que se falava por telefone. E pensei em Eve, sozinha na casa grande, provavelmente apavorada com a minha explosão. Então bebi até ficar entorpecido, algo que não fazia desde que Eve voltara para a minha vida e começara a me fazer feliz.

Porra, ela deixou *todos* nós felizes, e nós iríamos destruí-la.

Quatro anos tinham se passado, e ela finalmente estava lá, comigo e com Joe. Onde ela deveria estar, e, Deus, ela havia se encontrado naquela fazenda. Amadurecera aos trancos e barrancos durante o verão, e por mais que eu soubesse que ela tinha mudado nossas vidas com sua mera presença, e eu sabia que tínhamos mudado a dela também.

Quanto mais eu bebia, mais desolados e desesperados meus pensamentos se tornavam. Ela ia me abandonar. Eu poderia suportar qualquer coisa. Aprendi isso quando Marla pegou Grey e saiu de casa, mas acho que não poderia suportar isso. Não poderia viver naquela fazenda sabendo que nunca mais a veria no estábulo, escovando Bela. Não podia comer naquela cozinha sabendo que nunca mais veria seu rosto sonolento pela manhã durante o café da manhã.

Eu não aguentava mais, então, mandei uma mensagem para Joe com urgência, dizendo que precisávamos dele em casa o mais rápido possível.

Por volta das três da madrugada, cambaleei de volta para a casa grande, agarrado à garrafa meio vazia de uísque. Desisti de um copo horas atrás. Eu sabia que ela estaria dormindo, mas precisava vê-la. Não podia ficar longe. Não sabia quanto tempo mais teria com ela.

Subi as escadas, minhas pernas pesadas debaixo de mim, meu cérebro

nadando dentro do meu crânio. Cheguei à porta aberta do quarto de Eve e me apoiei no batente para me firmar.

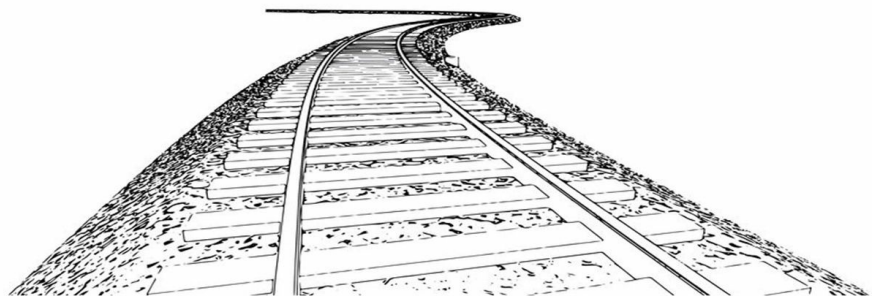
Esperava que ela estivesse dormindo, mas lá estava ela, quase no mesmo lugar onde a deixei, a luz do abajur projetando uma sombra em seu rosto bonito.

— Cole? — ela perguntou, aparentemente surpresa por me ver ali.



Capítulo Vinte e Nove

Everly



*M*eu caubói estava parado na porta, observando, segurando uma garrafa marrom na mão. A noite em que lhe levei o punhado de moedas brilhou em minha mente. Aquela foi a última vez em que eu o vi desse jeito. Queria afastar meu edredom e gesticular para que ele também se enfiasse sob minhas cobertas para que eu pudesse abraçá-lo. Mas eu não sabia o que estava acontecendo. Desde a visita de Marla, o seu comportamento tinha sido errático, na melhor das hipóteses. Eu não sabia em que ponto estávamos, mas meu pressentimento era de que não estávamos nada bem. Só me restava esperar a bola cair. Que ele me dissesse que precisávamos terminar e que ele iria voltar para Marla e Grey.

E a camisa. Eu não fazia ideia que diabos tinha acontecido. Ele parecia completamente louco. Estudando a garrafa de bebida em sua mão, imaginei se ele estivera bebendo o dia todo. Isso explicaria a insanidade daquela noite.

— Você está bem? — questionei, estudando seus olhos desesperados. E eles me assustaram. Aqueles olhos disseram tudo que eu não queria ouvir. Disseram que estávamos acabados.

— Não — ele respondeu, balançando a cabeça, e meu coração doía por ele quase tanto quanto doía por mim.

Será que ele estava ali para dizer adeus?

Se fosse isso, não havia como eu ficar em Preston, não importando se Joe quisesse ou não. Aquela fazenda não existia para mim a menos que houvesse uma Eve e um Cole nela — juntos.

Os ombros de Cole cederam, e ele baixou a cabeça para o peito. Parecia prestes cair, e meu coração estúpido e gentil começou a falar antes que minha

cabeça pudesse me impedir.

— Venha aqui — meu coração deixou escapar pela minha boca, e minhas mãos mudas seguiram o exemplo, erguendo as cobertas e dando tapinhas no lugar ao meu lado.

Seus olhos brilharam em meu rosto, enquanto desespero e calor se misturavam no ar entre nós. Parecia quente, rude e perigoso e, ainda assim, estendi minha mão para ele, instigando-o a vir mais perto.

Passos lentos e significativos trouxeram Cole para mim, seu olhar intenso nunca vacilando. E eu me perdi naquele olhar. Esqueci que Marla tinha voltado. Nem sequer pensei sobre como ele me assustou mais cedo naquela noite com seu comportamento insano. Eu não me importava que tivesse bebido.

Éramos só nós e aquela conexão apaixonada — aquele amor inegável que se estendia ao nosso redor como um pedaço de corda — que nos mantinha juntos mesmo quando estávamos nos separando.

— Você é minha — disse Cole. Sua voz grave pairou sobre mim, seu rosto mostrou-se feroz. Sua mandíbula estava cerrada e determinada.

Ah, vaqueiro. Alguma vez houve alguma dúvida?, quis perguntar. Pertencia a ele desde que me ofereceu um assento em um trem pelo qual nem paguei passagem. Será que não sabia disso? Como era possível? Pelo amor de Deus, eu carreguei aquele amor no bolso de trás para onde quer que fosse. Como ele poderia questionar isso?

Eu queria gritar sobre aquele amor até colocar a casa abaixo. Queria bater com o punho em seu peito e exigir que Cole me dissesse que também me amava. Mas ele parecia tão frágil quanto a garrafa de vidro que tinha na mão. Como se, com uma explosão mais severa de mim, pudesse se espatifar no chão, espalhando pequenos cacos ao redor do meu quarto. Eu não podia suportar quebrá-lo, então, apenas balancei a cabeça, ainda segurando as cobertas para ele. *Deixe-me te abraçar.*

Ignorando as cobertas puxadas, Cole rastejou por sobre o meu corpo, colocando seu peso em cima de mim, antes de tomar minha boca em um beijo punitivo que machucou meus lábios de uma forma que provocou uma dor entre as minhas pernas. Ele deslizou sua língua contra a minha, saboreando cada canto da minha boca até que fiquei sem fôlego e mole debaixo dele.

— Você é minha — ele gemeu de novo enquanto deslizava beijos cálidos com gosto de uísque desde a minha boca, passando pelo meu pescoço, meu peito. Sua barba de um dia me queimava e deixava minha pele em chamas.

Seus beijos eram mordazes, duros e implacáveis, marcando-me com sua ferocidade por fora e por dentro.

Ele não demorou para me despir. Daquela vez, não me saboreou como se eu fosse um presente. Não, ele se refestelou. Possuiu-me. Consumiu-me. Fodeu-me como se fosse meu dono.

Nós éramos apenas lábios, línguas, mãos, paixão e febre. Ninguém poderia tocar nosso amor.

— Você nunca vai me deixar — ele exigiu.

— Eu sou sua — sussurrei repetidamente.

Ele me possuiu várias vezes até que o sol espiou através das janelas. Até que meu corpo se sentiu dolorido e usado. Até que, finalmente, nos esgotamos. Até que sucumbimos à exaustão, agarrados um ao outro, desesperados um pelo outro, mesmo adormecidos.



*P*ela primeira vez em dias, eu acordei sem Cole entrelaçado em mim. O pânico reverberou dentro do meu estômago enquanto eu procurava por ele pelo quarto. Meu corpo inteiro doía com os acontecimentos da noite anterior. Parecia que eu tinha dormido a maior parte do dia. Minha cabeça latejava, e meus olhos estavam doloridos e inchados. Mesmo a dor gostosa que sentia no meu corpo, por ter feito amor com Cole, não poderia evitar a crueza que eu sentia. E eu me sentia corajosa e fraca, quase a ponto de quebrar emocionalmente.

Aonde Cole tinha ido? Será que a noite passada fora um adeus?

Certamente parecera um adeus. Eu me perguntava se conseguiria as respostas de que precisava desesperadamente. Lentamente saí da cama, sentindo-me cansada e fraca para lidar com a rotina. Nem me incomodei em tomar banho antes de vestir minhas roupas. Prendi meu cabelo em um coque bagunçado e desci as escadas, esperando que o café, de alguma forma, me fizesse sentir mais humana.

O som de vozes irritadas subiu as escadas, e eu parei, imaginando quem poderia estar em casa. Joe ficaria fora da cidade até amanhã. Na verdade, eu estava contando com isso. Não conseguiria lidar com suas perguntas indiscretas, e uma vez que ele visse o meu estado, definitivamente bisbilhotaria. Ficaria preocupado e me interrogaria, coisas com as quais eu

não poderia lidar.

Ouvi um estrondo alto e vacilei, prestando muita atenção.

— Você não viu como ela era, Joe! — Cole gritou.

Fiquei parada na escada tão imóvel quanto uma estátua. Nunca tinha ouvido Cole levantar a voz para Joe daquela forma.

— Fale baixo, Cole — Joe sibilou. — Sei que você está chateado, mas...

— Não — interrompeu Cole. — Você não pode me pedir para falar baixo. Você não a viu. — Ele parecia aflito. — Não viu como ela estava faminta. Desconfiada. Frágil. Você não entende. — Cole estava falando por entre dentes cerrados. — Você estragou tudo. Ela nunca vai confiar em nós novamente.

Minha pele arrepiou-se com uma certeza indesejável enquanto eu permanecia imóvel, com um pé empoleirado logo acima do último degrau da escada. Um próximo passo parecia algo quase sinistro. Apenas mais dois passos e minha vida mudaria para sempre.

Ainda assim, eu descii, sabendo que provavelmente me arrependeria, mas teimosa demais para voltar para o andar de cima e enterrar minha cabeça embaixo das cobertas naquele quarto que era bom demais para um funcionário.

— Eu ia contar a ela. Mas nunca parecia a hora certa — disse Joe. Ele parecia exausto.

— Você vai contar a Eve agora! Hoje, Joe! — resmungou Cole, e essa era toda a permissão que eu precisava para entrar na sala.

Meu coração estupidamente ansiava que Joe e Cole não estivessem brigando por minha causa, mas meu corpo sabia. Ele sabia até os ossos.

Eles nem me notaram entrar na sala. Cole estava de pé ao lado da mesa da cozinha, seu corpo apoiado nela, suas mãos pressionadas no tampo duro de madeira. Seu rosto estava vermelho de emoção quando ele se inclinou para frente, sua mandíbula cerrada, seus lábios pressionados juntos, como se ele estivesse tentando se controlar.

Olhei para Joe, do outro lado da mesa, sentado em sua cadeira, o rosto igualmente feroz.

— Contar o que para mim? — eu disse lentamente, na esperança de esconder o medo na minha voz.

Sentia-me apavorada com a resposta a essa pergunta. Entrelacei minhas mãos trêmulas e olhei para aquelas pessoas, com medo de que fosse a última vez que estivéssemos juntos.

Cole se inclinou para longe da mesa, seu peito arfando como se ele tivesse corrido uma maratona.

Joe virou a cadeira para mim.

— Por que você não se senta, querida? — Olhos tristes sustentavam um sorriso ainda mais triste, e eu sabia que precisava ficar de pé para o caso de precisar dar o fora dali.

— Estou bem — respondi, olhando para Cole, esperando alguma dica do que iria acontecer. Eu geralmente podia lê-lo como um livro aberto.

Não daquela vez, no entanto. Ele parecia irritado, desesperado e pronto para explodir por toda a cozinha.

— Deus, Everly! — Joe soltou um suspiro. — Eu nem sei por onde começar.

Ele parecia tão desolado e abandonado.

— Que tal pelo maldito começo? — Cole cuspiu, e eu virei meu olhar para ele.

Quando bateu com o punho na mesa novamente, um forte estrondo soou na sala, e eu me sobressaltei. Olhei para ele, chocada com sua explosão, mas Cole desviou o olhar de mim e balançou a cabeça antes de respirar pesadamente através de suas narinas e de se afastar completamente. Olhou para o teto e colocou as mãos nos quadris, de costas para mim, então, olhei de volta para Joe, implorando que continuasse.

Depois de soltar um suspiro, Joe começou.

— Eu lhe contei sobre minha esposa Anna.

Ele sorriu tristemente e engoliu em seco, como quando me contou que Anna o fizera sofrer. Provavelmente, sim, mas não pude deixar de imaginar o que isso podia ter a ver comigo. Rezei para que não tivesse a ver comigo.

— Eu lhe contei que ela foi embora, porque estava mentalmente doente e não aguentou a pressão depois que perdi minha capacidade de andar. Mas o que eu não lhe contei foi que, quando partiu, Anna levou meu bebê recém-nascido com ela. — Ele me encarou.

Meu ar ficou preso em minha garganta, e eu fiquei momentaneamente atordoada com a sensação de estar sufocando. Como se todo o ar da sala estivesse tão denso que eu não conseguia sequer inalá-lo.

Balancei a cabeça para frente e para trás lentamente, minha respiração ainda presa na minha garganta por um nó apertado.

— Uma menina — ele sussurrou, fechando os olhos.

— Uma menina — repeti, suspirando outra vez, desesperada para

acreditar que o que eu achava que ele estava querendo me dizer era errado. Porque isso significaria que ele não me procurara todos aqueles anos. Isso significaria que Joe mentira para mim durante todo o verão, mesmo depois de eu ter lhe confessado tudo. Mesmo depois de eu lhe ter dito que fui uma sem teto, que havia me tornado uma ladra para sobreviver. Chorei contra seu peito. Abri meu coração, deixando-o entrar, e ele mentiu. Não podia ser verdade. Meu Joe não faria isso comigo, ele me amava demais.

— Eu não podia ir atrás de Anna imediatamente. Ainda estava me recuperando do acidente. Então, contratei um investigador particular para caçá-la. Ele a encontrou meses depois, vivendo sozinha em um abrigo para sem tetos. Mas não encontrou Shelby.

— Shelby — eu disse, deixando o nome rolar pela minha língua e provando-o.

Joe sorriu tristemente, olhando para mim.

— Sim, Shelby. — Lágrimas brilhavam em seus olhos, e eu me perguntei se ele achava que eu me parecia com o pequeno bebê perdido há muito tempo. — Anna disse ao investigador que Shelby tinha morrido. De fome e de frio.

As lágrimas dos olhos de Joe deslizaram por suas bochechas, e eu queria estender a mão e enxugá-las, porque sabia que ele não podia fazer isso. Mas não podia tocá-lo. Não naquele momento. Não quando sabia o que ele ia me dizer. O que estava me dizendo.

— E, por quase vinte anos, pensei que ela estava morta. Pensei que tinha perdido a única chance que eu teria de ser pai — ele arfou, suas lágrimas caindo em um fluxo constante por seu rosto.

Passei a mão pelo rosto, surpresa ao encontrar lágrimas caindo dos meus olhos também.

— Pensei que tinha perdido a minha menina — ele soluçou, mas então sorriu através das lágrimas. — Até quatro meses atrás. Uma mulher gentil chamada Louise me ligou. Disse que vinha me procurando. Disse que tinha achado meu bebê.

Deus, eu não tinha pensado em Momma Lou. Ela também mentira para mim. Por quê? Por que ela não me contou a verdade? Por que as pessoas que mais amei na minha vida tinham me abandonado, mentido e me traído? Eu não podia fazer isso. Nem mesmo pessoas fortes como Everly poderiam fazer isso. Era foda.

Eu me afastei de Joe e Cole, sentindo que a sala estava se comprimindo

ao meu redor.

Joe aproximou-se de mim com sua cadeira.

— Minha garota finalmente voltou para casa neste verão.

— Não. — Balancei a cabeça, aterrorizada. — Não, Joe, eu não sou Shelby. Eu sou apenas Everly.

Eu não poderia ser sua doce menina. Eu não era ela. Eu era uma ladra. Eu era o lixo que crescera nas ruas. Ninguém me queria.

Solucei ao pensar em Shelby. O que teria lhe acontecido se tivesse crescido naquela fazenda mágica, com o amor daquele homem. Imediatamente desejei que fosse verdade. Como nossas vidas teriam sido diferentes, a minha e a de Shelby. Lamentei por ela tanto quanto por mim naquele momento. Nós tínhamos quase tudo.

Fiquei ali, chocada, traída e mais magoada do que poderia dizer. Limpei as lágrimas do meu rosto com as mangas compridas da minha camisa. Cole olhou para mim como se quisesse me abraçar, consertar as coisas. Mas não era algo que pudesse ser consertado. Eu me sentia uma bagunça e não sabia se a dor iria passar.

Ele fez menção de que iria se aproximar de mim, mas eu estendi minhas mãos, impedindo-o. Nem mesmo sabia o que estava acontecendo entre mim e Cole. Será que ele e Marla tinham se reconciliado? Há quanto tempo ele sabia sobre Joe ser meu pai? Porra, minha vida nunca foi tão confusa, nem mesmo quando eu morava nas ruas.

Aquela era uma lição difícil de se aprender. Ter pessoas em sua vida e amá-las dá a elas a capacidade de te machucar, e quase todo mundo que eu amava parecia empenhado em me destruir naquele dia.

— Há quanto tempo? — sussurrei para Cole.

— O quê? — ele perguntou.

— Há quanto tempo você sabe? — gritei, minha voz evidenciando todas as emoções que eu sentia. Soava crua e explodia dentro dos meus ouvidos.

— Não, baby — ele cantarolou, e seu rosto parecia tão sincero, tão cheio de amor, que eu quase chorei por isso. — Eu nunca mentiria para você. Acabei de descobrir, assim como você. Eu...

— Não — eu disse, saindo da sala. — Não — chorei. — Eu não posso fazer isso agora.

— Por favor, Eve. — Cole deu alguns passos para frente, as mãos estendidas, como se quisesse demonstrar que não iria me fazer mal. E eu sabia que ele queria me abraçar, mas não havia braços suficientes no mundo

que pudessem segurar todos os meus cacos naquele momento.

— Eu não posso — falei. — Não agora. — Voltei meus olhos para Joe. — Como você pôde? Eu te contei tudo. Tudo! — gritei, e o som estridente da minha voz me assustou desesperadamente. Ela parecia quebrada e histérica. — Como você pôde continuar a mentir para mim depois disso? Como? — lamentei.

Corri para o segundo andar, sentindo minha visão borrada de lágrimas e minhas pernas tremerem em choque. Joe. Meu pai.

Lembrei-me de como ele tinha instantaneamente me aceitado. Como ríamos juntos até nossas barrigas doerem. Como me contara sobre sua mãe e seu pai. O quanto fora compreensivo quando lhe contei sobre a minha infância.

Fiquei tão cega. Aquela porra de fazenda só podia ter me colocado algum tipo de feitiço. Eu só via o que queria ver. Não enxergava a verdade. O quanto Joe e eu éramos tão parecidos, com nossos cabelos castanhos idênticos e os mesmos olhos azuis. Como nossa conexão fora quase instantânea.

Olhei ao redor do meu quarto. Não, o quarto de Shelby. Sentia-me doente. Os últimos dois meses não passaram de uma mentira. Por que ele não me contou desde o começo? Seria algum tipo de teste para ver se eu era boa o suficiente? Teria me dito a verdade se não fossem as ameaças de Cole?

Eu queria vomitar. E se ele tivesse planejado nunca me contar porque eu não era boa o suficiente? Porque eu nunca fui boa o suficiente. Minha mãe não me quis e agora meu pai também não. Deus, e será que Cole ia mesmo voltar para Marla? Será que eu já tinha sido boa o suficiente para alguém?

Minha porta se abriu, e eu encontrei um Cody muito preocupado em pé diante da minha porta. Sentia-me mais do que aliviada por Joe ou Cole não terem ido atrás de mim. Não estava pronta para falar com eles. Não tinha certeza se estaria algum dia.

Lancei-me sobre Cody, e ele me agarrou, abraçando-me ao seu corpo forte. Meu torso estremeceu contra o dele. Molhei a frente inteira de sua camisa com minhas lágrimas.

— Shh — ele me acalmou, acariciando meu cabelo e minhas costas.

— Prometa-me que você não sabia — murmurei contra sua camisa, segurando punhados do tecido.

— Eu não fazia ideia, menina. Nenhuma — ele me consolou. — Por favor, pare de chorar, docinho. Você está partindo meu coração.

— Eu não sei o que fazer — solucei. E eu realmente não sabia. Não podia confiar em ninguém além de Cody.

Esfregando a palma da mão nas minhas costas, ele disse:

— Não há nada a fazer, menina. Você só vai levar algum tempo para refletir sobre as coisas. Tudo vai dar certo. Eu prometo.

Não achei que fosse verdade. Mas eu precisava de tempo para pensar sobre as coisas, e não podia fazer isso naquela casa com Joe por perto. Não no quarto do Shelby. Precisava dar o fora dali, e Cody era minha única chance.

— Quanto você me ama, Cody? — perguntei.

Ele usou os polegares para limpar as lágrimas debaixo dos meus olhos.

— Garota, você sabe que eu morreria por você — ele disse, sorrindo.

— Então você poderia me levar à rodoviária? — questionei, cheia de ansiedade na minha voz.

Ele franziu a testa, e eu pensei que diria não. Mas, então, falou:

— Posso levá-la a qualquer lugar para onde você realmente queira ir.

— Eu quero — sussurrei.

Sua testa enrugou, e ele franziu os lábios.

— Você tem certeza? — ele perguntou, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

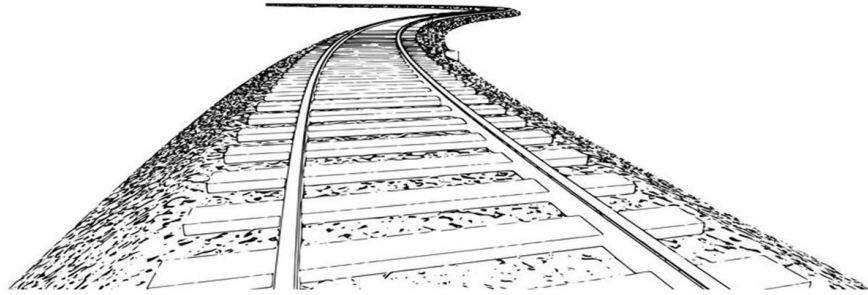
— Tenho certeza, Cody. — Encostei minha cabeça sobre seu coração e o apertei contra mim.

Mas as palavras soaram sujas na minha boca. Eu era uma mentirosa. Nunca estive mais insegura sobre qualquer coisa em toda a minha vida.



Capítulo Trinta

Cole



Uma semana. Aparentemente, é quanto tempo leva para um homem alcançar sua insanidade. Era também há quanto tempo Eve tinha ido embora. Eu sabia que ela partiria, mas algumas coisas eu não havia previsto. Como o quão rápido seria. Ou que ela não diria adeus. Mas foi exatamente isso que me quebrou ao meio. E, Cristo, era doloroso.

Porra, eu sentia falta dela.

Fui até o quarto de Eve naquela noite determinado a acalmá-la, mas o quarto estava tão vazio como quando ela chegou, sem nenhum de seus pertences. Era como se nunca tivesse estado lá. Como se eu tivesse vivido um sonho durante o verão, e pensar nisso me deixava doente, porque se Eve não era real, isso significava que não voltaria. E eu simplesmente não poderia suportar isso.

Passei a gritar com Cody sem parar desde aquele momento, mas ele disse que não sabia para onde ela tinha ido, só que a deixou na rodoviária. E pensar nisso me fez desejar matar alguém. A minha menina. Lá fora, sozinha novamente. A dor agarrou meu intestino em seu punho cerrado. Era uma maldita tortura.

Cody era um filho da puta por ter levado minha Eve embora.

Pelo menos ela tinha o dinheiro que Joe lhe pagara pelo verão, disse a mim mesmo. Mas, ainda assim, toda vez que pensava nela lá fora sem mim, eu me sentia em pânico — destruído.

E, assim como em todas as noites desde que ela se foi, sentei-me na frente de Joe, sem dizer uma única palavra. Estava furioso, e ele sabia disso. Tudo era culpa dele. A única razão pela qual eu aparecia no jantar era para

descobrir se ele sabia alguma coisa sobre o paradeiro de Eve, se tinha ouvido falar dela.

Então, naquela noite, uma semana depois, sentei-me à sua frente e fiz a mesma pergunta que vinha fazendo há sete dias.

— Ficou sabendo de alguma coisa? — Coloquei um pouco de comida na minha boca. Tinha gosto de serragem, mas eu apenas mastigava e engolia.

— Nada — ele respondeu calmamente, assim como vinha fazendo em todas as noites anteriores.

Missy tentou colocar um pouco de comida em sua boca, mas ele se recusou a abrir.

Eu sabia que ele estava sofrendo, mas eu também estava.

Normalmente, terminávamos nossa refeição calmamente, às vezes com Cody e Missy nos olhando como se não fôssemos mais os mesmos. Talvez eles estivessem certos, porque eu não sabia como iria perdoar Joe por ter afugentado a melhor coisa que já havia acontecido comigo.

Naquela noite, Joe disse:

— Eu não sei como resolver essa situação ou melhorar as coisas com Everly, Cole. Mesmo quando encontrá-la, não saberei como consertá-la. Ela sofreu anos de abandono.

Escutei Joe, e cada palavra que saía de sua boca só me deixava mais furioso e irritado. Como ele ousava? Eve era perfeita para caralho. Mesmo com todas as suas imperfeições, ela ainda era um milhão de vezes melhor do que qualquer um naquela mesa.

Joguei meu garfo dentro do prato.

— Ela não precisa ser consertada, Joe. Só precisa ser encontrada. — A emoção entupiu minha garganta, então eu parei, tentando contê-la, porque ela parecia prestes a se derramar por toda aquela maldita sala. Olhei Joe nos olhos. — Ela só precisa ser encontrada e amada pela pessoa que é, com defeitos e tudo mais. Assim como fez por nós durante todo o verão.

Levantei-me e joguei meu guardanapo dentro do prato antes de sair da sala, sentindo uma tonelada nos ombros. Era como se meu amor por Eve pesasse muito.

— Cole! — Joe gritou.

Eu parei, virando-me para ele.

— O quê?

Ele parecia tão abalado quanto eu. Como se nenhum de nós fosse conseguir sobreviver sem ela.

— Então, encontre-a e traga-a para casa.

— Estou trabalhando nisso — eu disse ríspidamente, saindo pela porta dos fundos e deixando-a bater atrás de mim com um estrondo.

E eu estava mesmo trabalhando duro nisso. Vinha ligando para Louise todos os dias. E, todos os dias, ela dizia que não sabia de Eve, mas que ligaria assim que descobrisse algo. Também me explicou que Eve era muito teimosa, e eu ri como um louco, porque já sabia muito bem disso. Contei-lhe o quanto a amava, como ela me fizera feliz quando eu estava tão triste. O quão incrível ela era. Como eu precisava que voltasse para casa, tanto quanto precisava da minha próxima respiração. Às vezes, nossas conversas duravam segundos e, noutras, conversávamos por horas sobre seu Passarinho. Depois de apenas uma semana, consegui entender por que Eve amava tanto Momma Lou. Na verdade, eu tinha apostado que acabaria voltando para ela.

Só que já fazia uma semana, e eu estava ficando desesperado. Mas havia algum consolo em tudo isso. E eram alguns telefonemas. Eve ligava para o meu telefone tarde da noite, quando eu estava dormindo, ou durante o dia, quando sabia que eu estava trabalhando e não carregava meu celular comigo. Esperava que fizesse isso porque estava sentindo minha falta como louca, assim como eu sentia falta dela. Não podia ter certeza porque ela nunca deixava uma mensagem, mas imaginei que pudesse estar ligando para ouvir minha voz.

Então eu comecei a carregar meu telefone comigo o tempo todo, apavorado, temendo perder uma ligação, mas quando atendia, ela só desligava ou não falava nada. Porra, isso me matava.

O fato de ela estar ligando me dava algum pequeno conforto. Minha garota estava bem. Ela provavelmente ainda estava arrasada, mas estava viva e bem o suficiente para telefonar. Tentei retornar mais vezes do que podia contar, mas sempre encontrava seu telefone desligado. Tinha a sensação de que ela só o ligava para fazer as chamadas. Eu também queria ouvir a voz dela, só que seu correio de voz tinha aquela mensagem estúpida automática que me dava vontade de jogar o telefone do outro lado da sala toda vez que ouvia.

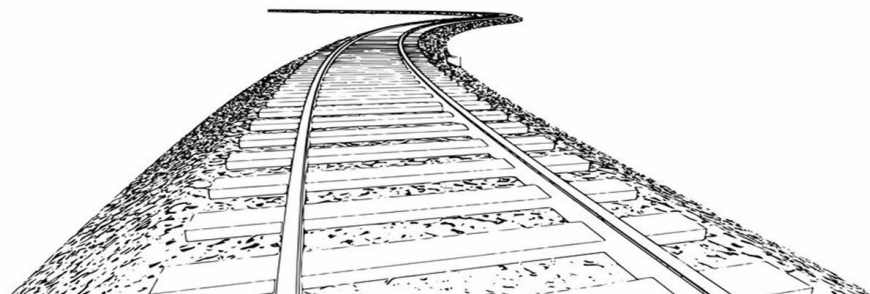
Deitei-me na cama, segurando meu celular na mão como se a maldita coisa pudesse tocar a qualquer momento, mesmo sabendo que não aconteceria. Tinha feito isso a semana toda. Ela só ligava quando sabia que eu estava ocupado ou dormindo, nunca deixava mensagens, e nas poucas vezes em que eu atendi? Nada. Girei o aparelho nas minhas mãos, olhando

para ele com atenção, e uma ideia surgiu. Eve não queria falar comigo. Só queria me ouvir. Bem, eu me certificaria de que ela me ouvisse em alto e bom som.



Capítulo Trinta e Um

Everly



A mensagem começou do mesmo jeito, da mesma forma que acontecia toda vez que eu ligava.

“Ei, aqui é o Cole. Não posso atender, então, deixe uma mensagem depois do sinal.”

Fechando meus olhos, delicieei-me com a única coisa que me dava alegria: o timbre profundo da voz rouca de Cole.

Pressionei o telefone quente contra o meu ouvido, esperando pelo bipe. Só que ele não veio daquela vez.

— Eve — disse Cole do outro lado do telefone, e eu agarrei o aparelho com mais força contra o meu ouvido em um suspiro, pensando que tinha ouvido errado.

Houve uma longa pausa, e eu preni a respiração, com medo de não ouvir suas próximas palavras sob o barulho do meu próprio ar que soprava em meus ouvidos. Eu queria poder ver o rosto dele. Podia imaginá-lo em minha mente àquela hora da noite — seus doces olhos achocolatados me observando de todos os ângulos másculos e viris de seu rosto. A sombra de uma barba correndo ao longo de sua mandíbula e seu queixo. Sua boca perfeita sempre implorando para ser beijada. Meu corpo doía quando pensava naquele rosto.

— Baby, eu sinto sua falta. Bela também sente. Saí para escová-la hoje, mas ela não queria nada comigo. — Ele riu e soltou um longo suspiro.

Uma lágrima deslizou pelo meu rosto e umedeceu o travesseiro embaixo da minha cabeça.

— Todos nós sentimos sua falta.

Um soluço borbulhou para fora de mim e soou muito alto no silencioso e

vazio quarto de hotel. Mordi o lábio para sufocá-lo. Mal conseguia ouvi-lo por causa do meu choro.

— Eu só queria que você soubesse que estou pensando em você. Estou sempre pensando em você, Eve.

Sua voz era como seu cheiro, toda densa e forte, madeira e fumaça. Eu queria poder encostar meu nariz em sua camisa, como fiz tantas vezes antes. Ele nunca saberia o quanto seu cheiro, sua voz, sua gentileza — ele por inteiro — me confortavam. Não foi culpa dele tudo isso ter acontecido. Ele foi apenas uma vítima das circunstâncias, assim como eu. Não importava, no entanto. Eu não poderia voltar para lá.

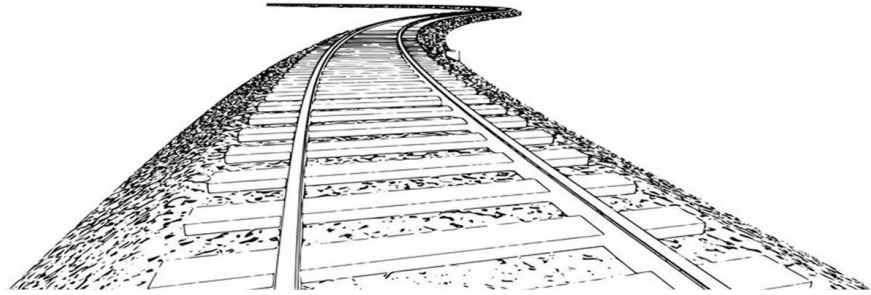
— Espero que você esteja cuidando de si mesma.

O bip soou, e as lágrimas vieram como cachoeiras. Através dos olhos embaçados, eu liguei para Cole várias vezes e escutei, com a intenção de absorver cada palavra em minha pele, para poder lembrar cada uma delas. Memorizei a forma como sua voz engasgou quando ele disse Eve. A respiração lenta antes de me chamar de baby. O silêncio depois que disse que sentia a minha falta. O jeito firme como afirmou que estava sempre pensando em mim. Eu não podia esquecer uma única inflexão de sua voz. Queria acessar essas lembranças sempre que precisasse delas, e sabia que iria precisar bastante.



Capítulo Trinta e Dois

Everly



– *P*or quê?

Foi a primeira expressão que surgiu em meus lábios quando Momma Lou abriu a porta. Eu me dei duas semanas para me acalmar. Para ter essa conversa racionalmente. Mas quando bati na porta e fiquei esperando na varanda, pela primeira vez senti que aquela casa bonitinha e humilde no campo não era o meu lar. Isso me deixou furiosa. E, mais uma vez, sua traição me sufocou. Lágrimas queimaram meus olhos. Meu rosto estava quente de raiva. Claramente, duas semanas não tinham sido tempo suficiente, mas, naquele momento, comecei a pensar que dois anos também não seriam.

— Passarinho — Momma Lou suspirou, sua voz demonstrando em parte alívio ao me ver bem e remorso por ter mentido para mim.

Eu conhecia o rosto dela melhor do que conhecia qualquer outro, e não queria seu maldito remorso nem alívio. Queria respostas.

— Por quê? — exigi novamente, meus punhos cerrados, meu coração batendo e reverberando nos meus ouvidos. Pensei nas minhas duas semanas no hotel nos arredores da cidade e só fiquei mais irritada. Pensei nas lágrimas que tinha derramado por praticamente todo mundo que eu amava; todo mundo que mentiu para mim. Como tudo havia mudado num piscar de olhos. Como fui de ser feliz para tão sozinha. Como me enrolei naquele colchão velho e ansiei por minha cama na casa grande. Como senti falta do sorriso de Joe, mesmo que o odiasse. Quanto precisava de Cody para me fazer rir. Como desejei que Cole estivesse deitado ao meu lado, porque eu sentia tanto a falta dele que meus ossos chegavam a doer. Em vez disso, agarrei-me a tudo o que restara de Preston: o chapéu que Cole me dera, a foto de Margaret

e as mensagens de voz de Cole.

Naqueles dias, eu apertava o chapéu e a foto contra o peito e chorava até não poder mais. Sentia-me nauseada de tanta dor. Ainda me sentia assim.

A testa de Momma Lou enrugou-se de preocupação, e ela suspirou.

— Por que você não vem para dentro, querida? Então poderemos conversar.

Mordi meu lábio trêmulo para silenciá-lo antes que dissesse: “Não há nada para falar. Você mentiu para mim.” Uma lágrima solitária deslizou pelo meu rosto, e eu usei a manga da minha camisa de flanela para limpá-la com raiva. Eu não queria chorar na frente dela.

— Vocês *todos* mentiram para mim — acusei.

Ela inclinou a cabeça para o teto e fechou os olhos. Eu já a tinha visto fazer isso muitas vezes. Era a maneira dela de reunir toda a paciência que pudesse encontrar.

Finalmente olhou para mim antes de dizer com muita paciência:

— Everly, eu quero responder a todas as suas perguntas, mas gostaria que não tivéssemos que fazer isso na frente da casa. Entre.

— Não — falei novamente. Sim, eu estava agindo como uma criança, mas achei que era a única forma de não perder a cabeça. Eu não queria bater o pé e nem levantar a voz.

Momma Lou revirou os olhos e colocou a mão no quadril, e eu soube que ia levar uma bronca.

— Garota, mexa essa bunda magra e entre nesta casa agora.

— Tudo bem! — eu gritei, passando por ela, em uma tentativa de manter um pouco do meu orgulho.

Ela fechou a porta atrás de si e ordenou:

— Sente-se.

Algumas das crianças me cumprimentaram com abraços enquanto eu caminhava até o velho sofá azul que estava lá há mais tempo do que eu.

— Vocês podem nos dar um tempo? — Momma Lou perguntou para as crianças. — Vocês podem dizer oi para Everly daqui a pouco. Precisamos ter uma conversa particular agora.

Todos saíram e finalmente ficamos sozinhas. A sala parecia muito quieta, e o clima, mais do que tenso.

Momma Lou sentou-se na poltrona à minha frente, as costas retas, as mãos cruzadas no colo.

— Faça suas perguntas, Passarinho.

Bufei com sua praticidade. Com o quão serena ela estava. Como poderia estar tão calma diante da minha turbulência? Será que não imaginava o quanto era doloroso para mim?

Esfregando o bolso de trás, verifiquei minha foto antes de perguntar:

— Por que você me mandou para lá sem me avisar?

Meu coração trovejou em meus ouvidos enquanto eu esperava sua resposta. Talvez Momma Lou não me amasse tanto quanto pensei que amasse. Talvez ela não se importasse comigo. Talvez só tenha querido se livrar de mim como todo o resto.

— Porque você nunca teria ido, Passarinho — ela disse tão sem rodeios, tão sem emoção, que eu quis gritar com ela. — E então você nunca teria conhecido Joe e o amado tanto. E você com certeza não teria conhecido seu Cole.

Ela estava certa. Eu provavelmente não teria ido. Teria ficado com muito medo. Muito insegura. E vamos encarar a verdade: mesmo agora, depois de conhecer Joe e ter cuidado dele, eu ainda estava muito zangada por ele não ter me procurado antes. Por ele ter parado de procurar, em primeiro lugar.

Mas tudo isso ainda não mudava o fato de que ela havia tirado essa escolha de mim. Eu deveria ter sido a única a decidir se queria conhecer Joe. Não ela.

— Não era uma escolha sua! — eu gritei, jogando minhas mãos no ar.

Ela assentiu.

— Você está certa. Não era.

Ela continuou ali sentada, toda composta, as mãos ainda dobradas no colo, e lá estava eu, gritando e jogando minhas mãos no ar como uma maníaca.

— Você nem se importa! — Comecei a chorar, e novas lágrimas passaram a escorrer pelas minhas faces. — Você não se importa com o quanto isso me machucou. — Enterrei meu rosto em minhas mãos, irritada comigo mesma por deixá-la me ver chorar.

— Eu me importo — disse Momma Lou.

Ergui minha cabeça e a encontrei de joelhos, na minha frente. Ela pegou minha mão, entrelaçou-a na dela e as colocou sobre o meu colo.

— Eu me importo muito, Passarinho. — Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. — É por isso que eu faria tudo de novo.

Seus olhos imploravam por compreensão, mas eu simplesmente não conseguia. Por que ela me faria passar por tudo novamente se tivesse a

escolha? Será que ela não conseguia ver o quão devastada eu estava? Quão emocionalmente derrotada me sentia?

Desviei meu olhar, mas ela apertou minha mão, então, olhei novamente para ela.

— Eu te amo, Everly. Queria, mais do que tudo, que você encontrasse sua gente. Você merece uma família. Eu tenho uma amiga no estado e a fiz pesquisar nos registros médicos de hospitais. Realmente achei que ela não encontraria nada, mas encontrou. E eu queria que você conhecesse Joe sem a raiva, sem as reservas. Sem as paredes sólidas que sempre ergue para qualquer um que queira entrar em seu coração. Joe e eu queríamos que o relacionamento de vocês tivesse uma chance de lutar. Sentimos que era o único caminho. E eu faria tudo de novo, porque funcionou, querida. Eu ouvi a felicidade em sua voz quando me ligou. Você ama aquele lugar. Você o ama.

A verdade brilhou nos olhos dela, o que era muito doloroso. Momma Lou estava certa. Minhas barreiras haviam desmoronado, e eu odiei isso.

— Não importa — eu soluçava, sentindo meus ombros tremerem. — Acabou. Está feito. Eu não posso voltar para lá. — Balancei minha cabeça.

Eu tinha contado a Joe meus segredos mais obscuros, e ele nem sequer piscou porque já sabia de tudo. Ele teve a oportunidade perfeita naquela noite para me contar a verdade, mas não contou. Como eu poderia confiar nele?

— Oh, querida! — Momma Lou me envolveu em seus braços, e eu senti seu cheiro de coco. — O que muitas vezes parece ser o fim é apenas o começo. Algumas dessas vezes, é o começo de algo realmente ótimo. — Ela me apertou com força. — Às vezes, tudo de que precisamos para não quebrarmos, Everly, é apenas cedermos um pouco.

Eu me aconcheguei nela, segurando minhas mãos atrás de suas costas.

— Acho que este não é o caso, Momma Lou — sussurrei contra seu cabelo grosso, com uma evidente derrota em minha voz. Mas eu precisava daquele abraço como se precisasse de ar.

Ela se inclinou para longe do meu abraço e me olhou nos olhos.

— Isso não é o que Cole me diz.

— Você falou com o Cole? — perguntei, sentindo-me chocada até o meu âmago. Meu vaqueiro ligara para minha Momma Lou. Senti-me inteiramente perplexa por descobrir.

Ela sorriu.

— Todos os dias, há duas semanas, aquele garoto me liga tentando encontrar você. Acho que ele quer que volte para casa, Everly.

— Eu não tenho uma casa — rebati. E esta resposta fora uma verdade durante a maior parte da minha vida, mas dizê-la naquele momento pareceu muito errado.

Momma Lou estalou os dentes e agarrou meu rosto em suas mãos.

— Olhe para mim enquanto eu te digo uma coisa, garota.

Obedeci, porque ela não me deu uma maldita escolha. Segurava meu rosto com muita firmeza, sem me deixar mexê-lo.

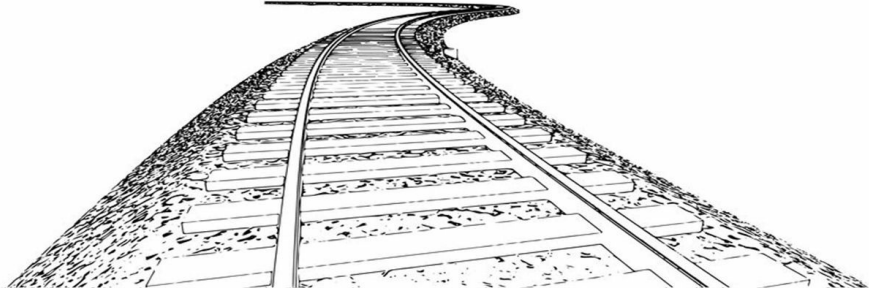
— Lar não é um lugar. Não é uma coisa. É a sensação que as pessoas proporcionam quando você está com elas. Isto é um lar, Passarinha. Agora, olhe nos meus olhos e me diga que Cole não é o seu lar — ela exigiu.

Cole, Joe, Cody — todos eles me proporcionavam essa sensação. E eu os queria. Queria ir para casa. Mas simplesmente não sabia como.



Capítulo Trinta e Três

Everly



Fiz o que fazia todas as noites desde que deixei Preston. Há três semanas eu não via meu caubói. Deitei na minha cama de solteiro na casa de Momma Lou e apertei o botão verde do meu telefone, e o brilho da tela iluminou o quarto escuro.

Sua voz veio pelo telefone como mel quente, doce e rico, e eu imediatamente derreti nos lençóis abaixo de mim. Havia três outras crianças dormindo no quarto comigo, mas a cada noite, quando eu apertava o botão de chamada, era só eu e meu caubói.

Ele nem se incomodava mais com as mensagens tradicionais de "não estou disponível". Simplesmente falava comigo direto.

— Estive pensando muito em você hoje, Eve. Considero-me um homem paciente, mas sinto que você pode estar me levando ao limite.

Paciente uma ova. Sorri para o telefone.

— Você com certeza está perdendo muito por aqui. As coisas estão ficando sérias entre Beau e Cody. — Ele suspirou. — Se você voltar para casa, eu posso te contar detalhes. — Cole parou de falar por um momento.

Cole estava me chantageando com um romance entre caubóis gays. Reprimi uma risada e fechei os olhos, fingindo que estava lá com ele.

— Jane está mantendo minhas moedas como reféns novamente. Acho que o bom humor dela foi embora com você.

Cole fazia isso quase todas as noites, contando sobre tudo que acontecia em Preston, mas nunca mencionava Joe, e eu me perguntava se talvez soubesse que eu não estava pronta para ouvir sobre ele ainda.

— Eu gostaria de poder ouvir você me respondendo com um pouco de

sarcasmo. Sinto falta disso. — Deu uma risada seca. — Sinto falta da sua voz. Acho que eu me contentaria com qualquer coisa neste momento. Por que você não me deixa uma mensagem só desta vez? — Soou triste, e meu sorriso desapareceu.

Ele fazia isso todas as noites também. Queria que eu dissesse alguma coisa, mas eu não sabia o que dizer. Não estava pronta para voltar para Preston, e sabia que era a única coisa que ele desejava ouvir dos meus lábios.

— Eu sei. Conte-me uma lembrança. Qualquer coisa. — Ele fez uma pausa. — Vou contar uma também, ok? Olho por olho. Então, quando o telefone tocar, você pode me contar uma. — O desespero em sua voz quase me fez querer desmoronar.

Ou quase.

— Você, Eve. Só você. Você é minha lembrança favorita. Você sentada no balanço da varanda todas as manhãs, esperando que eu subisse os degraus. Você e aquelas músicas ridiculamente adoráveis que canta no chuveiro. Você cozinhando bacon na minha cozinha, com minhas meias puxadas até os seus joelhos. Você sorrindo para mim. Não apenas qualquer sorriso. Um daqueles que você dá apenas a mim; os sorrisos que cobrem todo o seu rosto, desde o seu queixo até o couro cabeludo. Esses são meus favoritos. Só você.

Enterrei meu rosto no travesseiro para impedir que meus gritos acordassem todo mundo. Cole ainda ligava para Momma Lou todos os dias e sabia onde eu me encontrava. Momma Lou me contara que ele estava me dando o tempo necessário, mas eu ainda tinha minhas dúvidas sobre Marla.

— Mas não quero mais lembrar de você, baby. Não quero que você seja uma memória que eu carregue no meu coração. Quero você de verdade. Aqui. Agora. — O desespero escorria de suas palavras.

Eu amava e odiava o quanto ele queria me ver.

Ele pigarreou, mas sua voz ainda soava tensa.

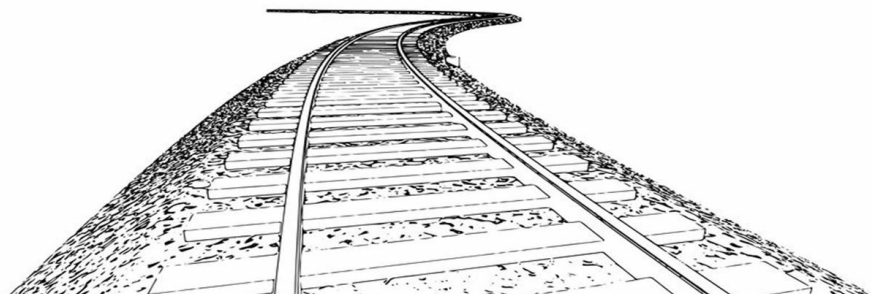
— Marla vai trazer Grey para me ver hoje. E depois vai embora. Está ouvindo o que estou dizendo, baby? Ela não vai ficar. Nunca mais. — Um suspiro frustrado atingiu meus ouvidos. — Porra, eu só queria que você estivesse aqui.

Ele queria que eu voltasse para casa. Ele me queria. E isso me assustava até a morte.



Capítulo Trinta e Quatro

Everly



Duas semanas depois, acomodei-me de novo à minha vida na casa de Momma Lou, como se nunca tivesse saído de lá. Minha vida se encaixava ali como uma luva velha. Não era extraordinária como a minha vida em Preston, mas era segura — previsível.

Terminei meu turno no abrigo e peguei o ônibus para casa, tão cansada que quase adormeci antes de chegar. Andei até a casa, desde o ponto, sentindo minhas costas doerem, desejando poder mergulhar na minha banheira gigante da casa grande. Desejando ter um monte de coisas que eu tinha um mês atrás, mas que não tinha mais.

Subi as escadas da varanda, pegando minhas chaves dentro da bolsa. Então parei de repente. Lá estavam Joe e Missy, na entrada da velha casa de Momma Lou, e eles nunca pareceram tão fora de lugar em suas vidas.

Joe me olhou da cabeça aos pés.

— Everly — ele disse como saudação, mas eu não conseguia administrar uma resposta.

Eu estava chocada demais para vê-lo. Joe nunca viajava para tão longe. Sua condição dificultava que ele fizesse longas viagens.

— Oi, Everly — Missy falou sem jeito.

Tentei me recompor.

— Oi, Missy. — Sorri constrangida, porque tudo aquilo era estranho ao extremo. O que eles estavam fazendo ali?

Ela me puxou para um abraço, e eu não pude deixar de abraçá-la de volta. Sentia falta daquela intrometida.

— Missy, Everly e eu podemos ter um momento a sós? — Joe falou

quando Missy se afastou de mim.

Ela olhou carinhosamente para ele e lhe deu um tapinha no ombro.

— Claro, querido. Vou esperar na van. — Ela apertou minha mão enquanto passava.

Mas eu estava hiperfocada no homem sentado em sua cadeira de rodas à minha frente. Meu pai. Ele parecia diferente agora que eu sabia daquele detalhe. Podia ver todas as nossas semelhanças expostas diante de mim como um mapa e me perguntei como nunca tinha percebido isso antes.

Procurei ao redor, esperando como uma adolescente apaixonada que Cole estivesse ali também.

— Ele não está aqui — disse Joe. — Não sabe que viemos. Nossa ideia era fazer uma viagem rápida de um dia só. — Suas palavras soaram grandiosas e corajosas, mas ele se mostrava triste e retraído. A grande personalidade e o corpo de Joe pareciam tão pequenos e frágeis naquele momento.

— Por que você está aqui, Joe? — questionei. Eu não queria prolongar mais aquela conversa desconfortável e dolorosa.

Ele me estudou por um instante antes de responder sem rodeios:

— Porque eu sinto sua falta, Everly. Porque sinto muito por tantas coisas.

Uma lágrima deslizou por sua bochecha, e eu me afastei. Não suportaria vê-lo chorar. Isso partiria meu coração outra vez.

Ele não se importou com o fato de eu não o olhar nos olhos. Apenas continuou, e cada palavra perfurou meu coração.

— Sinto muito por não ter continuado a procurar por você. Lamento que, quando finalmente te encontrei, não tenha te contado a verdade. Mas eu sabia que você não iria querer me ver. Eu queria nos dar uma chance. Lamento por não ter dito a verdade, mas não me arrependo, porque este verão foi o melhor de toda a minha vida, e é tudo por sua causa. Eu te amo, e você sempre terá um lar em Preston, se quiser. E mesmo que nunca volte, ainda vou te amar. Nada vai mudar isso, querida. Nunca — ele terminou, e eu entrei em pânico.

Não. Joe ia me machucar novamente. Eu não poderia estar com aquelas pessoas que eu amava tão intensamente. Eles tinham o poder de me destruir. Passei a vida inteira tão isolada, tão mal-amada, que eu era como um vidro fino: um minúsculo pedregulho poderia me destruir sem chance de reparo. Não podia deixar que eles me quebrassem.

— Você precisa ir embora — falei em prantos, esfregando minhas mãos suadas na calça. Eu não podia fazer isso. Olhei ao redor, em pânico, sentindo

todo o meu corpo doer.

Ele me machucaria novamente. Ele decidiria que eu não era boa o suficiente e me deixaria. Não pude acreditar nele. Era um mentiroso.

— Por favor, Everly. Só...

— Não, Joe. Vá embora! — gritei. Passei por ele e destranquei a porta, sentindo minhas mãos tremerem ao redor das chaves. Fechei-a atrás de mim e corri para o meu quarto, agradecendo que nenhuma das crianças estivesse aqui. Isolei-me e tranquei-me antes de me jogar no chão.

Concedi a mim mesma algum tempo de autopiedade, mantendo a mão pressionada no meu peito dolorido por cerca de uma hora antes de ouvir uma batida suave. Levantei-me e limpei as malditas lágrimas do meu rosto. Eu odiava aquela versão chorosa de Everly.

Momma Lou estava do outro lado da porta quando a abri.

— Quer conversar sobre isso? — perguntou, mas não era realmente uma pergunta. Ela queria conversar, então, nós conversaríamos.

— Falar sobre o quê? — fingi-me de idiota, porque estava farta de falar sobre aquele assunto. De tudo, aliás. Eu já tinha falado o suficiente até a minha maldita morte. A velha Everly nunca teria alimentado aquele absurdo. Tanto falatório e tanta choradeira. Era ridículo.

Ela me empurrou para dentro do quarto e se sentou na minha cama.

— Eu vi o que aconteceu, Passarinho. Eu vi tudo.

— E? — perguntei, olhando para além dela. Não suportava toda a emoção em seus olhos.

— Você o ama — afirmou ela.

Eu não disse nada. Fiquei apenas olhando para a rachadura na parede atrás da cabeça dela.

— Se você o ama, por que não pode perdoá-lo? — perguntou.

Essa pergunta apenas me irritou. Como ela se atrevia a decidir quem eu devia ou não perdoar?

— Perdoá-lo pelo quê? — gritei. — Perdoá-lo por deixar minha mãe fugir e me levar com ela? Perdoá-lo por não me procurar? Perdoá-lo por mentir para mim? — A cada palavra, minha voz ficava mais alta.

— Sabe o que eu acho, Everly? — Ela se levantou e ficou cara a cara comigo. — Eu acho que você já perdoou aquele homem tão doce, que passou por tantas coisas ruins na vida.

Eu vacilei; a realidade e a verdade de suas palavras me atingiram no rosto. Deus, como doía!

— Acho que você o perdoou no minuto em que descobriu. — Ela apontou o dedo para o meu rosto.

Recuei e fechei meus olhos. Eu não queria ouvir isso. Não podia suportar.

— Acho que você está fugindo porque está com medo. Você ama tanto Joe, Cole e aquela fazenda especial que está aterrorizada. Está tão apavorada que vai perdê-los porque os está jogando fora. E isso não é jeito de viver, Passarinho. Você não pode fugir de tudo que ama por medo, ou vai acabar perdendo todas as melhores coisas da vida.

Eu queria negar tudo. Queria gritar com ela e dizer o quanto ela estava errada, mas não o fiz, porque era tudo verdade. Estava tão assustada. Nunca amei alguém como amava Joe e Cole. Nunca tive o amor de alguém assim também. Eu não sabia amar e ser amada. A forma como aquelas pessoas seguravam meu coração em suas mãos era assustadora. Eu não poderia suportar se eles jogassem meu amor fora.

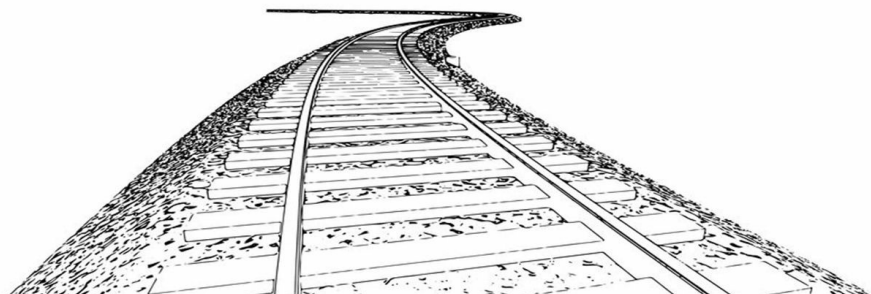
— Pare com isso, menina. Você nunca foi uma vítima. Pare de agir como uma agora.

Passei a tarde e a noite escondida no meu quarto, mas não me sentia protegida. Sentia-me exposta e nua, como se Momma Lou tivesse, de alguma forma, me rasgado e, agora, minhas entranhas estavam saindo para todo mundo ver. E eu não queria isso, então, fiquei na minha cama, chafurdando e me odiando por isso. Nem liguei para Cole naquela noite para ouvir sua mensagem.



Capítulo Trinta e Cinco

Everly



— Você não liga há dois dias. — Ele parecia irado. — É isso que vai fazer agora? Fingir que o verão não aconteceu? Esperar que eu desista? Não faça isso com a gente.

A culpa tomou conta de mim como um maremoto e isso ameaçou afundar ainda mais meu navio que já estava submerso.

— Sei que você está com medo, Eve. Eu também estou — ele sussurrou. — Estou com medo de como me sinto em relação você. Às vezes, esse sentimento é impressionante, tão abrangente, mas não há ninguém no mundo com quem eu queira sentir medo além de você.

Agarrei o telefone, e as palavras de Cole me atingiram, banhando-me em uma ternura muito doce.

Sua frustração era palpável. Suas palavras pareciam solenes e derradeiras, e eu imediatamente soube que aquela mensagem era diferente das outras. Ele estava cansado de esperar.

— Eu preciso ver você. Por favor — ele implorou, sua voz rouca dando socos em todas as minhas sensações. — Venha me encontrar, baby. Você sabe onde.

O familiar bip soou no meu ouvido, e eu desliguei, ainda ouvindo um zumbido. Eu sabia exatamente onde ele queria me encontrar. Só não sabia se podia ir.

Fiquei deitada na cama até o dia seguinte, mas não dormi nada.

Meu cérebro sussurrou: *é impossível. Isso nunca vai funcionar.*

Minha experiência dizia: *ele vai te machucar. Vai te abandonar, assim como os outros.*

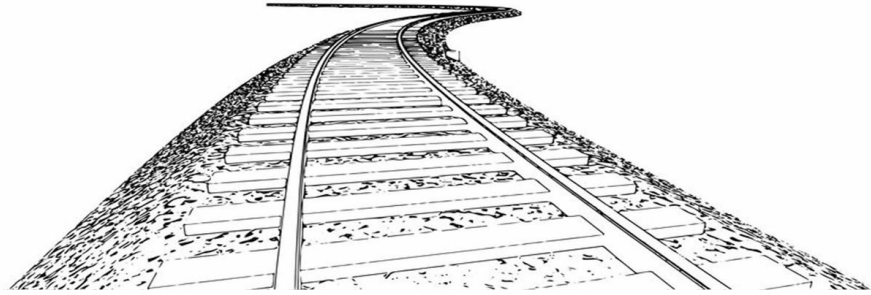
Mas meu coração descontrolado, cheio de esperança e cheio de amor, gritava e se chocava contra minha caixa torácica. *Vá até ele. Experimente. Pelo menos tente.*

E, às vezes, o coração simplesmente não pode ser ignorado.



Capítulo Trinta e Seis

Everly



Momma Lou me deixou na estação de trem Everly Woods às oito da noite seguinte e, pela primeira vez, fui até o balcão e comprei uma passagem de trem. Canton, Georgia, era o destino. Com as mãos trêmulas e os joelhos fracos, embarquei, sentindo como se tivesse pequenas formigas rastejando pelo meu estômago. Não deixei que elas me impedissem de andar pelo corredor, observando os assentos vagos, procurando por ele.

O trem parecia exatamente como sempre. Assentos marrons e desgastados flanqueavam o tapete azul e sujo dos corredores. O familiar cheiro rançoso fez meu intestino se agitar, mas eu me lembrei de que, sim, tudo ali era igual. Mas eu... eu estava diferente. Meu rabo de cavalo baixo balançava conforme olhava de assento em assento. Ajeitei meu chapéu na minha cabeça. Puxei minha camiseta para mais baixo para suavizar os amassados. Minhas sandálias ecoavam no corredor a cada passo. Meu estômago não rosnou de fome. Eu estava limpa. Estava feliz. Eu estava apavorada, mas, também, apaixonada.

Senti seu cheiro antes de vê-lo. Aquele aroma de terra, ao mesmo tempo em que me tranquilizou, me deixou em chamas, mesmo antes de eu poder colocar meus olhos nele. Meu estômago se acalmou, e eu segui em frente até que vi um Stetson branco sete fileiras à frente e à esquerda — o assento exato onde ele estivera sentado há quatro anos.

Apressei o ritmo ansioso dos meus passos para chegar até ele, mas, ainda assim, minha mente contou cada segundo curto enquanto eu corria no que parecia ser câmera lenta, como se eu estivesse atravessando areia movediça.

Não consegui chegar rápido o suficiente.

No momento em que me coloquei de pé ao lado de seu assento, seus olhos encontraram os meus, quentes como chocolate ao leite derretido, e, Deus, eu queria devorá-lo.

— Precisa de um assento, moça? — ele perguntou, sorrindo, seus olhos brilhando.

Mordi o lábio, tentando não sorrir.

Coloquei minha mão no meu quadril.

— Gosta do que vê, caubói? — perguntei, repetindo a pergunta da noite em que nos encontramos ali mesmo, naquele mesmo lugar.

Ele balançou a cabeça lentamente, seu sorriso desaparecendo. Uma expressão de ternura alisou as linhas finas de suas feições.

— Não — ele disse com veemência. — Eu vejo alguém que amo.

Tomei o assento ao lado dele e disse a mim mesma para ser corajosa, destemida, ousada.

— Eu também te amo — sussurrei em um suspiro, as lágrimas brilhando nos meus olhos. Depois de tirar o chapéu, coloquei-o no meu colo e comecei a mexer nervosamente na aba.

Ele sorriu para mim, fazendo aparecer cada dente brilhante em sua boca. Agarrou minhas mãos inquietas em uma das suas e as levou à boca para beijá-las.

— Por que você demorou tanto? — ele murmurou contra elas.

Dei de ombros de brincadeira, mas minhas palavras pareciam pesadas de tão importantes.

— Everly Woods demorou muito tempo para descobrir quem é — eu disse levemente, brincando, mas foi uma das declarações mais sérias da minha vida. — E é de bom tom que a garota se atrase, caubói — acrescentei, tentando amenizar minhas palavras anteriores. Sentindo as formigas de volta à minha barriga, eu desviei o olhar; minhas emoções estavam muito fortes.

Segurando minha mandíbula em sua mão, Cole manobrou minha cabeça em direção à dele, deixando nossos rostos a poucos centímetros de distância.

— E quem é ela? — ele perguntou, seu rosto sério, os olhos exigindo todas as respostas.

Ele não ia me deixar disfarçar meus sentimentos com piadas e provocações, então, me lembrei da cena na varanda de Cole, em Preston, quando me acusou de enganar a ele e a Joe, quando ele me fez a mesma pergunta. Eu não sabia a resposta daquela vez, mas achava que sabia agora.

Respirei fundo, reunindo toda a coragem que carregava no meu corpo minúsculo, que não era muita, mas teria que servir.

— Ela é o Passarinho de Momma Lou. — Minha voz estremeceu, e eu pigarreei para poder continuar. — Ela é filha de Joe Preston. É a Eve de Cole Briggs — terminei com pressa, aliviada por ter dito tudo, mas com muito medo do que tudo aquilo significava.

O trem começou a se mexer, e Cole encostou a testa na minha, respirando profundamente, e fechou os olhos.

— Sim. — Ele sorriu. — Sim, eu gosto disso. — Seu hálito com cheiro de menta tocou meus lábios, e eu senti alguns dos meus medos sendo deixados para trás, na plataforma da qual estávamos nos distanciando.

Inclinei-me para frente, desejando aquele gosto da hortelã e o homem.

Ele afastou os lábios dos meus apenas alguns milímetros, mas manteve a testa na minha.

— Peça — ele ordenou, e eu ri, pressionando meu nariz no dele.

— Você vai me beijar ou o quê, caubói? — provoquei contra sua boca.

E ele beijou. Colidiu seus lábios nos meus, segurando a parte de trás da minha cabeça, puxando-me para mais perto, como se não conseguisse ter o suficiente da minha boca. Beliscou-a, devorou meus lábios, sussurrou seu amor por mim, disse que sentia minha falta — tudo isso bem na linha do trem onde nos conhecemos anos atrás. Foi como um sonho.

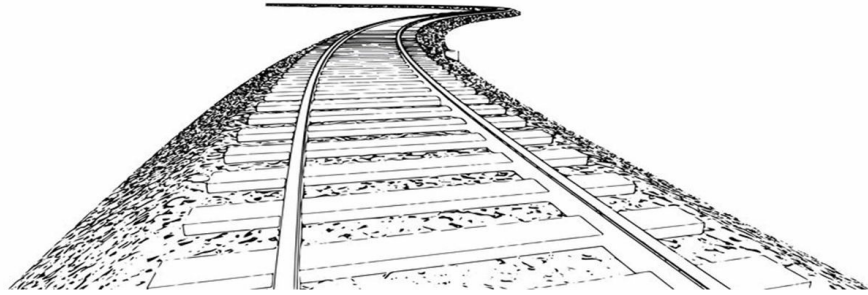
Eu tinha um longo caminho pela frente. Joe e eu precisaríamos conversar, e, embora eu estivesse com tanto medo quanto uma pessoa poderia sentir, sabia o que queria. E era Preston, meu caubói, Cody... Eu queria todos eles.

Aquela linha de trem nos uniu, irrevogavelmente entrelaçando nossos caminhos. O destino escrevera nossos nomes nas estrelas, reunindo-nos da maneira mais estranha e mais magnífica possível. E o amor tinha se arrastado para dentro de nós, atravessando-nos e nos curando de maneiras indescritíveis.



Epilogo

Cole



Dez anos depois

— Margaret Louise Briggs, pare de pular em cada cama desta casa!
— Eve gritou no andar de cima, e eu ri para mim mesmo.

Maggie tinha seis anos e era a cópia de sua mãe. Viera ao mundo chutando e gritando, exigindo comida e amor, e dificilmente tirava um maldito cochilo. Na maioria dos dias, continuava desta forma, mas eu não a trocaria por nada. Ela era igual à mãe, e eu me sentia mais do que abençoado por ter duas lindas mulheres cheias de força de vontade para me manter na linha.

Recuei para olhar o quadro que tinha acabado de ser pendurado sobre o que costumava ser o balcão do alojamento, só que agora era a entrada de algo no qual eu e Eve vínhamos trabalhando há quase dois anos — um acampamento de equitação livre às crianças do sistema de assistência social.

Eve sempre quis fazer algo para retribuir, e aquele era finalmente o grande dia. Quando Jane se aposentou há alguns anos, não conseguimos decidir o que queríamos fazer com o espaço. Joe, Eve e eu começamos a pensar juntos e elaboramos um plano que realmente aprovamos. Estávamos todos nervosos, mas Eve parecia ser a pior de nós. Eu sabia o quão importante era para ela ver todo o nosso trabalho e planejamento se concretizarem.

Ouvi as botas de Maggie atravessarem o teto acima de nós e balancei a cabeça.

— Como está tudo, Grey? — perguntei, olhando para o meu cara favorito. Ele tinha dez anos agora, e quanto mais velho ficava, mais se parecia com Austin.

Ele olhou para mim.

— Está incrível, tio Cole. Tia Eve está tão bonita — ele disse sonhadoramente, e às vezes eu achava que ele a amava mais do que a mim.

Analisei a foto novamente, acenando em concordância. Ela parecia mais do que bonita. Era a nossa foto de noivado. Estávamos nos trilhos da ferrovia, do lado de fora da estação de trem Everly Woods ao pôr do sol. Eve estava encostada ao meu lado, usando um vestido de verão azul-claro e botas marrons, a cabeça inclinada em direção a mim, seu perfil impressionante contra o pano de fundo do céu rosado.

Eve fora firme em sua decisão de tirar nossas fotos de noivado lá. Eu? Eu não tinha tanta certeza. Sim, era o lugar onde nos conhecemos, mas também era uma fonte de muita dor e sofrimento para ela. Quando lhe disse isso, Eve só balançou a cabeça e sorriu antes de afirmar:

— É onde eu me apaixonei por você. — Como se este fato, de alguma forma, tivesse anulado todas as coisas ruins que tinham acontecido com ela lá. E pensar nisso me deixou orgulhoso de quão longe ela chegara.

— Que horas mamãe e papai vão chegar? — Grey perguntou conforme seguíamos para fora, para os degraus da frente.

— Devem estar aqui em alguns minutos — eu respondi, feliz por eles o terem deixado ficar na noite passada com Maggie.

Ele a manteve entretida com filmes e pipocas para que eu pudesse acalmar Eve. Grey era um ótimo garoto, e muito disso tinha a ver com o quão incrível Austin era com ele. Por sorte, meu irmão voltara para casa com o rabo entre as pernas quando Greyson tinha apenas um ano de idade. Marla fora buscá-lo, porque, embora ele fosse um bastardo egoísta às vezes, ela ainda o amava. E eles estavam muito bem desde então. Eu estava feliz por eles.

Maggie desceu as escadas com toda a graça de um elefante de um quilo e meio. Correu para mim, com suas botas cor de rosa calçadas nos pés errados, o que tornava seu trajeto mais difícil do que precisava ser.

— Ops... — Ela bateu em minhas pernas.

Eu a peguei no colo, deixando-a no nível dos meus olhos.

— Ei, papai. — Ela sorriu para mim, e eu ri com a visão de seu sorriso desdentado.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Você sabe que suas botas estão nos pés errados, não sabe?

Nós tínhamos aquela conversa pelo menos uma vez por dia.

Seu sorriso se ampliou, e seus olhos se iluminaram com a gargalhada.

— É como eu gosto delas, papai — disse ela com veemência, e eu dei de ombros antes de colocá-la no chão.

— Estou pedindo a ela para ajeitar as botas desde cedo, mas tudo o que ela fez foi agir como um maldito macaco, pulando em todas as camas limpas — Eve disse, descendo os degraus.

E, assim como acontecia toda vez que minha garota entrava na sala, meu pulso acelerava e eu perdia o fôlego. Dez anos e um bebê depois, minha mulher ainda era linda pra caralho. Eu era o homem mais sortudo do mundo.

Maggie fez sim de macaco e começou a pular pela sala. Eve revirou os olhos, mas eu não perdi o pequeno sorriso que brincou em seus lábios. Ela adorava a nossa filha teimosa tanto quanto eu. Mesmo quando esta se comportava mal.

Eu a puxei para abraçá-la e ela estudou a foto na parede.

— Está perfeita. Vai combinar com todo o tema do trem — disse ela.

Eu assenti. Era mesmo perfeita. Sinais de ferrovia, pistas e grandes trens que pareciam sair das paredes formavam a decoração da casa. Na verdade, ao lado de nossa foto, na recepção, havia uma placa grande que dizia: *Todos a bordo*, e cada quarto tinha um trem com uma pista montada no chão para as crianças brincarem. Precisava admitir que Eve tinha feito um ótimo trabalho, tornando aquele lugar muito legal para as crianças.

— Está tudo incrível — eu disse contra seu cabelo, plantando um beijo no topo de sua cabeça. — Você é incrível.

Ela se derreteu contra mim, e eu sabia que estava aliviando um pouco de sua tensão, embora tenha sido uma sensação breve, porque a voz de Joe chamou lá de fora, o que fez sua coluna se endireitar novamente.

— Onde está minha garota? — ele gritou a plenos pulmões do lado de fora, e Eve e eu rimos.

— Ele age como se não a visse todos os dias — fingiu reclamar, mas ela amava a atenção que ele reservava a Maggie. Amava o jeito como Joe Preston venerava a neta. Isso significava tudo para Eve.

Nós morávamos juntos na casa grande com Joe desde que nos casamos,

debaixo dos pessegueiros, no pomar, sete anos atrás. A propriedade era espaçosa, e Eve queria ficar com Joe, caso ele precisasse dela. Era uma desculpa, de qualquer maneira. Eu sabia a verdade. Ela *precisava* tê-lo por perto, e eu não me opunha.

— É melhor ir ver o que seu avô quer antes que ele grite até estourar os pulmões — disse Eve, olhando para Maggie.

Maggie foi em direção à porta da frente, com Grey nos calcanhares.

— Aposto que o vovô tem biscoitos — ela falou por cima do ombro para Grey enquanto corriam pelos degraus da frente.

Percebi carros aproximando-se do velho alojamento.

— Está pronta para isso? — perguntei.

Naquele dia seria a nossa cerimônia oficial de inauguração. As crianças não chegariam até o começo do verão, que ainda estava a um mês de distância, mas esperávamos que toda a cidade de Canton surgisse para apoiar o esforço de Eve, até o prefeito.

Ela parecia nervosa, mas linda como sempre. Tocou o bolso de trás e disse:

— Mais pronta do que nunca, eu acho.

Eve não gostava de multidões e de ser o centro das atenções, mas ela sabia que aquele lugar precisava disto para adquirir as concessões e fundos necessários.

— Vamos conseguir. — Eu a levei para fora. Tinha uma surpresa para ela e mal podia esperar.

Beau e Cody estavam terminando os últimos retoques na varanda da frente quando passamos.

— Está maravilhoso — Eve disse, dando uma piscadela.

Eu não sabia se ela se referia à pintura ou aos caras em si, mas dei um tapinha em sua bunda como castigo de qualquer maneira. Ela flertava descaradamente com eles em todas as chances que encontrava, e eram muitas, porque eles moravam no meu antigo chalé, atrás da casa grande. Eve fazia isso para me deixar enciumado, mas eu sabia que aqueles dois eram inofensivos. Estavam muito apaixonados para dar qualquer chance a ela. Ainda assim, eu fingia indignação, porque meu ciúme a deixava excitada; e excitada era a minha versão favorita da minha esposa.

As pessoas começavam a encher o lugar em massa, então, eu guiei Eve de volta para a casa grande, onde sua surpresa estava esperando. Joe corria atrás de nós, com Maggie em seu colo e Grey guiando sua cadeira de rodas.

Viramos a esquina, e então Eve congelou.

— Oh, meu Deus — ela choramingou, colocando a mão sobre a boca. Então ela se adiantou, correndo pelo jardim, seus braços abertos. — Você veio! — Ela jogou aqueles mesmos braços ao redor de Momma Lou.

Momma Lou embalou o rosto dela nas palmas das mãos e enxugou as lágrimas de Eve com os polegares.

— Não chore, Passarinho — disse ela, sorrindo, com lágrimas nos próprios olhos.

Eve gaguejou, e a emoção tornava suas palavras desajeitadas e confusas.

— Mas como? Eu pensei que você não poderia vir. Quem ficou com as crianças? Como chegou aqui?

— Não se preocupe comigo, menina — Momma Lou a acalmou. — Hoje o dia é dedicado a você e a este lugar especial.

— Lou, Lou! — Maggie gritou, correndo em direção a Eve e a Momma Lou.

Elas se abraçaram. Eu sorri presunçosamente, sentindo-me como o melhor marido e pai de todos os tempos.

O resto do dia seguiu sem problemas, e todo mundo que amávamos estava lá para testemunhar o grande dia de Eve. Nós cortamos fitas. Comemos muita comida. Bebemos vinho e celebramos o enorme sucesso da pequena e faminta menina do trem.

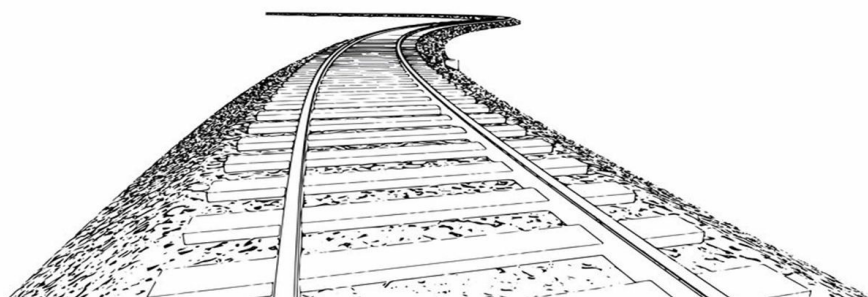
E quando desvelamos a grande placa na frente da nova casa de campo, meus olhos arderam de emoção, porque meu coração parecia tão cheio. Era como se todo mundo que amávamos estivesse presente, até minha mãe. Li e reli o texto, sentindo mais orgulho em meu coração do que as palavras poderiam descrever.

Bem-vindo ao Destinos do Amor — onde você criará lembranças suficientes para contar por toda a vida.

FIM



Agradecimentos



Momma: pensei muito em você enquanto escrevia este livro e como tive sorte de tê-la. Então, obrigada por sempre estar comigo. Não sei o que faria se não pudesse te telefonar quando preciso.

Kelly Markham: tem sido um ano difícil, mas você conseguiu. E fez isso com uma elegância que eu admiro muito. Tenho muito orgulho de ser sua amiga. E você fez tudo: me ajudou, encorajou e me apoiou. Obrigada. Sua amizade é incrivelmente especial para mim.

Miranda Arnold: você é meu Cody. Fazer amigos no final da vida é difícil, e eu fico muito grata pelo destino estar do nosso lado. Com quem eu discutiria dicas de maquiagem? Quem compartilharia meu amor pela comida? Quem me ouviria tagarelando sobre os personagens que vivem na minha cabeça? Grandes abraços imaginários. É o melhor que posso oferecer, irmã.

Aly Martinez: eu provavelmente sempre terei que colocar você em meus agradecimentos, já que é minha mãe autora. Não sei o que faria sem os seus conselhos. Obrigada por responder todas às minhas perguntas. Mesmo as mais burras. Mas, principalmente, obrigada por ser dura comigo quando preciso. Por não me deixar desistir e me obrigar a parar de choramingar e escrever. Às vezes, uma garota precisa de alguém para devolvê-la aos eixos, e você é essa pessoa para mim. Obrigada.

Ashley Teague: estou muito feliz por termos nos tornado mais do que colegas neste mundo de escritores. Tem sido inestimável ter alguém para me apoiar. Seus conselhos e apoio significam muito.

Danielle Palumbo: garota. O que eu faria sem você? Sua ajuda é tão

imensurável para mim, de muitas maneiras e em muitas facetas diferentes da minha vida. Você é inestimável, e quem não lhe disser isso é um tolo! Eu te amo e mal posso esperar até a nossa próxima viagem juntas.

Jamie Schlosser: não posso acreditar no quão rápido nossa amizade se desenvolveu nos últimos dois meses, mas sou grata por isso. Obrigada por ter surtado lendo este livro, embora leitura beta não seja algo tão divertido. Estou contando os dias até estarmos juntas. Obrigada por cheirar peidos em aviões por mim.

Megan Cooke: obrigada por seus incríveis comentários beta, estou muito feliz por este mundo louco dos livros nos ter tornado amigas. Mal posso esperar até junho!

Amber Goodwin: Sua ajuda foi inestimável para mim. Obrigada por sempre me ajudar. Obrigada por compartilhar e espalhar a palavra de Deus todos os dias! Obrigada, obrigada, obrigada.

Aos leitores beta mais incríveis de todos os tempos, Nicole Sullivan, Nicole McCurdy e Erin Fisher: eu sei o quão ocupadas vocês estão com suas próprias vidas, então, obrigada por dedicar um tempo para ler meu livro e me apoiar. Vocês são estrelas do rock.

Amor Caro: Muito obrigada pelas palestras e por oferecer a revisão de *Destinos do Amor*! Você é demais!

Aubrey Brenner: não há palavras para descrever quão *fodona* você é. Nunca poderei te agradecer o suficiente.

Blogueiros e leitores: eu sei que sou novata por aqui, mas estou incrivelmente honrada e impressionada com o amor que *See Through Heart* recebeu. Espero que vocês também amem este aqui. Obrigada pela leitura. Obrigada por compartilharem. Obrigada por fazerem parte desta incrível comunidade. Apenas... obrigada.